

A man and a woman are sitting in a field of tall, dry grass. The man, on the left, is wearing a sleeveless plaid shirt and dark pants. The woman, on the right, is wearing a white dress with a blue and yellow patterned scarf. They are looking at each other. The background is a dense field of tall grass.

CLEIA LIRA

ENTRÉ
AMOR
& LAÇO

*Uma empolgante
história de amor*



CLEIA LIRA

ENTRÉ
AMOR
& LAÇO

*Uma empolgante
história de amor*

Copyright © 2018 Cleia Lira

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne

Capa: Layce Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.



[Dedicatória](#)
[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[1° Segundo](#)

[2° Segundo](#)

[3° Segundo](#)

[4° Segundo](#)

[5° Segundo](#)

[6° Segundo](#)

[7° Segundo](#)

[8° Segundo](#)

[9° Segundo](#)

[10° Segundo](#)

[11° Segundo](#)

[12° Segundo](#)

[13° Segundo](#)

[14° Segundo](#)

[15° Segundo](#)

[16° Segundo](#)

[17° Segundo](#)

[18° Segundo](#)

[19° Segundo](#)

[20° Segundo](#)

[21° Segundo](#)

[22° Segundo](#)

[23° Segundo](#)

[24° Segundo](#)

[25° Segundo](#)

[26° Segundo](#)

[27° Segundo](#)

[28° Segundo](#)

[29° Segundo](#)

[30° Segundo](#)

[Epílogo](#)

[O amor corre certo por linhas tortas](#)

[Primeiro](#)

[Segundo](#)

[Terceiro](#)

[Quarto](#)

[Quinto](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)

Para minha querida mãe, Cida,
cuja força e coragem me inspiram até hoje.



Este livro ainda faz parte das histórias que eu gostaria de ler, mas não consegui encontrar em outros livros e por isso resolvi escrever. Meus livros são uma combinação entre minha mente criativa – sempre adorei inventar narrativas – e os livros que li ao longo da minha vida.

Escrever faz parte de quem eu sou, sendo assim, fica difícil não encontrar relatos para colocar nas páginas amarelas de um livro. Esta história em especial lembra muito a minha infância no interior de São Paulo. Algumas das experiências da Laís, na verdade, foram vividas por mim ou contadas pela minha mãe. Aliás, ela é a homenageada desta vez, pois sem ela nada disso seria possível, inclusive a personagem principal, que possui muitas das suas características.

Gostaria de deixar um agradecimento especial para a Lena Rossi, escritora e amiga que leu este livro antes de todos e deu dicas fundamentais para o desenvolvimento do enredo. Obrigada, amiga querida, vou levar suas dicas para sempre.

Durante o processo de escrita de um livro, passamos por várias etapas e

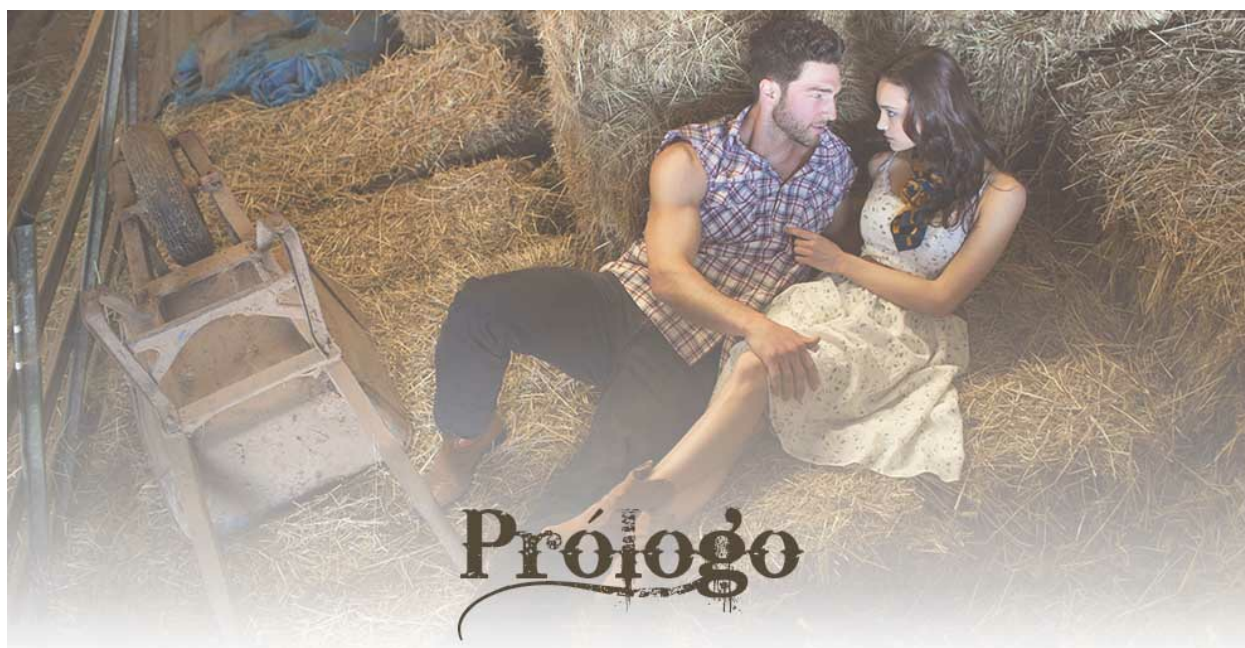
no finalzinho ainda esperamos as opiniões sinceras que irão nos ajudar a desenvolver nosso enredo. E foi nessa fase que eu conheci a Michelle. Obrigada, querida, pelas contribuições importantes que você deixou.

Eu não poderia esquecer as pessoas maravilhosas que trabalharam comigo neste livro, a dupla dinâmica, Laizy e Ana. Obrigada, meninas, vocês foram ótimas e cuidaram do meu livro com tanto carinho.

Falta ainda agradecer a meus leitores queridos, que leem meus livros e deixam seus recadinhos fofos. Obrigada por tudo! Parece clichê, mas eu não ligo; sem vocês nada disso seria possível.

Por fim, quero agradecer a minha família, por acreditar no meu trabalho e me dar o apoio necessário para continuar escrevendo cada dia melhor. Beijos no coração de todos vocês, com carinho!

Cleia Lira



*Há uma estrada de pedra que passa na fazenda.
As tempestades do tempo que marcam tua história
Fogo que queima na memória
E acende os corações.*
Jeito de mato – Paula Fernandes

Eu não sei como tive coragem de chegar até lá. No caminho pensei muitas vezes em desistir e ir embora, fugir sem olhar para trás – como fizera da outra vez –, mas o meu coração era tolo e não me deixou dar meia volta e partir.

Seria tão simples... Era preciso apenas girar o volante e retornar para a vida calma e tranquila na qual eu me escondera até aquele momento. Porém, sabia que não seria tão fácil encarar todos novamente, não depois de tudo. Pior, num momento como aquele! Estava atrasada, e isso significava que eu tinha que ir direto para a cerimônia.

Encontrava-me cada vez mais nervosa. E essa sensação de não saber o que iria acontecer de verdade tornava as coisas ainda mais complicadas.

Será que ele vai olhar para mim do mesmo jeito? Será que serei capaz de fazer o que preciso?

Eu não tinha tempo para descobrir, pois já estava quase na praça em frente à igreja.

Quando desliguei o carro, bati com força no volante, depois abaixei a minha cabeça e perguntei:

— O que eu estou fazendo aqui?

Era tarde demais, não tinha mais volta. Constatar isso estava acabando comigo. A dor era tão forte que eu não estava conseguindo suportar. *É o fim da linha. Acabou!*

Tirei força e determinação não sei de onde. Por dentro eu estava destruída, mas por fora a casca era perfeita e podia enganar qualquer pessoa, inclusive ele. Saí do carro, caminhei um passo de cada vez até as escadas e subi os degraus devagar. Enfim cheguei ao último lance em frente à porta. Precisava seguir – esse pensamento me comandava –, por isso me desviei de algumas pessoas e entrei.

Assim que meus pés tocaram o assoalho de madeira, olhei para frente e o que vi me deixou sem reação. Era ele parado no altar e olhava para mim.

Não tinha como eu fugir. Assisti à cerimônia, que pareceu durar horas, sem saber o que fazer, até que, no fim, alguém tocou meu braço, e me virei para ver quem era.



Eu sou teimosa – confesso –, sempre fui, nunca desisti dos meus sonhos. No entanto, devo dizer que pela primeira vez estava com medo, muito medo. Não pensara que minha família fosse reagir daquela forma, afinal, eu já tinha 18 anos e achara que poderia escolher meu futuro. Porém, eu estava muito enganada.

Quando acordara naquela manhã e contara que tinha passado no vestibular da Unicamp, em primeiro lugar, no curso de Artes Cênicas, os meus pais surtaram, e aquela conversa de que eu poderia escolher qualquer curso já não existia mais.

— Você poderia ter escolhido qualquer curso, menos esse! — falara o meu pai batendo com toda a força na mesa do seu escritório.

As suas palavras ainda estavam na minha cabeça horas depois do ocorrido. Ele me xingara sem motivo e dissera que não tinha pagado as melhores escolas para a sua filha se tornar uma “prostituta”. Meu pai estava fora do normal... Talvez não, eu que nunca tinha prestado muita atenção ao que o Sr. Leopoldo dizia.

Meu pai sempre foi controlador. Eu tinha até dó dos seus funcionários na construtora Albuquerque, já que ele passava mais tempo trabalhando para construir edifícios do que na sua própria casa. Já a minha mãe, depois de se aposentar como modelo e se casar com meu pai, só fazia compras o dia todo.

Mamãe também ficara desesperada quando eu informara a escolha do meu curso, como se eu tivesse anunciado que estava com uma doença incurável. O que mais me chateou foi ela não falar nada para me ajudar, nenhuma palavra sequer.

Mesmo eu tentando me defender usando todos os argumentos que conhecia, nada adiantou. No final, fui punida por seguir meus sonhos. Como castigo, deveria ficar três meses na fazenda da minha tia no interior de São Paulo, parente essa que eu não conhecia.

Eu nunca gostara do campo, era uma garota da cidade, com seus cinemas, teatros, shows, festas e muitas pessoas em todos os lugares. Não que eu fosse baladeira daquelas que sempre tinham uma festa para ir, mas eu gostava de me divertir e sair com algumas amigas para dançar e curtir os garotos.

Acredito que foi por esse motivo que meus pais pensaram que uma fazenda no meio do nada era o castigo perfeito para a sua filha desobediente. Olhando pela janela do carro, eu podia ver que eles tinham toda a razão.

A minha mãe tinha ficado parada no meu quarto me observando enquanto arrumava minha bagagem. Todos diziam que eu era muito parecida com ela, mesmos olhos e cabelos pretos. Porém, eu não tinha aqueles olhos frios, como se não me importasse com nada.

Não trocáramos nenhuma palavra enquanto ela fazia as minhas malas. Colocara tudo que achava que eu precisaria durante os três meses seguintes. E, quando tudo estava pronto, pedira que o motorista da família me levasse até aquela tal fazenda. Então eu estava ali, dentro daquele carro, vendo as

horas passarem e me lembrando que eu saía sem me despedir dos meus pais.

A viagem estava sendo longa. Tínhamos saído cedo, mas estava quase na hora do almoço e ainda não havíamos chegado ao nosso destino. Metade do trajeto eu passara chorando. Minha vida não era perfeita, nunca fora. Apesar de ter tudo que o dinheiro podia comprar, o principal, amor e carinho, eu nunca tivera. Sempre fora solitária. Quando caía, precisava me levantar sozinha, senão ficaria para sempre no chão.

As lágrimas não paravam de descer pelo meu rosto, eu soluçava. Pensei em pedir para o motorista parar em qualquer lugar no meio do caminho, mas eu não tinha dinheiro suficiente para me sustentar sozinha, todas as minhas economias tinham sido bloqueadas, e meus cartões de crédito, quebrados.

Eu não tinha alternativa senão seguir dentro do carro até o fim do mundo, ou, na melhor das hipóteses, a fazenda. E, quando já estava cansada e com os olhos vermelhos de tanto chorar, enfim chegamos.

O motorista saiu para abrir a porteira. É isso mesmo, o lugar tinha uma porteira com “mata-burros” e tudo. Eu não sabia o que era isso, mas o motorista explicou, e, morrendo de medo de cair naquele buraco, passamos devagar, quase parando. Continuamos pela estrada de terra até a grande casa branca com varanda que dava a volta completa em torno dela. Era linda e muito bem-conservada. Por um momento esqueci que aquele lugar seria a minha prisão pelos próximos meses.

Abri a porta do carro e descí. Fiquei parada à frente da casa enquanto o motorista retirava as minhas malas e as levava para a varanda. Ele as colocou no chão e bateu à porta. Como ninguém apareceu, bateu novamente, e nada.

— Acho que vou deixar você aqui, alguém vai aparecer. A viagem de volta será longa, por isso tenho que sair o mais rápido possível — resmungou sem jeito, colocando as mãos nos cabelos e depois virou as costas e saiu, talvez com medo de ter que me levar de volta e os meus pais o demitirem.

Assim que o carro deu partida e saiu da propriedade, a porta da casa se abriu. Uma mulher baixinha, usando vestido florido, avental vermelho e com cabelos castanhos amarrados num coque me cumprimentou.

— Olá! Você deve ser a Laís. Eu sou a Rosa, irmã mais velha da sua mãe — ela disse sorrindo e, depois de enxugar as mãos no avental, abriu mais a porta para que eu pudesse entrar.

— Oi — respondi de forma fria, sem demonstrar nenhuma alegria em estar ali, depois me abaixei para pegar minhas malas, mas fui impedida por ela.

— Não se preocupe com as malas, depois o José leva para o seu quarto — comentou me convidando para entrar na casa.

No segundo em que entrei, tive a sensação inexplicável de conforto e segurança. O ambiente era muito acolhedor. O primeiro cômodo que vi foi a sala. O lugar era imenso, com móveis feitos de madeira rústica: um grande e confortável sofá branco coberto com almofadas bordadas com detalhes de renda em tons mais claros; no centro da sala uma linda mesinha de madeira com um vaso de flores naturais; nos cantos, lindos aparadores de madeira com porta-retratos com fotos de crianças nadando, andando a cavalo, brincando num parque e outras da família reunida – o casal, dois meninos que aparentavam ter quase a mesma idade e uma garotinha. Todos tinham o mesmo cabelo castanho. As paredes estavam cobertas por pinturas de paisagens. Apesar de ter mais coisas para olhar, fui surpreendida por minha tia chamando o meu nome e não consegui admirar todo o ambiente.

— Laís, vamos até o seu quarto — pediu apontando para o corredor, no qual andamos em silêncio até que paramos na última porta. — Será este.

Abri a porta e fiquei surpresa com o que meus olhos apreciaram. O cômodo era grande, a cama, com linda cabeceira de madeira e detalhes que lembravam uma verdadeira obra de arte. A colcha e os travesseiros azuis

estavam colocados cuidadosamente. O confortável tapete bem fofinho era depositado estrategicamente perto de uma das laterais da cama, e duas mesinhas de cabeceira colocadas de cada lado dela deixavam o lugar ainda mais romântico. O guarda-roupa de madeira rústica ocupava a parede toda em frente à cama. E, para completar esse visual tão acolhedor, eu não poderia me esquecer da linda penteadeira ao lado da janela, que, por sinal, abria-se para a pequena colina.

A vista não era a melhor que eu já vira na vida, mas com certeza era bonita.

— Fique à vontade, menina. Daqui a pouco suas malas estarão aqui. Se precisar de algo, é só chamar. Você está com fome? — perguntou preocupada, olhando no relógio enquanto me observava.

— Não, eu estou bem — respondi sem olhar nos seus olhos, pois tinha medo de que ela percebesse que eu não tinha comido nada desde que saíra da minha casa horas antes.

— O jantar será servido em menos de duas horas. Não sei se você sabe, mas jantamos cedo, já que acordamos muito cedo também — declarou fechando a porta em seguida e me deixando sozinha com os meus pensamentos, o que, naquele momento, era muito perigoso.

Sentei-me na cama, que por sinal tinha um cheiro incrível. Segurei o travesseiro e senti aquele perfume floral maravilhoso. Talvez, se eu dormisse por uns minutinhos, ninguém iria perceber. Levantei os pés e me deitei na cama ainda usando os tênis. Coloquei a cabeça no outro travesseiro, e o sono veio com uma força que não consegui controlar nem manter os olhos abertos. Fui acordada horas depois por umas leves batidinhas à porta.

— O jantar está servido, estamos apenas esperando você! — gritou alguém ainda do lado de fora do quarto.

— Eu já estou indo — respondi me levantando o mais rápido que

consegui, apesar de ainda estar sonolenta.

Fui até o banheiro, joguei água gelada no rosto, arrumei o cabelo numa trança de lado, depois dei uma olhadinha rápida na minha roupa; apesar de estar praticamente toda amassada, teria que servir. Eu não tinha tempo para tomar banho, a sensação era de que, se eu demorasse mais um segundo, eles iriam morrer de fome por minha causa, e eu não pretendia ser a causa da morte de ninguém. Desisti de tentar ficar melhor do que já estava e saí do quarto em busca da sala de jantar. Andei pelo corredor até que ouvi vozes animadas e comecei a segui-las.

Quando finalmente encontrei a sala de jantar, fiquei surpresa pela quantidade de pessoas que estavam no ambiente – pelas vozes, pareciam uma verdadeira multidão, mas havia apenas três pessoas sentadas à longa mesa de madeira que comportaria confortavelmente dez pessoas. O cômodo, como os outros espaços da casa, era grande e confortável. Além da mesa de madeira, tinha uma cristaleira, onde estavam cuidadosamente organizados os pratos, xícaras e outros itens de vidro, cristal e porcelana. No entanto, o que despertou a minha atenção foi a poltrona branca posicionada estrategicamente num canto.

Olhei pela janela e percebi que ainda não tinha anoitecido, embora o jantar já estivesse servido.

— Olá, Laís, você pode se sentar aqui — solicitou minha tia apontando para o lugar vazio ao seu lado.

Caminhei devagar até chegar à cadeira e me sentar. Daquele ângulo eu podia ver os outros integrantes da mesa. À minha frente havia uma garota com longos cabelos pretos amarrados num rabo de cavalo. Seu rosto era delicado, e ela aparentava ser dois anos mais nova do que eu. Seus olhos eram castanhos como os de Rosa. Talvez ela fosse sua filha; reparei que suas feições eram bem parecidas.

— Olá, eu sou a Maria Fernanda. Seja bem-vinda a nossa casa — ela se apresentou toda simpática quando percebeu que eu a estava encarando alguns minutos antes. — E esse é o meu irmão do meio, João — disse apontando para o rapaz que estava sentado ao seu lado.

— Eu tenho boca para me apresentar, Nanda. Não preciso que você faça isso por mim — reclamou irritado com a intromissão da irmã.

Quando ele abriu a boca, pela primeira vez me concentrei nele. Parecia ser mais velho do que ela. Ambos tinham a mesma cor de cabelo e de olhos, mas os traços do rosto dele eram mais fortes e marcantes. Estava usando uma camisa xadrez vermelha abotoada até a metade, deixando parte do seu tórax à mostra. Nunca vira um homem tão bonito antes, que parecia não ter noção do efeito que causava nas mulheres e que devia chamar a atenção delas por onde passava.

Por um momento acho que ele percebeu meus olhares lascivos para o seu corpo, porque olhou para mim e deu uma risadinha. *Pronto, fui pega em flagrante.* Devo ter ficado mais vermelha do que um tomate, se isso é possível.

— Podemos agradecer pela comida na nossa mesa e em especial pela nossa convidada, que ficará conosco. Obrigada, querida, por compartilhar essa refeição à nossa mesa. — Rosa fez a oração enquanto cada um curvava a cabeça e agradecia em silêncio.



Quando o agradecimento acabou, todos começaram a se servir. Era uma mesa farta, com alimentos que pareciam estar bem deliciosos. Minha barriga roncou de satisfação, afinal, eu não colocava nenhum alimento na boca desde que saíra de casa naquela manhã. Havia frango assado, um tipo de arroz refogado com carne seca e outros temperos que eu ainda não conseguia identificar, feijão tropeiro, farofa, couve refogada, banana empanada e frita, tudo isso para o jantar. Ainda bem que tínhamos tempo para fazer a digestão antes de dormir.

O som dos talheres enchia o ambiente, bem como as vozes dos três conversando sem parar enquanto comiam. Alguns diriam que era falta de educação, como a minha mãe, por exemplo, mas eu não achava isso. Eles estavam tão animados conversando sobre o seu dia que eu ficava prestando mais atenção na conversa do que na comida, que por sinal estava maravilhosa. Eu nunca tinha comido nada tão saboroso antes.

Pelo que pude entender, eles tomavam conta da fazenda sozinhos. Cada um era responsável por uma parte dela. Todos estavam sobrecarregados no

momento, já que o irmão mais velho estava nos Estados Unidos numa espécie de competição de rodeio (eu não entendia muito bem em que consistia esse esporte). Enquanto isso, o João, mesmo sendo tão novo, administrava a propriedade.

Pelo que percebi, a fazenda era muito grande e precisava de muito esforço para ser bem cuidada. Apesar de tudo, todos estavam sorrindo e brincando em volta da mesa durante a refeição, o que me mostrava que realmente eram felizes com o que faziam.

Terminado o jantar, eu me ofereci para ajudar a Nanda a levar os pratos até a cozinha, onde o João estava dobrando as mangas da camisa para lavar a louça. Fiquei confusa, e a Nanda imediatamente percebeu, pois logo me explicou:

— Dividimos os dias em que cada um vai lavar a louça do jantar. Durante o dia minha mãe tem a ajuda da Marta, mas à noite ela precisa fazer tudo sozinha, por esse motivo fazemos o rodízio para ajudá-la.

— E você vai ter que entrar nele! — gritou o João passando a esponja num dos pratos.

— Eu posso lavar amanhã — ofereci dando de ombros, como se não tivesse muita importância. Na verdade, não era acostumada a lavar louça, já que nunca, nem eu, nem minha mãe precisávamos fazer os serviços domésticos em casa, mas eu podia aprender.

— Amanhã é o dia da Nanda e ela não vai escapar assim tão fácil, por isso você deve ficar com o próximo — mandou o João terminando de lavar a louça e secando as mãos num pano de prato.

— Você nunca me deixa escapar, não é mesmo, irmãozinho? — afirmou Nanda, irônica, jogando água no rosto do irmão.

Fiquei parada observando aquela cena tão engraçada, com inveja da tranquilidade com que eles se divertiam apesar de não serem mais crianças.

Quando a cozinha estava organizada, a Nanda me puxou pelo braço e saímos juntas à frente da casa. Sentamos num banco de madeira com grandes almofadas floridas na varanda e observamos o pôr do sol.

— Isso é lindo! Nunca vi nada parecido na vida — declarei empolgada demais com a vista maravilhosa a minha frente.

— Este lugar é realmente mágico. Sempre venho aqui depois do jantar, é o meu lugar preferido da casa — disse animada, e seus olhos castanhos estavam até brilhando.

— A partir de hoje é o meu lugar preferido também — completei empolgada.

— Não seja boba, você ainda não conheceu a fazenda toda. Temos lugares incríveis aqui, e se eu fosse você, demoraria mais para escolher.

— Tudo bem, vou seguir a sua sugestão e esperar mais antes de escolher meu favorito — comentei olhando o pôr do sol. Era uma imagem tão linda que ficamos em silêncio alguns minutos só observando.

— Quantos anos você tem? — Nanda perguntou quebrando o silêncio.

— Acabei de completar 18, e você?

— Tenho 16 — respondeu ainda olhando para o horizonte, onde o grande espetáculo estava terminando, o sol quase desaparecendo no meio da paisagem.

— O que você costuma fazer nessa hora para passar o tempo?

— Nos dias normais, eu estudo e faço as minhas tarefas da escola. Quando ainda sobra tempo, assisto a algumas séries, como *Gossip Girl*, *Revenge*, entre outras que curto bastante e quando estou enjoada de tudo isso, leio um livro. Sou apaixonada por romances de época. Mas, agora que estou de férias, aproveito assistindo a séries ou jogando *Playstation* com o meu irmão.

— O João?

— Sim, ele mesmo. Apesar de ter a sua idade, o meu irmão ficou responsável por cuidar da fazenda. Desde pequeno ficava atrás do meu pai com seu caderninho, anotando tudo. Ele tem a ajuda do José, o capataz e pai da minha melhor amiga. Se não fosse por ele, não sei como conseguiríamos cuidar de tudo isso. Ele trabalha aqui há anos, conhece o lugar como a palma da mão.

— Quem é José? — indaguei curiosa.

— É aquele senhor que levou sua mala para o quarto — explicou simpática.

— O que essa fazenda produz? — questionei curiosa, observando de longe alguns cultivos.

— Temos plantação de milho e café, mas não é a nossa principal fonte de renda. O forte da fazenda é a criação de gado de corte. Fornecemos carne para dois grandes frigoríficos da região.

— Deve ser um trabalho de grande responsabilidade para alguém tão novo como o João. E o seu pai, onde está?

— Meu pai... Bom, o meu pai faleceu faz apenas um ano. Teve um infarto fulminante enquanto cavalgava. Não chegamos a tempo de salvá-lo — comentou cabisbaixa. Era evidente que sentia muita falta dele. Devia ter sido um bom pai, totalmente o oposto do meu.

— Você tem outro irmão além do João? — perguntei retoricamente, mudando de assunto para não a deixar mais triste ainda, pois já sabia do outro irmão, o tal peão de rodeio.

— Sim, tenho, o mais velho. O Ben tem 21 anos e está nos Estados Unidos numa competição de rodeio. O seu sonho é ser campeão mundial.

— Ele deve ser muito bom, para competir fora do país — eu nem fazia ideia do que seria essa tal competição, mas comentei para continuar a nossa conversa, pois ela falara muito animada do irmão.

— Ele é muito bom mesmo. Você irá conhecê-lo. Neste final de semana ele chegará — disse ainda mais empolgada.

— Claro, será uma honra conhecer alguém tão famoso — falei brincando.

— Pare de zombar do meu irmão. Eu sei que o esporte que ele pratica não é bem visto pelos olhos da maioria, mas ele se dedica muito e merece ganhar o mundial esse ano.

— Eu não estava zombando, mas não faço ideia do que seja um rodeio.

— Oh, me desculpe, garota da cidade — agora era ela que estava “tirando uma” com a minha cara.

— Eu nasci e fui criada em São Paulo, na capital, e, nas vezes em que viajei, nunca coloquei meus pés em nada parecido com uma fazenda ou casa de campo. Minha mãe abomina esses lugares, por isso ela os evita sempre.

— Acho que é por isso que eu nunca soube da sua existência. Foi apenas antes de ontem à noite que a nossa mãe nos avisou no jantar que nossa prima estava chegando — contou ela olhando para mim, acho que esperando uma explicação.

— E eu também não sabia que minha mãe tinha uma irmã e muito menos que eu tinha primos. Mas, apesar das circunstâncias, gostei muito de te conhecer.

— Eu também gostei muito de conhecer você — falou sorrindo para mim.

— Chega de conversa fiada e me explique o que é um rodeio.

— Rodeio é uma competição na qual os peões disputam quem consegue permanecer por até oito segundos em cima de um animal, pode ser cavalo ou touro.

— Um touro de verdade? — questionei preocupada, pois parecia um esporte bem perigoso, se é que podíamos chamar aquilo de esporte. Não fazia

nenhum sentido, ao meu ver, ficar em cima de um animal tão feroz, nem que fosse por apenas oito segundos.

— Sim, o touro é de verdade e, na maioria das vezes, o animal mais bravo e arisco que existe.

— Deve ser um esporte bem perigoso — murmurei apenas para mim, mas a Nanda ouviu e respondeu:

— É! Talvez um dos mais perigosos que existe. Minha mãe vive pedindo ao meu irmão para desistir disso, afinal, não precisamos de dinheiro além do que ganhamos na fazenda. Mas ele é teimoso como um burro xucro e não ouve o que falamos. O seu foco principal é o campeonato, e nada, nem ninguém o desviarão de seu objetivo.

Ainda jogamos conversa fora sobre outros assuntos. Quando percebemos que já estava tarde, cada uma seguiu o seu caminho até o seu quarto.

Na manhã seguinte acordei com batidas incessantes a minha porta.

— Quem será a essa hora da manhã, ou melhor, da madrugada? Não deve ter nem amanhecido ainda, pois tenho a sensação de que acabei de dormir. Não posso e nem vou acordar com as galinhas — resmunguei ainda deitada na cama. — Só pode ser castigo, não é possível alguém se levantar tão cedo. — Coloquei o travesseiro na minha cabeça para abafar os sons das pancadas na porta.

Porém, apesar de tentar ignorar as batidas, elas continuavam martelando direto na minha cabeça. Não tive alternativa a não ser me levantar e abrir a porta.

— A minha mãe está chamando para o café — anunciou Nanda toda empolgada. Ela usava uma calça jeans, botas de cano curto e uma blusinha azul. Como a garota estava feliz e sorridente àquela hora da madrugada? Isso deveria ser proibido, estar tão feliz assim e ainda acordar os outros àquela

hora!

— Eu preciso de mais uns minutos — pedi ainda bocejando.

— Tudo bem, vamos te esperar na cozinha para o café — concordou saindo da porta do meu quarto.

Eu realmente não servia para viver na fazenda, pois precisava de uma quantidade maior de sono do que as outras pessoas. Ninguém nunca me acordava antes de o sol nascer. Era quase um sacrifício me levantar da cama tão cedo assim. Estava escuro ainda.

Entretanto, aquela não era a minha casa, eu era apenas uma convidada, por isso de maneira alguma seria mal-educada com aquela família que me recebera tão bem. Usei toda a minha força de vontade para me levantar e seguir rumo ao banheiro. Tomei banho e, quando saí enrolada na toalha, procurei uma roupa confortável para passar o dia.

Vasculhei minhas malas. Precisava arrumá-las no guarda roupa o mais rápido possível, pois assim eu não conseguia encontrar nada. Depois de alguns minutos que mais pareceram horas, coloquei short jeans, uma blusinha de alcinhas branca e um par de Allstar vermelho. Amarrei meu cabelo num rabo de cavalo, escovei meus dentes e saí.

— Até que enfim a bela adormecida resolveu acordar — resmungou João sentado ao lado de Nanda, na mesma mesa do jantar da noite anterior.

— Desculpe a demora, mas não estou acostumada a acordar tão cedo — justifiquei bem baixinho, uma vez que não gostava de chamar a atenção de ninguém.

— Não se preocupe, Laís, o meu irmão estava apenas brincando, você não deve ligar para o que ele diz — comentou Nanda olhando entre mim e o seu irmão.

— É isso mesmo, não se preocupe com os comentários estranhos do João — acrescentou Rosa a meu favor.

— Desculpe, Laís, eu estava apenas brincando. É que adoro pregar peças nas pessoas — defendeu-se João arrependido da brincadeira.

— Não se preocupe, estou bem. — Sentei-me na cadeira ao lado da minha tia.

A mesa de café da manhã era farta, tinha queijos, geleias, manteiga, torradas, pão caseiro quentinho, pão de queijo, bolo, café, suco e frutas à vontade. Servi-me de um pouco de suco de laranja e de um pedaço de bolo de fubá e comi em silêncio enquanto a Nanda e o João não paravam de falar sobre os seus afazeres do dia. Pelo que entendi, eu não ficaria sentada o dia inteiro, como havia planejado, muito pelo contrário, eu precisava ajudar a Nanda na maioria dos seus afazeres na fazenda enquanto minha tia cuidava da casa e das refeições da família. Ela era o oposto da minha mãe. Será que eram irmãs de verdade?, perguntei-me. Até na aparência física elas não se pareciam em nada. No fim daquelas férias malucas eu acabaria descobrindo.

Quando terminei o café, levantei-me para levar meu copo até a pia e percebi o João olhando para as minhas pernas. Era um pouco mais que uma simples olhadinha, na verdade ele quase me comeu com os olhos. Eu não estava muito acostumada a esses olhares, por isso fiquei vermelha como um tomate maduro e quase deixei cair no chão o copo que segurava. Ele percebeu o meu desconforto e acabou desviando os olhos enquanto eu passava por ele.

A cozinha estava cheia, e estranhei. Minha tia distribuía as tarefas diárias para a sua ajudante, Marta, enquanto o José permanecia sentado numa mesa tomando uma xícara de café. Uma garota loira muito bonita ajudava a Nanda a secar a louça. Eu fiquei parada no meio de tudo isso, esperando que alguém me notasse e me desse uma direção. Instantes depois a Nanda se virou e pegou meu copo.

— Você está preparada para a sua primeira tarefa? — questionou

sorrindo.

— Sim... — respondi um pouco insegura, pois nunca fizera nenhum trabalho numa fazenda... nem em qualquer outro lugar. Descobri então que começaria pelo galinheiro.

Sáímos juntas pela porta da cozinha, e a garota que ajudava a Nanda antes veio conosco.

— Vocês ainda não se conhecem, certo, prima? — perguntou Nanda enquanto caminhávamos juntas para o galinheiro.

— Não — respondi ainda preocupada com as galinhas.

— Eu vou apresentá-las, então. Essa é a Angélica, filha do José e da Marta. Crescemos juntas na fazenda, apesar de ela ser dois anos mais velha do que eu.

— Prazer, eu sou a Laís, prima da Nanda — cumprimentei esticando minha mão para que ela pudesse apertá-la.

— É um prazer conhecê-la também, Laís — respondeu toda simpática e sorridente.



Apresentações feitas, seguimos nosso caminho até o famoso galinheiro. Logo na entrada escutei o barulho das galinhas que cacarejavam sem parar. A Nanda pegou duas cestas de vime que estavam penduradas na porta e me entregou uma. Entramos, e o meu medo só aumentou. Algumas galinhas estavam quietinhas sentadas em cima de seus ovos, mas outras corriam de lá para cá por todo o lugar.

Para a Angélica e a minha prima era fácil, já estavam bem habituadas com essa tarefa, até as galinhas pareciam conhecê-las, mas quando me aproximei para pegar um ovo, a ave se levantou, abriu as asas e parecia querer me bicar. Dei um passo atrás, com medo, e a Nanda se colocou à minha frente.

— Espere, você escolheu pegar o ovo justo da galinha mais arisca do galinheiro. — Intiveio acalmando o animal, que voltou a se sentar sobre seu ovo.

Angélica me ajudou a encher minha cesta e, quando a Nanda ficou satisfeita, saímos do galinheiro e levamos os ovos até a cozinha. Para a minha

sorte, o resto das tarefas era bem mais tranquilo. Consistia basicamente em alimentar os animais da fazenda, desde os porcos – que eram os mais nojentos – até os cavalos. Esses foram os que eu mais gostei.

Terminadas nossas tarefas da manhã, almoçamos juntas na mesa da cozinha. Agora eu entendia por que a minha tia fazia questão de esperar todos para o jantar, pois era o único momento do dia em que podíamos comer juntos; o resto das refeições, cada um fazia no seu horário.

Teríamos tempo livre na parte da tarde, por isso a Nanda me arrastou até o meu quarto e me fez colocar um biquíni. Eu não tinha a mínima ideia de como a minha mãe sabia que eu precisaria de roupas de banho numa fazenda, mas ela acabou colocando quatro conjuntos de biquínis na minha mala, pelo que agora eu estava muito agradecida.

Depois de devidamente vestidas, seguimos a pé para uma cachoeira. Eu já estava cansada de andar quando avistamos o lugar. Era lindo. As águas caíam em cascatas e desabavam num lago cristalino. Angélica saiu correndo à frente, tirou seu vestido e mergulhou na água, a Nanda foi logo atrás. Eu fui mais lenta, como sempre, ou melhor, diria que cautelosa. Observei a água primeiro, depois tirei meus chinelos, o short e por fim minha blusinha, revelando um pequeno biquíni preto.

Eu não podia evitar, os meus biquínis ficavam muito pequenos para o meu corpo cheio de curvas. Se comprasse maiores, ficavam frouxos, soltando-se e caindo, portanto, entre ficar com biquíni pequeno ou sem nada, é claro que eu preferia a primeira opção. Enfim, depois de muito pensar sobre o tamanho ideal da minha roupa de banho, amarrei o cabelo num coque no alto da cabeça e entrei na água. Minha pele se arrepiou inteira, ela era muito gelada, e demorei a me acostumar.

Nadamos e conversamos por horas. As meninas eram bem legais, e a conversa fluía naturalmente, até que a Angélica me perguntou o motivo de eu

estar morando na fazenda.

— Os meus pais me enviaram para eu pensar na escolha da minha carreira — expliquei, chateada pela primeira vez no dia. Desde que eu chegara ali, só naquele instante lembrei o verdadeiro motivo da minha viagem até aquela fazenda. As pessoas tinham sido tão legais comigo que eu acabara esquecendo de que meus pais tinham me enviado para lá porque eu queria fazer um curso diferente daquele que eles me tinham imposto. Não falei toda a verdade para as meninas, porque fiquei com receio. Talvez elas não entendessem como eu me sentia. Por isso dei apenas a resposta mais curta e fácil: — E eu estou de férias.

Quando já estávamos cansadas de nadar, resolvemos sair. A Nanda e a Angélica foram primeiro, e eu decidi dar um último mergulho, afinal, já tinha molhado todo o meu cabelo mesmo. Quando voltei à superfície, o João estava parado ao lado do lago em cima de um lindo cavalo marrom, conversando com a Angélica. A Nanda estava do outro lado, já vestida, portanto eu precisaria caminhar sozinha até o lugar onde minhas roupas se encontravam.

Saí puxando meus cabelos para tirar o excesso de água, depois coloquei o short por cima do biquíni mesmo, e, para o meu azar, minha blusa era branca. Resultado: fiquei com a roupa toda molhada e transparente. Enquanto me abaixava para colocar meus chinelos, sentia olhos atentos me observando. Virei-me e vi que o João não tirava os olhos de mim. Seu olhar parecia ultrapassar as minhas roupas e me ver sem elas. Diante da intensidade que eles demonstravam e para o meu próprio bem, resolvi ignorá-lo e dizer que estava pronta.

Ele imediatamente tossiu como se tivesse acordado de um transe ao ouvir a minha voz.

— Bom, eu preciso cuidar do rebanho, e vocês, garotas, devem voltar para casa antes de anoitecer — disse puxando as rédeas do cavalo e saindo

em seguida.

— Já estamos indo, João! — Nanda parecia irritada com a voz de autoridade do irmão apenas alguns anos mais velho do que ela.

Seguimos conversando pelo caminho, mas dessa vez eu não era o centro das atenções, e sim a Angélica.

— Você tem certeza de que ele chega hoje? — perguntou esperançosa.

— Claro, eu recebi sua mensagem essa manhã. Acho até que ele já está em casa — respondeu revirando os olhos.

— De quem vocês estão falando? — inquiri querendo participar da conversa.

— Do meu irmão mais velho. Angélica é apaixonada por ele e vive tentando mostrar isso para o idiota, mas até agora ele nem percebeu nada — respondeu olhando para a garota com pena.

— O seu irmão que está nos Estados Unidos competindo?

— Sim, é ele mesmo — informou Angélica.

Continuamos falando do amor da Angélica pelo irmão da Nanda. Quando chegamos à casa, encontramos uma caminhonete prata estacionada em frente a ela.

— Eu não disse que ele chegaria hoje? — Nanda sorriu e correu em direção à casa.

— Você nunca me decepçiona, Nanda! — E Angélica correu atrás da amiga.

Eu decidi ficar para trás, afinal, não tinha tanta pressa assim em conhecê-lo. Apesar da longa caminhada até ali, eu ainda estava molhada dos mergulhos no lago, por isso resolvi entrar pela porta da cozinha e seguir direto para o meu quarto. Precisava tomar um banho antes de conhecer o tal peão de rodeio. Todavia, o meu plano deu muito errado, pois, quando entrei no cômodo, Nanda e Angélica estavam abraçadas a um cara usando apenas

uma calça jeans e sem camisa. Fiquei sem reação.

— E quem é essa garota? — ele perguntou soltando a irmã e a amiga, olhando para mim dos pés à cabeça.

Se eu não estivesse segurando na porta, teria caído. Minhas pernas ficaram bambas, fiquei escarlate e muda de repente. O cara era um deus grego. Ele parecia ter saído direto das páginas de uma revista de moda para a cozinha da fazenda. Seus cabelos pretos ainda molhados destacavam os seus olhos azuis. Seu corpo era totalmente definido, eu podia ver cada gominho do seu abdômen, não sobrava nada para a imaginação, estava tudo ali bem a minha frente.

Diante da minha súbita falta de palavras, a Nanda nos apresentou:

— Essa é a Laís, nossa prima de São Paulo. Ela veio passar um tempo conosco.

— Oi — cumprimentou seco e grosso, depois saiu da cozinha, deixando-me ali, imóvel.

Fiquei sem entender o modo ríspido como ele me tratou. Não esperava um abraço como o da Angélica e da Nanda, afinal, ele era irmão dessa e devia conhecer aquela a vida toda, mas ele podia ter sido um pouco mais simpático ou pelo menos tentar disfarçar que não gostara nem um pouco de mim. Enfim, eu estava molhada e me sentia humilhada. Como não podia fazer nada quanto à humilhação, resolvi subir ao meu quarto e tomar um banho. Talvez ficasse trancada por lá até o irritadinho ir embora.

Tomei um banho mais demorado que o normal. Enxuguei meu cabelo com cuidado, depois coloquei uma saia jeans e uma blusinha preta com babados na altura dos ombros, estilo ciganinha. Deixei meus cabelos soltos depois de secá-los com a ajuda do secador, assim eles continuavam com as mesmas ondas nas pontas. Era um pouco difícil para o meu cabelo definir o seu estilo, pois na maioria dos dias ele não sabia se era liso ou enrolado, e

quem sofria com essa situação era eu. Talvez um corte pudesse funcionar para igualar os cachos ou apenas tirá-los. Bem, por enquanto eu iria mantê-los longos.

Com a pequena luta para domar os cabelos, acabei me atrasando muito para o jantar. Esqueci-me completamente de que ninguém começava a comer sem que todas as pessoas que moravam na casa estivessem sentadas à mesa. Portanto, imaginem a cara de poucos amigos de todos que estavam me esperando, sem comer nada até o momento.

— Desculpem o atraso, eu tive que lavar e secar meu cabelo e essa tarefa demorou mais do que eu esperava — comentei sem graça por tê-los deixado me esperando.

— Não se preocupe, Laís, nem esperamos tanto tempo assim. Não é mesmo, meninos? — perguntou a tia Rosa para os seus filhos.

— É claro, mãe. Não se preocupe, eu acabei de chegar — respondeu Nanda sorrindo para mim.

— Eu fui o primeiro, mas nem estava com tanta fome assim, pois belisquei algo antes na cozinha — completou o João dando de ombros, como se a minha demora não fosse tão importante.

Alguns segundos de silêncio se seguiram. Eu estava esperando que o irmão mais velho, cujo nome eu não lembrava, se pronunciasse, porém, apesar da longa espera, nada saiu. Ele continuou se servindo de torta de frango, salada e algum tipo de escondidinho de carne seca e não disse uma palavra sequer. Na verdade, nada saiu da sua boca durante todo o jantar. Quando terminamos, ajudei a Nanda com a louça e depois já estava seguindo para o “nosso” lugar favorito para ver o pôr do sol, mas fui detida por ela enquanto passávamos pela sala de visitas.

— Hoje não vamos ver o pôr do sol, já que meu irmão chegou de viagem. Sempre que isso acontece, nós nos reunimos na sala e conversamos

sobre o que ele fez durante esse tempo fora. Em troca contamos a ele sobre a fazenda e um pouco da nossa vida durante esse período.

Aguardamos um pouco, antes que toda a família estivesse reunida. Eu me sentei numa das poltronas mais distantes, pois ainda estava envergonhada com a situação no jantar e não queria chamar a atenção para mim de forma alguma novamente.

— Acho que estão todos presentes, portanto, podemos começar a nossa conversa — avisou minha tia, toda sorridente.

— Eu estou muito cansado da longa viagem que fiz, então pretendo ser breve — resmungou o irmão mais velho.

— Não seja chato, Ben, queremos muito saber como foram as suas montarias. — Nanda parecia curiosa para saber as novidades sobre a carreira do irmão.

— Desde a última vez em que estive aqui na fazenda, participei de três competições e ganhei duas delas, perdendo apenas a outra porque fui desclassificado — comentou o Ben olhando para a sua família, que estava à sua frente, e me ignorando completamente.

— Por que você foi desclassificado? — João perguntou.

— Minha mão tocou no chifre do boi sem querer.

— Você caiu do touro muitas vezes, meu filho? — quis saber a Rosa, preocupada.

— Algumas vezes, mãe. Porém, nada grave. Eu tenho apenas algumas marcas roxas pelo corpo, pode ficar tranquila.

— Eu nunca vou ficar tranquila por dois motivos: por você estar tão longe e por arriscar a vida desse jeito — comentou triste olhando para o filho para ter certeza de que ele estava realmente prestando atenção nas suas palavras.

— Não se preocupe tanto assim, mãe, eu sei me cuidar e nada de mal

vai me acontecer.

— Você pode me garantir isso? — Rosa o questionou franzindo a testa e olhando fixamente para o filho mais velho.

— Não, eu não posso garantir, no entanto, pensar em coisas ruins atrai coisas ruins, então vamos deixar como está, certo? Agora preciso descansar, amanhã podemos conversar mais. Boa noite, mãe.

O tal Ben se levantou e seguiu até minha tia, deu um beijo carinhoso na sua testa e depois fez a mesma coisa com a irmã. Já o João, ele abraçou, batendo nas suas costas. Contudo, quando chegou perto de mim, ignorou-me completamente, seguiu direto como se eu não estivesse presente naquela sala desde que começaram a conversa idiota.

Ninguém comentou essa falta de educação do Ben, nem mesmo a sua mãe, que prezava tanto a educação. Ainda conversamos sobre as coisas que aconteceram durante o dia. A Nanda fez questão de contar a experiência desastrosa que eu tivera de manhã no galinheiro.

Depois de ser ignorada no começo da noite e virar motivo de risada no resto dela, resolvi dar boa-noite a todos e seguir para o meu canto.



Abri a porta do quarto e a tranquei logo em seguida. Aquele cômodo tinha um poder enorme de me acalmar, era impressionante. Acho que nem no meu quarto de verdade eu conseguia ficar tão à vontade assim. Troquei minhas roupas por algo leve e confortável, uma camiseta preta da banda U2. Eu a adorava, era minha banda favorita, sabia cada música e, sempre que ouvia alguma delas tocar no rádio, eu cantava junto.

Devidamente vestida, deitei-me na cama, e ela imediatamente afundou com o meu peso. Parecia que eu havia deitado em cima de uma nuvem, tamanha a sua maciez. Eu precisava levá-la comigo assim que partisse daquele lugar, pois não conseguiria mais dormir na minha cama novamente. Parecia aquela história da princesa e a ervilha, na qual uma linda e sensível garota fora testada durante uma noite de sono. Para descobrirem se ela era uma princesa de verdade, ela deveria notar uma pequena ervilha debaixo do seu colchão. E é lógico que ela se revirou a noite toda na cama e não conseguiu dormir. No fim, descobriram que ela era a verdadeira princesa. Não sei como pensei nessa história naquele momento, mas minha mente

muitas vezes navegava além do que eu podia explicar.

Adormeci com a história da ervilha na cabeça, mas não foi com ela que sonhei. Passei a noite toda sonhando com um certo peão de rodeio que usava uma calça jeans bem surrada e tinha os olhos mais intensos que eu já vira. O bom do sonho foi que eu não era ignorada por ele, na verdade estávamos muito bem, um pouco íntimos demais, devo salientar. Ao abrir os olhos na manhã seguinte, eu sabia que aquilo não passava do fruto da imaginação fértil de uma garota boba.

No café da manhã, não consegui olhar para o Ben. Todo o tempo eu me lembrava do sonho. Mesmo não sendo nada demais, pois nós apenas tínhamos nos beijado, eu ainda não conseguia encará-lo sem imaginar aquela cena, o que não ajudou nem um pouco o fato de eu ter me sentado exatamente na frente dele. Não tirei os olhos do meu pedaço de bolo e da xícara de café enquanto eles dividiam os afazeres da fazenda. As tarefas do dia seriam mais fáceis, já que tinha mais uma pessoa para ajudar.

Terminamos de comer, e ajudei a tia Rosa a levar a louça suja para a cozinha. Eu até pensei em lavá-la, mas, assim que adentrei no cômodo, encontrei-me com Marta e Angélica. Nem precisei abrir a boca, pois, assim que percebeu o que eu carregava, Angélica correu na minha direção, pegou tudo e seguiu para a pia. Fiquei ainda parada feito uma tonta até que a minha tia apareceu seguida pela Nanda.

— O que acha de ir comigo alimentar os cavalos? — convidou minha prima toda animada.

— Espere um pouco, hoje não precisamos pegar os ovos?

— Não, hoje não. Meu irmão está em casa, por isso pegar os ovos é tarefa dele. Isso porque as galinhas adoram o Ben.

— Você está brincando comigo? — perguntei esboçando um pequeno sorriso. — Elas botam mais ovos?

Nanda soltou uma gargalhada e explicou:

— Não! Elas botam apenas uma vez por dia. Acontece que nem sempre botam todos os dias. Mas, quando ele está em casa, elas não ficam um dia sem botar.

Olhei desconfiada para ela.

— Não estou brincando, e nem pense que é mentira. Se quiser pode perguntar para a minha mãe, se não acredita em mim.

— Por incrível que pareça, a Nanda está falando a verdade, a quantidade de ovos dobra quando o Ben está em casa. — Minha tia ficou pensativa. — Não sei o que ele faz com as galinhas, mas desde garotinho esse galinheiro é sua responsabilidade. Talvez seja isso, elas sabem a quem pertencem.

— Já que não precisamos enfrentar as abomináveis galinhas, podemos seguir até o estábulo, pois adorei alimentar os cavalos.

Seguimos juntas para o estábulo com a Angélica nos acompanhando. Assim que chegamos, percebemos os animais inquietos. Eram seis baias cuidadosamente organizadas para comportar os animais. Cada membro da casa tinha um de sua propriedade. A égua branca com uma estrela na testa se chamava Ventania e pertencia a Nanda. O cavalo marrom com cara de poucos amigos era o Relâmpago e pertencia ao João, enquanto minha tia tinha uma égua também marrom muito mansinha que se chamava Neblina. E, para finalizar, havia o cavalo mais lindo e majestoso do lugar, o seu nome era Trovão.

Embora a Nanda tivesse me advertido sobre ele ser perigoso, em momento algum demonstrou isso, muito pelo contrário, comia na minha mão as maçãs que eu lhe trouxera. Fiquei bem surpresa ao saber que o cavalo pertencia ao Ben; se ele era tão rude e mal-educado comigo, o seu cavalo era totalmente o oposto, e eu adorei isso. Ainda tinham mais dois cavalos que

não pertenciam a ninguém em especial, mas também tinham nomes de elementos da natureza: uma égua branca chamada de Tempestade e um cavalo marrom de nome Raio.

— Eles comem o quê além de maçãs?

— Além das rações apropriadas, oferecemos feno, aveia e cenoura, tudo para suprir as necessidades nutricionais deles.

Passamos a manhã toda entre o celeiro e o estábulo. Voltamos para casa já era a hora do almoço. Fiquei apreensiva, com medo de encontrar o Ben e ser ignorada mais uma vez. Porém, para meu alívio, no almoço cada um seguia seu horário, eu não corria esse risco.

No final da tarde, hora do jantar, eu disse que estava com dor de cabeça e decidi permanecer no meu quarto. A verdade era que estava cansada do Ben e do seu mau humor constante em relação a mim, então decidi que, a partir daquela noite, também iria ignorá-lo. Ou seja, iria fazer o seu jogo – estúpido, eu sei.

Antes de eu dormir, a Nanda apareceu à minha porta segurando uma bandeja com um sanduíche e um copo de leite.

— Você não desceu, e por isso minha mãe fez um lanche e pediu que eu trouxesse aqui no seu quarto.

— Eu estou com dor de cabeça, por favor, me desculpe por isso — respondi me levantando e sentando na beira da cama.

— Não se preocupe com isso. Estou aqui apenas para trazer seu lanche. Deve ser difícil para você ter que vir morar aqui, sem ter outra opção. A minha mãe contou que sua estada aqui é meio que um “castigo” — ela sinalizou com os dedos. — Você deve ter feito algo grave para os seus pais tomarem essa medida tão drástica.

— Você nem imagina o que fiz?

— Penso que talvez você tenha namorado um cara barra-pesada, e a sua

mãe queira afastá-la dele — disse sentando-se na cama ao meu lado e colocando a bandeja entre nós.

— Sinto muito te decepcionar, mas não é nada disso. Eu queria fazer faculdade de Artes Cênicas e, quando meus pais descobriram, surtaram.

— Você está falando sério?! Isso parece surreal e quase impossível de acreditar... — Nanda se levantou da cama e fez gestos com as mãos para demonstrar sua indignação.

— Você não conhece meus pais, na maioria das vezes eles andam na contramão do que as pessoas acreditam ser certo e errado. Meu pai é pior, tem ideias e conceitos ultrapassados e em momento algum se deixa ser contrariado. Já minha mãe segue tudo que ele diz, simples assim. Por isso eu estou aqui contra a minha vontade. Eles acham que, depois de alguns meses fora e sem “luxo”, eu vá obedecê-los. — Fiz aspas com os dedos na palavra luxo para sinalizar o quanto eles estavam equivocados sobre a minha personalidade. — Eu diria que meus pais não me conhecem um terço. Se acham que vou desistir do meu sonho só porque vou precisar passar uns dias trabalhando numa fazenda, estão muito enganados.

— O que você pretende fazer então? — perguntou curiosa sentando-se na cama ao meu lado novamente.

— Eu ainda não sei... Tudo aconteceu tão rápido que não tive tempo de pensar. O lado bom dessa história é que passei numa universidade estadual, portanto, não preciso do dinheiro deles para pagá-la. — Olhei para a bandeja e completei: — No entanto, preciso me sustentar sozinha, coisa que hoje eu não conseguiria. Ainda bem que fiz a matrícula no curso que escolhi antes dos meus pais me enviarem às pressas até aqui.

— Talvez minha mãe possa te ajudar, ela sempre me ajuda quando estou com problemas — sugeri simpática e com um olhar de pena.

— Pode ser... — resmunguei desanimada, pois, quando a minha estada

ali terminasse, eu precisaria saber exatamente o que fazer com a minha vida. De uma coisa eu tinha certeza, nada, nem ninguém iriam me tirar a ideia de fazer meu curso de artes cênicas.

Ainda ficamos conversando um pouco sobre a fazenda e as nossas tarefas programadas para a manhã do dia seguinte, até que me lembrei da única coisa positiva durante o tempo em que o Ben permanecesse ali: eu não teria que visitar o galinheiro. A conversa terminou e nos despedimos, mas antes de sair a Nanda falou escorada na porta:

— Ah, quase me esqueci. No sábado temos uma festa na cidade. É dia da padroeira e os moradores o comemoram com uma quermesse. Vão ter barracas com comidas típicas da região, além de um baile no salão da igreja. A cidade inteira vai estar lá, e você está convidada.

— Eu não sei, será que é uma boa ideia? Eu não estou no pique para uma festa.

— Todos irão, e você não pode ficar aqui sozinha.

— Eu tenho até o final da semana para decidir, portanto vou responder no último minuto.

— Tudo bem, você não vai ter como negar. Acho melhor ir se conformando.

— Se você diz, deve estar certa sobre isso, já que ultimamente não tenho muita escolha sobre a minha vida.

— Pare de reclamar e curta, é só uma festa, não estamos te mandando para um convento!

Nanda fechou a porta rapidamente. Deixou-me sentada na cama sem conseguir dizer mais nada. Eu até abri a boca, porém, antes que pronunciasse a primeira palavra, ela já tinha ido embora.

Na noite seguinte eu não tinha desculpas para me esconder novamente. Além disso, era meu dia de lavar a louça, por isso precisei enfrentar a

situação e, no horário combinado, desci. Nem me preocupei com a roupa que usaria, afinal, não precisava, não queria impressionar ninguém... Era justamente o contrário! Por isso usei meu short jeans e uma blusinha azul que ficava caindo em um dos meus ombros. Era básica e confortável, meu estilo.

Quando cheguei à sala de jantar, ainda faltavam algumas pessoas, por isso escolhi uma cadeira vazia e me sentei. Os outros chegaram e fizeram o mesmo, porém, quase tive um tropeço quando o Ben, o último a aparecer, sentou-se ao meu lado. No começo tentei ignorar a sua presença completamente, fiquei apenas concentrada no meu prato de lasanha à bolonhesa, que estava uma delícia, como sempre – se eu continuasse comendo assim, voltaria para São Paulo com alguns quilos a mais. No entanto, na metade do jantar, eu não tinha mais forças para continuar sem olhá-lo, parecia que seu corpo exercia um ímã que me puxava em sua direção, mesmo quando eu não queria. Com ele assim, sentado tão perto de mim, eu não resisti e virei a cabeça devagar. Primeiro observei suas mãos segurando os talheres, depois fui subindo meus olhos por seu braço, que estava aparente. Isso porque ele resolvera usar uma camiseta em vez das camisas de mangas longas com que eu o vira das outras vezes. Quando levantei um pouco mais meus olhos, ele também se virou em minha direção, e nossos olhares se encontraram.

Pronto! Fui pega o observando. Logo ele, a última pessoa que eu gostaria que percebesse. Ficamos nos encarando por uns segundos, tão rápido que ninguém além de nós na mesa, eu creio, percebeu. Entretanto, foram segundos tão intensos que fiquei sem reação. Minha boca ficou seca, de repente senti sede e, para disfarçar meu constrangimento, passei a língua em volta dos lábios. Enquanto eu o observava, ele abriu um sorriso e voltou para a sua comida, e eu desviei o olhar.

Para meu alívio, passei o resto do jantar sem olhar novamente na

direção de Ben. Quase grudei minhas mãos na mesa para não sucumbir à tentação. Às vezes eu sentia seus olhos em mim, porém, fui mais forte e não olhei de volta. Fiquei tão agradecida quando a Nanda se levantou e me chamou para acompanhá-la até a cozinha que até dei um suspiro.

Agora vou descrever a minha primeira experiência lavando a louça do jantar. Foi um desastre sem precedentes. Quebrei dois copos e um prato. As coisas simplesmente escorregavam das minhas mãos. Precisei reconhecer que sabão, água e pratos não eram uma combinação perfeita para uma garota desastrada como eu. Pensei que, talvez depois daquela noite, ninguém mais quisesse me pedir para ajudar com os afazeres domésticos, pois, se eu continuasse naquele ritmo, no final da minha estada não sobraria nenhum prato inteiro.

Os dias foram passando, e continuei com a minha rotina na fazenda: de manhã eu ajudava a Nanda, e as tardes, nós passávamos juntas, íamos à cachoeira, ficávamos de conversa na varanda ou até trancadas no quarto dela assistindo às nossas séries preferidas, sempre acompanhadas pela Angélica, é claro. Às noites, nos jantares, eu me sentava o mais longe possível do Ben e fingia que ele não me perturbava nem um pouco.

Até que chegou o dia da festa da padroeira da cidade. Eu tentei inventar uma desculpa para fugir do convite que a Nanda fizera no começo da semana e disse que não tinha roupas para uma festa daquele tipo. No entanto, ela de modo algum aceitou as minhas desculpas. Sendo assim, tive que aceitar a sua ajuda. Ela me emprestou um vestido preto e botas vermelhas. Para a minha sorte, tínhamos o mesmo número. Caprichei na maquiagem e, quando me olhei no espelho, fiquei satisfeita com o resultado. Peguei minha bolsinha de mão, guardei meu celular nela e saí do quarto, caminhando devagar até a sala.

Todos já estavam me esperando. A minha tia abriu um sorriso quando me viu entrar, e eu fiz questão de retribuir o carinho. A Nanda fez o mesmo,

porém, ela tinha um ar de satisfação, afinal, fora ela quem me ajudara e ficar apresentável. O João me observou dos pés à cabeça, engoliu em seco e engasgou um pouco, mas não tirou os olhos de mim, enquanto o Ben me ignorou completamente e ainda resmungou:

— Agora podemos ir? Já que a garota atrasada chegou.

Esse cara é um ogro mesmo, pensei com raiva.



Depois que todos estavam acomodados na caminhonete do Ben, seguimos rumo à festa. A viagem foi rápida e, como já estava anoitecendo, não consegui reparar no caminho que ele usara para chegar até a pequena cidade de Paraíso. Paramos numa praça bem no centro da cidade, em frente a uma igreja, e o lugar estava lotado. Assim que descemos do carro, a Nanda puxou a minha mão, e corremos juntas para um salão ao lado da igreja.

— Se cuida, Nanda, e não beba nenhuma bebida alcoólica! — gritou tia Rosa enquanto nós estávamos quase entrando no salão, por isso ela apenas acenou concordando, e entramos juntas no meio de um aglomerado de pessoas.

A música estava alta, e muitos seguravam copos descartáveis vermelhos. As pessoas se vestiam totalmente a caráter: os garotos usavam camisas xadrez de mangas longas, e as garotas desfilavam vestidos ou calças jeans. Poucas usavam saias. O que era unânime era o uso de botas. Para eu ser sincera, nunca tinha visto tantas botas reunidas. Tinham de todas as cores, formatos e tamanhos, um verdadeiro festival.

Continuamos caminhando até um lugar onde estavam servindo as bebidas. A Nanda pegou dois copos vermelhos – os mesmos que eu tinha notado nas mãos das pessoas assim que entrara – e me ofereceu um. Na verdade, ela colocou o copo em minha mão sem nem perguntar se eu queria a bebida. Cheirei-a para tentar reconhecer o que ela estava me servindo, porém, foi em vão, por isso acabei desistindo e experimentei. No entanto, mesmo bebendo metade da bebida em apenas dois goles, não consegui identificar o que era.

— O que é isso?! — gritei para que ela pudesse me ouvir através da música alta e apontei para o meu copo.

— É uma batida especial que os garotos preparam para as festas, uma mistura de frutas e algumas bebidas destiladas. O gosto é bom, por isso nunca fiz questão de saber o que tem exatamente nessa mistura.

— Ela é bem doce, mas tenho medo de ficar bêbada, pois eu sou fraca para bebidas.

— Não se preocupe, eu posso cuidar de você — comentou sorrindo e segurando a minha mão.

— Se você diz... Então eu vou beber tranquila — afirmei, tomando o restante da bebida.

Saber que a Nanda estava comigo o tempo todo me deu segurança para beber um segundo copo e depois um terceiro. Conversei com alguns amigos da minha prima durante a festa, bebi o quarto copo e, algumas horas depois, estava tonta e confusa, por isso decidi parar de beber antes que eu começasse a passar mal de verdade.

Nanda me levou para a pista de dança improvisada no meio do salão, e começamos a dançar junto com algumas das suas amigas. A música era tão agitada que fiquei em êxtase, pulando de um lado para o outro, até que ficou quente demais e, sem pensar direito no que estava fazendo, afastei-me de

minha prima e nem percebi que me encontrava desacompanhada no meio da pista. Empolguei-me com a música que tocava, fechei os olhos e dancei como se não existisse mais ninguém naquele lugar além de mim. Fiquei tão absorvida pelo momento que comecei a abrir os botões do vestido para diminuir o calor que sentia. Meu corpo parecia pegar fogo, isso devia ser algum efeito da bebida misteriosa.

No início, somente apareceu meu sutiã branco de renda, porém conforme ia abrindo os demais botões, outras partes do meu corpo foram aparecendo. Antes que eu arremessasse meu vestido para longe, alguém segurou minhas mãos, impedindo-me. Olhei assustada para descobrir quem era, mas, antes de ver, já tinha um suspeito. Identifiquei-o pelo cheiro amadeirado e forte que me envolveu assim que ele se aproximou de mim.

— O que você acha que está fazendo, garota?! — perguntou Ben irritado parado a minha frente.

— Eu estava apenas dançando e você não tem nada a ver com isso — respondi sem olhar nos seus olhos e tentei sair de perto dele, porém, foi em vão. Assim que dei o primeiro passo, ele me segurou pelo braço, e eu tive que olhá-lo. Fiquei confusa, pois seu rosto não estava mais irritado e sim preocupado. Por esse motivo fiquei parada sem saber o que fazer. Ele aproveitou o meu momento de fragilidade e, com um simples impulso, colocou-me nos seus ombros e começou a sair do salão.

Foi constrangedor sair da festa assim. As meninas me olhavam de forma estranha, enquanto os garotos riam. Eu socava as costas de Ben tentando sair daquela situação, mas não teve jeito, ele era muito mais forte, portanto, os socos que depusitei sistematicamente em seu corpo não serviram de nada e, instantes depois, eu estava sendo jogada dentro da sua caminhonete.

— Você não pode me levar embora, a festa ainda nem acabou —

resmunguei me sentando no banco do passageiro.

— A festa acabou para você! — respondeu ligando o carro e saindo sem ao menos olhar para mim.

— Qual é o seu problema comigo? — perguntei chateada.

— Você é o meu problema.

— Explique isso melhor? — pedi ainda mais nervosa.

Ele me olhou. Desceu os olhos pelo meu corpo. Foi nesse instante, através de seu olhar, que percebi minha pele exposta, meu vestido aberto. Como eu pudera me esquecer desse detalhe? Corri as mãos rapidamente pelos botões e comecei a fechá-los.

— Não precisa se preocupar em fechar o seu vestido agora. Você não tem nada de diferente das outras garotas com quem já saí. É apenas mais uma.

— Qual é o seu problema, cara? Não pedi para você me tirar da festa, mesmo assim você me trouxe à força. Agora insiste que sou apenas mais uma garota que você viu quase nua. Se eu sou tão desinteressante assim, por que perdeu tempo comigo me levando embora quando eu estava me divertindo tanto?

— Minha mãe me obrigou a cuidar de você e da minha irmã, portanto eu estou apenas cumprindo minha obrigação.

— Eu não sou obrigação de ninguém. Por favor, pare o carro, que eu quero descer.

— Não vou parar o carro; se quer tanto descer, pule!

— É exatamente isso que vou fazer! — Preparei-me para o impacto, porém, isso não aconteceu, pois, assim que abri a porta do veículo, Ben pisou no freio e parou bruscamente. Desci cambaleando, mas não cheguei a cair.

— É assim? Vá andando! — cuspiu as palavras. — Foi você quem quis descer da caminhonete, lembra? Agora continue o resto do caminho a pé!

Espero que esteja em excelente forma física, porque faltam ainda três quilômetros até a fazenda! — Fechou a porta da caminhonete e acelerou, lançando a poeira da estrada de terra no meu rosto.

Tive que tampar os olhos e prender a respiração com as mãos. Porém, quando os abri novamente, estava muito escuro. Mal se enxergava um palmo à frente do nariz. A sorte era que o céu estava bem estrelado e havia uma lua crescente que ajudou a me localizar. Peguei o celular dentro da bolsinha e liguei a lanterna. Todavia, não sabia se teria bateria suficiente para chegar à fazenda. Todo o álcool que eu tinha no corpo fez questão de evaporar. Ainda bem, uma vez que eu precisava ficar sóbria para conseguir chegar ao meu destino sã e salva.

Eu não era medrosa, mas andar três quilômetros no meio do nada e ainda por cima de noite podia assustar qualquer pessoa. Parece que, quando estamos com medo, um simples barulho se torna alto e assustador. Ao pisar em um graveto me assustei, pois pensei que era uma cobra. Até o vento a minha volta me apavorava. Foi por esse e outros motivos que, em vez de andar, eu corri. Corri muito. Ou melhor, o quanto eu podia correr usando as botas da Nanda. Por sorte elas não tinham saltos, eram totalmente rentes ao chão, o que facilitou.

Continuei o caminho todo alternando entre correr e andar. Parava com as mãos nos joelhos para tomar um pouco de fôlego e olhar para trás a fim de ver se surgia uma criatura estranha do meio do mato pronta para me atacar. Andei e corri tanto que, mesmo não fazendo calor, eu suei muito. Quando já estava perdendo as esperanças, avistei a porteira, então corri ainda mais depressa. Abri a porteira e entrei caminhando um pouco mais devagar, agora por duas razões: a primeira, por eu ter chegado ao meu destino; e a outra, porque estava cansada demais.

Entreí na casa pela porta dos fundos. Silêncio total. Bebi um copo

duplo de água e fui para o quarto. Entrar no banho, demorado por sinal, foi reconfortante. Encontrava-me coberta de poeira da cabeça aos pés. Precisei de um analgésico para a dor de cabeça e para relaxar meus músculos tensos. Deitei-me e, logo em seguida, apaguei.

Acordei na manhã seguinte com uma enxaqueca. Meus únicos pensamentos: primeiro, me vingar do Ben – eu não era uma pessoa vingativa, por favor, não me entendam mal, mas aquele cara abusara da minha paciência e eu estava tão furiosa com ele que nada me faria desistir de descontar o que ele fizera comigo na noite anterior; segundo, também estava me sentindo arrependida e envergonhada pela cena que fizera na festa. Ainda assim, ele não tinha o direito de me tratar daquele jeito.

Levantei-me devagar, tentando amenizar o latejar em minha cabeça. Era por essas e outras razões que eu deveria pensar duas vezes antes de beber novamente.

Entrei no banheiro e, quando me olhei no espelho, fiquei chocada com a minha aparência. Meu cabelo estava todo bagunçado, seguia para todas as direções, menos permanecer quietinho na minha cabeça. Meus olhos tinham marcas arroxeadas em volta, parecia que eu tinha levado um soco. Talvez eu estivesse exagerando um pouquinho. Na verdade, eu estava com aparência de ressaca, e isso, para mim, era um desastre.

Escovei os dentes e tentei consertar minha aparência o máximo que pude. Quando andava pelo corredor, usando meu short jeans e uma blusa soltinha, pensei no Ben e principalmente em qual seria a minha reação ao encontrá-lo. Poderia voar no seu pescoço e o sacudir até descontar toda a raiva que estava sentindo, ou quem sabe poderia ignorá-lo o tempo todo, como se ele fosse uma coisa insignificante.

Contudo, quando cheguei à sala de jantar e observei a mesa do café da manhã cuidadosamente arrumada, com um lindo bolo de fubá e outras

guloseimas e um aroma gostoso de café fresquinho, esqueci qual era o meu foco. Sentei-me numa cadeira ao lado da Nanda, derramei um pouco de café na minha xícara, e meu estômago roncou de expectativa. Olhei para o bolo e cheguei a salivar enquanto cortava uma fatia.

— Bom dia, querida, acordou na hora certa, acabei de tirar o bolo do forno — cumprimentou-me a minha tia, feliz em me receber.

— Bom dia, tia. Estou morrendo de fome, e esse bolo parece maravilhoso.

— Não vai me cumprimentar também? Eu estou aqui — Nanda disse com ironia.

— Claro, desculpe, prima. Eu fiquei distraída com o bolo e acabei me empolgando — respondi sem graça. — Onde estão os outros moradores da casa? Eles já tomaram café da manhã? — perguntei sem demonstrar o quanto precisava saber do paradeiro daquele arrogante do Ben.

— Sim, eles acordaram cedo, porque o Ben resolveu voltar antes do previsto para os Estados Unidos. Eu não consegui entender o porquê de ele voltar uma semana antes de as competições começarem — comentou a minha tia preocupada, tomando um longo gole do seu café em seguida.

— Eu também não sei que bicho o mordeu ontem. Fiquei parte da noite procurando por ele e a Laís na festa, até que cansei de procurar. Encontrei o colega dele. O rapaz contou que Ben tinha ido embora e ainda levado a Laís com ele. Pelo que pude constatar depois de conversar com as outras pessoas da festa, literalmente — Nanda declarou olhando para mim desconfiada.

— Eu estava passando mal, aquela bebida não caiu bem, e tive que vir embora. Ele me ofereceu carona — respondi ficando com as bochechas quentes e vermelhas de vergonha e medo de ser descoberta.

Em primeiro lugar, eu não queria que a minha tia soubesse que eu tinha bebido mais do que devia. Em segundo, em hipótese alguma eu falaria do

quanto Ben fora rude comigo na noite anterior. Manteria esse segredo comigo até conseguir pagar na mesma moeda. Jamais esqueceria a sua grosseria. Em algum momento ele voltaria, e, se eu ainda estivesse na fazenda quando esse dia acontecesse, iria descontar toda a raiva que estava sentindo dele. Talvez eu estivesse exagerando um pouquinho, mas, convenhamos, o cara me tirara do sério e fazia questão de me provocar sempre que tinha uma oportunidade.

— Um doce pelos seus pensamentos — falou minha tia chamando a minha atenção.

— Desculpe, tia, eu estava tão longe que nem percebi que você estava me chamando — respondi parando de mexer a colher dentro da xícara vazia de café.

— Será que você está pensando em algum garoto que conheceu ontem na festa? — perguntou toda simpática sorrindo para mim, sem saber que eu estava arquitetando um plano para me vingar do seu primogênito assim que ele voltasse para a fazenda.



Era a minha segunda semana na fazenda. Depois que o Ben fora embora, as coisas estavam mais calmas. Eu já havia me acostumado com a rotina, exceto pelo galinheiro, é claro. Talvez eu nunca me acostumassem com ele, por isso a Nanda e a Angélica ficaram encarregadas dessa tarefa enquanto eu ficava do lado de fora esperando elas voltarem com os ovos.

Minha mãe me ligou pela primeira vez, mas não disse muita coisa, e eu também não fiz questão de puxar conversa. Falamos apenas o essencial – *eu estou bem e me cuidando* eram as únicas frases que saíam da minha boca –, até ela desistir de fingir que se preocupava comigo e desligar o telefone.

O lado positivo era que, a cada dia que passava, eu descobria o quanto minha tia Rosa e a Nanda eram pessoas especiais. O carinho com o qual elas se tratavam e ainda compartilhavam o seu amor comigo era o que me impedia de ficar triste o tempo todo depois dos telefonemas sem noção da minha mãe.

E ainda tinha a Angélica, como eu poderia defini-la? Acho que inocência era a palavra perfeita. A garota estava sempre disposta a ajudar. Confiava cegamente nas pessoas, e o seu único defeito era estar perdidamente

apaixonada pelo carrasco do Ben. Ela não conseguia parar de sonhar acordada com ele. Pobre garota, mal sabia que ele era um verdadeiro sapo.

Depois de tomar um banho bem demorado a fim de tirar todo o cansaço que estava sentindo, porque passara o dia todo ajudando a Nanda nas tarefas da fazenda, coloquei uma saia jeans e uma blusa cor-de-rosa que deixava meus ombros à mostra. Tirei apenas o excesso de água dos cabelos com a toalha, já que eu iria deixá-los secar naturalmente. Todavia, quando me sentei na cama, fui interrompida pela Nanda, que entrou no meu quarto sem bater.

— Nem precisa sentar, pois estamos de saída — informou toda empolgada.

— Posso saber o motivo dessa animação toda? — indaguei me levantando e colocando as mãos na cintura para encará-la.

— FESTA NA FOGUEIRA! — gritou ainda mais animada, dando pulinhos à minha frente.

— Você está me convidando para ir a uma festa numa fogueira? — repeti a informação para ver se eu realmente entendera o motivo da sua empolgação.

— Eu não estou convidando. Estou te intimando! Você vai ter que vir! — ordenou me observando atentamente.

— Eu não posso recusar? — questioneei surpresa com o convite impossível de declinar.

— Você não é obrigada a ir contra a sua vontade, mas não podemos perder essa oportunidade. Trabalhamos a semana toda, e quase não aparecem festas como essas, portanto não podemos deixar de ir.

— Tudo bem, não precisa ficar chateada. Eu vou com você a essa festa — concordei, abraçando a Nanda para mostrar o quanto eu me importava com ela.

Eu não tinha muito tempo para trocar de roupas, além disso, era apenas

uma festa na fogueira e não precisava de nenhuma produção especial. Portanto, continuei como estava, apenas acrescentei as botas vermelhas que a minha prima me emprestou, pois, segundo ela, ninguém apareceria numa festa na fogueira usando um par de Allstar.

Quanto ao cabelo, não tinha muito o que eu fazer, uma vez que ele já estava praticamente seco e bem mais enrolado que o normal. A Nanda me ajudou com a maquiagem. E, num piscar de olhos, devidamente maquiada, já estávamos entrando no jipe do João e seguindo em direção à festa. Antes, paramos para pegar a Angélica em sua casa. Ela entrou no carro usando um vestidinho bem curto com babados na parte de baixo e botas pretas. Estava totalmente deslumbrante.

Para a minha surpresa, chegamos mais rápido do que eu esperava e nem tivemos muito tempo para conversar no carro. A festa estava acontecendo na fazenda vizinha, e não fomos a pé apenas porque estava escuro e a tia Rosa pediu para o João nos levar de carro.

Quem já foi a uma festa na fogueira em uma fazenda? Eu não fazia ideia do que esperar quando descemos do carro. Para meu alívio, não tinha a mesma quantidade de pessoas que havia na festa da cidade. Dessa vez era apenas um encontro entre amigos. Numa estimativa, tinham mais ou menos cinquenta pessoas entre homens e mulheres, talvez até mais mulheres do que homens.

As pessoas estavam sentadas em bancos de madeira, esses organizados em forma de um círculo, com a fogueira no centro. Uns rapazes assavam espigas de milho em espetos de churrasco, além disso, tinha uma mesa ao lado com várias comidas deliciosas, entre elas pipoca, bolo de milho, canjica. E não podiam faltar as bebidas típicas, quentão e vinho quente. Fiquei surpresa ao constatar que a festa na fogueira se parecia muito com uma festa junina em pleno mês de janeiro.

A Nanda me garantiu que essas comidas eram típicas da região, por isso em todas as festas, não importava a época do ano, lá estavam elas. A minha prima parecia chateada ao olhar para os pratos na mesa; já eu, não podia estar mais animada, isso porque muitos daqueles alimentos eu raramente experimentava. Nem precisei ser convidada para me servir, fiquei ao lado da mesa, peguei um pouquinho de cada coisa e aprovei quase tudo, exceto a canjica, porque eu não era muito fã.

Conforme a noite passava, eu comia mais um pouco e conversava com os outros convidados. Descobri que, naquela fazenda vizinha a de minha tia, moravam dois garotos mais ou menos da idade do João e da Nanda, respetivamente. O mais velho se chamava Pedro, e o mais novo, Tiago.

Os nossos anfitriões eram muito simpáticos. Passamos a maior parte do tempo conversando com eles, e foi durante essas conversas que percebi que a Nanda suspirava a cada vez que o Pedro falava alguma coisa e seus olhos brilhavam toda vez que olhava para ele. Se eu fosse dar um palpite, diria que minha prima era apaixonada pelo vizinho.

Conforme a noite passava, os casais começaram a se formar. Alguns se afastaram da fogueira e buscaram lugares estratégicos e longe dos olhos curiosos. Nanda e Pedro desapareceram. Angélica tentava se afastar do Tiago, que, de todas as formas, a assediava. Com certeza queria ficar com ela.

Eu observava a fogueira sentada num dos bancos de madeira desocupados enquanto outros rapazes tocavam violão e cantavam músicas. O refrão de uma delas dizia:

*Tenho no quintal uns pés de fruta e de flor
E no meu peito por amor
Plantei alguém (plantei alguém)*

Assim que essa música acabou, eles começaram a cantar outra, e, antes

que eu pudesse prestar atenção para ver se conhecia a nova canção, o João se sentou ao meu lado.

— Vai ficar aqui sozinha? O que acha de dançar comigo?

— Mas não tem ninguém dançando — respondi surpresa, observando as pessoas ao meu lado. Todos estavam apenas observando enquanto os meninos cantavam.

— Alguém precisa começar, não é mesmo? — comentou me puxando sem esperar minha resposta.

Arrastou-me para um canto enquanto os primeiros acordes da música eram tocados. Assim que os primeiros versos saíram da boca do cantor, João segurou minha cintura, puxando-me para perto do seu corpo.

*Há quanto tempo eu esperava
Encontrar alguém assim
Que se encaixasse bem nos planos
Que um dia fiz pra mim
Você e eu
Vou dizer.*

Enquanto eu dançava com o João — não sei dizer exatamente quando aconteceu —, percebi que a atmosfera tinha mudado. Talvez o jeito como ele segurava a minha mão, ou o modo como me encaixei ao seu corpo, meu rosto no seu ombro... Foi tão fácil e seguro ficar ali sentindo o seu cheiro gostoso e suave.

Quase no final da música, ele segurou meu rosto com ambas as mãos, pediu meu silêncio e que prestasse atenção nele por um momento. Para a minha surpresa, começou a cantar junto com o refrão da canção:

Na linha do tempo

*O destino escreveu
Com letras douradas
Você e eu*

Quando terminou, ficou olhando para mim, esperando a minha reação, mas eu não sabia o que dizer depois de ouvi-lo, ou melhor, eu não tinha certeza do que ouvira. A verdade era que estava muito confusa com a situação na qual me encontrava naquele momento, por isso fiquei quieta o olhando, mas o João interpretou esse gesto como uma resposta positiva à sua pergunta muda e, sem pensar duas vezes, aproximou-se dos meus lábios, beijando-me na boca. No começo, eu não sabia o que fazer, não retribuí o beijo, mas aos poucos fui cedendo até que deixei meus lábios se moverem junto aos dele. Foi o beijo mais doce que já tivera na vida. Sua boca encostava-se à minha, e parecia que eu estava comendo algodão doce, de tão bom que era.

Quando a música acabou, o beijo também terminou. Ainda ficamos olhando um para o outro sem saber ao certo o que dizer, até que Angélica apareceu, interrompendo o nosso momento estranho.

— Podemos ir embora? Eu já estou cansada desta festa e de correr do Tiago. Se vocês não forem agora, irei sozinha — comentou emburrada, cruzando os braços no peito.

— Eu não posso deixar você ir sozinha a essa hora da noite, minha mãe me mataria quando soubesse — respondeu João chateado, passando a mão no cabelo.

— Se é assim, podemos ir agora?

— Claro, só precisamos encontrar a Nanda — concordou mais conformado, pelo seu tom de voz.

— Estavam me procurando? — Nanda surgiu de repente atrás de mim.

— Sim, onde você estava, irmãzinha? A Angélica quer ir embora.

— Se quiserem ir, estou pronta — afirmou um pouco mais feliz do que quando chegamos.

Talvez não fosse somente eu que acabara beijando alguém naquela festa. Contudo, ao contrário de mim, a Nanda iria deixar o par aqui, enquanto eu precisava ir com ele no mesmo carro e depois entrar na mesma casa.

O caminho de volta foi feito no mais absoluto silêncio. O trajeto, mesmo sendo tão curto, parecia nunca ter fim.

Quando finalmente o João estacionou o jipe, depois de deixarmos a Angélica na casa dela, fui a primeira a descer e entrar na casa. Ainda escutei alguém me chamar, mas não olhei para trás para ver quem era. Estava confusa e precisava de um tempo sozinha antes de enfrentar meu primo novamente.



Sabe aquela frase popular “acordar com as galinhas”? Pois bem, na fazenda Esperança ela se cumpria à risca. Eu não conseguia ficar na cama nem mais um minutinho sequer, mesmo se tentasse cobrir a cabeça ou me fingir de morta. Eles nunca desistiam de bater à minha porta quantas vezes fossem necessárias até eu acordar.

Naquela manhã não foi diferente, porém, tive uma surpresa ao abrir o quarto. Não era a minha tia, nem a Nanda e muito menos a Angélica quem estava parado à minha porta, era o João. Ele, completamente vestido, incluindo até chapéu, enquanto eu estava com o cabelo todo bagunçado, cara de sono e usando somente uma camiseta preta da banda U2.

— Bom dia, garota da cidade — João cumprimentou com ironia depois de me observar atentamente da cabeça aos pés.

— Bom dia, garoto da fazenda — retribuí sua ironia na mesma medida.

— O café da manhã está pronto, e estamos apenas esperando você dar o ar da graça para que possamos matar a nossa fome.

— Não precisa fazer todo esse drama, eu já estou indo.

— Tudo bem. Ah! Antes que eu me esqueça, o que achou da festa de ontem à noite?

— Estava ótima. Eu adorei, será que vamos ser convidados para outra?
— questionei sondando para saber aonde ele queria chegar com aquela pergunta.

— Claro, pode ficar tranquila, sempre há festas como aquela por aqui.

— Que bom, estou feliz em poder sair um pouco desta fazenda. Não me entenda mal — levantei a mão —, é que cansa ficar aqui dia e noite. Por favor, avise a sua mãe que já estou indo.

Arrumei-me o mais rápido que pude, mas só consegui chegar à cozinha muito tempo depois. Entrei e não encontrei todos na mesa me esperando. A minha tia estava chorando sentada numa cadeira, enquanto o João e a Nanda estavam falando ao telefone.

Angélica estava sentada no chão e chorava como se o mundo fosse acabar. Eu nunca tinha visto aquela família assim, por isso pensei logo no pior, mas o que seria o pior para aquela família tão perfeita e feliz? Antes que minha cabeça orquestrasse ideias mirabolantes, cheguei perto da única pessoa que não chorava na cozinha e inquirei:

— O que está acontecendo, Marta?

— Minha nossa, você ainda não sabe? — questionou demonstrando preocupação, e, pelo seu tom de voz, não devia ser nada agradável o que tinha a me dizer.

— Não... — murmurei insegura.

— O Ben sofreu um acidente nos Estados Unidos. Um boi pisou nas costas dele, e a dona Rosa está inconsolável sem saber como ele está. Não temos notícias e nem conseguimos falar com ele.

— Que notícia terrível! Será que eu posso fazer algo para ajudar? — perguntei preocupada, observando minha tia chorar sem parar.

— Não sei. O João e a Nanda já estão cuidando de tudo. Talvez você deva ficar por aqui; se a sua tia precisar, você pode ajudar.

— Tudo bem — concordei me sentando em uma das cadeiras para esperar alguma notícia.

Ficamos nessa agonia a manhã toda. Minha tia tomou dois copos de água com açúcar, mas ainda não conseguia parar de chorar. Àquela altura, seus olhos já estavam inchados. Tudo o que eu queria, era diminuir o seu sofrimento, mas estávamos a quilômetros de distância do Ben, e conseguir uma informação confiável era quase impossível.

Se não bastasse minha tia, a Angélica também não conseguia parar de chorar. Em determinado momento, sentei-me ao seu lado e acariciei seu cabelo. Queria mostrar que estava com ela; mesmo assim suas crises de choro não diminuíram nem um pouco.

— Eu não sei o que faria sem ele — resmungou tentando enxugar o rosto com as costas das mãos.

— Fique tranquila, não adianta se desesperar agora — disse tentando consolar a minha amiga.

Depois de muitas horas de agonia, enfim recebemos notícias do Ben. O seu empresário conseguiu ligar para a família e disse que ele estava internado com uma costela quebrada. Seu quadro era estável e não corria risco de vida. Ele ficaria dois dias no hospital e depois voltaria para o Brasil para se recuperar melhor.

Nem preciso dizer que todos respiraram aliviados depois dessa notícia. Enfim conseguimos tomar o nosso café da manhã, que, na verdade, virou um chá da tarde. Porém, todos estavam tão felizes em saber que o Ben se encontrava fora de perigo que nem ligaram para esse detalhe.

A manhã seguinte foi dedicada à arrumação. Precisávamos preparar a casa para a chegada do Ben. Eu não entendia por que tanta frescura, já que

agora ele estava fora de perigo. Não podia dar a minha opinião sincera sobre aquele cara mal-educado.

Para o meu azar, eu e Angélica fomos encarregadas de arrumar o quarto do ogro. Nem preciso dizer que a minha companheira adorou a ideia, bem diferente de mim, que odiei, mas não podia recusar um pedido tão gentil e educado da minha tia. Como não tive alternativa, segui rumo ao cômodo.

Não tinha muita coisa para arrumar, ainda bem. Era só o que me faltava, ele ser, além de ogro e mal-educado, bagunceiro. Enquanto eu organizava e trocava as roupas de cama, Angélica cheirava as roupas dele, portanto, ela não foi de grande ajuda. Naquela altura, eu achava que a garota tinha algum problema, pois quem em sã consciência ficava cheirando as roupas dos outros daquela maneira?

A nossa tarde foi bem mais legal e divertida. Teve maratona de *The Vampire Diaries* com direito a pipoca, brigadeiro e muito refrigerante. Ficamos a tarde toda enfiadas no quarto da Nanda e saímos de lá só para o jantar. Minha tia preparou empadão de frango. Comi duas porções, estava delicioso. Depois do jantar, ficamos conversando na varanda admirando o pôr do sol. Eu fiquei pensando no que poderia fazer para me vingar do ogro do Ben, mesmo ele estando convalescente. Além disso, ainda precisava ter uma conversa com o João, afinal não sabia no que ele estava pensando quando me beijara naquela festa.

No dia em que o Ben chegaria à fazenda, ninguém bateu à minha porta, e por isso consegui dormir até mais tarde um pouquinho. Nada comparado ao padrão que eu tinha quando morava em São Paulo, mas acordei sozinha, e isso já era uma vitória e tanto.

Quando apareci na cozinha, só encontrei a Marta, todos já tinham tomado café da manhã. Minha tia e o João tinham ido buscar o Ben no aeroporto, por isso tiveram que sair ainda de madrugada. A Nanda e a

Angélica estavam encarregadas de cuidar dos afazeres da fazenda, por isso também tiveram que acordar cedo.

Sentei-me à mesa ainda posta para o café da manhã, cortei e comi uma fatia de melão, tomei uma xícara de café quentinho e devorei um pedaço de bolo de milho. Quando estava satisfeita, agradei a Marta pela comida e saí da cozinha. Fui até o meu quarto, peguei um dos livros que trouxera comigo e voltei para a varanda. Sentei-me num lindo banco de madeira com almofadas coloridas e passei a manhã toda empolgada com a minha leitura.

No princípio, nem percebi quando uma caminhonete parou bem à frente da casa. Todos apareceram na varanda para ver quem chegava e ficaram felizes ao constatar que a tia Rosa descia primeiro e abria a porta do passageiro para o Ben. Ele desceu apoiado na mãe e no irmão, pois não conseguia andar direito. Sua camisa estava aberta, e pude ver que todo o seu torso estava enfaixado.

Eles seguiram caminhando devagarzinho até chegar ao quarto dele, mas, quando o colocaram na cama, ele gritou de dor. O tal boi fizera um bom estrago. Naquela altura, eu já nem pensava mais em vingança. Ele já tivera o que merecera.

Fiquei mais um pouco no quarto dele junto com os outros. Minha tia e a Nanda tentavam arrumar uma posição em que o Ben não reclamasse de dor. Elas estavam quase desistindo quando, enfim, conseguiram algo para colocar debaixo do braço dele, e pronto, cessaram-se as reclamações.

Eu fiquei só observando de longe. O João não parava de me encarar, parecia que queria me dizer alguma coisa. Entretanto, não lhe dei nenhuma oportunidade para isso; na verdade, eu não sabia o que dizer para ele. O nosso beijo fora bom, mas eu não pretendia fazer daquilo uma grande coisa, mesmo ele sendo o cara mais legal que eu já conhecera na vida.

Minutos depois de ficar confortável na cama, o Ben dormiu. Para o meu

alívio, todos saíram do quarto antes mesmo que a minha tia terminasse de pedir, exceto a Angélica, que insistiu em ficar para velar o seu sono.

Enquanto seguíamos pelo corredor, a Nanda foi à frente com a minha tia e a Marta. Fiquei para trás com o João, e essa foi a oportunidade perfeita para ele iniciar aquela conversa que eu tanto queria evitar.

— O que acha de me ajudar a alimentar os cavalos? — perguntou me detendo no corredor.

— Mas essa não é uma tarefa da Nanda?

— É, sim, mas hoje ela está muito ocupada com os remédios do Ben, e sobrou para mim — explicou dando de ombros.

— Tudo bem, eu posso ir te ajudar — afirmei um pouco curiosa sobre a possível conversa.

Antes que eu percebesse a sua real intenção, ele segurou a minha mão e me puxou para a estrebaria. Fiquei sem reação. Não sabia se pedia para ele soltar a minha mão ou se continuava a segurá-la sem dar muita importância àquilo, afinal éramos primos e estávamos só de mãos dadas.

Ao chegarmos ao estábulo, para o meu alívio, ele se afastou de mim, pois ficaria estranho tentar alimentar os animais com as nossas mãos unidas. Depois que todos já estavam devidamente alimentados, sentamo-nos num banquinho e ficamos observando os equinos.

— Você gosta de cavalos? — perguntou-me tentando iniciar uma conversa.

— Sim, estou descobrindo que adoro os animais, menos as galinhas, é claro — comentei sorrindo ao me lembrar do dia em que uma delas correu atrás de mim. Foi a última vez em que tentei pegar um de seus ovos.

— Entendi, mas você sabe andar a cavalo?

— Não! Nunca tinha visto um cavalo de perto antes de chegar aqui.

— Ah, eu me esqueci que você é a garota da cidade — comentou em

tom de ironia, por isso lhe dei um tapa no braço para demonstrar que não gostara nem um pouco da crítica. — Eu estava brincando, você não precisa me bater por isso — reclamou e segurou minhas mãos, impedindo-me de continuar a bater nele.

— Se era só uma brincadeira, eu te perdoo, mas não abuse da sorte, pois eu não sou do tipo que perdoa fácil.

— Eu sei disso, garota difícil! O que acha de aprender a andar a cavalo?

— Você vai me ensinar? — perguntei curiosa olhando nos seus olhos castanhos, e eles estavam brilhando de empolgação.

— Sim, eu poderia fazer esse sacrifício — falou sorrindo. Aquele sorriso perfeito de comercial de pasta de dente.

Fiquei um pouco mais confusa sobre o que eu estava fazendo ali, afinal.



Alguns dias depois, a rotina na fazenda estava voltando ao normal. O Ben já se encontrava melhor. Ainda usava um colete protetor nas costas, mas conseguia andar sozinho sem precisar ser paparicado a toda hora.

Era uma linda e ensolarada tarde de sábado. Fazia uma semana inteira que eu não saía da fazenda. Um tédio! Deitada na minha cama, eu lia um livro. Parei depois de algumas páginas, coloquei-o no canto e suspirei frustrada. *Isso não está funcionando*, pensei.

— Você está tão entediada quanto eu? — perguntou Nanda entrando de repente no quarto.

— Sim! Precisamos fazer alguma coisa diferente hoje. — Precisava de uma solução para aquela ociosidade.

— Vamos pensar... O que acha de irmos à cachoeira?

— Está calor. Acho uma boa ideia. — Levantei-me e fui até o guarda-roupa procurar um biquíni. — Eu vou trocar de roupa, e nos encontramos daqui a alguns minutos na varanda.

A única coisa negativa naquele passeio era a distância. Da outra vez eu

chegara exausta à casa. Mesmo assim valia a pena andar tanto para ver aquele paraíso escondido atrás de algumas árvores.

Logo na primeira gaveta encontrei tudo o que precisava. Entre as quatro opções, escolhi dessa vez o biquíni branco com listras pretas. A parte de cima era tomara que caia. Mesmo sem eu nunca o ter usado antes, ele ficou perfeito em mim. Depois de colocar o biquíni, vesti um short jeans e uma regata preta. Amarrei meu cabelo num coque frouxo, e já estava pronta. Não me preocupei em escolher uma roupa bonita, pois era só um passeio entre amigas... Pelo menos era isso o que eu pensava até chegar à varanda. Não seria um passeio apenas entre mim, a Nanda e a Angélica, como das outras vezes. Encontrei uma verdadeira comitiva me esperando. Além do João e do Ben, ainda estavam lá os dois vizinhos, Pedro e Tiago. Estavam todos a cavalo, exceto por mim e Angélica. Esperei Nanda vir falar comigo para resolvermos o impasse.

— Decidimos ir cavalgando dessa vez, é bem mais rápido, mas, como você e a Angélica não sabem cavalgar, terão de ir com alguém.

— Tudo bem, mas com quem eu irei? — perguntei curiosa, olhando para os garotos, que já estavam montados.

— Comigo — respondeu o João. Parou à minha frente e me deu a mão para eu subir no cavalo.

Com sua ajuda, montei na sela atrás dele. Coloquei meus braços em volta da sua cintura, e ele sorriu, gostando da experiência. Já Angélica, é lógico que foi com o Ben. A garota estava tão feliz que parecia uma criança que acabara de ganhar um brinquedo novo.

— Por que a Angélica não sabe andar a cavalo mesmo morando numa fazenda desde que nasceu? — indaguei curiosa para o João enquanto seguíamos rumo à cachoeira.

— Ela sabia quando era pequena, mas teve uma queda bem feia, ficou

dias no hospital. Depois disso nunca mais se sentiu segura para andar sozinha novamente.

Eu não tinha certeza de me sentir confortável agarrada ao João daquele jeito, mas uma coisa era certa, ele adorava, tanto que fez questão de pressionar o cavalo a correr. Assim eu tinha que obrigatoriamente abraçar mais forte a sua cintura para não cair. Não que eu estivesse reclamando de sentir seu abdômen definido através do tecido macio da sua camisa xadrez. Ainda assim, não sabia o que pensar daquela aproximação entre a gente.

Chegamos primeiro à cachoeira, bem mais rápido do que eu imaginava. Logo depois os dois vizinhos, então a Nanda e por último o Ben, que demorou mais do que todos porque não podia galopar devido à sua costela. Ele ainda estava se recuperando.

O João apeou e me ajudou a descer do cavalo pegando-me pela cintura.

Pedro e Tiago foram os primeiros a tirar as roupas, ficando somente de sungas, e devo dizer que os garotos “mandavam bem” de corpo, não eram daquele tipo sarado de academia, mas tinham um conjunto de músculos naturalmente firmes bonito de se olhar. A Nanda foi logo atrás com seu biquíni de bolinhas, e a Angélica seguiu a amiga, pulando na água usando um biquíni vermelho minúsculo. Quando ela tirou o short, percebi o Tiago suspirar, porém, o Ben, que era o alvo, pareceu nem se importar com a sua pouca roupa. Para dizer a verdade, ele não se importava com nada mesmo, o cara não esboçava nenhuma reação, era tudo o mesmo para ele.

Eu fiquei por último. O ogro não iria nadar, por causa da costela. Perguntei-me por qual razão ele viera ao passeio. Era a pergunta que não queria calar. Enfim ele se sentou numa das pedras e ficou a observar enquanto eu tirava minhas roupas. Deixei minhas coisas num canto e caminhei devagar até a água. Assim que toquei meu pé esquerdo, recuei um pouco, pois estava gelada.

— Se você não entrar logo, eu vou te pegar e jogar à força! — João gritou, intimando-me a pular logo na lagoa.

— Tudo bem, não precisa ter todo esse trabalho, eu já estou indo — resmunguei chateada, pois eu odiava água gelada, mas não tinha outra saída senão me acostumar com ela.

Fui andando bem devagar até a água chegar às minhas pernas. Meus pelos se arrepiaram todos, e, para não prolongar esse frio por mais tempo, mergulhei de uma vez. No começo ainda senti um pouco de frio, mas depois, conforme eu nadava, ele foi passando, e alguns minutos depois eu já brincava com o João de jogar água um no outro.

Passamos a tarde toda brincando e nadando, até que a fome bateu. Para nossa sorte a Nanda viera prevenida. Saímos da água. Enquanto eu fiquei em cima de uma pedra, ao sol, tentando me secar, Nanda e Angélica forraram uma toalha na grama e abriram uma cesta de piquenique. Tiraram de dentro dela duas garrafas térmicas de suco gelado de maracujá, um bolo de chocolate, uma torta de frango e empadas de palmito.

Depois que me sequei, sentei-me entre o João e o Tiago na pequena roda que formamos na beira da toalha e começamos a comer.

— Essa torta está divina — comentei depois de comer dois pedaços dela e ainda lamber meus dedos.

— Eu que fiz a torta — disse Angélica, sorrindo satisfeita.

— Parabéns, você é uma ótima cozinheira — elogiei com sinceridade.

— Se quiser, eu posso te ensinar — respondeu simpática.

— Acho que não é uma boa ideia, da última vez que tentei preparar alguma coisa, quase coloquei fogo na cozinha — expliquei envergonhada enquanto todos riam.

— Acho melhor te manter longe da cozinha enquanto você estiver por aqui — falou o João entrando na conversa.

— Quer dizer que você não sabe fazer nem um simples bolo? — perguntou Tiago curioso.

— Não, nem um ovo — comentei ainda mais sem graça.

— Você não sabe nem fritar um ovo? — Pedro parou de comer seu generoso pedaço de bolo para indagar.

— Não, e, por favor, parem de me fazer passar vergonha. Eu já disse que não sei cozinhar — resmunguei chateada.

— Tudo bem, que tal mudar de assunto? — pediu João tentando me ajudar.

— Quando você volta a montar, Ben? — questionou o Pedro, incluindo o ogro na conversa pela primeira vez.

— Ainda não sei, mas tenho um pouco mais de um mês para voltar e ainda conseguir concorrer ao título mundial. Serão muitas eliminatórias até a final no fim do ano.

— Se precisar de ajuda para treinar, pode contar comigo, ainda temos os melhores touros da região — informou o Tiago.

— Sei disso. Mas ainda preciso me recuperar totalmente para subir num touro novamente. Antes, vou treinar no tambor no estábulo — explicou Ben após tomar um longo gole de suco.

— Quando você vai começar a treinar no tambor? — inquireu João olhando de forma preocupada para o irmão.

— Na semana que vem eu já começo e, se me sentir bem, continuo.

— Você tem certeza de que está pronto? O médico recomendou um mês sem atividade, e ainda faltam duas semanas para isso — João insistiu, franzindo a testa e parando de comer pela primeira vez.

— Não se preocupe com isso, eu sei me cuidar sozinho. Além disso, nem cheguei a quebrar a costela — respondeu irritado com a preocupação do irmão.

— Minha nossa! Como está tarde! Eu prometi ir à cidade buscar um remédio para a minha mãe — Angélica disse e se levantou para vestir a sua roupa.

— Você pode levá-la, Ben? — perguntou minha prima tentando ajudar a amiga.

— Não! Acho que não consigo ir na velocidade que ela precisa, e ainda teremos de pegar o carro ao chegarmos à fazenda para levá-la à cidade.

— É mesmo, então quem vai levá-la? — questionou preocupada.

— Eu posso levar — afirmou o Tiago, todo feliz, porque achara a oportunidade perfeita para tirar uma casquinha da garota.

— Nem pensar, eu não vou com você. Se a minha mãe souber, ela me mata — Angélica falou aflita, andando de um lado para o outro.

— Você pode levá-la, João? — Nanda indagou tentando acalmar a amiga.

— Eu tenho outra opção? — ele questionou abrindo os braços e se levantou para arrumar o seu cavalo.

Eu tive a impressão de que a Angélica armara tudo aquilo para sair da cachoeira mais cedo e levar o Ben junto. Porém, pela sua cara, seu plano não dera certo, pois, para funcionar, o Ben precisaria ser gentil e cavalheiro, coisa que ele não era e nunca seria.

Voltamos mais um pouco para a água. E, quando me distraí nadando, a Nanda, o Pedro e o Tiago desapareceram. Procurei-os, mas só encontrei o Ben escorado à pedra e me observando.

— Aonde foi todo mundo? — perguntei-lhe torcendo meu cabelo, que estava encharcado.

— Eles foram à fazenda vizinha buscar jabuticabas, devem voltar logo — respondeu sem dar muita importância ao fato de estarmos sozinhos.

— E se eles não voltarem? — questionei apreensiva, mordendo parte

do meu lábio.

— Você vai ter que voltar comigo — disse abrindo um sorriso de satisfação.

— Nem morta eu vou voltar com você.

Procurei minhas roupas e finalmente as encontrei. Vesti-as sem nem esperar me secar, depois me sentei numa das tantas pedras que tinha por ali e fiquei esperando o pessoal voltar.

Porém, o tempo passou, e nem sinal deles. Quando o sol estava quase se pondo, o Ben se levantou e foi até o seu cavalo, montando-o.

— Eu estou indo, se quiser vir comigo... essa é sua última chance.

Eu ainda olhei de um lado para o outro com esperança de a Nanda aparecer, mas não tinha ninguém. Além disso, eu ainda não tinha aprendido o caminho de volta. Também sabia que o Ben teria coragem de me deixar ali sozinha, portanto fechei meus olhos e capitulei:

— Espere, eu vou com você.

Cheguei perto de seu cavalo, mas tive que subir sozinha com a ajuda de uma das pedras em que o Ben estava sentado minutos antes, já que ele não podia me ajudar por causa da costela trincada. Por causa da informação errada do empresário de Ben, todos nós tínhamos pensado que ele tinha quebrado a costela, mas fora algo muito mais simples. Descobri naquela tarde que nem um touro de quase uma tonelada era capaz de quebrar aquele ogro.

Ao contrário de com o João, fui à frente, presa entre seus braços fortes e seu peito bem-definido. Não era a posição mais confortável do mundo para mim, mas o Ben estava adorando cada parte daquilo, já que olhava para mim e sorria não sei se de mim ou da situação.

Aquela era a primeira vez que eu ficava tão perto dele por tanto tempo, já que aquela vez em que ele me levava nas costas não contava. Eu estava confusa, achava que aquela proximidade não era uma coisa boa. Estava

nervosa, não sabia onde colocar as mãos. Meu coração parecia querer saltar pela boca, enquanto ele continuava do mesmo jeito, sem demonstrar qualquer perturbação.

— Não podemos ir mais rápido? — perguntei chateada, querendo acabar logo com aquela situação constrangedora na qual me encontrava.

— Esqueceu que eu não posso correr? — inquiriu sem olhar para mim.

— Eu sei disso, mas se continuarmos nessa velocidade, vamos chegar amanhã — expliquei colocando as mãos na sela.

— Se quiser, pode ir andando.

— Eu não acredito que você vai fazer aquilo de novo — resmunguei irritada.

— Se você continuar reclamando, é exatamente o que vou fazer.

— Você não se atreveria!

Eu não conseguia manter uma conversa sensata com aquele cara sem querer voar no pescoço dele e estrangulá-lo.

— Você quer pagar para ver? — indagou me olhando pela primeira vez e parando o cavalo.

— Eu não vou te desafiar. Já está anoitecendo, e eu não trouxe meu celular. Sem ele eu nunca chegaria à fazenda sozinha, ainda mais sem saber o caminho, mas você ainda vai pagar por esse desaforo.

— Você está me ameaçando? — quis saber levantando as sobrancelhas.

— Se você considera isso uma ameaça, então, sim — respondi sem desviar meu olhar do dele.

Dessa vez ele não respondeu. Para meu alívio, sacudiu as rédeas, mas continuamos andando bem mais devagar. Estávamos quase chegando, por isso eu não me importei, fingi que ele não estava ali, mesmo sendo a coisa mais difícil que já fizera, pois era impossível ignorar seus braços, que tocavam nos meus a cada vez que ele fazia um simples movimento, ou não

notar a pressão de minhas costas contra o seu peito, ou ainda não sentir seu perfume amadeirado e forte. Quando enfim chegamos, ignorei totalmente sua mão estendida e desci do cavalo o mais rápido que consegui. Segui até a varanda sem me preocupar em olhar para trás nenhuma vez. Estava furiosa, Ben não tinha nenhum direito de me tratar assim, e eu precisava arrumar um jeito de deixar isso bem claro para ele.



No dia seguinte acordei cedo e segui para a cozinha. Assim que entrei, todos me olharam surpresos, porque eu estava pronta para o café da manhã sem a necessidade de esmurrarem a minha porta. Um feito e tanto para alguém como eu. Além disso, usava um short jeans e uma blusa branca com grandes flores vermelhas que chamava a atenção, embora eu a tivesse escolhido por ser confortável.

— Bom dia, Laís, seja bem-vinda para se juntar a nós para o café da manhã — convidou tia Rosa sorrindo e puxando uma cadeira ao seu lado para que eu pudesse me sentar.

Adorei seu convite, exceto por um único detalhe: o ogro do Ben. Por que ele não se sentava ao lado da mãe? Qual seria a razão de deixar aquela cadeira vazia entre os dois? Isso não fazia o menor sentido para mim, e ainda me deixava com a única opção de me sentar bem ao seu lado.

— Bom dia! — cumprimentei a todos ao me acomodar.

— Bom dia, prima — respondeu o João me observando atentamente.

As pequenas saudações cordiais aconteceram, exceto pelo Ben, é claro.

Mesmo sentado ao meu lado, ele não olhou para mim, nem me dirigiu a palavra, mas eu não liguei. Decidi ignorá-lo da mesma forma; aquilo não me afetava mais – pelo menos era no que eu queria acreditar.

Terminado o café, levantei-me para levar minha louça usada até a cozinha. Não havia ninguém lá, o que era raro. Quando me aproximei da pia, fui detida pelo João, que tocou meu ombro e perguntou:

— Você gostaria de aprender a andar a cavalo hoje?

— Quem vai me ensinar? Você? — questionei em tom de brincadeira.

— Por que? Você não gostaria de aprender comigo? — Fingiu estar chateado.

— Estava só brincando, é claro que quero aprender com você — respondi sem rodeios dessa vez, e ele abriu um sorriso de satisfação e completou:

— O que acha de começar agora mesmo?

— Você não tem nenhum compromisso? Se quiser, podemos deixar para mais tarde.

— Não. Agora é o momento perfeito. — Chegou mais perto e segurou minha cintura. E, antes que eu pudesse ter qualquer reação, alguém apareceu à porta, interrompendo-nos.

— O que está acontecendo aqui? — questionou o Ben nos observando da porta com uma expressão confusa.

— Nada! — respondi sem graça, afastando-me um pouco do João.

— Convidei a Laís para andar a cavalo comigo — João explicou olhando fixamente para o irmão como se o desafiasse a dizer qualquer coisa a respeito disso.

— Que eu saiba, ela não sabe andar a cavalo — respondeu cruzando os braços, sem desviar os olhos do irmão. Se eu pudesse medir a testosterona no ar, diria que estava quase explodindo.

— Por isso mesmo que eu a convidei. Vou ensiná-la.

— Ah, entendi! Se é assim, então, quero ver — respondeu parecendo se divertir com a situação.

— Tudo bem. Se faz questão, estávamos indo agora — comentou o João e segurou a minha mão, arrastando-me para fora da casa.

— Ei! Esperem por mim! Eu também vou! — gritou a Nanda atrás de mim.

Pronto! O que era para ser um simples passeio se transformou em um evento de que todos queriam participar. Chegamos à estrebaria, e os três irmãos selaram seus cavalos. Os outros dois estavam na fazenda vizinha, sendo cuidados pelo veterinário, portanto, eu teria que aprender a montar com o Relâmpago. Segundo o João, o seu cavalo era tranquilo, portanto eu não teria problemas.

Seguimos puxando as rédeas até um pequeno cercado. Nanda soltou Ventania e o Ben fez a mesma coisa com Trovão, enquanto o João posicionou Relâmpago num canto e me ajudou a subir no animal, ou melhor, tentou, porque o cavalo estava inquieto e não parava de se mexer, tornando impossível o ato de montar nele.

— Eu não sei o que está acontecendo... — murmurou o João confuso.

— Você não disse que ele era tranquilo?

— Sim, ele nunca agiu assim antes, parece que não quer deixar você montá-lo. Não entendo essa atitude.

— Talvez ele não goste de mim, os cavalos têm sentimentos e sensações aguçadas.

— Não é nada disso, ele está desconfortável com alguma coisa — disse preocupado.

— Será que ele está doente? — perguntei apreensiva.

— Vou olhar.

Passou a mão devagar por cada parte do animal em busca de algo que pudesse estar incomodando-o. Seus olhos estavam extremamente atentos, cada detalhe foi observado com cuidado até ele descobrir a origem do problema: bem no cantinho esquerdo na barriga de Relâmpago havia uma grande ferida que, pressionada pelas cordas da sela, chegara a sangrar. Pobre animal, sofrendo de dor, e eu ainda queria subir nele. Por isso ele não queria deixar.

Assim que viu, João tirou a sela e gritou para o Ben, que estava do outro lado, vir ajudá-lo. Se antes parecia que eles tinham se desentendido, agora não restava nenhum vestígio desse episódio entre os dois. Ambos trabalharam juntos na mais perfeita harmonia para acomodar o cavalo no trailer de engate de pescoço de ganso preso a uma caminhonete. João queria levar o animal até o veterinário o mais rápido possível.

Nanda foi junto com ele, e eu fiquei sozinha, na verdade, com o Ben, mas isso não importava, pois ele não contava como uma companhia.

— Você ainda quer aprender a andar a cavalo? — Ben indagou ao meu lado.

— Você quer me ensinar? — perguntei surpresa.

— Se você ainda quiser aprender, por que não? — Deu de ombros.

— Seu cavalo me deixaria montá-lo? Todos dizem que ele não gosta de ninguém além de você.

— É, você está bem informada, o Trovão é bem seletivo e ninguém além de mim consegue subir nele sozinho, mas quem sabe ele gosta de você? O que acha de tentar?

— Você está me desafiando? — perguntei levantando as sobrancelhas.

— Se você acha que é um desafio, sinta-se à vontade para encará-lo ou não.

— Simples assim...

— É! Simples assim — repetiu sem tirar os olhos de mim. Em seguida assoviou, e o Trovão veio trotando devagar e parou à nossa frente. Ele era um cavalo lindo e eu sempre tivera vontade de montar nele, mas a Nanda e a Angélica me alertaram para nunca me aproximar muito daquele animal, porque ele era imprevisível em suas atitudes, mas eu estava acostumada a lhe dar maçãs. Ali, tão perto dele, eu não consegui resistir e acaricieei seu pelo macio e brilhante. Ele pareceu gostar do meu carinho. Ben ficou quieto, apenas nos observando. Depois de alguns minutos dessa troca de carinho, ele perguntou:

— O que acha de tentar montá-lo agora?

— Acho que não vou conseguir sozinha, ele é ainda mais alto do que o Relâmpago.

— Eu vou te ajudar.

E, antes que eu entendesse o significado da sua ajuda, ele se aproximou de mim, colocou as mãos em minha cintura e me ergueu. Fiquei sem saber o que fazer. Foi rápido e natural para ele, mas para mim aqueles míseros segundos em que fiquei em seus braços me inundaram com uma avalanche de sentimentos. Seu cheiro amadeirado e forte me deixou tonta. Minhas pernas tremeram. Se ele não estivesse me segurando firme, eu teria caído. Era impressionante a capacidade que ele tinha de me transformar. Ao seu lado meu corpo tinha vontade própria, e na maioria das vezes em que estávamos próximos, eu não fazia ideia de qual seria minha reação.

Extraordinariamente, o Trovão não fez qualquer tentativa de me derrubar. Na verdade, eu estava tão concentrada nas mãos do Ben em minha cintura que por um momento ignorei completamente onde me encontrava.

— É impressionante como ele gostou de você! — Ben comentou me tirando do meu devaneio. Soltoou a minha cintura, fazendo-me voltar a respirar normalmente.

— Sim, parece que ele gostou de mim — repeti, puxando o ar novamente. Fazer aquilo parecia mais fácil com suas mãos longe de meu corpo. — Deve ser pelas maçãs que dou a ele.

— Já que o Trovão colaborou, agora podemos começar a aula. Você está pronta?

— Acho que sim — disse apreensiva.

Segurei firme nas rédeas do cavalo a fim de me concentrar no animal e não em Ben, que estava me observando atentamente. Parecia que ele podia ver através de mim e saber o que eu estava pensando ao seu respeito naquele exato momento.

Pronta ou não, ele resolveu começar, e minha aflição apenas aumentou. Andar a cavalo não é apenas um lazer, ou esporte, é muito erótico. E quando você tem um professor como o Ben, é ainda pior. Cavalgar exige certa postura que normalmente eu não tinha, portanto, o Ben precisou me orientar e, para isso, ele tocou nas minhas costas, endireitou meus ombros, ensinou-me a me levantar de acordo com o trote do cavalo. Enfim, quando achei ter aprendido, ele desistiu das mãos e começou a usar o chicote para sinalizar quando eu esquecia uma ou outra postura.

Ter suas mãos e mais tarde o chicote deslizando por partes do meu corpo não fez nenhum bem para aquela minha sensação esquisita de euforia. Na verdade, ela aumentou cada vez mais, até que resolvi desistir e pedi para descer.

— Acho que já aprendi bastante por hoje, podemos deixar o resto para outro dia, talvez quando o João voltar — falei um pouco envergonhada.

— Você não gostou de aprender comigo? — perguntou confuso.

— Não é isso, você é um bom professor, mas estou cansada, é só isso.
— Quem me dera fosse só isso mesmo...

— Tudo bem. Deixe-me ajudar você a descer, então.

Ele colocou suas mãos na minha cintura antes mesmo que eu dissesse que não precisava, afinal, podia descer sozinha. Todavia, ele me ergueu novamente como se eu não pesasse nada. Porém, dessa vez não me soltou, ao contrário, puxou-me para ainda mais perto. Pude observar seus lindos olhos azuis, que agora brilhavam. Fiquei sem saber ao certo o que fazer até que ele resolveu quebrar o silêncio:

— Acho melhor você ir... agora.

— Eu também acho melhor — murmurei.

Afastei-me rapidamente sem nem olhar para trás, pois seria capaz de cometer uma loucura como me jogar nos seus braços e beijá-lo. Eu o beijaria como se o mundo fosse acabar no dia seguinte, mas aquilo seria uma ilusão baseada numa atmosfera que fora construída enquanto ele estava sendo gentil comigo pela primeira vez.

Essa era a verdade. Desde que eu chegara ali, ele fora grosseiro, portanto aquela gentileza não iria durar muito tempo. Além disso, o Ben era meu primo e irmão do João, outro cara que eu tinha beijado, mesmo sem tanta vontade, mas beijara. De fato, não tivera nem um terço do desejo que eu tinha naquele instante de beijar o Ben.

Meus sentimentos estavam tão caóticos que, em vez de andar, eu corri. Corri o mais rápido que podia daquela situação confusa na qual me encontrava e me tranquei no meu quarto.

O problema era que a distância não iria diminuir tudo o que eu estava sentindo. A euforia e a excitação jamais passariam com um afastamento entre nós, pois estavam dentro de mim. Era algo que crescia a cada dia.



Eu estava confusa.

Na verdade, essa palavra era pouco para expressar o que eu estava sentindo. A profundidade e variedade dos meus sentimentos era tanta que parecia que tinham me colocado dentro de um liquidificador e alguém continuava a apertar o botão de ligar. Meus sentimentos giravam como um ciclone que não parecia ter intenção de parar. Ou seja, minha vida estava um caos. Em algum momento, eu perdera o controle dela.

Depois de brigar e discutir com o Ben mais uma vez, cheguei à conclusão de que a raiva e o ressentimento que eu sentia dele era pelo fato de eu ser a única com quem ele não era gentil ou educado. Talvez, se ele fosse mais legal e acessível, como no dia em que me ensinara a montar, eu não teria tanta raiva dele assim. Se eu tentasse me tornar amiga dele, nosso relacionamento poderia se tornar mais tranquilo e amistoso?

Foi com essa ideia em mente que, depois de comer um lanchinho rápido na cozinha, resolvi seguir Angélica até o estábulo para ver o Ben treinar. Mal sabia eu que iria me arrepender mais tarde de ter tomando essa

atitude. Muitas das complicações que se seguiram nunca teriam acontecido se eu tivesse feito outra coisa naquela tarde. Contudo, como eu não podia prever o futuro, fui.

— Você tem certeza de que ele não vai se importar? — perguntei preocupada a ela no meio do caminho, pois não queria levar uma bronca daquele ogro novamente, ainda mais se ele tivesse razão em ficar bravo comigo, pois ninguém gosta de pessoas bisbilhoteiras.

— Claro que tenho. Não se preocupe e tire essa cara de medo, o Ben não morde — brincou comigo, entrando no estábulo.

No início eu não vi nada diferente, era a mesma estrebaria de todas as manhãs. Então reparei que havia uma peça a mais: um tambor suspenso no ar por quatro cordas. Ele balançava de um lado para o outro em movimentos caóticos, pelo menos era o que eu podia observar de longe.

— O que acha de nos sentarmos aqui? — Angélica indagou.

E logo estávamos sentadas lado a lado num banquinho de madeira, observando o Ben, que ainda não percebera a nossa presença e estava fazendo alongamentos ao lado do tambor. Porém, ele não estava usando nenhuma roupa de ginástica para isso. Pensei:

Será que os peões de rodeio não usam outra coisa senão calças jeans apertadas até para treinar? Deve ter alguma lei que os proíba de usarem qualquer coisa diferente disso, talvez calça jeans seja um uniforme obrigatório. Vai saber...

Eu também notei que ele não estava usando camisa. Eu sabia que estava um calor terrível, era verão, eu mesma estava usando um short jeans curto e uma regata, mas era uma covardia para meus olhos ele estar com o torso nu.

— Não existe melhor lugar no mundo para mim que esse, vendo o Ben treinar — comentou Angélica suspirando apaixonada.

E eu não me sentia diferente... não que eu estivesse apaixonada, longe disso, seria meu fim, mas eu não podia negar que estava suspirando por aquele abdômen perfeito, estava evidente no meu rosto.

— Ele tem um bom conjunto de corpo e rosto — disse fingindo não dar tanta importância àquele homem. Ele não era exageradamente musculoso, na verdade todo seu corpo parecia ter sido moldado por Deus, com músculos definidos nos lugares e na medida exata, por isso eu não conseguia parar de babar.

— Não acredito que você vai dizer apenas isso. Olhe bem! Vamos! Veja a cintura perfeita, aqueles braços longos e fortes. Observou bem aquele abdômen trincado? Por que acha que não consigo ficar com mais ninguém? Que homem consegue competir com isso? — questionou apontando para o Ben, que agora estava montando no tambor e tentando se equilibrar em cima dele.

— O que mais eu poderia dizer, Angélica? Na verdade, o Ben não faz o meu tipo — respondi sem olhar para ela, pois, se a garota me observasse melhor, poderia ver que eu estava mentindo descaradamente.

— Você deve estar brincando comigo, o Ben é o tipo de qualquer garota, não tem erro. Coloque-o na frente de qualquer menina e ela vai se apaixonar por ele. Mas, pensando melhor, acho até bom que você não goste dele, é uma concorrente a menos para mim.

— Se depender de mim, ele é todo seu — afirmei sincera. — Será que posso te fazer uma pergunta?

— Claro, fique à vontade! Pode perguntar o que quiser.

— O Ben sabe que você é apaixonada por ele?

— Claro que sabe. Eu não consigo esconder. Acho que está escrito na minha testa e todos podem ver.

— Mas vocês nunca ficaram?

— Não. Ele sempre inventa uma desculpa. Nunca diz nem que sim, nem que não. Tem sempre um imprevisto, e nada acontece, mas eu estou chegando ao meu limite e em algum momento vou pressioná-lo a se decidir.

— Ela respira fundo. — O problema é que tenho medo de ser rejeitada e ter que desistir. Por enquanto penso nele como minha recompensa no final de uma longa jornada.

— Você tem medo de ele não te querer e por isso não toma uma atitude?

— Não diria com essas palavras, mas, resumindo, é isso.

— Não tenho a sua paciência. Se quero uma coisa, corro atrás dela e tento pegá-la; se não conseguir, paciência, parto para outra, mesmo triste e desiludida. Se for um cara, então, talvez eu saia de coração partido, mas com a certeza de que tentei. Sairei mais forte, quem sabe na próxima eu consiga, estarei preparada para os próximos que virão.

— Queria ter a sua coragem, mas não tenho, não consigo arriscar. É minha vida que está em jogo, pois, desde que eu era apenas uma menina, já sabia que um dia me casaria com ele não importasse o tempo nem as circunstâncias que levassem.

— Você realmente é decidida. Fico contente por você. A minha vida não está nem um pouco planejada. Agora estou percebendo que organização não é para mim, meu único plano está escorrendo por água abaixo, e sem ele eu não sei mais o que fazer.

— Você está falando da universidade?

— Sim, isso mesmo, e dos meus pais, é claro.

— Eles não vão ajudar com os gastos dos seus estudos? — questionou interessada, tirando os olhos do Ben pela primeira vez desde que começamos a conversar.

— Não a menos que eu escolha um curso que eles achem aceitável para

mim — comentei chateada, olhando para qualquer outro lugar que não onde o homem sem camisa estava treinando.

— Isso é uma pena, você é uma garota legal e merece poder escolher o próprio curso.

— Você não pretende ir para a universidade?

— Não. Não gosto de estudar. Terminei o ensino médio para agradar a minha mãe. Na verdade, quero continuar aqui na fazenda e me casar. Depois cuidar dos meus filhos e do meu marido — disse essas últimas palavras olhando para o Ben, que estava se secando com a camiseta. Eu não podia ter olhado em pior hora para meus hormônios. Eles entraram em erupção e, não importava o que eu fizesse, não iam se acalmar tão cedo.

— Você tem certeza disso? — perguntei curiosa enquanto me abanava com a mão a fim de tentar diminuir o calor que estava sentindo.

— Você está bem? — questionou estranhando meu calor repentino. — As suas bochechas estão vermelhas e sua testa está suando. Você está passando mal? Quer um pouco de água?

Antes que eu pudesse responder às perguntas preocupadas de Angélica, Ben apareceu a minha frente segurando uma garrafa de água.

— Posso saber o que vocês duas fazem aqui? — indagou tomando um longo gole da garrafa.

Engoli em seco ao olhar para ele. Isso porque algumas gotas deslizaram da sua boca e desceram devagar pelo seu pescoço, depois escorreram por seu peito e desceram por seu abdômen para morrerem no cóis da sua calça jeans. Eu esqueci o que ele acabara de perguntar, não conseguia desgrudar os olhos das gotas que não paravam de cair. Sabe aquela cena de cachorro em frente à máquina de frango assado? Assim eu estava! Até a baba devia estar escorrendo da minha boca.

— Estávamos vendo você treinar. Tem algum problema com isso? —

perguntou Angélica me tirando do meu devaneio.

— Por você, não, pois é normal te ver escondida nos cantos me espionando, mas ela — apontou para mim — é uma novidade. A que devo a honra de ter você nos meus treinamentos? — questionou em tom de ironia, pois certamente achou muito estranho eu estar ali observando-o.

— Eu vim acompanhar a Angélica, mas já estou de saída, podem ficar à vontade, os dois — respondi e me levantei o mais depressa que consegui, mas, quando ia passar por ele, o desgraçado segurou no meu braço e me puxou para perto dele. Foi tão inesperado que não tive outra reação a não ser deixar que ele me pressionasse ao seu corpo.

— Não tente disfarçar, percebi você me observando. Eu já vi esse olhar antes e posso garantir que não tem nenhum resquício de raiva, desdém ou apatia, o que vi em seus olhos agora há pouco era desejo no sentido mais primitivo da palavra — sussurrou no meu ouvido cada uma dessas palavras numa lentidão proposital.

A sua voz rouca atingiu o meu corpo e me arrepiou inteira. A sensação era maior do que tudo que eu já sentira antes e era impossível de controlar.

— Não seja tão convencido, você não é tudo isso que imagina. Baixe a bola, cara, e me deixe sair daqui! — murmurei irritada. Tirei forças nem sei de onde. Não importava o que ele vira antes, pois eu nunca lhe daria aquele gostinho. Jamais admitiria que estava caidinha por ele. Se dependesse de mim, ele nunca saberia. Enfim, quando eu fosse embora daquele lugar, o Ben seria apenas uma lembrança e nada mais.

Quando eu estiver longe dele, com certeza toda essa agonia e aflição vão passar e eu vou rir de tudo isso.



Depois daquele dia a minha relação com o Ben não foi mais a mesma. Na verdade, passei a fugir dele em vez de tentar melhorar nossa relação ou ignorá-lo totalmente. Era evidente que eu não podia mais ficar perto dele, culpa dos hormônios, é claro.

O resto da semana passou voando. Na sexta-feira saímos cedo para Santa Cruz do Rio Pardo. O Ben ia voltar a competir. Ainda não era no circuito internacional, pois ele precisava voltar à antiga forma física primeiro, e esse rodeio tinha a finalidade de prepará-lo para esse retorno. A Nanda queria ver de perto o seu irmão montar. Eu tentei me esquivar do seu convite para ir com ela o máximo que pude, até sugeri que a Angélica fosse no meu lugar, mas não teve jeito, Nanda fazia questão de me apresentar o rodeio.

Toda a família iria. Porém, João acordou vomitando e com febre. Esperamos por horas que seu quadro clínico melhorasse, e não aconteceu. Tia Rosa acabou desistindo de viajar e ficou para cuidar dele. Quem se deu mal foi Angélica; sem a minha tia, os seus pais não permitiram que ela fosse. A garota chorou e esperneou, mas de nada adiantou, achei até que ficaria com

febre igual ao João, tamanho foi o seu desespero.

No final seguimos somente eu e a Nanda na caminhonete com o Ben. Eu pretendia me sentar bem longe dele, mas a Nada não cooperou, só faltou me empurrar no colo dele. Ainda bem que a viagem foi curta, porque a pouca distância entre nós me fez transpirar o tempo todo. Além do mais, eu não sabia o que fazer com as minhas mãos, de tão nervosa e inquieta estava ao me sentar ao lado daquele homem. Quando eu voltasse para casa, aquela aflição acabaria de uma vez por todas.

— O que aconteceu com você? Primeiro não queria vir; agora parece ansiosa. Explique por que esse nervosismo. Até parece que está indo fazer uma prova de matemática. — Nanda, curiosa, observava-me atentamente.

— Nada, é impressão sua — respondi sem graça, ficando ainda mais inquieta, se isso era possível.

— Não tente disfarçar, aconteceu alguma coisa. Vamos, pode me contar.

— Pare de colocar problemas onde não existem, não aconteceu nada comigo e eu não estou nervosa, é apenas impressão sua! — declarei sem olhar nos seus olhos, pois era péssima mentirosa.

— Não acredito em você, ainda acho que está me escondendo algo. Você não concorda, Ben?

Agora complicou tudo, pensei. Se antes, sem ter os olhos do Ben me analisando, eu estava nervosa, ao chamar a atenção dele, a Nanda duplicou o meu desconforto.

— Talvez seja impressão sua, Nanda, a Laís está a mesma de sempre, exceto pelas suas bochechas, que estão mais vermelhas do que o normal — ele disse alternando os olhos entre o caminho à sua frente e meu rosto, que evidentemente estava muito mais quente.

— Se você acha isso, tudo bem, quem sou eu para discordar? Mas que

ela está estranha, ah, isso ela está. Mas tenha certeza, mais cedo ou mais tarde, acabo descobrindo o que você está escondendo de mim — concluiu, ameaçando-me, apontando o dedo para o meu rosto e sem tirar os olhos de mim por nenhum segundo.

Depois de escapar do interrogatório da Nanda, tive um momento de paz, pois ela resolveu perturbar o irmão mais velho:

— Você não acha que está na hora de parar de fugir da Angélica e dizer logo o que sente por ela?

Ei, espere aí! Acabei de escapar de uma conversa complicada para ouvir outra ainda pior. Quem disse que eu quero saber se o Ben é apaixonado pela Angélica? Ainda mais se ele não se declarou por falta de coragem...

— Você sabe que é complicado e que não adianta pressionar, que é pior — resmungou irritado sem nem olhar para a irmã.

— Não adianta fugir também. Faz quanto tempo que você vem cozinhando a garota no banho-maria? Está na hora de decidir, e o quanto antes, melhor para os dois.

— Eu não quero magoá-la, você sabe que já tentei dar um basta nessa situação, mas não consegui.

— Você está brincando comigo? Você nunca quis parar com isso. A verdade é que ela é e sempre será o seu estepe; se você não conseguir coisa melhor, fica com ela. O que você está fazendo com a garota não é certo, Ben.

— Vocês poderiam, por favor, lavar a roupa suja em outro lugar? Eu não preciso ouvir isso — pedi mexendo os braços para demonstrar que estava insatisfeita com aquela situação.

— Você é da família, portanto podemos discutir esses assuntos sem causar qualquer problema ou constrangimento — explicou a Nanda dando de ombros, como se não tivesse nenhuma importância para ela a minha vontade.

— Eu posso ser da família, mas não quero saber da vida amorosa do Ben. Portanto, deixe para resolver isso com ele quando estiverem sozinhos — expliquei apenas para a Nanda, já que eu não dava a mínima importância para o que o Ben achava daquilo tudo. Tinha certeza apenas de uma coisa: o ogro adorava me deixar na berlinda.

O resto da viagem passou sem qualquer outro incidente, e, para o meu alívio, chegamos ao hotel.

Santa Cruz do Rio Pardo era um município pequeno, mas a população aumentara por causa do rodeio. A cidade se encontrava lotada. Caso não tivéssemos reservado o hotel mais cedo, teríamos ficado sem lugar para passar os próximos três dias.

Pegamos as chaves das suítes. Eu dividiria uma com a Nanda, e o Ben ficaria em outra. Deixei-os no seu quarto, pois Nanda ainda pretendia conversar com ele na tentativa de colocar juízo na sua cabeça, e segui para o quarto que eu dividiria com ela.

O quarto era simples, tinha duas camas de solteiro, um pequeno guarda-roupa embutido na parede, uma televisão e um frigobar. O banheiro, apesar de pequeno, estava limpo, e isso era o mais importante para mim.

Como chegamos quase no fim da tarde, teríamos pouco tempo até o início do rodeio, pois Ben participaria numa montaria naquela mesma noite. Eu não sentia vontade nenhuma de ir vê-lo, mas ficar sozinha no quarto também não tinha a menor graça. Sem opção melhor, resolvi acompanhá-los.

Tomei um banho bem gostoso e demorado, depois coloquei meu vestido vermelho tomara que caia, que era soltinho no corpo, estilo ciganinha. O toque final foram as botas. Dessa vez, a Nanda me emprestou um par de cano longo. Eu nunca tinha usado botas tanto como agora, mas confesso que estava adorando. Elas eram práticas e confortáveis, a combinação perfeita.

A Nanda decidiu usar short jeans e botas vermelhas também de cano longo. E, para completar o visual, colocou uma blusinha branca que a deixou linda. Os seus cabelos castanhos caíam em ondas perfeitas. Nesse caso, fui eu quem tive a honra de proporcionar, porque os cabelos da Nanda eram extremamente lisos, mas nada que trinta minutinhos de *babyliss* não resolvessem. Seria difícil os caras resistirem a tanta formosura.

Quando chegamos ao corredor, o Ben saía do seu quarto usando calça jeans e uma camisa branca de mangas longas com algumas propagandas. Perfeito! Ele era o tipo de cara que carregava a roupa, e nunca o contrário. Podia usar qualquer coisa que ficaria lindo, sem exceção.

Paramos no corredor, observando-nos, até que a Nanda resolveu interromper o estranho silêncio.

— Nem adianta reclamar da minha roupa, porque de maneira alguma vou trocá-la — disse colocando as mãos na cintura e desafiando o irmão a contrariá-la.

— Eu não me importo com a sua roupa; desde que não me atrapalhe, você pode usar o que quiser — comentou sem tirar os olhos de mim.

Na verdade, desde que nos encontramos no corredor, ele não desviara o olhar de mim nenhuma vez, com um semblante sério como se não estivesse gostando do que via.

— Você está falando sério sobre isso? Então por que essa cara emburrada? Parece que comeu comida estragada. Muda essa cara, homem! Hoje é uma noite especial para você. Será que ainda está chateado por causa da nossa conversa? Vamos esquecer isso, pelo menos por enquanto.

— Não é nada disso! E não tenho tempo de explicar agora, pois já estou atrasado. Vamos descendo — resmungou o Ben.

Em seguida se virou e seguiu a passos largos pelo corredor até as escadas, que desceu rápido rumo à recepção do hotel, enquanto eu e a Nanda

praticamente tivemos de correr para conseguir acompanhá-lo até o carro.

O lugar onde aconteceria o rodeio não era longe. Nem deu tempo de a Nanda emendar outra conversa com o Ben. Assim que entramos no carro, ele deu a partida e ligou o rádio num volume que impossibilitava qualquer conversa dentro do veículo. Não restava nada para fazer a não ser curtir a música country que tocava.

No estacionamento nos separamos do Ben. Ele seguiu para a sua primeira montaria, apressado, enquanto eu e a Nanda ficamos ali, observando tudo.

Eu nunca estivera numa festa de rodeio, mas já tinha ido a alguns shows e achei o rodeio bem mais tranquilo – ao menos aquele. Famílias inteiras se encontravam ali, muitas crianças corriam pelo lugar e havia barraquinhas de comida espalhadas por todo canto. Foi divertido passear e beliscar cada coisa gostosa que encontrei no caminho e ainda paquerar os garotos da festa.

Na hora da montaria, escolhemos ficar bem próximo da arena, nos sentamos lado a lado. A música alta diminuiu, e o locutor convidou todos os peões que participavam aquela noite para entrar na arena. Fogos de artifício explodiram no céu, o que deixou a noite ainda mais bonita e brilhante. Um por um os peões entravam ao serem chamados, até que o locutor anunciou o último deles – Ben –, e a galera foi à loucura. Ele caminhou lentamente até o pequeno palco improvisado no centro da arena. E foi nesse momento, em meio a fogos de artifício e pequenos pedacinhos de papel soltos no ar, que eu descobri que aquele ogro era a atração principal da noite.

O que se seguiu depois foi uma sequência de montarias em que cada peão, dos 24 presentes, deveria permanecer oito segundos em cima dos touros. Parecia fácil, afinal, o que são oito segundos? Nada, quando se está em cima de um touro bravo, esse tempo parece quase uma eternidade. Por

isso poucos conseguiram. Dos 24, apenas metade conseguiu realizar esse feito, entre eles o Ben, que fez uma montaria impecável, segundo os locutores. Sua nota foi 92 pontos.

Eu não vi nada da montaria dele, fiquei com os olhos fechados, porque vi um peão sendo pisoteado pelo touro logo no início do rodeio e ele teve que sair da arena carregado em cima de uma maca e eu fiquei traumatizada com aquela cena.

Quando terminaram as competições da noite, voltamos para o hotel. Estávamos exaustas. A Nanda se encontrava muito feliz porque o Ben tivera a nota mais alta das montarias em touro; eu, nem tanto, apenas contente em saber que ninguém mais havia se machucado.

No dia seguinte passeamos pela cidade. Nos sentamos na praça em frente à igreja para tomar sorvete. É impressionante como toda cidade pequena tem uma praça com esse formato arquitetônico.

A segunda noite de rodeio não foi muito diferente da anterior, exceto que, dessa vez, ninguém se machucou, o que me deixou aliviada. Ben foi vitorioso novamente, teve nota mais alta que na primeira noite. Ele podia ter todos os defeitos do mundo, alguns eu nem mesmo sabia dizer quais eram, mas era muito bom em ficar em cima de um touro.

Minha tia ligou duas vezes naquele dia para saber como estávamos; já a minha mãe, não ligou nenhuma vez. Ela sequer sabia que eu estava em outra cidade naquele fim de semana. E, se dependesse de mim, continuaria assim, pois eu não fazia questão alguma de lhe comunicar cada passo que dava.

Chegou a última noite e a final da competição. Todos estavam empolgados com as montarias, mas já sabiam quem seria o campeão. Até eu, que não entendia nada de rodeio, imaginava que seria praticamente impossível algum peão tirar o título e o bom prêmio em dinheiro das mãos do Ben.

Conforme todos previam, no final da noite, Ben saiu consagrado e vitorioso. Houve uma grande festa na arena e a entrega das premiações. Todos os participantes foram convidados para a festa particular num grande salão. Ben, como campeão, ganhou ingressos extras, e fomos juntos. Nada mal, pois o lugar era incrível e tocava todo tipo de música.

Dançamos, bebemos mais do que devíamos, até que a Nanda me chamou num canto e disse:

— Eu preciso da sua ajuda. O Pedro está aqui e queremos ficar juntos, por isso vou voltar para o hotel. Você poderia ficar por aqui? — sussurrou no meu ouvido por causa da música alta.

— Claro! Sem problemas, já desconfiava de vocês dois sempre sumindo por aí. Vá tranquila, que eu vigio o ogro.

— O que você disse? Quem é o ogro? Ou melhor, deixa para lá, estou com pressa, depois nós conversamos.

Ela não percebeu que fora o seu irmão quem eu chamara de ogro. Ainda bem que a música estava alta. Saiu empolgada com o namorado e acabou não dando bola para isso.

Passei a noite toda me desviando de alguns caras mais abusados e dançando com aqueles mais comportados. No final, já cansada, sem saber onde o Ben se encontrava – na verdade não o vi nenhuma vez –, e sem ter ideia de se era seguro retornar sozinha, resolvi ir embora caminhando, pois não tinha outra opção e o hotel ficava a poucas quadras da festa.

Quando entrei no corredor dos nossos quartos, avistei o Ben deitado no chão completamente bêbado. Pensei em passar direto e deixá-lo dormir ali, mas não tive coragem, afinal, eu não era tão má assim. Por isso não tive alternativa a não ser ajudá-lo.

Tentei acordá-lo e consegui que ele se levantasse do chão, embora ainda cambaleando. Peguei a chave no bolso da sua calça e abri a porta do

quarto. A minha intenção era jogá-lo na cama e sair. Meus planos foram por água a baixo quando ele despejou a lata de cerveja que ainda segurava em nós dois. Resultado: ambos molhados. Em vez de deixá-lo na cama, segui para o banheiro com ele. Não pretendia dar banho nele, minha intenção era deixar a água gelada cair sobre a sua cabeça até que ele ficasse sóbrio novamente.

Eu não sei por que pensei em jogar água fria nele, talvez por ver funcionar em filmes. A verdade é que meu tiro saiu pela culatra, e acabamos os dois molhados dentro do box do banheiro. Quando percebi meu erro, tentei sair, mas ele segurou meu braço.

— Sabia que sou louco para beijar você desde o dia em que te vi pela primeira vez entrando na cozinha da fazenda? Os seus cabelos estavam molhados como agora... E essa boca tão linda... parece um morango de tão vermelha e apetitosa...

— Você está bêbado e não faz ideia do que está falando — resmunguei abaixando a cabeça. Era muito perigoso olhar para ele naquele estado, todo molhado, com a camisa transparente, dizendo-me que queria me beijar desde o primeiro dia em que me vira.

Intencionei sair dali antes de cometer uma loucura; não consegui, foi mais forte do que eu. Não era o Ben, mas o meu desejo que me puxava para os seus braços feito um ímã. E, quando ele se aproximou para me beijar, eu simplesmente deixei, e cada pedacinho do meu corpo explodiu com a sensação de plenitude que me invadiu no momento.



Não era fácil me entregar; uma entrega total assim nunca me havia acontecido, ainda mais depois da experiência ruim que eu havia tido quando perdera minha virgindade. Porém, daquela vez era diferente, eu estava literalmente jogada nos braços de Ben, e a segurança que eu sentia naquele instante era tão reconfortante que eu não queria mais sair dali. O seu cheiro se impregnava no meu corpo, e parecia que nós íamos nos fundir durante aquele beijo tão intenso e devastador.

Sua boca macia explorava a minha sem qualquer restrição, sua língua deslizava suavemente por lugares que ansiavam a sua presença havia tempo. Todos os meus sentidos estavam ativados e ampliados, era impossível controlar a avalanche de sensações. Meus pés não estavam mais no chão, e não era porque ele me erguera ou por eu estar com as pernas entrelaçadas na sua cintura, era porque eu perdera totalmente a noção da gravidade a minha volta. Seria possível um beijo deixar alguém totalmente desorientado assim? Se me perguntassem isso antes daquele momento, eu diria: *impossível*. No entanto, envolvida por seus lábios tão macios, gentis e suculentos, eu podia

afirmar com toda a certeza que sim. Era assim que eu me sentia naquele exato instante, quando míseros segundos mudaram o ritmo da minha vida.

Enfim consegui me desgrudar dele e me segurei à parede atrás de mim, porque minhas pernas estavam bambas; sem apoio, eu jamais conseguiria ficar em pé. A água do chuveiro ainda estava caindo, e estávamos ambos encharcados, mas não foi isso que mais me surpreendeu, pois meus olhos estavam focados em Ben, parado a minha frente e me olhando com a mesma intensidade e desejo.

— Não deveríamos ter feito isso — pronunciei com cuidado cada uma das palavras sem desgrudar os olhos dele.

— Você acha que me beijar foi um erro? — perguntou confuso e, pelo tom de voz, um pouco chateado.

— Não sei se foi um erro, mas com certeza eu não deveria ter permitido.

— Você não gostou? Podemos repetir, se quiser tirar alguma dúvida — disse já se aproximando de mim novamente.

— Eu não acho uma boa ideia, você poderia... — mas, antes de eu explicar que deveríamos pensar mais um pouco sobre aquilo em vez de nos beijar novamente, ele foi mais rápido que minhas palavras e até meus pensamentos. Antes que eu pudesse correr dali... novamente seus braços e lábios se grudaram nos meus. Uma urgência e completa entrega de ambas as partes nos dominava.

Beijar o Ben era bom. Bem, não era somente bom... Sabe aquela adrenalina que estimula o seu corpo a querer muito algo? Era exatamente assim que seus lábios me deixavam, entregue, sem qualquer reserva e sempre pedindo mais, mais um pouco do seu cheiro, que podia ampliar minhas sensações de prazer numa escala que eu nunca atingira antes; mais de sua boca, que, apesar de jamais ter me beijado antes, fazia isso com uma

perfeição e prática como se nos beijássemos por anos; mais de sua língua macia, que me deixava quase sem fôlego.

Se eu pudesse pedir um superpoder naquele exato instante, seria ficar sem respirar por muitas horas enquanto estivesse beijando o Ben. Parece bobo e inútil esse pedido, mas depois de me separar novamente dele para poder respirar, eu não queria mais nada além daquilo.

Ficamos nos olhando exatamente como da outra vez, por alguns segundos apenas. Tínhamos plena consciência de que o que sentíamos era grande, aquele tipo de beijo e conexão não acontece com todo mundo. Eu até arriscaria dizer que era um daqueles momentos de que eu iria me lembrar para sempre.

Entretanto, daquela vez não esperei ele quebrar o silêncio, fugi como fizera outras vezes. Saí do banheiro e atravessei o quarto sem olhar para trás em nenhum momento, torcendo para ele correr atrás de mim e me pedir para ficar e rezando para que ele permanecesse exatamente onde estava, pois, se ele viesse atrás de mim, eu não teria forças para recusar e me entregaria a ele ali mesmo, sem pensar nas consequências do ato. Para o meu alívio e decepção, ele ficou no mesmo lugar.

Voltei para o meu quarto e fechei a porta. Eu estava sozinha, toda molhada e confusa, e não tinha nenhum sinal da Nanda. Entrei no banheiro e joguei meu vestido ao chão, liguei o chuveiro e a água fria jorrou forte em jatos na minha pele. Foi impossível não me lembrar de Ben e da cena que acontecera minutos antes. Fui transportada novamente para aquele banheiro, porém, dessa vez a avalanche de sentimentos não foi igual, nem ao menos se aproximava do que senti ao estar nos braços dele de verdade. Entretanto, por hora tinha de servir, pois eu precisava acalmar aquele desejo latente que quase me queimava por dentro.

Depois do banho consegui raciocinar melhor, e os primeiros

pensamentos coerentes foram:

Preciso ficar longe dele. Não posso continuar com isso por vários motivos. Em primeiro lugar, ele é meu primo; não é saudável querer ir para a cama com um primo. Em segundo, vou embora dentro de um mês e meio, portanto isso não tem futuro, e, quanto mais eu me envolver, pior será quando eu partir. Portanto, o mais seguro é manter distância sempre que eu puder.



Acordei sendo cutucada por Nanda, que já estava pronta e parada à minha frente.

— Vamos, garota, acorde, estamos atrasadas! — comentou colocando as mãos na cintura, impaciente com a minha demora.

— Eu já estou indo! — respondi me levantando da cama num único movimento.

— Você precisa ser mais rápida, caso contrário o Ben vai embora e nos deixa aqui, pois faz uma hora que ele está batendo na porta e agora não para de andar no corredor de um lado para o outro. — Apontou para o corredor, de onde vinha o som dos passos pesados dele. — Nem parece que foi campeão do rodeio na noite passada. Eu não sei que bicho o mordeu, mas ultimamente seu humor está cada vez pior.

Não foi fácil me arrumar em cinco minutos. Prendi meu cabelo num rabo de cavalo, deslizei minha mochila nas costas e saí daquele quarto para encará-lo no corredor.

Se antes ele era ríspido e quase não falava comigo, depois do beijo

ficou ainda pior. Quando estávamos frente a frente, ele me ignorou completamente, nem um bom-dia recebi, mas a Nanda percebeu essa grosseria e não a deixou passar sem comentar.

— Você dormiu com a Laís, Ben? Nem ao menos vai dizer bom-dia para a nossa prima? — perguntou curiosa enquanto entrávamos no carro, onde, para meu alívio, daquela vez fui sentada ao lado da porta, bem longe dele.

— Pare de fazer perguntas estúpidas, pois eu não estou com paciência. Se não tem nada para falar, que fique quieta!

— Por que você está tão nervoso? Se é porque não conseguiu nenhuma garota ontem à noite, não precisa descontar na nossa prima, a Laís é uma garota doce e simpática e não merece a sua grosseria.

— Tudo bem, se isso te deixa mais feliz, eu vou dizer: bom dia, prima.
— No entanto, o cumprimento forçado não enganou ninguém, e ele fez questão de mostrar absoluto desdém ao expressar essas palavras tão cordiais.

— Bom dia, Ben — resmunguei.

Na verdade, eu não tinha nenhuma vontade de cumprimentá-lo depois de tudo, mas, se me recusasse, a Nanda faria perguntas que nem mesmo eu saberia respondê-las. O mais fácil seria apenas concordar e depois seguir em frente até a fazenda e, algum tempo depois, até a minha casa.

A volta não deveria levar mais do que três horas, mas, com aquele clima dentro do carro, a sensação foi de que a viagem durou uma eternidade. Fiquei um longo tempo sem olhar na direção dele, apenas conversando sobre bobagens com a Nanda para tentar esquecer o constrangimento. Ainda tinha que ouvir as músicas que ele fazia questão de tocar. Algumas delas eu jurava que eram indiretas para mim, como essa:

Eu não consigo entender você

*Sempre me diz que é amor
Mas só me quer por prazer
Olha pra trás, veja tudo o que fez
Agora quer brincar comigo e não vai ter outra vez.*

Porém, embora eu tivesse me esforçado para entender o que ele quisera dizer através dessa música, ela não fazia sentido nenhum, pois quem me esnobava sempre que tinha oportunidade era ele, e não o contrário. Ele fez questão de tocar essa música em diferentes momentos durante a viagem, cinco vezes, para ser exata – contei. Cheguei à conclusão de que ou ele realmente gostava dela, ou estava muito irritado comigo por ter fugido dele na noite passada.

Enfim chegamos à fazenda. Fui a primeira a descer, nem esperei a Nanda. Segui sozinha até a varanda, mas, antes de chegar ao meu quarto, alguém segurou o meu braço.

— Eu não sei o que você quer comigo, B... — não cheguei a dizer o nome dele, tamanha a surpresa ao constatar que quem me detinha no corredor era o João e não o Ben.

— Eu ainda nem falei nada, queria apenas te cumprimentar e perguntar o que você achou da viagem... — declarou João me observando atentamente, provavelmente tentando entender minha reação.

— Desculpa. Pensei que era outra pessoa. Eu estou bem e obrigada por vir me receber. Fico feliz que tenha se recuperado — respondi sem graça, afinal, ele não tinha nada a ver com o meu problema com o seu irmão.

— Tudo bem, não se preocupe com isso. A verdade é que eu preciso conversar com você — comentou um pouco nervoso.

— Eu acabei de chegar, preciso de um banho e descansar um pouco, pode ser à noite?

Na verdade, eu queria me trancar no quarto e só sair de lá quando fosse embora. Talvez a distância me ajudasse a pensar melhor, mas o João era legal e seguro, portanto, eu não podia recusar seu pedido.

Tomei um banho, vesti uma camiseta, deitei-me na cama e apaguei. Perdi toda a noção do tempo e só acordei com suaves batidas à porta.

Levantei-me sonolenta, cabelo todo bagunçado e aquela cara de quem acabou de acordar. Abri a porta para encontrar o João todo arrumadinho e cheiroso, com os cabelos molhados. Segurava uma bandeja com um sanduíche natural e um copo de suco.

— Você não apareceu para jantar, então resolvi trazer o jantar até você.

— Não precisava fazer isso, acabei dormindo até agora, nem sei se estou com fome — assim que terminei de dizer a palavra fome, minha barriga roncou, desmentindo o que eu tinha dito.

— Parece que não é isso que eu estou ouvindo — disse sorrindo.

— Certo! Vou aceitar a sua gentileza e a comida — sorri — só porque pelo visto minha barriga falou por mim. Vamos, entra logo!

Eu só percebi que não usava exatamente uma roupa apropriada para receber um cara no meu quarto quando o João quase deixou cair a bandeja depois de observar cada pedacinho do meu corpo descoberto por causa da camiseta. Tentei disfarçar, puxei um pouco a camiseta, mas não adiantou nada.

— Talvez seja melhor eu colocar um short — comentei envergonhada.

— Somente se você quiser. Não me importo — falou dando de ombros como se não tivesse importância nenhuma eu estar quase nua a sua frente. Eu tinha certeza de que ele fingia, por isso fui até minha gaveta na parte baixa do guarda-roupa, peguei um short e o deslizei pelas minhas pernas bem ali, na frente dele, afinal, não tinha nada mais para esconder, ele já tinha visto tudo, pois a camiseta era curta, se não me engano a tinha desde meus 13 anos. Eu

adorava dormir com ela, mas com certeza meu corpo havia mudado, e ela não cobria mais todas as partes importantes.

— Eu acho que agora você pode se sentar aqui e comer o seu lanche — pigarreou um pouco antes de pronunciar a primeira palavra.

— Claro — respondi envergonhada e com as bochechas mais vermelhas do que um camarão, pois ele poderia achar que eu fizera de propósito aquela ceninha do short.

Tentando deixar essa situação constrangedora de lado, comi o lanche, que por sinal estava delicioso, sentamo-nos cada um de um lado da cama e jogamos conversa fora. Era fácil conversar com o João, por isso o papo fluía, e minutos depois eu nem me lembrava mais daquela cena, até que ele parou de sorrir, esfregou as mãos, demonstrando estar nervoso e disse:

— Eu preciso te contar uma coisa. Vim até aqui para dizer isso, mas não consegui e fiquei só enrolando. Não dá mais! Não posso mais fingir, preciso te contar a verdade.

— O que foi, João? — perguntei preocupada, afastando a bandeja que estava entre nós e chegando mais perto dele.

— Eu estou apaixonado por você. — Pausou um segundo. — Desde o primeiro dia em que te vi não consigo pensar em outra coisa. E, depois daquele beijo na festa, essa é a única certeza de que tenho no momento — falou nervoso, mas em momento algum tirou os olhos de mim.

Depois de ouvir a declaração do João, eu fiquei muda, estática, sem saber o que fazer. Para ser mais exata, tentei falar duas vezes, mas não sabia o que dizer. Era óbvio que eu percebera o interesse do João em mim desde o dia em que eu chegara ali, e depois do beijo, isso ficara evidente, mas eu havia pensado que era uma atração passageira sem nenhum sentimento envolvido. No entanto, ele estava ali, sentado na cama ao meu lado, dizendo que estava apaixonado por mim. Isso seria ridículo e bizarro, se ele não

estivesse me olhando sério e me esperando falar alguma coisa.

— Desculpe por isso, mas estou confusa e não sei o que dizer no momento. O que você falou me pegou de surpresa.

— Você não percebeu que eu estava gostando de você? — indagou surpreendido.

— Não, eu não imaginava que você estava apaixonado por mim, eu pensei que queria tirar uma casquinha da sua nova prima.

— No começo pode ter sido isso que me fez observar você, mas depois daquele beijo tudo mudou, eu nunca senti nada parecido por nenhuma outra garota. Eu fiquei confuso no início, mas, nesse final de semana longe de você, consegui pensar melhor e cheguei à conclusão de que precisava lhe contar.

— Mas você não me conhece tão bem assim para dizer que está apaixonado por mim.

— Eu não preciso te conhecer melhor para saber o que sinto por você.

— Depois de apenas um beijo você já se apaixonou? — inquiri incrédula, pois essa declaração de amor repentina não fazia qualquer sentido.

— Não brinque comigo, eu sei exatamente quais são os meus sentimentos, e o nosso beijo só confirmou.

— Você não acha muito cedo? — questionei ainda sem entender aonde ele pretendia chegar com aquela história toda, ou melhor, o que ele esperava de mim.

João era um cara legal e eu não queria magoá-lo, mas também não podia mentir para ele, afinal, a química que ele achava que tínhamos estava apenas na sua cabeça. Ele era um cara bonito, isso eu não podia negar, mas era preciso mais do que isso para namorar ou até mesmo ficar com alguém, precisava haver um mínimo de interesse de ambas as partes e não ser apenas algo unilateral.

— Talvez sim, talvez não. O tempo não é importante agora, e você não precisa me dizer nada. Não espero uma resposta — disse se levantando da cama e seguindo cabisbaixo até a porta.

— Ei, espere um pouco... Por favor, não fique assim. Você poderia me dar um tempo para pensar? Afinal somos primos e tudo mais... Quero refletir melhor antes de dizer qualquer coisa.

— Claro! Leve o tempo que precisar, não irei sair daqui — respondeu parado à porta entreaberta do meu quarto.

— Prometo não demorar muito — comentei olhando nos seus olhos castanhos e procurando algo que eu nem mesmo sabia exatamente o que era, mas ele pareceu compreender a minha aflição e apenas assentiu balançando a cabeça e saiu, deixando-me sozinha.

— Em que problema eu fui me meter! — resmunguei deitada na cama.
— Não bastava um primo, fui me envolver logo com dois.

Era claro como o dia que eu não podia corresponder ao sentimento do João, mas também não sabia como dizer isso a ele sem o magoar. Talvez, se eu enrolasse mais um pouco, ele acabaria desistindo, pensaria melhor e descobriria que na verdade o que sentia era apenas uma paixão pela novidade.

Sim, com certeza era isso, e o tempo acabaria fazendo-o entender. Assim eu não precisaria dizer nada. Essa era a solução perfeita, e todos sairiam ganhando.

Na manhã seguinte acordei no mesmo horário que o restante da família. Estava ficando prática nisso e agora ninguém precisava me acordar. No horário combinado para o café da manhã ser servido, eu me sentei à mesa ao lado da Nanda enquanto minha tia e a Marta serviam o nosso café.

Como sempre, a mesa estava recheada de coisas gostosas, mas não foi em nada disso que prestei atenção ao me sentar, meus olhos foram

diretamente para a única pessoa que não tinha um sorriso estampado no rosto ao me dizer bom-dia.

Ben, lindo como sempre, estava com os cabelos molhados, indicando que acabava de sair do banho, usava uma camiseta cinza e uma calça jeans surrada, mas que ficava perfeita nele. Entretanto, enquanto o João era todo sorriso para mim, seu irmão me ignorava completamente. Iria começar tudo de novo, aquela oscilação de humor que ele insistia em demonstrar para mim e que me deixava cada vez mais irritada.

Por isso eu deixei de observá-lo e me concentrei apenas no João, que se sentava ao meu lado. Ele usava uma calça jeans, porém, ao contrário do irmão, vestia uma camisa xadrez. Os dois, apesar de serem irmãos, não eram parecidos; exceto pelo cabelo, nada mais poderia ser comparado. João era gentil, educado e seu rosto sincero fazia questão de mostrar isso, enquanto o Ben tinha traços simetricamente harmoniosos, mas sua expressão era sempre séria.

Se eu pudesse escolher um dos dois para viver um romance? Com certeza seria o João. Sabe aquela escolha segura e sem riscos? Ele representava segurança, e talvez fosse exatamente isso o que eu precisava no momento.

Entretanto, eu não buscava um relacionamento, para ser bem sincera, fugia de compromissos e ainda mais com um dos meus primos, portanto passei a ignorar os olhares do João em minha direção – ele parecia em busca de uma resposta. E o Ben, evitei ficar perto dele durante todo o dia.

Passei o dia com a Nanda, pois eu queria saber com detalhes sobre a noite que ela passara com o Pedro, mas ela se esquivou; por mais que eu insistisse, nada saía. A minha última esperança era depois do jantar, quando estivéssemos sozinhas na varanda vendo o pôr do sol.

— Não pense que você vai escapar sem dizer nada — comentei

chamando a atenção dela depois de ficarmos quase vinte minutos em silêncio, apenas observando os tons de laranja e amarelo que explodiam no horizonte para se esconderem atrás de um lindo campo verde.

— Você realmente quer saber? É uma história complicada, e nem mesmo eu consigo entendê-la — disse nervosa, esfregando as mãos.

— Se você quiser contar, eu adoraria conhecer a sua história com o Pedro.

— Não é nenhum segredo, nem algo drástico. Na verdade, é bem simples. Pedro foi meu primeiro namorado. Para você entender melhor, ele foi meu primeiro em tudo, mas nossas famílias não sabem que namoramos, embora eles não sejam contra. O problema está em mim, eu não quero contar e oficializar uma união com 16 anos, você está me entendendo? — Fiz sim com a cabeça. — Espero que você não fique horrorizada como a Angélica, mas eu não quero me casar agora, quero viver a minha vida, descobrir coisas e lugares novos, viver outras experiências.

— Imagina! Quem sou eu para te criticar se quero a mesma coisa? — respondi sorrindo e olhei mais uma vez para o sol, que agora estava quase desaparecendo.

— Ainda bem que você pensa assim, mas não é o pensamento da grande maioria das mulheres daqui, e apesar de a minha mãe sempre me apoiar, ela não gostaria que eu fosse embora daqui sozinha. Na cabeça dela, uma mãe preocupada com a filha, eu preciso de um marido para cuidar de mim, assim como meu pai fez com ela.

— Eu sei, entendi tudo, mas e o Pedro nessa história toda, onde entra?

— Eu sou perdidamente apaixonada por ele, mas, assim como todas as outras pessoas nesta cidade, ele acha que podemos nos casar e morar na fazenda da família dele e viver felizes para sempre. Mas eu quero mais do que isso.

— Você tem todo o direito de querer, é natural querer sair para explorar o mundo. Você, assim como eu, não se contenta com pouco, nós precisamos de mais.

— E o que eu faço? Eu amo o Pedro, mas não posso me casar com ele daqui a um ano ou dois. Eu tenho planos que não envolvem casamento tão cedo.

— Siga seus planos, depois volte para casa se ainda for apaixonada por ele.

— Pode ser tarde demais; quando eu decidir voltar, ele poderá ter se casado com outra — disse a Nanda séria, sem desviar os olhos do horizonte por nenhum segundo.

— Se for tarde demais, é porque vocês não deveriam ficar juntos, simples assim. Você vai chorar, ficar até triste alguns dias. Mas no final não vai ter aberto mão do seu sonho para viver algo para o qual não estava pronta.

— É, acho que você tem razão, nunca serei feliz aqui se não puder sair quando eu quiser para explorar o mundo.

— Agora pare de enrolar e conte como foi a noite passada — exigiu curiosa, enquanto ela revirava os olhos e sorria, um daqueles sorrisos perfeitos que se misturam com o olhar e deixam a pessoa brilhando. Era exatamente assim que a Nanda estava, cintilando.

— Eu não estava enrolando, era uma contextualização para chegar até aqui. Mas, já que não vou conseguir escapar de você, sua insistente — mais de uma vez eu devo salientar o quanto você é assim —, a noite passada foi maravilhosa, foi a minha primeira vez, e eu não podia querer nada melhor. Foi tão maravilhoso, ele me fez sentir única.

— Que bom, eu fico contente em saber disso, para sempre você vai se lembrar dessa noite e dizer: foi especial e eu me senti única. Pena que eu não possa dizer o mesmo — revelei sem olhar para ela. Apesar de estarmos

sentadas lado a lado e termos trocado olhares até agora, nessa última frase fiz questão de olhar na direção contrária, com vergonha dela, é claro.

— Por que você disse isso? Sua primeira vez não foi legal? — perguntou preocupada, tocando meu ombro e pedindo silenciosamente que eu olhasse para ela.

— Não, não foi nada especial como a sua. Ele era o meu primeiro namorado, garoto bonito e popular na escola, todas as meninas estavam atrás dele. Fazíamos o segundo ano do ensino médio, e, num belo dia, ele começou a me chamar para sair. Eu resisti o quanto pude, mas, depois de um mês, eu não tinha mais desculpas e acabei aceitando o convite. Depois de nosso primeiro encontro, eu voltei para casa deslumbrada, pois ele se mostrou o cara perfeito. Conforme os dias se passavam, eu estava mais enfeitiçada por ele, até que, depois de dois meses, resolvi me declarar e disse que estava apaixonada, mas, em vez de dizer o mesmo, ele me pediu uma prova: minha virgindade. Eu não pensei duas vezes e, no final de semana seguinte, os pais dele foram viajar, e ele deu uma festa. Era a oportunidade perfeita. Coloquei minha melhor roupa e decidi que seria naquela noite.

— Vamos, continue. Quero saber a história toda! — pediu depois que parei de falar e fiquei observando o horizonte e me lembrando daquela noite tão estranha.

— Esse foi o meu maior erro, muitos adolescentes juntos e bebida à vontade. Resultado: depois de beber todas, ele me levou para o quarto dos pais dele, e transamos. Eu nem precisei tirar toda a minha roupa, ele estava tão bêbado que nem um beijo me deu. Enfim, para resumir, foi um desastre total. No dia seguinte ele espalhou na escola toda que eu era ruim de cama, e nos separamos.

— Que babaca! É uma pena que sua experiência não tenha sido tão boa quanto a minha, mas você deve ter tido outras melhores! — exclamou

empolgada.

— Não... — comentei baixinho.

— Você tem certeza disso? — perguntou incrédula.

— Claro que tenho!

— Você quer dizer que não saiu com nenhum garoto depois desse?

— Claro que saí, mas não fiz sexo com eles, se é isso que quer saber.

Com alguns rolou algo mais, porém, na hora do “finalmente”, eu não conseguia me entregar. Aquele cara me deixou insegura em relação ao sexo. Eu acho que preciso voltar a confiar em mim e no meu parceiro novamente, pois não foi uma experiência legal. Além disso, não faz tanto tempo que isso aconteceu.

— Você só está calma assim porque não sabe o que está perdendo. Eu jamais aguentarei ficar sem sexo durante tanto tempo depois do que o Pedro fez comigo na noite passada.

— É, talvez seja isso mesmo — disse irônica. *Depois de contar uma experiência ruim, é isso que ganho em troca*, pensei.

— Agora eu preciso ir dormir antes que a minha mãe venha me chamar. Pode isso? Já tenho quase 17, e ela ainda insiste em me mandar dormir. Você vem comigo? — perguntou se levantando e esperando a minha resposta.

— Não, eu vou esperar mais um pouco.

Olhei para o horizonte mais uma vez enquanto a Nanda entrava na casa. Fiquei em silêncio por alguns preciosos minutos. Passei a reviver minhas memórias, principalmente as cenas daquela maldita noite, como me senti usada depois que ele saiu de cima de mim e foi ao banheiro. Todavia, antes que meus pensamentos fizessem a viagem completa no túnel do tempo, alguém se sentou ao meu lado, e fui puxada da nuvem espessa que as minhas lembranças daquele momento ruim formavam.

— Você está tão concentrada... Faz um bom tempo que estou aqui te

observando — informou o João.

— Sim, meus pensamentos estavam bem longe daqui.

— Talvez você queira me contar por que está com essa carinha tão triste?

— Quem sabe em um outro dia? Agora eu preciso pensar em coisas boas.

— Eu sou uma coisa boa e sei exatamente do que você precisa para sorrir novamente.

Ele estava perto de mim, muito perto, por isso bastou apenas um movimento e sua boca já estava colada na minha, sem qualquer aviso seu ou permissão minha. Ele simplesmente colocou sua mão em volta do meu pescoço e me lascou um beijo daqueles. Eu não sabia o que fazer. Minha boca se mexia, mas eu estava confusa. Assim que percebi realmente o que estava acontecendo, afastei-me e tentei dizer alguma coisa. No entanto, meus olhos pararam na figura à porta nos observando com cara de quem queria me matar.



Não tive chance de dizer nada antes de Ben sair batendo a porta com muita força.

— Quem estava ali? — perguntou João um pouco nervoso, pois até ele percebera, com a força da batida, que a pessoa que estava nos observando não gostara do nosso beijo.

— Ninguém, acho que foi o vento — respondi dando de ombros para sinalizar que não era nada importante, mas no fundo eu estava pisando em ovos. Contudo, antes de tentar falar com o Ben, eu precisava resolver uma coisinha com o João.

— Você não tem o direito de me beijar sem a minha autorização — declarei irritada com o beijo roubado havia pouco, não por causa do beijo em si, mas sim por ele achar que tínhamos alguma coisa e que podia me beijar sempre que quisesse. Não era bem assim que as coisas funcionavam, e eu precisava deixar bem claro isso para ele.

— Eu não sabia que precisava pedir antes de beijar uma garota. Você viu que eu iria te beijar; se não quisesse, era só se afastar e pronto. Nós

trocamos olhares, você viu a minha aproximação e ficou esperando, sinal de que queria também.

— Talvez você devesse observar melhor os sinais, pois em momento algum achei que iria me beijar antes de a sua boca já estar colada na minha.

— Acho que isso não é o mais importante agora. Primeiro eu preciso saber por que você ficou tão estressada com o beijo, já que nos beijamos antes e você não ficou assim.

Como lhe explicar que eu não estava a fim dele e, pior, que ainda beijara o seu irmão na noite anterior e o gosto dele ainda estava na minha boca, mesmo depois de tanto tempo?

— Eu sei disso, mas eu não quero complicar as coisas, eu não estou a fim de nenhum tipo de relacionamento no momento, na verdade, estou correndo deles. Por essa razão que fiquei chateada com o beijo. Não quero te dar falsas esperanças, e continuar te beijando vai fazer exatamente isso.

— Você está dizendo que não gosta de mim?

— Não é isso, claro que gosto de você, mas não do jeito que você está pensando.

— Explica melhor isso, então, que eu estou confuso aqui — pediu sem tirar seus olhos em nenhum segundo dos meus, deixando o que eu tinha para falar ainda mais difícil.

— Não estou apaixonada por você, também acho que você não está por mim. Ainda nem nos conhecemos direito. O que você sente por mim é algum tipo de atração — falei sem piscar e o mais rápido que consegui, afinal era a verdade, e uma hora ele deveria escutar isso.

— Lá vem você de novo tentando diminuir meus sentimentos. Eu sei muito bem o que sinto por você e ainda vou te provar que não é passageiro. Pode estar no começo e ser ainda um pouco confuso, mas com certeza é algo mais forte do que uma simples atração, mas respeito a sua opinião e vou

esperar; quem sabe um dia você olhe para mim?

— Eu sou sua prima e amiga e estarei aqui por você sempre que precisar.

— Vamos ver até quando será assim — comentou se levantando do banco e entrando na casa, deixando-me sozinha com os meus pensamentos.

Fiquei ali por mais uns trinta minutos antes de entrar também. Pensei na minha vida e no turbilhão de problemas que estavam acontecendo comigo. Será que eu estava certa fugindo do João, que era tão doce e fácil de amar? Apesar de sermos primos, poderíamos curtir um romance de verão, quem já não fez isso? Eu estava trocando o certo pelo duvidoso. Era lógico que, por mais que eu tentasse negar, sabia bem lá no fundo por que dissera “não” ao João. Na verdade, eu tinha esperanças mesmo que remotas de poder ficar com o Ben novamente, e foi essa minúscula possibilidade de voltar a sentir o chão desaparecer de sob os meus pés que me fez recuar na tentativa de intimidade do João.

Eu só podia ser burra mesmo. Sabe quando você está naquela encruzilhada e precisa escolher um caminho para seguir? Eu sempre escolhia o errado, o mais longo, mais cansativo, tortuoso e cheio de pedras pelo caminho.

Foi a essa conclusão que cheguei ao ser ignorada pelo Ben nos próximos dois dias depois do episódio na varanda. Ele sequer me cumprimentava nas refeições, nem de um simples bom-dia eu era merecedora. Se antes ele parecia não gostar de mim, agora ele fazia questão de demonstrar isso sempre que tinha oportunidade.

Durante esse tempo, ficamos sozinhos em duas situações bem distintas, porém, com resultados desastrosos semelhantes. Na primeira, nós nos esbarramos no corredor quando eu saí do meu quarto à noite para tomar um copo de água. Todos já estavam dormindo, e estávamos sozinhos, era a

oportunidade perfeita para termos uma conversa tanto a respeito do beijo no banheiro quanto sobre o beijo entre mim e o seu irmão. No entanto, não foi isso que aconteceu. Ficamos parados um olhando para o outro sem dizer nada até que eu tentei explicar que o beijo que ele vira na varanda não era nada. Entretanto, ele nem quis ouvir, foi curto e grosso:

— Eu não quero saber quem você beija ou deixa de beijar, isso não é da minha conta. Agora sai da minha frente, que eu preciso dormir, pois, ao contrário de você, eu tenho um dia cheio amanhã.

“Sai da minha frente”. Eu não conseguia entender aquilo. Será que ele tinha algum tipo de problema? Ou o problema era eu? Não fazia o menor sentido tentar qualquer coisa com aquele cara, ele era muito grosso e me odiava.

Na segunda vez, nós nos encontramos no estábulo. Eu tinha ido levar uma maçã para o Trovão, e Ben estava lá treinando. Quando percebeu que eu estava ali, continuou me ignorando completamente. Todavia, eu não iria deixar barato daquela vez. Eu estava furiosa e precisava descontar em alguém toda a minha frustração, e ele era a pessoa perfeita. Por um momento eu pensei em desistir quando ele desceu do tambor e tirou a camiseta suada, ficando só de calça jeans, com seu tanquinho perfeito à mostra, mas eu era mais forte do que isso e não iria fraquejar.

— Quem você acha que é para me tratar assim? — perguntei irada, colocando minhas mãos inquietas na cintura.

— Alguém que não dá a mínima para o que você faz. *Tá bom para você essa resposta?* — respondeu dando um laço numa corda sem nem olhar para mim.

— Não parecia que você não estava interessado em mim quando me imprensou na parede daquele banheiro.

— Eu estava bêbado e não fazia ideia de quem você era.

— Você tem certeza disso? — perguntei chegando mais perto dele.

— Claro que tenho, tanto que posso provar, pois, se significasse alguma coisa, você não teria beijado o meu irmão logo depois — disse se aproximando mais ainda de mim. Estávamos tão perto que eu podia sentir o seu cheiro natural, que, misturado ao do suor do treinamento, era mais do que afrodisíaco, era um pacote completo para me enlouquecer.

— O que aconteceu naquela noite na varanda foi um beijo roubado, eu não sabia que ele iria me beijar. O que você viu foi um momento apenas, então não me julgue por isso.

— Se foi roubado ou não, isso não me interessa, você pode beijar quem você quiser.

— Isso é uma autorização ou um convite para beijar os caras na rua? — perguntei provocando-o, afinal, dois podiam jogar aquele jogo, e eu tinha me cansado de ficar tentando entendê-lo.

— Entenda como quiser, a boca é sua e pode fazer o que quiser com ela.

— Quer dizer que, se eu for lá e pedir para o João me beijar de novo, você não vai se importar?

— Claro que não, a boca é sua e você pode fazer o que quiser com ela — repetiu a mesma frase, irritado, ainda sem tirar os olhos dos meus.

— Muito bem, então é isso que eu vou fazer agora — disse dando passos bem lentos, ainda de frente para ele. Fui caminhando de costas para a saída, mas sem desviar meus olhos dele; queria saber se ele realmente estava dizendo a verdade ou se era apenas um blefe.

No entanto, a cada passo que eu dava, meu coração batia mais acelerado. Ele não dizia nada, uma única palavra, enquanto eu estava quase chegando à entrada do estábulo. Aquele seria o meu último passo caminhando de frente para ele, por isso, antes de me virar e seguir o meu

caminho, fechei meus olhos. Eu sabia muito bem quando me retirar de uma situação embaraçosa, e aquela era uma delas. Talvez fosse melhor assim, afinal, eu não queria nem precisava me envolver com alguém.

Contudo, antes que eu saísse definitivamente da estrebaria, senti suas mãos na minha cintura me puxando para a sua direção e, quando abri os olhos, estava encostada na porta de uma das baias vazias. O Ben estava olhando para mim com uma mistura de raiva e desejo. Era algo insano, seus olhos azuis estavam dilatados e tinham um brilho diferente, que eu nunca tinha visto antes.

— Por que você está fazendo isso comigo?

— Isso o quê? — perguntei curiosa.

— Você me deixa louco, atíça meu desejo e depois vai embora, mas dessa vez eu não vou deixar — sussurrou no meu ouvido, encostando-me numa das laterais do interior da baia e depois colocando as mãos na parede, uma de cada lado do meu rosto, deixando-me presa entre seus braços.

— Eu não estou fazendo nada — afirmei desviando meu olhar do dele antes que fosse tarde demais.

— Não finja que não entendeu, pois eu e você sabemos o que está acontecendo aqui.

— O que está acontecendo aqui? Por favor, me explique, que eu não estou entendendo. — Era claro que eu o estava provocando, como quando a gente cutuca a cobra com vara curta. Foi exatamente isso que fiz, e o resultado podia não ser nada bom.

— Você está dizendo que não pode sentir isso? — inquiriu deixando seus lábios bem perto dos meus, quase encostados uns nos outros, tão perto que eu até podia sentir o seu hálito quente.

— Sentir o quê? — questionei mais uma vez. Eu devo ter perdido meu juízo.

— I-s-s-o — ele pronunciou tão devagar cada letra que eu fiquei paralisada, encantada com os movimentos da sua boca. Então palavras não podiam mais expressar o que sentíamos, e Ben sugou a minha boca com uma urgência que me deixou excitada da cabeça aos pés. Meu corpo inteiro estava tremendo, parecia que eu tinha levado um choque. Minha pele se arrepiou inteira e cada partícula dela estava sentindo aquele beijo.

Nossos lábios se mexiam numa sincronia perfeita. Um completava o outro, cada detalhe era perfeitamente encaixado. Eu não precisava pedir para ele me puxar e entrelaçar minhas pernas na sua cintura, pois eu já estava lá; nem pedir que ele puxasse meu cabelo na medida certa, nem muito forte, nem muito fraco. Eu imaginei como seria bom ter seus lábios em volta do meu pescoço, mordendo e fazendo carícias com a língua que me deixavam vendo estrelas, e no mesmo instante ele estava lá, fazendo exatamente isso.

Eu não sabia explicar o que acontecia conosco, mas tínhamos uma conexão que nos levava ao limite do prazer apenas com um beijo, e isso era inacreditável, mas real, e eu estar ali, toda descabelada, com o pescoço vermelho, sem minha blusa, comprovava exatamente o que acabei de descrever.

— Acho que podemos parar por aqui — disse buscando fôlego e tentando encontrar a minha blusa, que fora arremessada para o outro lado.

— Talvez por agora seja o suficiente — falou sorrindo e me jogando a blusa, que estava atrás dele.

— Você pretende continuar o que começamos aqui? — indaguei irônica, fingindo que eu não queria, quando na verdade eu estava louca para beijá-lo novamente.

— É claro que pretendo, aliás, não só pretendo, eu vou. Deixe a porta do seu quarto destrancada, pois vou te fazer uma visita esta noite.

— E se eu trancar a porta? Posso não querer receber você no meu

quarto. — Eu não sabia onde eu tinha aprendido a ser tão dissimulada assim, mas eu não podia perder a oportunidade de brincar com ele depois de todo o desinteresse que ele fizera questão de me mostrar até então.

— Eu vou te visitar, isso é um fato, e se sua porta estiver trancada, eu vou arrombá-la e toda a casa vai saber o que está acontecendo lá. Cabe a você decidir como vai ser, no escuro, quietinho, na calada da noite, ou com barulho para que todos saibam que eu reivindiquei você para mim.



Depois daquela sessão de “amassos” no estábulo, voltei primeiro para casa, enquanto o Ben ficou treinando. Antes de sair, é claro que tirei mais uma casquinha, agarrei o pescoço dele, e nos beijamos mais uma vez. Tive muita, mais muita dificuldade em soltá-lo.

Ao passar pela sala sorrindo de orelha a orelha – eu estava feliz, encantada, abobada –, a minha sorte foi que não encontrei ninguém no caminho até o meu quarto, porque seria difícil explicar aquele sorriso que estava estampado no meu rosto todo, era impossível esconder. Eu parecia uma criança que ganhou o brinquedo preferido de Natal e não consegue se conter tamanha a sua felicidade.

E foi nessa atmosfera feliz e saltitante, em que eu estava jogada na minha cama fofinha, olhando para o teto, onde eu podia jurar que tinha visto estrelas brilhando, que a minha mãe me ligou. Pensei seriamente em recusar a ligação como fizera nas outras vezes. Aquela era a terceira que recebia naquela semana, mas eu estava de tão bom humor que resolvi aceitar.

— Olá, mãe! A que devo a honra de receber a sua ligação?

— Não debocha de mim, garota ingrata. Eu estou ligando porque preciso saber como você está.

— Sério, é só isso mesmo? — falei sem acreditar nem um pouco nas suas palavras.

— Uma mãe tem todo o direito de saber como está a sua filha.

— Eu estou bem, mãe, na verdade, estou ótima.

— Você ainda não mudou de ideia? Pretende continuar com isso até quando? Achei que uma semana nesse fim de mundo seria suficiente para fazer você voltar correndo para casa. Mas já se passaram uns dois meses, e nenhum sinal do seu retorno. O seu pai está impaciente com toda essa situação.

— Isso prova como você não me conhece mesmo. Eu não vou voltar correndo; se você me conhecesse melhor, saberia disso.

— Não importa quanto tempo demore, mais cedo ou mais tarde você vai descobrir que não pode viver sem a nossa ajuda e nesse dia vai voltar correndo e será obrigada a aceitar tudo que pedirmos.

— Se eu fosse você, esperaria sentada esse dia chegar, porque pode se cansar.

— Você pode gritar e espernear, mas no fundo sabe que eu estou falando a verdade.

— Pode ser, mãe, mas agora eu preciso desligar, chega dessa conversa.

— Até mais, Laís.

Eu nem me dei ao trabalho de responder, até porque ela já tinha desligado o telefone na minha cara, algo típico da minha mãe, exceto que, pela primeira vez na minha vida, nem liguei para o que ela disse ou fez. No segundo em que o telefone fez aquele conhecido sinal de ligação encerrada, joguei meu celular do outro lado da cama e sorri, passei meus dedos devagar pelos meus lábios ainda inchados e me lembrei da boca de Ben na minha, da

sua mão em cada parte do meu corpo e suspirei entusiasmada.

O jantar foi uma cena à parte. No corredor, antes de eu chegar à sala de jantar, já podia ouvir as risadas, e minha primeira reação foi diminuir meus passos e tentar ouvir qual era o motivo de tanta alegria. Eles sempre conversavam muito, é claro, mas nada como aquilo, parecia que estava acontecendo uma festa.

— Vamos, venha, minha querida, sente-se aqui ao meu lado — minha tia convidou depois de me ver parada à porta apenas observando.

Quando todos perceberam que eu tinha chegado, as risadas diminuíram. *Será que estavam falando de mim?* Talvez sim, mas não me importei em perguntar, porque logo o Ben estava sentado de frente para mim e não ao meu lado, como das outras vezes. Mudou de assunto e emendou numa conversa animada com a Nanda. Em alguns momentos ele me olhava de um jeito diferente, quando ninguém estava olhando. Tinha uma promessa escondida por trás daqueles olhares que me deixava arrepiada da cabeça aos pés.

— O que aconteceu com você, Ben? Faz anos que não o vejo tão empolgado assim. Será que ganhou algum prêmio importante e esqueceu de nos dizer? — questionou o João desconfiado da alegria repentina do irmão.

— Nada, eu não posso ficar feliz sem motivo? Precisa ter um prêmio envolvido? — respondeu sem olhar para mim, porque, se ele tivesse olhado por um instante apenas, eu teria ficado mais vermelha do que já estava, e todos perceberiam que algo de errado estava acontecendo.

— Não, claro que não, mas você está diferente, tenho certeza de que algo aconteceu — completou o João pensativo.

— Pare com esse interrogatório, João, eu tenho certeza de que essa alegria repentina do nosso irmão tem a ver com uma mulher, não é isso mesmo, Ben? — indagou a Nanda sorrindo, entrando na conversa.

— Você está namorando, meu filho, e está escondendo isso da sua

mãe? Vamos lá, eu preciso saber quem é. Será que conheço a garota? Talvez a Lorena, filha da minha amiga Rita? A moça acabou de voltar para casa, de férias da faculdade, e, se lembro bem, vocês eram namorados.

— Pare com isso, mãe. Nós éramos crianças, faz tanto tempo, e eu nunca mais vi a Lorena, por isso pare de imaginar coisas.

— Se não é a Lorena, então quem é? — perguntou interessada, parando seu garfo sobre o prato, esperando a resposta.

— Ninguém! Parem de me perturbar, que meu humor já está mudando novamente.

— Tudo bem, podemos mudar de assunto, se isso está te incomodando tanto — comentou minha tia encerrando o tema sobre a suposta namorada do Ben, para o meu alívio, é claro, mas, antes que eu pudesse voltar a respirar tranquila, a Nanda soltou uma pergunta que me fez engasgar enquanto estava bebendo um pouco de limonada:

— Você está muito quieta, prima. Será que conhece a garota que deixou o meu irmão marrento todo feliz assim?

Eu tentei não ficar afetada com a sua questão, mas foi impossível, quando percebi, já estava tossindo, engasgada, e o João batia nas minhas costas, tentando me ajudar, enquanto a Nanda e o ogro do Ben só riam. A minha tia, além do João, parecia ser a única preocupada com o meu bem-estar.

Depois de alguns minutos naquele sufoco, consegui puxar o ar devagar e respirar. Isso bastou para que eu parasse de tossir, e, apesar das minhas bochechas estarem vermelhas e de eu querer entrar debaixo da mesa para me esconder, eu estava bem. Minha sorte foi que, depois de quase morrer engasgada na mesa, o jantar continuou sem outros incidentes. Quando terminamos de deixar a louça suja para o Ben ou o João, que estavam disputando no palitinho quem iria lavar os pratos, eu e a Nanda seguimos

para a varanda para o nosso ritual de todas as noites, ver o pôr do sol sentadas num charmoso banco de madeira branco.

Porém, dessa vez não teve muita conversa, ela só me perguntou o que acontecera havia pouco, e eu respondi que engasgara com a limonada antes de conseguir responder à pergunta dela. Apesar de desconfiada, ela aceitou a minha desculpa, e, depois de ficarmos mais uns trinta minutos ali, nos despedimos e cada uma seguiu para o seu quarto.

E foi lá dentro, quando tranquei a porta atrás de mim, que lembrei que teria uma visita naquela noite e eu não tinha muito tempo para me preparar. Na verdade, eu nem sabia como deveria estar, ou que roupa usar. E ainda pior, o que eu devia esperar daquele encontro no meio da noite? Durante o nosso encontro no estábulo algumas horas antes, aquele convite parecia indicar que haveria mais do que apenas beijos e carícias. Eu não iria fazer nada além disso, mas não custava estar preparada e bonita para quando ele batesse à minha porta. Eu não tinha muito tempo, e ficar pensando ali parada no meio do quarto não ajudaria, por isso corri para o banheiro, tomei um banho, usando o meu sabonete preferido de maçã verde, que me deixava com um cheirinho único e com a pele ainda mais macia.

Quando saí do banho enrolada na toalha, fiquei pensando, olhando para a minhas roupas no guarda-roupa.

E agora, que roupa vou usar? Talvez algo mais casual, como as minhas camisetas de bandas que sempre uso para dormir, ou uma das camisolas de seda que a minha mãe colocou na minha mala, mas eu nunca usei e jamais usarei se não for para parecer bonita para o Ben?

Resolvi arriscar e vesti uma camisola preta. Olhei-me no espelho e gostei do meu visual. Amarrei meu cabelo num coque frouxo, olhei meu reflexo novamente, virei-me de costas, virei-me de lado e no final acabei concordando que eu não podia fazer mais nada para melhorar. Portanto,

suspirei frustrada e me deitei na cama. Então era questão de minutos até o Ben bater à minha porta.

Porém, os minutos se passaram lentamente, e nada do Ben. Depois de uma hora naquela expectativa e nada de ele aparecer, àquela altura eu já estava irritada e me sentindo enganada. Em um determinado momento da noite eu tentei achar uma explicação para o seu atraso. Talvez ele estivesse com problemas para chegar ao meu quarto.

No entanto, mais uma hora se passou, e ele ainda não batia à minha porta. Já no fim da noite, no comecinho da madrugada, acabei adormecendo enquanto uma lágrima solitária descia pelo meu rosto.



Acordei com um mau humor daqueles. Se eu visse o Ben na minha frente, eu o esganaria, torceria o pescoço dele, eu o encheria de porrada. Enfim, eu estava profundamente irritada pelo bolo que levava daquele imbecil na noite anterior. Aquela história toda de que iria arrombar a minha porta se eu não a abrisse era conversa para boi dormir. No fim ele estava brincando comigo mais uma vez, e a tonta caíra direitinho.

Ao chegar à sala de jantar, a disposição da mesa era a mesma do dia anterior, por isso respirei aliviada por não ter que me sentar ao lado daquele imbecil. Eu não poderia controlar a vontade que tinha de matá-lo se tivesse que ficar tão perto dele. Quando puxei a cadeira para me sentar, cumprimentei todos, peguei um generoso pedaço de bolo de fubá e permaneci calada. A Nanda iniciou uma conversa sobre a divisão de tarefas do dia, mas eu continuei alheia a tudo, exceto minha xícara de café, que estava divina como sempre, e o meu pedaço de bolo, que estava quase no fim devido ao meu empenho em comer logo para sair da mesa e não ter que desviar os olhos o tempo todo do Ben.

Ele tentou chamar minha atenção duas vezes durante o café da manhã. Na primeira citou meu nome e queria que eu fosse com ele ao galinheiro buscar os ovos. A Nanda interveio ao meu favor, e eu nem precisei dizer nada. Depois ele começou a cutucar minhas pernas por debaixo da mesa, mas eu não olhei para ele em nenhum momento, ignorei-o completamente, e ele acabou desistindo.

Quando terminei de tomar meu café e mais um pedaço do bolo de fubá, levei a louça suja até a pia e voltei para o meu quarto para pegar meu celular e meus fones de ouvido antes de ir ajudar a Nanda a alimentar os cavalos na estrebaria.

Fui bem rápida, entrei, peguei o que precisava e saí, mas, assim que fechei a porta do quarto, esbarrei numa parede de músculos e quase caí para trás. Se não fosse pelo Ben me segurar pela cintura e me trazer ao encontro do seu corpo, eu teria caído no chão. Bem, talvez eu até preferisse o chão àquilo.

Ele tentou me explicar por que não viera na noite anterior, mas eu não queria ouvir, estava furiosa, e nada me faria acreditar nas desculpas esfarrapadas que ele provavelmente tinha para me dar. Portanto, assim que consegui me recompor novamente depois de ser pressionada no peito dele, eu segui para o corredor, embora com ele no meu encalço.

Apesar de eu dizer que não queria ouvir suas desculpas, ele explicou que alguém o vira no corredor e ele tivera de voltar para o quarto. Simples assim. Se ele tivesse tanta vontade de ficar comigo, teria insistido mais uma vez antes de se trancar no seu quarto e voltar a dormir tranquilamente, enquanto eu o esperava como uma tonta.

Ele ainda tentou me segurar e pedir que eu prestasse atenção ao que ele queria dizer, mas eu estava irredutível e, além disso, tia Rosa apareceu no corredor, encerrando nossa conversa definitivamente. Seguimos para lados

opostos depois de ela perguntar o que estávamos fazendo discutindo naquele lugar. Inventei uma desculpa qualquer sobre o Ben querer me passar a tarefa de recolher os ovos e fugi dali na primeira oportunidade que tive.

Já no estábulo, tentei esquecer o Ben e me concentrei na tarefa que eu tinha pela frente. Alimentei os cavalos, em especial o Trovão, que, depois de eu aprender a montar nele, era o meu cavalo favorito. Tínhamos uma ligação incrível, ele adorava maçãs, e eu fazia questão de dar algumas a mais para ele, que na maioria das vezes comia da minha mão e ainda tinha direito a um cafuné na sua crina e um beijinho no pescoço. Por isso e outras coisas ele me adorava. No entanto, ele tinha um único defeito, pertencer ao ogro do Ben, e isso pendia a balança para o lado negativo naquele momento.

— Você está quieta hoje, o que aconteceu? — perguntou Nanda curiosa depois de me ajudar a organizar o material de escovar os cavalos numa caixa no estábulo.

— Não é nada, só estou pensando na vida. Tenho algumas decisões para tomar, e isso me deixa cada dia mais confusa e preocupada.

— Eu sei, não deve ser fácil ter pais que não te apoiam, mas lembre-se que também fazemos parte da sua família e que, se precisar de algo, estaremos aqui para ajudar.

— Obrigada, conhecer você e a sua família foi uma surpresa boa. Espero poder manter essa amizade no futuro.

— Claro, estarei sempre aqui. Quando precisar de mim, é só chamar — disse abrindo os braços e se aproximando para um abraço carinhoso que mostrava que eu podia contar com ela.

Ao terminar nossa tarefa, eu estava esgotada, por isso, assim que entrei na casa, fui direto para o meu quarto, tomei um banho demorado e fiquei lá até a hora do jantar. Pensei em não descer para comer e ficar trancada ali até o dia seguinte, mas decidi não dar esse gostinho para o Ben. De maneira

nenhuma eu iria demonstrar que o bolo que levava na noite anterior tinha me afetado.

No entanto, toda a minha preparação não serviu de nada: o Ben não estava ali. Depois de ficar esperando ele aparecer por quase meia hora, descobri que o ogro não vinha, estava no estábulo treinando e pularia o jantar, pois tinha pouco tempo para retomar sua forma física e voltar às competições nos Estados Unidos. Sua primeira competição seria “Iron Cowboy”, em Arlington, no Texas, e segundo a Nanda, seria uma etapa muito difícil, mas ele estava se preparando para ganhar pela segunda vez.

Depois do jantar seguimos para a varanda, só que dessa vez tínhamos uma companhia, a Angélica. Quando estávamos nos preparando para nos sentar no nosso banquinho de sempre, ela se sentou ao lado da Nanda, e eu me arrependi de ter seguido minha prima depois do jantar, porque a conversa que presenciei em seguida me deixou de queixo caído e irritada.

— Eu resolvi me entregar ao Ben esta noite — disse Angélica suspirando depois de quebrar o silêncio no qual nos encontrávamos, observando o sol se pôr.

— Você tem certeza disso? O Ben já sabe? — perguntou Nanda preocupada com a garota, enquanto eu estava em choque, sem saber o que dizer e querendo sumir dali na primeira oportunidade para não ter de ouvir os detalhes daquela conversa.

— Não, claro que não, eu pretendo fazer uma surpresa. Coloquei a minha melhor lingerie e vou surpreendê-lo no estábulo logo depois que vocês forem para os seus quartos. Esta parece ser uma daquelas noites em que ele amanhece treinando, e eu não quero perder essa oportunidade.

Não conseguia entender por que eu ainda estava ali, parada, ouvindo a confissão da Angélica. Era claro que eu não devia sentir nada por ele, nem tinha esse direito, nem queria ter, mas ouvir de outra garota que ela estava

prestes a transar com o cara com quem eu dera uns “amassos” no estábulo no dia anterior era demais para aguentar. Era demais para qualquer mulher suportar.

— Você devia pensar melhor, o Ben é meu irmão, mas é um homem, e para ele será apenas mais uma garota que ele pega, enquanto para você será sua primeira vez. Você precisa ter certeza do que está fazendo, pois não tem volta e, se for uma experiência ruim, não tem como desfazer. Não é mesmo, Laís? — A minha prima me cutucou pedindo silenciosamente o meu apoio para tentar fazer a Angélica desistir daquele plano maluco, mas eu estava impossibilitada de responder a qualquer coisa, apenas concordei balançando a cabeça para cima e para baixo como se fosse um robô.

Os minutos passavam e, apesar das inúmeras tentativas, a Nanda não conseguia convencer a amiga a desistir daquela “ideia maluca”. Quando nos despedimos para seguir para os nossos quartos, eu estava quieta e apreensiva ao me levantar e esperar ao lado da porta enquanto a Angélica se despedia da Nanda com um abraço forte e depois seguia a passos largos para o estábulo.

Quanto a mim, restava apenas seguir sem olhar para trás e dando um passo de cada vez até o meu quarto. Ao enfim chegar ao meu porto seguro, desabei escorada atrás da porta com as mãos na cabeça, perguntando-me a todo momento o que estava acontecendo comigo. Depois daquele imbecil do meu primeiro namorado, eu jurara que jamais sofreria por homem nenhum. Eu conseguira fazer isso e acreditava estar indo bem até conhecer aquele maldito peão de rodeio e minha cabeça mudar completamente.

Deitei-me na cama e não consegui dormir. Resolvi tomar outro banho e vesti a camiseta da U2. Ela estava gasta e quase não servia mais em mim, metade da minha barriga estava aparecendo, bem como uma calcinha simples de algodão da Bela Adormecida, um dos filmes da Disney. Eu não curtia princesas, mas tinha uma queda pela Bela e, quando vira aquela calcinha com

o desenho da Fera na frente, em vez da Bela, resolvi comprá-la. E agora aquela era minha roupa de dormir favorita. Eu precisava de um pouco de normalidade e segurança, tinha que parar de pensar no que estava acontecendo no estábulo no momento e dormir, mas quem disse que eu conseguia? Mesmo depois do banho, vestir minha roupa preferida e contar carneirinhos por quase uma hora seguida, o sono se negava a dar o ar de sua graça.

Alguns minutos depois da meia-noite, quando eu ainda estava travando uma batalha para tentar dormir, escutei suaves batidas à minha porta. Esperei mais uma vez para ver se eu não estava imaginando esses sons. No entanto, as batidas mais fortes e ritmadas que vieram a seguir confirmaram que eu realmente não estava ouvindo coisas, havia uma pessoa do lado de fora e só podia ser a Nanda, que também não devia estar com sono e viera me fazer companhia, por isso me levantei o mais rápido que consegui e fui correndo abrir a porta.

Ao girar a maçaneta, estava ofegante pela corrida repentina, meu cabelo estava todo bagunçado e deslizava alguns centímetros abaixo dos meus seios. Assim que olhei quem estava parado à porta, tive uma grande surpresa, pois não era a Nanda, como eu esperava, era o Ben, que estava paralisado olhando para o meu corpo e, antes mesmo que eu pudesse perguntar o que diabos ele estava fazendo ali, ele me empurrou e entrou no meu quarto, trancando a porta em seguida.

— Você não pode invadir meu quarto assim. Saia já daqui! — reclamei irritada com essa invasão repentina, colocando uma das mãos de cada lado da minha cintura para mostrar que eu não estava brincando. Entretanto, Ben olhava para mim com os olhos famintos de desejo, e, quando olhei para baixo, percebi que estava só de calcinha e com aquela pequena camiseta na frente dele.

Tentei ir na direção do guarda-roupa em busca de um short, mas ele pegou na minha cintura e me impediu de seguir o meu caminho. Puxou-me para si e colocou nossos corpos.

— Você não precisa procurar uma roupa para cobrir o seu corpo, não adianta, eu já vi o que tinha que ver e agora não vou deixar você bloquear minha visão novamente — sussurrou no meu ouvido, ainda segurando na minha cintura.

— Deve estar ficando louco se acha que eu vou deixar você me tocar depois do bolo que me deu na noite passada.

— Eu tentei vir, juro que tentei, mas, na primeira vez, a minha mãe apareceu, e tive que disfarçar dizendo que estava com sede e fui beber água. Na segunda, a Nanda surgiu, e também inventei a mesma desculpa e tive que tomar o segundo copo de água. Na terceira, o João me pegou, e tive que beber outro copo de água. Depois disso eu já estava frustrado e com a bexiga cheia, por isso resolvi desistir.

— Você está me dizendo que tentou vir ao meu quarto três vezes seguidas na noite passada? — perguntei sem acreditar que em todo esse tempo eu pensara que ele sequer tivesse tido o trabalho de tentar chegar até mim.

— Claro que tentei, por isso estou aqui esta noite. Eu precisava falar com você e tentar explicar mais uma vez o que aconteceu na noite passada, já que você não me deu nenhuma oportunidade o dia todo. Mas eu não esperava te encontrar assim — disse apontando para o meu corpo quase nu e depois chegou mais perto, sentou-se na minha cama e me puxou para o seu colo. Deixei apenas por ter descoberto que ele tentara me ver na noite anterior. As barreiras que eu tinha erguido desabaram, e fiquei desprotegida e à mercê da sua vontade.

— Você é linda, e esse seu corpo me deixa louco — disse e colocou

uma das mãos na minha cintura e a outra, nos meus cabelos.

No entanto, antes de deixá-lo me beijar novamente e de perder totalmente o controle da situação, lembrei-me de uma coisa importante e me afastei dele, ficando parada à sua frente numa distância mais segura.

— Você não devia estar com a Angélica no estábulo agora? — indaguei sem tirar os olhos dele em busca de qualquer vestígio de uma mentira que ele pudesse contar.

— Como sabe que a Angélica foi me procurar no estábulo? — questionou surpreso.

— Ela contou para a Nanda antes de ir, e eu estava junto — respondi dando de ombros como se essa informação não fosse importante e eu nem ligasse para a sua resposta, quando na verdade eu estava me roendo por dentro de aflição.

— Você está certa, a Angélica foi me procurar no estábulo, mas eu tive que mandá-la embora.

— Por quê?

— Porque ela não era você, e eu não consigo pensar em outra mulher além de você — revelou se aproximando e colocando as mãos na minha cintura, depois abaixou a cabeça e cheirou meu cabelo. Quando percebi, já estava sentada em cima da cama. — O seu cheiro está impregnado na minha pele desde ontem e, por mais que eu tome banho, eu não consigo me livrar dele.

— Você quer se livrar dele? — Arqueei as sobrancelhas para demonstrar que eu estava curiosa para saber a resposta.

— Não, se depender de mim, o seu cheiro vai grudar na minha pele e nunca mais sair — confessou, devorando a minha boca logo em seguida. Nossos lábios estavam tão conectados, numa sintonia tão perfeita que seria impossível dizer onde terminava um e começava o outro.



Os minutos passaram, e eu não queria desgrudar do seu corpo, mas não tive outra opção. Quando nos separamos, ofegantes, ficamos parados olhando um para o outro. O cabelo dele estava todo fora de lugar, os lábios, inchados, o pescoço, com marcas vermelhas, e eu não estava tão diferente. Contudo, seus olhos azuis estavam dilatados e demonstravam um desejo, uma vontade de terminar o que começamos... Com os olhos famintos, ele pedia permissão para ir além.

Cheguei mais perto dele, enrosquei minhas mãos nos seus cabelos e fiquei observando cada centímetro do seu rosto.

— Por que você gosta de brincar comigo? — perguntou depois que fiquei o observando em vez de beijá-lo de uma vez.

— Eu não estou brincando com você, estou testando meus limites. Preciso aprender a resistir quando estiver tão perto de você assim, mas não consigo, é mais forte do que eu e, na maioria das vezes, acabo sucumbindo, como agora — expliquei distribuindo beijos pelo seu rosto.

— Na verdade, você está *me* testando. Até quando vou ter que esperar

para te fazer minha de verdade?

— O que quer dizer com isso? — inquiri puxando os seus cabelos com mais força para ver se ele entendia que eu não pertencia a ninguém, queria fugir do controle dos meus pais e de maneira nenhuma cairia em outra armadilha.

— Eu quero dizer que quero você para mim, fazer amor com você, ter você só para mim e mais ninguém — explicou me empurrando na cama e depois se deitou por cima de mim.

— Esqueceu que somos primos? Não podemos ir tão longe assim, alguns beijos e “amassos” no estábulo é bom, mas não quero nada além disso.

— Você tem certeza? — questionou arqueando as sobrancelhas e tirando a camisa.

Ele conhecia o efeito que seu corpo tinha sobre o meu e – eu ainda não entendia como – sabia cada parte que ele podia pressionar em mim em busca de subjugação. Nós nos conhecíamos havia pouco tempo, e intimamente, menos ainda. Na maior parte do tempo que passáramos juntos, estávamos brigando, por isso eu não entendia por que nossos corpos se conectavam com aquela facilidade. Pareciam imã e ferro se atraindo.

Nem preciso dizer que nos beijamos novamente com mais intensidade e de forma ainda melhor. Eu não entendia como era possível, mas não adiantava procurar explicação coerente quando sua língua estava dentro da minha boca, e suas mãos, em cada pedacinho sensível do meu corpo.

— Se não estiver pronta, você precisa me dizer, ao contrário, eu não vou parar... — sussurrou no meu ouvido enquanto mordida a ponta da minha orelha.

Era lógico que eu queria mais, cada partícula do meu corpo dizia sim, mas na minha cabeça vieram as imagens horríveis da minha primeira vez, e eu congelei. Fiquei parada, sem mover um músculo sequer, e, em um

determinado momento, ele acabou percebendo e também se deteve, depois ficou me observando atentamente com um semblante preocupado.

— Você é virgem?

— Não, claro que não! — respondi tentando desviar o assunto, mas não consegui.

— Então qual é o problema?

— Ainda é cedo, podemos esperar um pouco. Só saí com um cara antes, e não foi uma experiência muito boa, por isso acho melhor a gente ir devagar.

— Por que não disse antes? Eu pensei que você, sendo da cidade grande e tudo mais... Quer saber, deixa para lá — resmungou tentando encerrar o assunto, mas dessa vez fui eu que fiquei curiosa, afinal, o que ele pensava de mim?

— Pode dizer o que você estava pensando? — indaguei me levantando da cama.

— Nada importante, achei que você não era como as garotas daqui, que se guardam para o futuro marido, só isso — respondeu se virando e ficando de bruços na cama, com a cabeça apoiada nas mãos

— Você está certo, não me guardei para o meu futuro marido, até porque não sei se vou ter algum, mas eu também não vou para a cama com caras no primeiro encontro, e isso aqui — apontei para nós dois, escondidos no meu quarto em plena madrugada — não é um encontro.

— Você está me dizendo que preciso te levar para um encontro antes de querer tirar sua calcinha? — questionou sentando-se na cama para me observar.

— Eu não diria com essas palavras, mas, sim, é isso que quero dizer — respondi sem desviar meus olhos dos dele.

— Tudo bem, eu vou pensar em um lugar especial para te levar.

Enquanto isso podemos continuar nos beijando, porque estou viciado em você.

Eu concordei, pois também estava viciada nele, em cada pedacinho dele. Entretanto, depois de trocar mais alguns beijos e carícias, tivemos que nos despedir antes que o dia amanhecesse e alguém pegasse o Ben aqui no meu quarto. Decidimos manter segredo sobre o nosso relacionamento, pelo menos no começo. Ainda estávamos nos conhecendo, tínhamos um caminho longo pela frente e não queríamos o rótulo de primos namorados estampado nas nossas caras, até porque não sabíamos até onde aquele romance iria. Tínhamos uma atração explosiva um pelo outro, mas atração não mantém um relacionamento, por isso estávamos sendo cautelosos.

Conforme os dias passaram, nossa afinidade se mostrou evidente demais para esconder, os olhares trocados durante o jantar, as mãos bobas debaixo da mesa. Além disso, o Ben tinha mudado comigo da água para o vinho, ele nem parecia o mesmo cara bruto e ignorante que eu tinha conhecido algum tempo antes. Agora ele era gentil e, sempre que estávamos sozinhos, fazia questão de mostrar isso. Na verdade, aproveitávamos cada momento em que não tinha ninguém por perto para tirar uma casquinha um do outro, e isso acontecia nos lugares mais improváveis. Até no galinheiro eu fui parar numa certa manhã, com o Ben beijando cada pedacinho do meu pescoço. Eu nem me importei com as galinhas.

Contudo, o que eu mais gostava nesses momentos sozinhos eram as madrugadas, que passávamos juntos no meu quarto. Além dos “amassos” e de eu quase me entregar a ele, nós ainda arrumávamos um tempinho para conversar, e foi durante essas conversas que eu conheci um pouco mais daquele homem que me encantava a cada dia.

— Repete o que você acabou de dizer, porque eu não consigo acreditar nisso — pedi deitando-me na cama e apoiando minha cabeça no ombro dele.

— Eu fiquei atraído por você desde a primeira vez em que te vi, entrando toda molhada na cozinha da minha mãe. Mas você já sabe disso, eu contei para você naquela noite no hotel.

— Mas você estava bêbado, eu achei que era mentira.

— Você se esqueceu que os bêbados só falam a verdade?

— Eu não entendo. Por que você diz estar atraído por mim desde a primeira vez em que me viu, mas me tratou mal todo esse tempo?

— Você tem certeza de que não sabe a resposta? — perguntou segurando meu rosto com ambas as mãos.

— Não sei a resposta — confirmei curiosa para enfim saber a verdade por trás daquela grosseria toda.

— Eu sabia que a atração que sentia por você era mais forte que tudo que eu já senti pelas outras mulheres que conheci, por isso ignorei a sua presença e tentei fazer você não se aproximar de mim.

— E para que tanto esforço? Será que sou tão ruim assim? — indaguei chateada.

— Claro que não, o problema era eu. Estou focado em ganhar o campeonato mundial esse ano, eu devo isso a meu pai, prometi antes de ele morrer que eu traria o título para casa, e, quando você apareceu, se mostrou ser a distração perfeita para me desviar dos meus objetivos, por isso fiz tanta força para me afastar de você. Na verdade, não era nada contra você, mas contra o meu corpo, que reagia quando você estava perto de mim.

— O que levou você a desistir de me ignorar? — inquirei levantando a cabeça para poder olhar nos seus olhos.

— Eu estava queimando por dentro de desejo. Ignorar o que eu sentia estava me matando. Depois que te beijei naquela noite, o desejo aumentou ainda mais e, quando vi meu irmão te beijar, percebi que precisava parar de lutar para ficar longe de você e começar a lutar para conquistá-la, mas ainda

não estava pronto para demonstrar meus sentimentos e fiz exatamente o contrário.

— Ainda bem que você desistiu de me ignorar; se continuasse agindo feito um ogro, jamais estaríamos juntos agora.

— Mas ainda não é o suficiente, eu quero mais — disse enterrando sua cabeça no meio dos meus seios e sentindo o meu perfume.

— Você ainda acha que sou uma tentação para o seu objetivo de ser campeão mundial?

— Com certeza, antes de conhecer você, meu foco era montar na maior quantidade de touros que eu conseguia e no final trazer o título para casa; agora, além de querer ganhar o campeonato mundial, eu quero tirar as suas roupas. Eu diria que essa é uma distração e tanto, você não acha?

— Não sei, é você quem está dizendo, portanto, não posso contrariá-lo, mas eu diria que você não está se esforçando o suficiente para conseguir o seu segundo objetivo. Talvez, entenda bem, talvez se você se esforçar mais um pouquinho, consiga realizá-lo.

— Você não está dizendo isso... É uma brincadeira, não é mesmo? Você está tirando uma com a minha cara, só pode ser isso.

— Claro que não, eu realmente acho que você não está se esforçando muito. Talvez um pouco mais de empenho seria suficiente.

— Você está me dando permissão para me empenhar mais?

— Desde quando precisa da minha permissão para isso?

— A partir do momento em que você para todas as minhas iniciativas de ir mais além do que isso. Toda vez que tento tirar sua roupa, você congela e fica sem qualquer reação. Qual é? Sou tão feio assim? — perguntou num tom de ironia, pois eu tinha certeza de que ele sabia o quanto era bonito.

— Isso não tem nada a ver com você, na verdade o problema está em mim. Eu não tive uma experiência boa na primeira vez que tentei e, depois

disso, fiquei com receio de repetir a dose.

— O cara com quem você saiu deve ser um idiota, ele não te tratou com o carinho que você merecia. Eu prometo que comigo vai ser exatamente o oposto, pode confiar em mim, mas não vou te pressionar a fazer nada; você precisa estar segura do que quer fazer primeiro.

— Obrigada por entender, eu prometo que, quando estiver pronta, você vai ser o primeiro a saber — respondi chegando mais perto dele. Encostei meus lábios bem devagar nos seus, senti seu cheiro e depois mordi seu lábio inferior. A sensação foi única, e eu poderia fazer isso a noite toda.

Todavia, Ben tinha outros planos que incluíam, entre outras coisas, tentar me convencer a ceder e enfim deixá-lo entrar na minha calcinha. Preciso dizer que ele tentou muito e, em alguns momentos, pensei que iria conseguir, tamanha era a minha falta de controle nos seus braços.

No final estava quase amanhecendo, e ele precisou sair de fininho do meu quarto antes que alguém o visse ali e fizesse perguntas às quais nós não estávamos preparados para responder.

Quando o dia amanheceu, eu estava feliz e radiante. Dizem que, quando você está feliz, você fica mais bonita. Eu não acreditava muito em ditados populares, mas esse em especial fazia todo o sentido para mim. Eu não tinha feito nada diferente, não cortara meu cabelo, não emagrecera, pelo contrário, acho até que engordara uns quilos, não estava usando nenhuma roupa diferente, era o mesmo short jeans e uma blusinha verde. Mesmo assim, ao aparecer para o café da manhã, eu estava radiante, e minha felicidade ultrapassava qualquer barreira. Era nítido, para quem me olhava naquele momento, que eu era uma garota feliz.

Eu estava assim por dois motivos bem distintos, mas que se completavam. Um deles era o Ben. A noite anterior servira para tirar todas as dúvidas que eu tinha sobre nosso relacionamento. Fazia pouco tempo que

estávamos juntos, mas já era o suficiente para eu entender que tinha encontrado uma pessoa especial na minha vida, e eu não iria renunciar a isso, portanto, conversaria com ele e depois contaria para a nossa família sobre o nosso relacionamento. Eles poderiam não gostar, mas já era tarde demais para voltarmos atrás. A Angélica podia ficar chateada comigo, mas eu não planejava nada daquilo, acontecera, e, pelo que eu sabia, eles nunca tiveram nada. Eu sentia muito – na verdade não –, mas agora o Ben era meu.

O outro motivo, não menos importante, era que recebi um e-mail naquela manhã informando que eu ganhara uma bolsa de estudos para uma importante escola de artes nos Estados Unidos, a New York Film Academic Arts. Para quem não sabia o que fazer e precisava contar com o apoio dos pais para tudo, essa bolsa era a saída perfeita. Eu teria faculdade paga, moradia, mas ainda teria de conseguir dinheiro para as passagens de ida e volta. Quando me candidatara àquela vaga, jamais sonhara que fosse conseguir, eu era apenas uma no meio de tantas pessoas, mas o destino se encarregara de me fazer essa surpresa. Com certeza eu iria aceitar de bom grado esse lindo presente.

Durante o café da manhã, conversamos sobre tudo, e quando terminamos, na hora de dividir as tarefas, eu acabei ficando com o João. Nosso relacionamento estava estranho depois daquele dia na varanda, mas eu esperava que pudéssemos retomar a amizade que tínhamos antes. Era fácil, leve e funcionava muito bem.

Ficamos encarregados de ir à cidade comprar comida para os animais. Era uma tarefa simples e que não exigia nada de mim além de anotar tudo o que precisávamos num bilhete e repetir tudo que anotara para o vendedor assim que chegássemos à loja.

No caminho de volta, pude conversar mais com o João e, quando estávamos perto da fazenda, conseguimos chegar a um acordo, afinal, ele era

a pessoa mais doce e compreensível que eu conhecia. Talvez por isso eu queria manter essa amizade, mesmo sabendo que ele queria muito mais, porém, eu tinha certeza de que nunca seria mais do que sua prima e amiga.



Assim que desci do jipe do João, fui direto para o estábulo. Eu sabia que o Ben estaria ali, quem sabe se ficássemos sozinhos poderíamos trocar uns beijos, pois eu passara todo o dia fora e estava morrendo de saudades dele. No entanto, tive uma “bela” surpresa ao entrar lá e encontrá-lo sem camisa, usando suas calças jeans de sempre, treinando, e a Angélica sentada num banco observando-o. Ela nem estava escondida como daquela vez em que eu a acompanhara, a garota estava sentada na frente dele, o que fez o meu sangue ferver. Fiquei furiosa.

— Estou atrapalhando alguma coisa? — perguntei me aproximando dos dois.

— Claro que não, a Angélica estava apenas me observando treinar, como sempre — respondeu sorrindo, pois percebeu o quanto eu estava irritada com a proximidade repentina dos dois.

— Se quiser, pode ficar aqui conosco — respondeu a Angélica, embora visivelmente chateada.

— Tem certeza de que eu não estou atrapalhando? — repeti a pergunta,

porém, dessa vez estava olhando apenas para a Angélica, pois precisava saber o que realmente estava acontecendo ali.

— Não se preocupe, você pode ficar, sente-se ao meu lado — capitulou depois de perceber que eu não deixaria mais os dois sozinhos. Restava saber se ela sabia o real motivo da minha frustração em vê-los juntos.

— Se não tem nenhum problema, vou aceitar — comentei dando de ombros, tentando tirar a preocupação que estava estampada no meu rosto até então e me sentei ao seu lado.

Depois de alguns segundos nos observando juntas, o Ben balançou a cabeça, depois riu da situação constrangedora na qual eu estava e voltou ao seu treinamento.

Fiquei ali sentada ao lado da Angélica sem saber o que fazer, nem se deveria dizer o que eu tinha vontade. Talvez devesse falar que o Ben era meu, que ele tinha dona e pedir para a garota parar de secá-lo com os olhos. Estava certo que ele era um verdadeiro colírio, mas ela podia se controlar um pouco mais, pois estava evidente no seu rosto o quanto ela queria tirar uma casquinha dele, e isso só serviu para me deixar ainda mais irritada.

Eu poderia ficar a tarde toda ali pensando em uma explicação para o meu coração estar batendo descontrolado e minhas mãos estarem suando e escorregadias. Entretanto, lá no fundo eu sabia a resposta: estava morrendo de ciúmes do Ben e, se estava com ciúmes, podia ter algum sentimento envolvido naquela história, e isso não era nada bom, pois eu sempre saía machucada quando me interessava por alguém.

No entanto, ainda estava no comecinho, sendo assim, eu podia ignorá-lo e seguir em frente. O Ben nem iria sentir minha falta. Em todo caso, ele tinha o seu próprio estepe. A Angélica sem dúvida estaria disposta a fazer tudo que ele quisesse.

— Eu posso dar uma volta no seu cavalo? — perguntei olhando para o

Ben, que estava enrolando a corda na mão e se preparando para montar no tambor novamente.

— Sozinha? — indagou surpreso, encarando-me.

— Sim, por que não? — questionei sem desviar meu olhar também.

— Qual é o problema, Ben? Ela já sabe andar a cavalo — comentou a Angélica dando de ombros, porém, não consegui perceber se era para me ajudar ou se ela queria se livrar de mim para ficar sozinha com ele. Por alguma razão, eu estava inclinada a acreditar mais na segunda opção.

— Você se sente segura para ir sozinha? — inquireu preocupado.

— Claro, eu já estou acostumada com o Trovão, além disso, ele cavalga praticamente sozinho, eu só vou acompanhá-lo.

— Tudo bem, espere só um minuto, que eu vou selar ele para você — disse soltando a corda e indo na direção da baia do Trovão para arrumá-lo para uma cavalgada.

Eu nem tive que esperar muito, assim que o cavalo estava pronto, subi num banquinho, passei minha perna direita e deslizei para cima do animal. Quando estava montada, segurei as rédeas, dei um pequeno toque, e o Trovão começou a andar devagarzinho, depois foi aumentando o trote, até que olhei para trás e vi a Angélica e o Ben me observando parados na frente do estábulo.

Essa visão me deixou ainda mais irritada, por isso virei para frente e aumentei o ritmo do cavalo para um galope. A brisa leve que batia no meu rosto acabaria me deixando um pouco mais calma, era isso que eu pensava enquanto cavalgava para fora dos limites da fazenda, por lugares onde eu nunca havia passado antes, mas agora eu nem me importava, meu único objetivo era fugir dali.

A minha angústia era tanta que só percebi o quanto estava longe da fazenda quando o Trovão foi diminuindo o ritmo e parou debaixo de uma

árvore. Aproveitei a oportunidade para descer do cavalo e me sentar em cima de um tronco para esticar as pernas um pouco.

— Você deve estar cansado, meu amigo — comentei passando a mão no cavalo para sinalizar que eu estava ao seu lado.

Ficamos ali por poucos minutos, até que o tempo mudou. O céu antes azul desapareceu, e uma nuvem cinza pairou sobre nós. O vento levantou a poeira do chão, deixando-me sem ver nada à frente. Para completar a cena inóspita, um raio caiu bem perto de mim, seguido do estrondo do trovão, assustando o cavalo, que fugiu em disparada, deixando-me sozinha ali.

Quem disse que coisas ruins não podem piorar? Com certeza a minha situação tinha tomado um rumo totalmente inesperado. A chuva resolveu dar o ar da sua graça, molhando-me em questão de segundos. Sentei-me novamente no tronco da árvore e esperei.

Quem sabe alguém sinta a minha falta e venha me resgatar.

No entanto, conforme o tempo passava, eu tinha menos certeza disso. Talvez eu devesse me preparar para dormir ali, naquele frio, toda molhada e numa escuridão terrível. Seria impossível dormir diante de uma situação como aquela, mas qual alternativa eu tinha a não ser me encolher num canto e esperar o dia amanhecer?

Estava quase desistindo de esperar por ajuda quando enxerguei uma luz que se aproximava cada vez mais rápido. Num minuto estava distante, e no outro estava parada à minha frente. Era um quadriciclo, mas eu ainda não podia ver quem era o meu salvador.

— Você está ferida? — questionou o Ben ao se aproximar. Passou as mãos no meu rosto para verificar se eu estava realmente bem.

— Eu estou bem, mas morrendo de frio. Onde está o Trovão? — murmurei batendo os dentes.

— Ele voltou para a fazenda sozinho, por que você acha que ele tem

esse nome? Meu cavalo morre de medo de Trovão e, quando voltou sozinho, eu sabia que tinha algo de errado. Agora deixa eu cuidar de você — pediu me pegando no colo e me levando nos braços até o quadriciclo. Fiquei pressionada contra o seu peito enquanto ele dava partida para sair daquele lugar.

O caminho era estreito e estava coberto de lama. Mesmo no quadriciclo era impossível continuar a viagem, já que a chuva não dava nenhuma trégua, continuava caindo sem parar, acho até que mais forte do que no início.

— Não podemos continuar, ainda falta muito para chegarmos à fazenda, e com essa lama toda será impossível chegar lá.

— O que faremos, então? — questionei apreensiva.

— Vamos esperar a chuva passar numa casa aqui perto.

— De quem é ela?

— Do meu avô.

— Eu pensei que estávamos longe da fazenda?

— E estamos, essa cabana foi construída nas primeiras terras que pertenciam a nossa família. Estamos a cerca de oito quilômetros de casa.

— Você tem certeza de que não tem ninguém na cabana?

— Nesta tempestade seria improvável, mas, no momento, é a nossa única alternativa.

— Tudo bem, vamos lá — concordei, segurando com força na camisa dele e respirando seu aroma gostoso.

O lugar era a pouca distância da árvore em que eu parara para descansar. Paramos em frente à cabana, e o Ben me carregou no colo até lá, porque seria mais rápido, já que estava escuro e chovendo muito e eu poderia cair no caminho. Dessa vez não quis contrariar, afinal, eu estava morrendo de frio e não podia enxergar um palmo na minha frente. Além disso, ser carregada no colo pelo Ben tinha suas vantagens, é claro, e meu coração tolo

estava adorando essa sensação, enquanto minha cabeça pedia que eu me afastasse logo dele.

Quando enfim entramos na cabana que ele mencionou, no meio do nada, eu fiquei surpresa ao encontrar um cômodo enorme. Quase não tinha nada ali, apenas uma grande cama de casal de madeira coberta por uma colcha de retalhos que parecia estar limpa, uma lareira do outro lado, um grande tapete no chão ao lado dessa e um fogão a lenha.

— Este lugar não parece uma casa abandonada no meio do nada — comentei surpresa, passando as mãos nos braços para tentar me aquecer, mas não estava adiantando nada.

— Não é abandonada; eu disse que era do meu avô, e ainda cuidamos do lugar. Às vezes fico aqui, por isso está assim, arrumada. Temos até comida em algum lugar; se estiver com fome, posso procurar.

— Não estou com fome, estou morrendo de frio — expliquei batendo os dentes e tremendo ao mesmo tempo.

— Vou acender a lareira, assim podemos nos aquecer mais rápido — disse Ben indo até o fogão e pegando uma caixa de fósforos.

— Eu não entendo, como o tempo mudou tão rápido? Por que estou com tanto frio em pleno verão?

— O clima aqui é mais frio do que nas outras partes da fazenda, estamos num lugar mais alto, e depois daquela tempestade, a temperatura caiu, além disso você está molhada — explicou acendendo a lareira e chegando mais perto de mim para tentar me aquecer.

Porém, não estava adiantando muito. Quando olhei na direção de Ben, ele estava tirando a camiseta e depois a calça, ficando apenas de cueca na minha frente, o que me surpreendeu.

— O que você está fazendo?

— Estou tentando me aquecer — respondeu dando de ombros.

— Ficando sem roupa você espera se aquecer? — questionei confusa.

— Claro, eu preciso tirar minha roupa molhada, assim consigo me aquecer mais rápido. E você deveria fazer o mesmo, está vendo como já estou seco? — disse apontando para seu corpo quase despido, exceto pela cueca preta.

— Eu não vou ficar nua na sua frente — respondi indignada.

— Então vai continuar passando frio, porque aqui não tem toalha, nem banheiro, nem qualquer outra roupa. Se você não mudar de ideia, vai acabar pegando uma pneumonia.

— Eu estou morrendo de frio, mas não vou ficar nua na sua frente — insisti no meu argumento, embora ainda batendo meus dentes.

— Pare de ser teimosa e me escute, você precisa tirar essa roupa — pediu se aproximando de mim.

— Fique onde está! Eu vou tirar minha roupa, mas quero você de costas para mim — exigi com a voz trêmula.

— Eu já vi você de biquíni, já vi seus seios nus, porque você está se fazendo de difícil agora?

— Se eu fosse você, viraria de costas e fecharia a boca antes que sua situação piore.

— O que você quer dizer com isso? — indagou já de costas para mim.

— Não pense que eu esqueci que você estava no estábulo com a Angélica quando eu cheguei.

— Você está dizendo que está brava porque eu estava treinando no estábulo e a Angélica estava me observando? Isso só pode ser brincadeira — disse se virando para me encarar.

— Não tente desmerecer o que estou dizendo, você sabe muito bem o que a Angélica estava fazendo lá, e isso não tem nada a ver com observar um treinamento.

— Não se faça de inocente, você passou a tarde toda com o meu irmão. Se quiser colocar na balança para ver quem pisou mais na bola hoje, você vai perder feio, já que eu nunca beijei a Angélica. E, apesar de ela estar atraída por mim, ainda permanecemos amigos. Será que posso dizer o mesmo de você e o João? — inquiriu me observando atentamente para ver a minha reação e, ao constatar que eu não tinha outra saída senão concordar com ele, virou-se novamente, cruzando os braços.

Esperei uns minutos sem saber ao certo o que fazer até que resolvi ceder e tirar meu short molhado, depois minha blusinha, ficando apenas de calcinha e sutiã. Abracei minha cintura, mas a sensação agora era bem melhor do que antes, parei de tremer e pude sentir meu corpo se aquecer lentamente.



Sentei-me no tapete e fiquei olhando o fogo, enquanto o Ben estava na outra extremidade, observando-me. A intensidade dos seus olhos era tanta que eu podia sentir seu olhar na minha pele, mas não queria ter de encará-lo, pois temia o que eu poderia fazer se, em vez de lutar contra o que eu estava sentindo, entregasse-me àquele sentimento tão intenso e avassalador.

Eu tinha certeza de que estava brincando com fogo e, mais cedo ou mais tarde, poderia sair queimada daquela relação. Era por isso que eu estava lutando com todas as forças que tinha para não cair em tentação. Eu nem conseguia olhar para ele, ainda mais agora, que estávamos quase sem roupas.

Ficamos assim por alguns minutos, sem coragem de nos aproximarmos, enquanto a chuva só aumentava lá fora. Já sabíamos que não poderíamos parar o que estava prestes a acontecer naquela cabana, mas eu iria evitar ao máximo.

Fechei meus olhos por uns minutos, tentando imaginar que estava em outro lugar a fim de não sucumbir ao desejo de cair nos braços dele, mas,

com a visão velada, fui obrigada a usar os outros sentidos, e com eles era ainda pior. Senti o seu cheiro gostoso tão próximo, tanto que eu podia jurar que ele estava atrás de mim. Depois foi a vez de sentir o seu corpo colado ao meu. Foi nesse momento que abri as pálpebras e descobri que não estava imaginando coisas, Ben estava realmente atrás de mim. Nossos corpos estavam unidos, e, mesmo que eu quisesse pedir para ele se afastar, agora era tarde demais, eu já estava totalmente envolvida e seria impossível recuar.

— Não pense que eu esqueci a sua tarde no estábulo com a Angélica — resmunguei chateada.

— Eu também não esqueci que você passou a tarde com meu irmão, mas agora nada disso importa, o que eu quero mesmo é curtir você, sentir o seu gosto, o seu cheiro e tudo mais a que eu tenho direito.

— E se eu não quiser? — perguntei olhando sério para ele.

— Se você não quiser, basta dizer que eu paro — sussurrou no meu ouvido, deixando-me toda arrepiada.

— Eu não quero — afirmei seca, sem olhar para ele, caso contrário descobriria que eu estava mentindo.

— Você tem certeza? — indagou ficando de frente para mim e levantando o meu queixo para me observar melhor.

— Tenho — respondi numa única palavra; era tudo o que eu conseguiria dizer assim tão próxima a ele e ainda olhando nos seus olhos.

— Tudo bem — concordou muito fácil, sinal de que não estava tão interessado como parecia. Depois se afastou e ficou olhando para o fogo, ignorando-me completamente. Talvez eu tivesse pegado pesado com ele. Apesar de eu ter sentimentos pelo Ben, não iria para a cama com ele para no outro dia ser apenas mais uma. Podia ser uma ideia ultrapassada para uma jovem adulta, mas, depois da lição amarga que eu tivera, preferia não arriscar mais.

— Por que você não confia em mim? — questionou frustrado, quebrando o silêncio.

— Eu confio em você — respondi com sinceridade, olhando para ele sem desviar meus olhos.

— Não parece, você foge de mim sempre que me aproximo. Não importa o que eu faça, você sempre tem uma desculpa. O que preciso fazer para provar que estou muito a fim de você?

— Talvez eu precise apenas que você diga o que sente por mim. Preciso saber se é algo além de uma simples atração — respondi enquanto ele se aproximava novamente.

— Eu já disse muitas vezes que estou louco por você — declarou chegando mais perto e beijando o meu pescoço.

— Isso não é suficiente — sussurrei no ouvido dele.

— O que você quer de mim? — questionou beijando o outro lado do meu pescoço.

— Quero você — disse olhando para a sua boca, que agora estava tão próxima que o beijo era inevitável e tudo o que eu mais queria. Tinha me cansado de evitar, cansado de fugir, eu iria me entregar a ele naquele instante, pois sentir seus lábios macios no meu pescoço era um teste e tanto para a minha determinação em não fazer nada de que eu me arrependesse depois.

Sua voz ao pé do meu ouvido deixou meus nervos à flor da pele. Ben sabia o efeito que tinha sobre mim, e dessa vez, com a minha escassez de roupas, isso era ainda mais evidente. Minha pele se arrepiou inteira, mesmo eu não estando mais com frio. Na verdade, agora eu estava queimando de desejo, e era impossível esconder.

Ao perceber o meu estado, o Ben me puxou para o seu colo. Ficamos um de frente para o outro. Ele tinha todo o controle sobre mim e sabia disso. Ficou evidente quando encontrei seu olhar, abri e umedeci meus lábios, que

estavam secos. Esse foi o gatilho, bastou esse simples gesto para o Ben segurar minha cintura com uma das mãos, puxando-me com força para mais perto dele, colando nossos corpos. Com a outra mão ele segurou minha nuca, e então devorou minha boca. Não era lento, nem calmo, era intenso e prometia mais.

Um sugava a boca do outro. Beijar nunca fora tão bom, era como estar no meu lugar preferido e nunca mais querer sair. Se eu pudesse, jamais sairia dos braços dele. Sentir o quanto desejávamos um ao outro era a melhor sensação do mundo.

Quando parei para respirar e depois voltei a beijá-lo com mais empenho ainda, minha mão teve livre acesso a cada parte daquele corpo maravilhoso, e eu não perdi a oportunidade de deslizar por cada centímetro dele. Ainda havia seus cabelos, que eu não me cansava de segurar, eram macios, sedosos e tinham um cheiro cítrico forte que combinava perfeitamente com ele.

Em algum momento do nosso “amasso”, deslizei para o tapete, e o Ben ficou sobre mim. Paramos para nos olhar mais uma vez enquanto ele sorria. Eu tive a certeza do que estava buscando todo esse tempo. Tinha que ser naquela hora, eu não podia ignorá-lo como das outras vezes, pois estava claro que ambos merecíamos viver aquela paixão. Eu não queria pensar no depois, nem mesmo se haveria um, só queria viver o presente. Ben era lindo, forte, sexy, atraente, tinha os olhos mais azuis que eu já vira na vida, além de ser tudo que eu precisava.

Ben sabia como me tocar, parecia ter um mapa de todo o meu corpo com meus pontos fracos marcados em vermelho. Naquela noite, em questão de minutos, ele descobriu todos eles, alguns que nem mesmo eu sabia que existiam.

Sua boca explorou meu corpo como ninguém antes dele, e eu tinha certeza de que ficaria arruinada para qualquer outro depois daquilo. Era

intenso demais para se repetir com outra pessoa. Contudo, aquele não era o momento para pensar naquilo, eu precisava desligar os meus medos e deixar rolar. Foi isso o que fiz, deixei acontecer, embarquei numa viagem rumo ao desconhecido. Foi como descer numa montanha-russa, a adrenalina era a mesma, e os picos de prazer estavam nas alturas.

Mesmo sendo a nossa primeira vez um com o outro, nossos corpos pareciam saber exatamente o que fazer, eles se uniram numa sincronia perfeita. Parecíamos nos completar, foi algo tão bom e intenso que eu cheguei a pensar que estava sonhando. Ele foi gentil, carinhoso, atencioso, cada detalhe da nossa primeira vez ficaria gravado na minha memória, como aqueles momentos perfeitos que jamais acontecem novamente. Aquele era um deles. Depois de saciada e feliz, adormeci nos seus braços.

Quando abri meus olhos depois de piscar diversas vezes, o Ben estava olhando para mim. Seus lábios estavam vermelhos, seus cabelos, bagunçados, mas era o homem mais sexy que eu tivera a chance de conhecer.

— É sempre assim? — perguntei sorrindo.

— Não, claro que não! — respondeu surpreso com a minha pergunta.

— Você está dizendo que nunca teve uma noite dessas com nenhuma outra garota antes?

— Nunca, talvez você duvide de mim, mas essa é a pura verdade, pois não estou mentindo. Com você foi diferente de com as outras.

— Então como você explica o que acabou de acontecer entre nós?

— Eu não sei explicar, mas posso garantir que isso é bem mais do que uma simples atração entre um homem e uma mulher — declarou sorrindo e chegando mais perto para me dar outro beijo.

— Tem certeza de que, mesmo forte, é só atração? — questionei sem acreditar, porque eu estava muito atraída pelo meu primeiro namorado, mas nossa primeira vez fora um fracasso total. Nem de longe lembrava o que

acontecera naquela cabana.

— Sabe que agora, tão perto de você como estou, já não tenho tanta certeza assim? Talvez eu precise repetir a dose para dar uma resposta — comentou distribuindo beijos no meu rosto, depois no meu pescoço e por fim voltou para a minha boca.

Era tão bom beijar... me deixa corrigir essa frase, era tão bom beijá-lo, sentir sua língua macia explorando minha boca, seu hálito de menta, que ainda permanecia mesmo depois que os beijos terminavam. Porém, não ficamos apenas nos beijos; ele já conhecia o caminho para o meu corpo, por isso bastaram algumas carícias para ele percorrer todo o trajeto novamente. A primeira vez foi boa, eu vi estrelas, fiquei sem fôlego e queria mais. Já a segunda foi ainda melhor, sem espera, sem aviso, sem nenhuma cobrança ou expectativa, simplesmente aconteceu, e eu aproveitei cada segundo.

Quase no fim da noite, já exaustos, dormimos abraçados depois de explorarmos o corpo um do outro mais uma vez e eu gritar o nome de Ben o mais alto que consegui. Aquela foi a melhor noite da minha vida. A experiência que tivemos não era algo que eu poderia esquecer mesmo depois de muitos anos. O que aconteceu ali, naquela noite, me marcou para sempre.

Acordei na manhã seguinte sorrindo, deitada na cama, sem saber como fora parar ali – e não queria saber. O importante era que eu estava agarrada ao homem responsável pelo meu sorriso. Ainda estávamos juntos, e eu mal podia acreditar na minha sorte.

— Bom dia! — cumprimentei correndo as mãos pelos seus cabelos, que estavam uma bagunça tão linda naquela manhã.

— Bom dia, minha querida — respondeu com a voz rouca e sexy.

— Acho que devemos voltar para a fazenda, já amanheceu, a chuva parou, e todos devem estar preocupados — expliquei ainda passando a mão no cabelo dele.

— Você já se cansou de mim? — perguntou me puxando para o seu lado e fazendo cócegas na minha barriga.

— Não, claro que não — respondi tentando me recuperar do surto repentino de risadas que tive de dar depois das cócegas que recebi.

— O que faremos agora? — questionou confuso me observando atentamente.

— Você está me perguntando sobre nós? — repeti a pergunta, porque eu ainda não tinha certeza sobre o que ele queria saber.

— Sim. Quando sairmos dessa cabana, precisamos voltar para o mundo real, onde nós dois somos primos e provavelmente nossas famílias não irão aceitar um relacionamento entre parentes — explicou se levantando da cama para vestir suas roupas, que àquela altura estavam completamente secas, bem como as minhas.

— Talvez eles não aceitem, mas agora já não faz tanta diferença, pois não podemos parar o que começamos. É forte demais para simplesmente ignorar a noite maravilhosa que passamos juntos — falei me levantando da cama para me vestir.

— Eu tentei ficar longe de você, mas a nossa atração era forte demais para ignorar. Sou teimoso e dificilmente admito quando estou errado, entretanto, dessa vez eu estava muito errado. Se eu soubesse o que estava perdendo fugindo de você, teria te agarrado na cozinha da fazenda na frente de todos na primeira vez em que te vi. — Segurou a minha cintura e me trouxe para perto dele.

— Você não teria coragem — disse em tom de desafio, mas, antes que eu pudesse repetir a brincadeira, sua boca já estava na minha, e o resto foi impossível evitar.

Logo estávamos ambos vestidos e prontos para partir. Eu estava morrendo de fome, meu cabelo, um emaranhado de fios, mas segui na garupa

do quadriciclo sorrindo como se tivesse ganhando o presente tão esperado de Natal.

O caminho até a fazenda foi tão curto que eu resmunguei chateada quando o Ben estacionou ao lado do estábulo. Ainda nos beijamos mais uma vez, felizes e empolgados. Depois caminhamos juntos de mãos dadas até a sala de estar. Notei que tinha um carro diferente parado na frente da casa, mas não prestei atenção suficiente para identificar de quem era, afinal, na minha bolha de felicidade, aquilo não era importante. No entanto, ao abrir a porta e encontrar minha mãe sentada no sofá me esperando, fechei na hora o sorriso que estava estampado no meu rosto e soltei imediatamente a mão do Ben.

— Até que enfim a garota mimada resolveu aparecer. Estava impaciente com essa espera. Vamos, pegue logo suas coisas, que estamos atrasadas — ela despejou tudo sem nem se importar com quem estava na sala. Não me cumprimentou, nem perguntou como eu estava depois de ficar tanto tempo sem ver sua única filha. Que tipo de mãe tinha atitudes como aquela?, era o que eu me perguntava.

— Eu não vou com você — respondi decidida, olhando para ela sem desviar meus olhos.

— Você não tem alternativas, nós tiramos todo seu dinheiro e, sem nosso apoio, nem a faculdade sem graça que você quer fazer, conseguirá sozinha — explicou debochando de mim.

— Eu não preciso da sua ajuda, estou por conta própria e não quero mais que vocês façam parte da minha vida.

— Tem certeza disso? Acha que esses caipiras vão bancar a sua faculdade e ficar com você aqui? Eles não têm um terço do dinheiro do seu pai, precisam trabalhar para sobreviver e nunca, ouviu bem, nunca irão ajudar a minha filha.

— Você está enganada, a tia Rosa é uma boa pessoa e sempre foi gentil

comigo — respondi procurando o olhar meigo e gentil da minha tia, que estava calada até o momento, apenas observando a nossa discussão.

— Ela não é a sua tia, essa mulher é a filha bastarda do meu pai com a nossa empregada! — gritou minha mãe a plenos pulmões, deixando abismados todos os presentes.



Esperarei alguns minutos olhando para a minha tia, perplexa, sem saber o que dizer. A Nanda se levantou e começou a andar de um lado para o outro, inquieta, enquanto o João passava as mãos no cabelo, aflito. O Ben resolveu agir e perguntou:

— Isso é verdade, mãe?

— Claro que é verdade! Não acredito que vocês não sabiam! — exclamou minha mãe com ironia, aproveitando a situação para debochar da minha tia.

— Você precisa sair daqui agora — pediu minha tia nervosa. Eu nunca a vira daquele jeito. Seu rosto estava totalmente vermelho.

— Eu não vou sair daqui sem a minha filha — rebateu desafiando a irmã.

— Não quero saber de desculpas, você veio aqui para me ofender, por isso saia agora mesmo da minha casa! — repetiu Rosa mais nervosa do que estava antes.

— Vamos, Laís, pegue logo suas coisas e vamos sair dessa casa. Não

sei o que estava pensando quando deixei minha única filha aqui. Queria te castigar, mas estou vendo que não adiantou nada — ordenou minha mãe chegando mais perto de mim.

— Eu não vou com você, não é assim que as coisas funcionam. Você chegou aqui, despejou uma bomba nessa família tão gentil e quer ir embora correndo sem se preocupar com o estrago que fez!

Nós podíamos ficar ali o dia inteiro tentando entender o prazer que ela tinha em estragar a vida dos outros, mas a tia Rosa foi mais esperta e retirou todos os filhos da sala. Fiquei sozinha com a minha mãe. Depois de eu argumentar e dizer que não iria embora, ela acabou desistindo de me convencer do contrário e saiu xingando todos que moravam naquela casa.

Quando ela bateu a porta da sala com força, sentei-me na poltrona e chorei, porque sabia exatamente do que eu desistira ao deixar minha mãe ir embora sem mim. Eu estava sozinha, por minha conta. Poderia ser fácil para algumas garotas, mas eu nunca trabalhara, sempre tivera dinheiro a minha disposição para comprar o que quisesse, exceto minha liberdade de escolha. Foi por isso que abandonei o conforto, em troca do controle absoluto sobre a minha vida.

— Por que você está chorando? — perguntou o Ben me puxando para o seu colo a fim de me dar o consolo de que eu precisava.

— Eu estou bem, não se preocupe — disse baixinho, aconchegando-me nos seus braços e me fazendo sentir o seu cheiro tão peculiar. Isso me acalmou tão rápido que eu parei de chorar instantes depois.

Ficamos abraçados na sala por um longo tempo, sem dizer nada. Bastaram seus braços em volta do meu corpo para eu saber que estava segura e tinha tomado a decisão correta.

— Precisamos conversar, Laís — disse a minha tia aparecendo de repente na sala.

— Claro — respondi levantando a cabeça dos ombros do Ben para observá-la melhor.

— Você pode me acompanhar — pediu com um semblante sério. Fosse o que fosse, não devia ser uma coisa boa.

Depois do seu pedido, levantei-me e a segui até o seu quarto. Ela me apontou uma poltrona, e me sentei sem dizer nenhuma palavra. Ficamos em silêncio por uns minutos até que ela soltou um longo suspiro e começou:

— Antes de discutir a sua relação com o meu filho, eu preciso te contar uma história. — Ela nem esperou meu consentimento para contar uma parte importante da sua vida. — A sua mãe tinha razão quando disse que eu era bastarda. Na verdade, não sou sua tia legítima, como ela fez questão de dizer agora há pouco na minha sala. Acabei de contar para os meus filhos e, depois do que o Ben me disse, acho que você também precisa saber. Eu sou filha do seu avô materno com a empregada que eles tinham na época. Minha mãe morreu no parto, e eu fui criada pelos outros funcionários da fazenda. Sua mãe me odiava e sempre fez questão de mostrar isso, porém, na adolescência, ela mudou, e ficamos amigas. Foram os meses mais felizes que tive. Entretanto, durou pouco. Nossa amizade terminou numa festa na fazenda vizinha quando eu conheci o Otávio. Foi amor à primeira vista, mas a sua mãe também se apaixonou por ele.

“Quando percebi que jamais iria competir com a minha irmã, pois ela era mais linda e sofisticada do que eu, acabei desistindo de lutar por ele, saí de cena de fininho, e ninguém percebeu a minha ausência. Eles começaram a namorar, e eu fiquei triste pelos cantos da casa. Porém, a vida prega cada peça na gente... Um dia, naquela mesma cachoeira que você vai com a Nanda, encontrei o Otávio. Ficamos sozinhos a tarde toda, e ele confessou que estava apaixonado por mim também. Depois que descobri que meu amor era recíproco, não consegui mais disfarçar e comecei a sair com ele,

escondido de todos, é claro. Ficamos vivendo essa vida dupla por alguns meses, porque o Otávio não tinha coragem de enfrentar o pai e dizer que estava apaixonado pela filha bastarda do maior fazendeiro da região. A pressão que ele sofria era tão forte que ele não conseguia dizer ao pai que estava com a filha errada, já que a minha irmã era a nora perfeita.”

“Isso se arrastaria indefinidamente se eu não tivesse ficado grávida do Ben. Minha condição levou o Otávio a se decidir de uma vez por todas. Ele largou sua mãe exatamente um mês antes do casamento. Ela ficou arrasada e me culpa até hoje por isso.”

— Meu Deus, eu não sei o que dizer sobre isso. — Abri a boca algumas vezes, tentando pronunciar algo mais, mas não consegui. Minha mãe tinha todos os defeitos do mundo, e eu sempre tinha sido a primeira a criticá-la. No entanto, daquela vez eu fiquei sem saber o que falar. Eu sabia que ninguém pode mandar no coração, que minha tia não escolhera se apaixonar pelo noivo da irmã. Porém, ela traía minha mãe. Ela e o Otávio tiveram um caso escondido dela, e isso era errado. Não importavam as circunstâncias, ainda era errado.

— Não faz essa cara, não me julgue, por favor. Sei que estava errada, mas eu era nova e estava apaixonada. Pode ser errado, mas eu não me arrependo nem um pouco, faria tudo exatamente do mesmo jeito, se o fim fosse o que tenho hoje. Valeu a pena viver cada segundo ao lado do homem que eu amava — explicou com os olhos marejados de lágrimas.

— Eu entendo, mas ainda assim não concordo. Traição é sempre traição — disse sem querer ofendê-la, mas sabendo o quanto minhas palavras iriam machucá-la.

— Quando sua mãe me ligou dizendo que você estava vindo, achei que era o momento de pedir perdão a ela e tentar uma reconciliação depois de tanto tempo. No entanto, não teve conversa pelo telefone, nem hoje, quando

ela chegou nessa casa. Fazia anos que eu não a via, mas ela pareceu não se importar comigo. Eu saí da fazenda do meu pai apenas com a roupa do corpo. Se o meu sogro não tivesse me acolhido, eu teria ficado na rua. Anos depois, seu avô se arrependeu de ter me expulsado e deixou essa fazenda no meu nome. Sua mãe não deve ter gostado disso e ficou com mais raiva de mim ainda, se isso é possível.

— Eu não posso dizer nada agora, preciso pensar — declarei saindo do cômodo e a deixando sozinha.

Entreí no meu quarto e caí na cama, pensando no dia cansativo que tivera. Tinham acontecido tantas coisas que a minha noite com o Ben parecia ter acontecido havia muito tempo e não apenas algumas horas.

Eu não conseguia entender como acontecera tudo aquilo num período tão curto. Eu tinha ido da felicidade extrema à tristeza absoluta num único dia. Antes de dormir, esgotada de tanto pensar no que a tia Rosa tinha contado, escutei batidas leves à minha porta, e o Ben apareceu.

— Você não foi jantar, por isso eu resolvi vir até aqui para ver como você estava. Eu trouxe um lanche, se você estiver com fome. — Colocou a bandeja em cima da cama.

— Eu não estou com fome — afirmei me sentando na cama.

— Mas você não comeu nada o dia inteiro.

— Sei disso, eu estava morrendo de fome, mas a briga com a minha mãe e depois as revelações da sua tiraram o meu apetite.

— Minha mãe está triste, ela acha que você está com raiva dela como a sua mãe — comentou se deitando na cama ao meu lado.

— Eu não estou com raiva dela. Quem sou eu para condenar a minha tia? Só estou chateada. Sempre fui muito dura com a minha mãe, acho que nunca dei uma chance para ela de verdade. Agora que sei o que aconteceu com ela, posso explicar muitas das suas atitudes. Minha mãe se casou sem

amor, e sua vida com meu pai é uma briga constante. Ela vive infeliz, e agora eu sei o porquê — expliquei chegando mais perto dele e encostando minha cabeça no seu ombro.

Imediatamente adormeci. Eu estava cansada, e bastou eu me sentir segura para fechar meus olhos e me entregar ao sono.

Acordei na manhã seguinte com o sol batendo no meu rosto e a barriga roncando. Eu precisava desesperadamente de comida, por isso me levantei, corri para o banheiro, tomei um banho rápido, coloquei a primeira roupa que encontrei na gaveta e segui rumo à cozinha, sentindo o aroma gostoso de café fresquinho.

— Bom dia! — cumprimentei aparecendo na cozinha horas depois do café da manhã. Daquela vez ninguém fora ao meu quarto me acordar.

— Bom dia — saudaram ao mesmo tempo a tia Rosa e a Marta.

Na sala de jantar, a mesa do café da manhã ainda estava posta, por isso me sentei à mesa e bebi uma xícara de café acompanhada por bolo de milho e fatias de queijo, torradas feitas em casa e duas fatias de pão caseiro com geleia de goiabada. Depois de comer tudo isso, eu podia dizer que estava satisfeita.

— Agora que terminou, podemos conversar — pediu a minha tia se sentando numa cadeira ao meu lado.

— Sim — concordei imediatamente.

— Você está brava comigo? Pelo que eu fiz com a sua mãe? — perguntou apreensiva.

— Não, eu não estou brava com você. Ontem eu fiquei chateada, mas não era com você. Tudo o que me contou sobre a minha mãe preencheu algumas lacunas da vida dela. Sempre achei que ela não foi feliz durante sua juventude, mas nunca imaginei que fosse tão grave assim. Minha mãe é uma mulher dura e amarga com a vida, e agora sei por que.

— Eu achei que ela tinha superado o que aconteceu há tantos anos, mas agora, depois de ver o ódio nos olhos dela ontem, percebi que ela não esqueceu a minha traição.

— Ela não esqueceu, e isso a deixou ainda mais amarga e dura com o passar dos anos. Minha mãe é uma mulher infeliz e acho que nunca vai mudar — expliquei desanimada, pois, pela primeira vez, eu entendia a mulher que me gerara, entendia por que ela nunca me dera o amor que eu merecia, nem a atenção que tanto desejava. Ela não sabia como amar novamente, e isso a tornara cada vez mais distante, fria e dura com as pessoas a sua volta.

Tentei explicar para a minha tia que ela não tinha culpa, mas foi difícil ela acreditar, pois nós duas sabíamos que ela tinha uma parcela que, embora pequena, servira para romper o fino laço que as irmãs tinham e transformar a vida da minha mãe para sempre.

Depois dessa conversa amigável, abracei a minha tia e disse que tudo ficaria bem. Pelo menos era o que eu estava tentando acreditar no momento.

— Você está namorando o seu primo — cochichou no meu ouvido enquanto ainda estávamos abraçadas.

— O Ben te contou? — perguntei sorrindo.

— Eu já desconfiava, ele apenas confirmou. Conheço esse olhar apaixonado que você tem quando olha para ele, era exatamente assim que eu me sentia com o meu Otávio — respondeu olhando nos meus olhos e colocando as mãos nos meus braços para me observar melhor.

— Sim, eu estou perdidamente apaixonada pelo seu filho, mas não conte para ele. O Ben já é muito convencido sem saber disso — confirmei suas suspeitas e as minhas também. Naquela altura, eu não podia mais negar que estava apaixonada por aquele ogro.

Fiquei feliz em saber que tia Rosa aprovava o nosso relacionamento.

Não era mais um segredo, eu podia ficar com ele onde quisesse sem precisar me esconder, já estava na hora. Despedi-me de minha tia assim que terminamos a conversa e segui até o estábulo, pois eu precisava encontrar a única pessoa que era capaz de me colocar nos eixos novamente. Ao seu lado eu estava segura e podia ficar assim para sempre.

Contudo, tive uma surpresa ao entrar lá e encontrar o Ben encostado a uma das baias, usando somente uma calça jeans e beijando a Angélica como se não quisesse ser descoberto.

Fiquei em choque, parada no lugar, sem saber o que fazer e nem para onde correr, pois o meu porto seguro tinha acabado de afundar me levando junto com ele.



Eu poderia ficar o dia todo ali, que eles não perceberiam a minha presença, de tão empolgados que estavam. Eu tinha sido enganada por alguém que eu amava, e isso doía muito, mas eu não podia continuar parada observando ambos se beijarem. Por isso tirei forças de onde não tinha e comecei a bater palmas o mais alto que podia, chamando a atenção do casal.

— Me desculpem, não queria atrapalhar! — gritei furiosa.

— N-não é nada disso que você está pensando — gaguejou o Ben, aflito, limpando a boca com a palma da mão como se com esse simples gesto pudesse apagar o beijo que ele estava trocando com a Angélica.

— O que é, então? Você está me chamando de cega?

— Não queria beijar a Angélica, foi ela que me agarrou — tentou se explicar, mas o sorriso da Angélica enquanto lambia os lábios dizia o oposto.

— Não acredito em uma palavra sua, e quanto a você, Angélica, pensei que era minha amiga.

— Eu ainda sou sua amiga, mas sempre amei o Ben, e você sabia disso. Por isso, quando tive a oportunidade, não desperdicei — comentou com os

olhos brilhando de entusiasmo.

— Quer saber? Pode ficar com ele; os dois se merecem mesmo — disse virando as costas para sair dali.

— Por favor, espere, Laís, você tem que acreditar em mim! — pediu aflito, mas era impossível atender ao seu pedido depois de ter visto com meus próprios olhos.

Corri de volta para casa. Entrei batendo a porta, chorando e correndo pelos corredores. Bati em alguém, mas nem levantei minha cabeça para ver quem era, continuei caminhando depressa para o meu quarto.

Nem fechei a porta atrás de mim, pois não tinha tempo, precisava sair dali o mais rápido possível. Olhei para os lados até encontrar o que estava procurando, puxei minha mala, que estava num canto, joguei algumas roupas e coisas dentro dela, peguei minha bolsa e, quando me virei para sair, trombei com o João.

— O que aconteceu com você? E aonde vai assim, chorando? — perguntou preocupado, segurando meus braços e levantando minha cabeça para me observar melhor.

Ele pareceu não gostar do que viu, pois franziu a testa e ficou ainda mais preocupado. Eu não podia evitar, sabia que estava destruída e não fiz questão nenhuma de disfarçar isso.

— Preciso sair daqui agora, não posso olhar para Ben nunca mais. Por favor, me tire daqui! — implorei por ajuda sem saber para onde exatamente eu estava indo; eu só queria fugir.

— Eu vou levar você, mas tem que me contar o que está acontecendo no caminho — avisou segurando minha mala e seguindo na minha frente até o seu jipe. Quando entramos no carro e o João saiu da fazenda levantando poeira, olhei para trás e vi o Ben correndo atrás do veículo, mas era inútil; o João acelerou, deixando-o para trás.

Eu não sabia o que ele queria me dizer, nem por que estava correndo atrás do jipe depois de beijar a Angélica na estrebaria. No entanto, eu não queria saber, isso não importava mais, pois eu precisava esquecê-lo. Mesmo que meu coração estivesse destruído, eu tinha que seguir adiante.

No caminho, contei tudo para o João, desde meu romance com seu irmão até a traição que eu vira pouco antes no estábulo. Ele ouviu atentamente todo o meu relato e no final disse que iria me ajudar financeiramente. Eu tive que aceitar, uma vez que não tinha alternativa, já que não podia contar com a ajuda da minha família.

O João me levou para a capital. Ficamos três dias numa pousada até que eu decidisse o que faria da minha vida. Eu chorei, comi potes de sorvete, mas nada adiantou, a dor nunca passava, pelo contrário, parecia aumentar. Eu estava depressiva e sabia que mais cedo ou mais tarde teria que tomar uma atitude.

Meu primo foi tudo o que eu precisei durante esses dias tão difíceis. Apesar de ter apenas uma troca de roupas no carro para emergências, em nenhum momento ele saiu do meu lado enquanto eu sofria, ficamos juntos todo o tempo em que fiquei na pousada. Mesmo assim, ele não passou dos limites nenhuma vez. Mesmo eu sabendo que ele era apaixonado por mim e que poderia interpretar essa ajuda como algo mais, eu não recusei. Estava frágil e com o coração partido, por isso não me condenem por aceitar ter um cara lindo e simpático me ajudando, mesmo que eu não estivesse apaixonada por ele. Era fácil ficar ao seu lado, ele era uma pessoa que transmitia paz e aconchego. O João era assim, simples de amar, e com certeza não me trocaria pela primeira garota que aparecesse na sua frente. Por que meu coração não escolhera se apaixonar por ele? Eu caíra de amores logo pelo irmão cafajeste. Seria tão bom deixar o João cuidar de mim, mas eu não podia mandar no meu coração, e no momento, ele queria ficar quietinho no canto.

Ficamos juntos no mesmo quarto durante aqueles três dias. Durante esse tempo ele teve que me segurar quando eu chorava baixinho à noite, com saudades da minha família e também do desgraçado do Ben. Porém, os dias não foram só amarguras e ressentimentos. Ficamos cada vez mais próximos e passávamos longas horas conversando sobre coisas banais, mas que me ajudavam a não ficar pensando no Ben. Durante todo esse tempo, ele foi meu amigo, apenas isso. Eu fiz questão de deixar claro que não aceitaria sua ajuda se ele quisesse algo além de uma amizade. Meu coração estava ferido, e de maneira nenhuma eu iria fazer o mesmo com ele. Contei-lhe que eu estava arruinada para qualquer relacionamento e não queria arrastá-lo comigo.

Fiquei aqueles dias assim, até que a minha ficha caiu. Não podia continuar daquele jeito, tinha que seguir em frente, e a forma que encontrei foi me mudar para uma república para alunos de baixa renda perto da universidade na qual eu tinha escolhido cursar Artes Cênicas. Fazer esse curso era o meu sonho, e eu já estava matriculada mesmo, por isso resolvi mergulhar de cabeça. Recusei a bolsa de estudos para Nova Iorque, pois eu não tinha dinheiro nem para a passagem, nem para me manter sozinha num país tão distante. Talvez numa outra oportunidade eu poderia repensar a oferta. Quando me mudei para a moradia da universidade, disse “até logo” para o meu primo e amigo e fiquei sozinha pela primeira vez.

Os primeiros dias foram terríveis. Eu morava num quarto minúsculo que, para a minha sorte, não precisava dividir com ninguém, porque era muito pequeno para acomodar duas pessoas. A mobília se resumia a uma cama de solteiro, uma escrivaninha velha e quase desmoronando, mas, para compensar, tinha uma cadeira giratória em bom estado, já que era a peça mais nova no quarto, e um minúsculo banheiro. As paredes precisavam de uma pintura urgente, e tudo cheirava a mofo. Entretanto, aquele lugar era a minha única opção, e uma pessoa sem alternativas tende a aceitar qualquer coisa. O

quarto mal iluminado não lembrava em nada meu antigo, onde tudo era novo e custava uma pequena fortuna. Se eu me importasse com bens materiais, jamais dormiria naquele lugar. No entanto, eu estava tranquila quanto a abandonar o luxo e viver naquele quarto humilde.

Os dias foram passando, e aos poucos a faculdade e o emprego de garçõete num restaurante badalado foram me deixando cada vez mais sem tempo para pensar no passado.

Ao fim de dois meses, eu já estava bem melhor e falava com o João quase todas as noites. Ele sempre ligava para saber como eu estava. Em nenhum momento eu perguntei pelo Ben. Ele já era página virada na minha vida – era o que eu repetia toda vez que acordava de manhã e me lembrava dele. Seguia com a minha vida como podia. Alguns dias eram mais difíceis, outros, mais fáceis. O João me ajudou muito a superar as dificuldades. Eu ainda conversava com a Nanda e, às vezes, com a tia Rosa, mas nunca perguntava do Ben. Eu não sabia como ele estava nem se continuava com a Angélica, mas também era covarde o suficiente para continuar sem saber. Era uma falsa sensação de segurança. A cada dia eu me equilibrava para não cair em tentação e perguntar por ele.

Arrumei uma amiga no trabalho. Ela era o oposto de mim, loira, roqueira, doida e vivia a vida sem se importar com as consequências. Ela me convidava para acompanhá-la às suas baladas, mas eu recusava várias vezes, até que numa noite em que eu estava mais depressiva do que o normal, resolvi aceitar. Foi uma tragédia. Bebi todas, quase fui estuprada por um dos convidados e saí arrastada da festa. Depois desse trágico evento, passei a evitar bebidas, as festas e a minha amiga Stephanie. Tudo nessa mesma ordem.

A faculdade era minha única alegria, pois eu estava fazendo algo que me dava prazer. Atuar, fingir ser outra pessoa no momento era tudo o que eu

mais precisava. Às vezes, mesmo depois das aulas, eu continuava interpretando um papel, no meu trabalho, para meus amigos, e às vezes ao telefone para o João, que fazia questão de ligar sempre para saber como eu estava.

E assim se passaram vários meses, até que chegamos ao final do ano. Eu estava fazendo as provas finais. Quando voltei para casa mais cedo, não sei por qual razão liguei a televisão num canal rural, e eles estavam transmitindo ao vivo a final do campeonato mundial de rodeio em Las Vegas. Fiquei paralisada no lugar, segurando o controle-remoto e assistindo ao Ben permanecer oito segundos em cima de um touro enorme e levar o troféu de campeão do mundo para casa.

Era o sonho dele, e eu tinha certeza de que deveria estar muito feliz. Mesmo não estando perto para curtir esse momento, eu sorri ao olhar pela televisão alguém que fora tão importante na minha vida conseguindo realizar seu sonho. Depois de todos aqueles meses sem nem falar o nome dele, a raiva tinha passado, e eu não sabia nomear o que sentia então. Ainda doía lembrar o que tivéramos, mas eu conseguia disfarçar muito bem, afinal, eu era uma atriz, era para essa profissão que eu estava estudando.

Liguei para a Nanda e resolvi quebrar o silêncio, desejando toda a sorte do mundo para o seu irmão. A minha prima estava tão feliz que passou despercebido meu interesse repentino pelo Ben depois de tanto tempo sem sequer perguntar por ele. Depois de saber como o resto da família estava, deixei um beijo para a minha tia e para o João e desliguei. Olhei para o minúsculo quarto no qual morava e senti um aperto no coração. Eu estava sozinha, e essa era a pior sensação do mundo.

Entrei em férias na faculdade e, sem nada para fazer, resolvi pegar um turno extra no trabalho a fim de ocupar meu tempo com outras coisas e guardar dinheiro para estudar fora do país.

Meu objetivo era simples, seguir com meus planos dia após dia como se o mundo fosse perfeito e eu não estivesse de coração partido. Minha tática estava funcionando até aquele bendito dia, quando meu castelo de cartas desmoronou de vez.

Eu recebi um convite embrulhado num envelope muito bonito e encaminhado pelos correios diretamente de Paraíso. Era um convite de casamento, não qualquer casamento, eram as bodas do Ben e da Angélica, e pasmem, eles queriam a minha presença, ou, parafraseando as palavras presentes no convite, eles faziam questão de compartilhar aquele momento comigo.



Quando olhei para aquele convite, minha primeira reação foi negar. Era surreal demais para eu conseguir acreditar, e eles ainda fizeram questão de me mandar um convite. Não, aquilo tinha de ser uma brincadeira de mau gosto.

Todavia, não era, e bem lá no fundo eu sabia disso. Tive exatamente uma semana para me acostumar com a ideia. Nesse período, eu falei com a Nanda e com o João, mas não contei que sabia sobre o casamento.

Durante essa semana eu vivi um inferno. Não sabia se rasgava o convite e ia até lá tirar satisfação com aquele desgraçado, aproveitador ou ignorava tudo e seguia com a minha vida.

A cada dia eu decidia uma coisa diferente pela manhã, mas à noite já não tinha certeza da decisão que tinha tomado mais cedo e tudo voltava à estaca zero. Eu estava perdida e não sabia o que fazer. Se não fosse pelo convite enviado em meu nome, eu poderia ignorar e passar uma borracha na minha vida com o Ben, mas aquele maldito convite obrigava que tomasse uma atitude, e eu não sabia que direção tomar. No entanto, estava ficando

sem tempo. O casamento estava se aproximando, parecia que um relógio cuco batia as horas que passavam insistentemente na minha cabeça.

Quando eu estava quase enlouquecendo, encontrei a Stephanie no banheiro do meu trabalho. Era o fim do meu turno e o começo do dela. Ficamos em silêncio por um tempo, sem saber o que dizer uma para a outra, até que ela resolveu perguntar:

— Eu não gosto de me meter na vida dos outros, mas você está estressada a semana toda e isso não é normal, até mesmo para você. Vamos, desembucha logo, o que está acontecendo? — questionou segurando meus braços e pedindo com os olhos que eu confiasse nela.

Tentei me desviar do assunto e dizer que estava bem, mas ela não acreditou nem um pouco. Por isso não tive alternativas senão contar tudo. Nem sei quanto tempo levei, mas disse cada palavra que estava entalada na minha garganta, cada insatisfação. Ela não me interrompeu em nenhum momento, e, quando terminei, já estava chorando como a garota tola que eu era. Ela ficou me observando por alguns minutos que mais pareceram uma eternidade, cheguei até a desviar meus olhos, envergonhada.

— Você não tem nenhum motivo para se sentir envergonhada, a culpa de tudo isso não é sua — comentou segurando no meu rosto para voltar a olhar para ela novamente.

— Eu sei que não tive culpa, mas me sinto uma boba por confiar num cara novamente — expliquei secando uma última lágrima que ainda insistia em cair.

— Quer saber a minha opinião sobre essa loucura toda? Eu não costumo ser sensata, nem nada do tipo, na verdade sou a última pessoa que deveria estar aqui te dando um conselho. Mas, pelo que estou vendo, sou a sua única opção — disse abrindo os braços e olhando para os lados à procura de mais alguém.

— Eu não tenho mais ninguém além de você para me ajudar — comentei triste, sentando-me em um dos bancos que havia no banheiro.

— Ainda bem que você está sentada, porque tenho a impressão de que não vai gostar da minha sugestão, mas, como eu não tenho filtro, vou dizer logo. Se eu fosse você, iria a esse casamento no sábado e desfilava na frente daquele desgraçado que te traiu como se ele não fosse nada. Sabe aqueles mosquitinhos que a gente esmaga quando está fazendo aqueles barulhinhos chatos no nosso ouvido? Exatamente assim.

— Você está louca, eu não posso ir a esse casamento — discordei levantando-me do banco e começando a andar aflita de um lado para o outro.

— Eu sei que parece uma ideia estúpida, mas pensa comigo. Eles estão te desafiando enviando esse convite; se ficar quieta e não se manifestar, eles irão achar que venceram. Mas, se você aparecer na festa usando sua melhor roupa, como se esse casamento não te afetasse em nada, você será a vencedora, mesmo que por dentro esteja um caco. Pelo amor de Deus, você está estudando para ser uma atriz, acho que pode fingir que está feliz e radiante por algumas horas.

— É claro que posso, mas não sei se quero — disse emburrada, cruzando os braços em volta da minha cintura. Eu sempre fazia isso quando estava insegura.



Eu não sei como tive coragem de chegar até lá. No caminho pensei muitas vezes em desistir e ir embora, fugir sem olhar para trás – como fizera da outra vez –, mas o meu coração era tolo e não me deixou dar meia volta e

partir.

Seria tão simples... Era preciso apenas girar o volante e retornar para a vida calma e tranquila na qual eu me escondera até aquele momento. Porém, sabia que não seria tão fácil encarar todos novamente, não depois de tudo. Pior, num momento como aquele! Estava atrasada, e isso significava que eu tinha que ir direto para a cerimônia.

Encontrava-me cada vez mais nervosa. E essa sensação de não saber o que iria acontecer de verdade tornava as coisas ainda mais complicadas.

Será que ele vai olhar para mim do mesmo jeito? Será que serei capaz de fazer o que preciso?

Eu não tinha tempo para descobrir, pois já estava quase na praça em frente à igreja.

Quando desliguei o carro, bati com força no volante, depois abaixei a minha cabeça e perguntei:

— O que eu estou fazendo aqui?

Era tarde demais, não tinha mais volta. Constatar isso estava acabando comigo. A dor era tão forte que eu não estava conseguindo suportar. *É o fim da linha. Acabou!*

Tirei força e determinação não sei de onde. Por dentro eu estava destruída, mas por fora a casca era perfeita e podia enganar qualquer pessoa, inclusive ele. Saí do carro, caminhei um passo de cada vez até as escadas e subi os degraus devagar. Enfim cheguei ao último lance em frente à porta. Precisava seguir – esse pensamento me comandava –, por isso me desviei de algumas pessoas e entrei.

Assim que meus pés tocaram o assoalho de madeira, olhei para frente e o que vi me deixou sem reação. Era ele parado no altar e olhava para mim, usando um smoking que estava perfeito no seu corpo. Tinha uma expressão confusa no rosto, e eu já conhecia tão bem o que significava cada olhar seu...

Restava saber se ele ainda sentia o mesmo por mim.

Passei pelos inúmeros convidados sem olhar para ninguém em especial, eu precisava ser forte. Esse era o mantra que eu repetia a cada segundo, enquanto os padrinhos entravam e se posicionavam em seus lugares no altar. Entre eles estavam a Nanda e o Pedro, o João e uma garota que eu não conhecia. Fiquei sentada numa dos bancos da igreja, pensando se conseguiria ficar ali por mais um segundo ou se sairia correndo a qualquer momento.

Antes que eu tivesse a força e a coragem para me levantar e sair, o hino nupcial começou a ser tocado, e a Angélica entrou na igreja. Ela estava linda, feliz e radiante. Seu sorriso brilhava, deixando seu rosto ainda mais bonito. E, mesmo numa igreja lotada, ela conseguiu fixar os olhos na minha direção e sorrir. Eu poderia estar enganada, mas pensei ter visto seus lábios se mexerem e dizer uma frase que me deixou imóvel: “eu consegui”.

Depois disso, o resto da cerimônia foi apenas um borrão de acontecimentos sem sentido. Eu não conseguia prestar mais atenção em nada, precisava sair dali. Ao fim, quando me virei para sumir, alguém segurou no meu braço, obrigando-me a virar naquela direção.

— Eu não sabia que você viria — comentou o João ainda me segurando.

— Fui convidada — respondi meio sem graça.

— Você está linda — disse olhando para mim da cabeça aos pés.

Seu comentário pelo menos serviu para confirmar que, mesmo depois de horas dentro de um carro, eu ainda estava como gostaria. Tive a ajuda da Stephanie. Foi ela quem escolheu meu vestido, um nude transparente, parecia que eu estava com uma segunda pele. Ele marcava todas as minhas curvas e deixava pouca coisa para a imaginação. Pelo olhar faminto que o João estava me direcionando, minha amiga tinha conseguido alcançar seu objetivo.

— Obrigada — respondi olhando de verdade para ele pela primeira vez

desde que chegara. O João também estava lindo, ele era o tipo de cara que ficava bem em um terno, e aquele parecia ter sido feito sob medida para ele, já que se encaixava perfeitamente no seu corpo atlético.

— Onde você estava indo quando cheguei?

— Estava indo embora — informei sem coragem de encará-lo.

— Você não vai na festa? Será linda, lá na fazenda — comentou segurando na minha mão.

— Eu não tinha a intenção de participar da festa — respondi baixinho.

— Você não pode ir embora assim, minha mãe e a Nanda ficariam desapontadas.

— É, você tem razão — disse cabisbaixa.

— Venha comigo — pediu segurando a minha mão, e seguimos juntos para fora da igreja.

Quando chegamos à praça, ele olhou para os lados procurando alguma coisa. Fiquei sem entender o que era, até chegarmos perto do seu jipe.

— Eu aluguei um carro, não posso ir com você — expliquei tentando soltar as mãos dele, mas sem sucesso, João continuava segurando as minhas como se sua vida dependesse disso.

— Não se preocupe com o carro, eu trago você aqui quando quiser ir embora — prometeu abrindo a porta do passageiro para que eu pudesse entrar. Hesitei por um momento, mas no final acabei aceitando. O que eu tinha a perder? Já estava na chuva e agora tinha de me molhar.

Não sei exatamente em que momento cheguei à festa, só observei que tinham armado uma tenda gigante em frente à casa, onde a festa estava ocorrendo. Antes mesmo de cumprimentar os noivos, eu já tinha bebido três taças de champanhe, uma dose de uísque e dois *shots* de tequila. Abracei minha tia – meu Deus, como eu sentia saudades dela, da sua casa e da sua comida deliciosa! Depois foi a vez da Nanda. Minha prima me deu a maior

bronca por não avisar que eu estava vindo para a festa, mas no fim disse que estava brincando e muito feliz com a minha presença. Ganhei um abraço daqueles e tive até vontade de chorar.

Por último, mas não menos importante, o João me levou para cumprimentar os recém-casados. Foi nessa hora que eu agradeci ao álcool nas minhas veias. Eu estava entorpecida, e nem mesmo a proximidade com o Ben tinha qualquer efeito em mim. Eu estava vacinada contra aquele cafajeste. Ele ficou me olhando por um tempo longo demais, sem dizer absolutamente nada, trincando os dentes de raiva, e diante disso, a Angélica resolveu dizer com um sorriso falso:

— Fico feliz que você pôde comparecer mesmo eu enviando o convite em cima da hora.

— Eu não perderia isso por nada, afinal, esse casamento é a realização do seu sonho, não é mesmo? Pena que ele seja tão pequeno e egoísta — resmunguei as últimas palavras bem baixinho, apenas para que ela pudesse ouvir, enquanto lhe dava um abraço durante o qual deveria desejar um casamento feliz.

Saí de perto dos dois sem olhar para trás, mesmo sentindo minhas costas queimarem. Sabia que o Ben estava me olhando, mas eu não me virei para confirmar minha suspeita, fui forte e saí dali com a mesma dignidade que entrei, mesmo estando destruída por dentro.

Na verdade, não saí da festa, voltei para o bar e peguei outra bebida, depois fui para a pista de dança junto com o João e a Nanda e outros convidados que eu não conhecia e dancei, dancei muito, extravasei, soltei a franga, gritei, pulei, curti como nunca aquela festa a que eu nem queria comparecer.

Acordei na manhã seguinte num quarto que eu não conhecia, usando apenas minha calcinha, ao lado do João, que estava só de cueca, dormindo.

— O que eu fiz? — perguntei colocando as mãos na cabeça para tentar diminuir a dor que, àquela altura, estava insuportável.

Levantei-me da cama de fininho, procurando meu vestido. Fui encontrá-lo embaixo da cama. Vesti-me o mais depressa que consegui, depois segurei meus sapatos e saí de fininho do quarto antes que o João acordasse e eu tivesse que dar explicações sobre a noite anterior.

Eu teria escapado sem ser descoberta se não tivesse esbarrado numa parede de músculos que me fez recuar e olhar para cima. Fiquei surpresa ao perceber que tinha trombado com a última pessoa na face da Terra que eu gostaria de ver naquele dia.

— Estou vendo que você aproveitou a noite — disse Ben num tom sarcástico, olhando-me com aquele ar arrogante de sempre.

— Você não tem direito de se meter na minha vida — respondi encarando-o de volta.

— Eu sabia que você era uma vadia. No dia do meu casamento, você transou com o meu irmão — afirmou com um tom de asco.

Assim que ele terminou de me ofender, olhei-o com tanto ódio que fiquei fora de mim. Quando percebi, minha mão já estava na face dele. Dei uma pancada tão forte que minha palma passou a latejar e o rosto dele ficou bem vermelho.

Depois de tudo aquilo, eu não podia mais ficar naquela casa, nem mesmo naquela propriedade. Mesmo com tantos hectares de terra, o espaço ficou pequeno para nós dois. Eu tinha de colocar a maior distância entre mim e Ben antes que eu cometesse uma loucura. Para a minha sorte, minha tia tinha observado toda aquela cena. Ela não me repreendeu em nenhum momento por bater no seu filho e foi com a sua ajuda que consegui sair da fazenda, pegar meu carro em frente à praça e voltar para a capital.



Cheguei ao pequeno quarto que chamava de lar mais rápido do que eu imaginava, pois tinha pisado no acelerador com toda a coragem que tinha e só tirara meu pé dele quando estava na minha cidade. Entrei em casa tirando minhas roupas no caminho e fui logo tomar um banho. Precisava afastar a ressaca que estava me matando.

Depois coloquei uma das minhas camisetas de bandas favoritas e caí na cama sem me preocupar com meu coração despedaçado, o casamento do Ben, nem a noite que passara na cama do João. Adormeci profundamente para acordar apenas no dia seguinte, ainda com dor de cabeça e sem saber ao certo como fora parar seminua na cama do meu primo.

Sem respostas para o meu dilema e com a cabeça doendo um pouco menos, fui trabalhar no restaurante. Quando cheguei lá, contei toda a minha aventura para a Stephanie. Para a minha surpresa, ela adorou saber que eu dormira com o João e ainda dera uma tapa no Ben.

Poderíamos ter ficado a manhã toda conversando, mas eu precisava trabalhar, por isso encerramos o assunto prometendo voltar a conversar

quando tivéssemos mais tempo. No entanto, não tocamos mais nesse tema; toda vez que ela tentava, eu dizia que não queria falar mais sobre aquilo e ponto. Depois de uma semana insistindo, ela acabou entendendo e parou de perguntar.

Quem não entendia era o João, que me ligava duas vezes por dia. Eu recusei todas as ligações. Não tinha coragem de falar com ele. O que eu poderia dizer, se nem lembrava o que acontecera naquela noite?

Continuei conversando com a Nanda sem perguntar agora por nenhum dos seus irmãos. Era difícil, e minha prima merecia saber a verdade, mas eu estava naquela bolha de “ignore o problema até que ele desapareça”. Por enquanto estava funcionando, mas eu não sabia até quando daria certo.

Eu estava por minha conta, sem família, sem pais e com uma única amiga. Para quem tinha tudo havia pouco tempo, aquele caminho que eu estava percorrendo era difícil. Entretanto, eu não iria desistir tão fácil; mesmo sozinha e com o coração partido, eu precisava seguir em frente. Seria fácil pedir a ajuda do João, mas não era justo nem comigo, nem com ele. Eu precisava ficar aquele tempo sozinha, por isso resolvi enviar uma mensagem para meu primo:

Eu preciso de um tempo sozinha, embora saiba que quer falar comigo sobre aquela noite, mas ainda não estou pronta, tudo aconteceu tão rápido que estou confusa. Espere um pouco; quando eu estiver pronta, aviso.

Depois dessa mensagem, o João parou de me ligar, mas mandava duas mensagens por dia, uma de manhã para desejar bom-dia, e outra à noite para dizer “durma bem”. Eu passei a me acostumar com as mensagens e, quando ele se atrasava para mandá-las, até ficava triste. Sabia que não podia me acostumar com isso, mas já era tarde demais, eu estava viciada nas suas mensagens e de maneira nenhuma iria pedir que parasse.

Foi nesse ritmo, lendo as mensagens do João, que passei o verão um pouco mais animada e diria até feliz. Suas mensagens foram evoluindo para algumas perguntas ao longo do dia, e eu comecei a respondê-las. Quando o outono chegou, eu nem pensava no Ben e respirava aliviada por constatar isso.

Durante o inverno, eu representei em minha primeira peça de teatro. Os ensaios e a ansiedade ajudaram o tempo a passar mais rápido. No final deu tudo certo, e eu estava orgulhosa por seguir meu sonho.

Ser a Julieta foi algo além do que eu esperava e confirmou que eu estava no caminho certo. Era um espetáculo pequeno, para poucas pessoas, mas no final fui muito elogiada e decidi que era isso que eu queria para o resto da minha vida, não as câmeras, e sim o contato real com o público. Provavelmente eu nunca seria uma atriz de televisão ou cinema, minha praia era mesmo o teatro e o contato direto com os espectadores.

Alguns dias depois da peça, recebi uma visita que me deixou surpresa e sem saber o que dizer. Abri a porta do meu quarto pensando ser um dos outros moradores da pequena república na qual eu morava, mas tive uma surpresa ao ver o João parado à minha porta.

— O que você está fazendo aqui? — finalmente perguntei.

— Eu preciso falar com você. Tentei ficar afastado, como pediu, mas é muito difícil. Temos assuntos inacabados e precisamos conversar — disse aflito, passando as mãos nos cabelos.

— Você quer entrar? — indaguei me afastando da porta para que ele pudesse passar por mim.

— Claro! Se não estiver atrapalhando... — respondeu sem jeito.

— Você nunca atrapalha, João, pode ficar à vontade, a casa é sua.

Não precisei falar duas vezes. O João estava cansado, provavelmente viera de Paraíso até ali sem descansar nem um pouco, já que a primeira coisa

que fez ao entrar no meu quarto foi se sentar na minha cama e observar a minúscula quitinete na qual eu morava.

— Este lugar é pequeno. Sabia que não era grande coisa pelas mensagens que você mandava desdenhando do lugar. Porém, não imaginei que era ainda menor. Nosso galinheiro é maior do que seu quarto.

— Você veio até aqui para debochar de mim e do meu quarto? — inquiri incrédula.

— Não, claro que não. Eu vim até aqui porque precisava falar com você e não podia mais esperar — justificou preocupado, esfregando as mãos uma na outra.

— O que é tão importante que você não pode dizer por mensagem? — questionei me sentando ao seu lado.

— Preciso te contar sobre aquela noite — disse de cabeça baixa como se fosse algo muito sério.

— O que exatamente precisa dizer que eu ainda não saiba? — perguntei curiosa. O que ele precisava me dizer além do óbvio? Nós tínhamos passado a noite juntos, mais nada.

— Você acha que transamos naquela noite? — indagou olhando sério para mim.

— Sim, eu acordei praticamente nua na sua cama, é fácil imaginar o resto — respondi sem tirar os olhos dele.

— Não fizemos nada além de dormir naquela noite — explicou sem olhar para mim dessa vez.

— Pode explicar isso melhor? — pedi levantando seu rosto para que ele olhasse para mim.

— Você estava muito bêbada e com muita raiva do Ben, por isso se jogou nos meus braços, mas eu não podia me aproveitar de você assim. Que tipo de homem eu seria? Meu pai seria capaz de me deserdar se ainda

estivesse vivo. Naquela noite, depois que você tirou o vestido e ficou só de calcinha na minha frente, eu te cobri com um lençol, e dormimos abraçados. Tive que fazer um esforço enorme para não atender ao seu pedido, não tive coragem.

— Você está me dizendo que tirei a roupa na sua frente e que você não fez nada? — questionei surpresa com essa novidade.

— Você não estava no seu estado normal. Se eu tivesse me aproveitado de você, teria me arrependido muito. Você não merecia ser tratada como uma garota qualquer.

— Que tipo de cara é você? Ninguém que conheço teria recusado uma garota nua na sua cama, não importa o quanto ela estivesse bêbada.

— Eu recusei e não me arrependo nem um pouco, faria novamente a mesma coisa se preciso fosse. Já disse que você merece mais do que isso. O meu único erro foi deixar você pensar todo esse tempo que tinha dormido comigo.

— Foi por isso que veio até aqui todo preocupado?

— Sim, eu precisava contar a verdade — explicou com receio de que eu estivesse brava com ele.

— Você não existe mesmo, João. É claro que não estou chateada com você e nem precisava vir até aqui para me contar, uma simples mensagem bastaria.

— Eu precisava dizer isso olhando nos seus olhos — respondeu um pouco mais aliviado.

Depois de ele confessar que não tivéramos nenhum tipo de intimidade naquela noite, ficamos olhando um para o outro sem saber o que dizer. O João estava tão próximo de mim que bastava se esticar um pouco que seus lábios alcançariam os meus, e era exatamente isso que estava acontecendo, se não fosse seu telefone tocar bem na hora, assustando-nos e fazendo com que

nos afastássemos imediatamente.

Ele ignorou o telefone até ficarmos em silêncio novamente, porém, o aparelho começou a tocar mais uma vez e depois outra, até que ele não teve alternativa senão atender. Porém, a expressão assustada que ele fez ao falar com a pessoa do outro lado da linha indicava que era melhor não ter atendido.

— Eu preciso ir agora — comentou colocando o telefone no bolso e se levantando logo em seguida, apressado.

— Por quê? O que foi que aconteceu para deixar você nesse estado?

— Você quer mesmo saber?

— Claro, o que aconteceu para deixar você com essa cara de quem acabou de ver um fantasma?

— A Angélica está internada num hospital entre a vida e a morte. Preciso ir embora agora mesmo. Minha família precisa de mim.

— O que aconteceu com ela? — perguntei preocupada.

— Ela está grávida, mas a sua pressão subiu muito e ela foi internada às pressas.

— Meu Deus! Que tragédia! Espere um pouco, eu vou com você — disse me apressando para pegar a minha bolsa enquanto o João abria a porta, e saímos juntos correndo até o seu carro, depois seguimos a toda velocidade até o pequeno hospital de Paraíso.



A viagem de aproximadamente seis horas durou menos de cinco. Na velocidade em que o João corria, cheguei a pensar que também iríamos parar num hospital. No entanto, para meu alívio, nada disso aconteceu, e estacionamos em frente ao pequeno hospital quando já estava anoitecendo.

O João me ajudou a sair do carro, e seguimos apressados à procura de informações sobre o estado da Angélica. Assim que entramos na recepção, encontrei a Nanda sentada ao lado do Pedro. Quando me viu, ela veio ao meu encontro com os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Que bom que está aqui, eu preciso de um ombro amigo para chorar, pois não sei mais o que fazer tamanha é a minha preocupação com a minha melhor amiga — disse me abraçando.

— Não se preocupe, estou aqui, e vamos pensar positivo, que tudo vai dar certo — consolei minha prima. Ela precisava de uma palavra de carinho. Eu não fazia ideia da gravidade do caso da Angélica.

Depois de soltá-la, olhei em volta e vi que toda a família estava reunida. Tia Rosa estava num canto com os olhos vermelhos como a Nanda.

Corri na sua direção e abracei uma das poucas pessoas que eram quem eu podia chamar de família.

— Vai dar tudo certo, por favor, não chore mais — sussurrei no seu ouvido enquanto ainda estávamos abraçadas.

— Deus te ouça, minha filha, Deus te ouça — repetiu segurando meu rosto com ambas as mãos.

Depois da minha tia, foi a vez da Marta e do senhor José. Ambos estavam juntos, inconsoláveis num cantinho da recepção. Aproximei-me devagar e disse baixinho:

— Sinto muito pela dor de vocês. A Angélica vai ficar bem. Temos que ter fé e acreditar que ela vai sair dessa.

— Obrigada, menina. Apesar da dor, estamos confiantes — respondeu o senhor José, enquanto a mãe da Angélica não conseguia nem levantar a cabeça para olhar para mim.

Depois de cumprimentar todos os presentes, olhei para os lados à procura do Ben, mas não o encontrei. Não sabia também se ele iria querer falar comigo depois daquele tapa no rosto. Porém, aquele era um dia para deixar as diferenças de lado, e precisávamos torcer juntos pela recuperação da Angélica.

Os minutos na sala de espera de um hospital esperando por notícias de um ente querido parecem uma eternidade. Eu não era tão próxima da Angélica e, depois do que ela fizera comigo, não posso ser hipócrita e dizer que eu estava sofrendo horrores, mas pessoas que eu amava gostavam muito dela, além disso, tinha o sofrimento dos pais dela, que era quase palpável. Quem seria tão egoísta e ignorar isso? Certamente eu não era esse tipo de pessoa, por isso fiquei ali angustiada e triste como todos os outros.

Estava quase desistindo de esperar quando a madrugada chegou. Eu precisava voltar para casa. Viera com o João num impulso. Talvez teria sido

melhor eu ter ficado na minha casa, eu tinha de trabalhar no dia seguinte. Como explicaria a minha falta para um gerente que fazia questão de pegar sempre no meu pé?

Tirei meu celular da bolsa e mandei uma mensagem para a Stephanie, pedindo para ela me substituir no restaurante. Aquela noite era sua folga e, se não estivesse bêbada demais, poderia me ajudar. Não expliquei o motivo da minha falta; se contasse a verdade, ela faria mil perguntas que eu seria incapaz de responder, por isso disse apenas que precisei resolver um problema familiar, o que não deixava de ser verdade.

Quando guardei meu celular novamente, olhei para o corredor e vi o Ben inconsolável se aproximando. Ele estava chorando muito, e eu não sabia o que fazer. Tive que me segurar para não correr na sua direção e tentar tirar um pouco daquela dor que ele estava carregando sozinho.

Como fiquei parada no lugar, ele se aproximou de mim, parou na minha frente e perguntou:

— O que você está fazendo aqui? Você não tem o direito de estar aqui!

— Eu... eu só vim ajudar e... — gaguejei, e, antes de eu conseguir completar a frase, ele continuou:

— Não interessa o que veio fazer aqui, agora nada tem mais importância. — Saiu de perto de mim e correu para os braços da sua mãe. Os dois ficaram abraçados por uns minutos até que o escutei dizer:

— Ela se foi, mãe, eles se foram. O que eu fiz de errado para merecer isso? Por favor, me responda.

Todos que estavam em volta, como eu, conseguiram ouvir o que o Ben tinha acabado de contar. Enquanto eles continuavam abraçados, o choro na recepção do hospital foi geral. A mãe da Angélica gritava dizendo que era mentira e que a filha estava bem. Porém, todos ali sabiam que não era verdade, aquela menina tão linda e cheia de vida e seu bebê tinham ido

embora para nunca mais voltar. E minha cabeça estava numa confusão só. Eu não sabia o que fazer, nem como agir depois de ouvir tudo aquilo.

O João me ajudou a sentar num banco mais afastado dos outros. Fiquei pensando em quanta coisa tinha acontecido num espaço tão curto de tempo. Tinha quase dois anos desde o dia em que eu aparecera na fazenda pela primeira vez e minha vida mudara da água para o vinho. Aquele dia era um daqueles que eu jamais poderia esquecer, tamanha a dor que vi nos olhos das pessoas que aprendera a amar.

Quase de manhã tivemos que deixar o hospital. Minha tia estava tão abalada que fiz questão de acompanhá-la no banco de trás da caminhonete do Pedro enquanto ele nos levava para a fazenda junto com a Nanda.

O João teve que levar os pais da Angélica, enquanto o Ben ficou para organizar o enterro. Não teríamos muito tempo, apenas para trocar de roupas e voltar para o velório. Ainda bem que, quando eu partira da fazenda, deixara algumas roupas e coisas minhas lá. Assim que chegamos, enquanto a Nanda corria para o quarto para se arrumar e o Pedro permanecia sentado na sala esperando, eu segui minha tia até o quarto dela.

— Você quer ajuda para se trocar? — perguntei indecisa sobre o que deveria fazer.

— Claro que quero, minha filha. Você poderia pegar meu vestido preto no guarda-roupa? — indagou apontado para o armário atrás de mim.

— É esse aqui? — questionei retoricamente, segurando o único vestido preto que encontrei. Eu nunca tinha percebido, mas agora notava que nunca a vira com uma roupa preta. Não era seu estilo, tia Rosa usava vestidos alegres e floridos sempre, exceto naquele dia, é claro.

— Sim, é o único que tenho e só o uso em ocasiões como essa. Comprei quando meu marido morreu e pensei que nunca mais iria usá-lo novamente. Como eu estava enganada...

— Não se preocupe com isso agora, nesse momento você precisa ser forte. Sei o quanto a Angélica era importante para você, mas agora os seus filhos precisam da força que está aqui dentro — argumentei colocando a mão no seu coração para reforçar o que eu estava dizendo.

— Você é uma menina de ouro. Depois de tudo o que aconteceu, ainda está aqui ao meu lado e se preocupando com a minha família.

— Eu pensei que também era minha família — expliquei sorrindo e deixando uma lágrima escorrer pelo meu rosto.

— Claro que é, você faz parte dessa família, sim — comentou me abraçando com carinho.

O velório foi um dos momentos mais tristes que já vi. Todos estavam chorando. Perder duas pessoas assim tão jovens era difícil. A Angélica tinha acabado de completar 18 anos, enquanto o bebê que ela carregava, já numa gestação avançada, nem chegara a nascer. O Ben ficou o tempo todo ao lado do caixão. Ele não estava chorando mais, porém, não demonstrava qualquer reação, nem olhava para ninguém, inclusive para mim.

A hora do sepultamento foi terrível. A mãe dela gritava, chorava e até chegou a cair no chão, desesperada. Quando tudo terminou, voltei para a fazenda com o Pedro novamente, já que o João levou o irmão e os pais da Angélica para casa.

Fiquei a tarde toda sentada na varanda, observando o horizonte. Eu precisava ir embora, mas no momento não tinha coragem de abandonar aquela família destruída mais uma vez.

— Um doce pelos seus pensamentos? — perguntou Nanda se sentando ao meu lado.

— Minha cabeça é um emaranhado de pensamentos, tanto que não consigo dizer somente um.

— Eu sei, também estou na mesma situação. Nunca pensei que perderia

meu pai e agora, minha melhor amiga.

— Desculpe, sei que deve ser muito mais difícil para você — disse colocando meus braços em cima dos seus ombros e a puxando para mais perto de mim.

— Eu estou sofrendo muito mesmo, mas com certeza meu irmão está pior — murmurou ainda com a cabeça encostada no meu ombro.

— Sim, ele estava tão diferente e fechado.

— O Ben é assim, quando sofre, fica cada vez mais duro. Você precisava conhecê-lo antes da morte do nosso pai. Ele era o mais alegre e simpático de nós três, brincava com tudo e estava sempre sorrindo.

— Difícil de acreditar, depois de vê-lo sempre mal-humorado.

— A dor muda muito as pessoas, e depois que nosso pai morreu, ele se tornou outro. Agora estou com medo de quem ele vai se tornar após mais perdas — disse pensativa.

— Eu sinto muito por ele, mas quem sou eu para ajudar?

— Eu sei de coisas que não posso te contar, pois não são minhas. Além disso, você precisa saber diretamente da pessoa envolvida, e se ele não quiser contar, eu também não tenho esse direito. Eu não sei o que aconteceu entre você e meu irmão, mas os poucos dias que passaram juntos foram os dias em que ele mais se aproximou de ser quem ele realmente era de verdade. É uma pena que tenha terminado.

— É uma pena mesmo. Você me deixou curiosa sobre esse segredo, mas não vou te pressionar para contar, já que não pode. Além disso, se for sobre o Ben, eu prefiro não saber. Já sofri muito e agora só quero voltar para casa e tentar viver um dia de cada vez.

— E quanto ao João? — inquiriu preocupada com o outro irmão.

— O João é um cara maravilhoso, mas não posso ficar com ele, não agora.

— Você ainda é apaixonada pelo Ben, não é mesmo? — questionou já sabendo a minha resposta.

— Eu não deveria dizer isso, mas sim. Por isso preciso ir embora daqui logo, é muito difícil ficar aqui e vê-lo sofrendo tanto por outra mulher. Eles não moravam em outra casa durante o casamento?

— Não, o Ben viajava a maior parte do tempo. Quase não ficaram juntos, por isso resolveram morar aqui na fazenda por enquanto, assim a Angélica não ficava sozinha.

— Ah, isso quer dizer que ele está aqui agora?

— Sim, desde que chegamos do enterro, se trancou no quarto deles e não saiu mais de lá.

— Eu não quero mais vê-lo. Vou pedir para o João me levar de volta para casa.

— Não consigo me despedir de você. Meu coração gostaria de pedir para você ficar, mas eu entendo que não pode agora. Espero que, quando a poeira baixar, você possa voltar.

— Quando eu estiver melhor, voltarei. Você é muito especial para mim e te amo muito — disse me despedindo da minha prima tão querida.

Não sei se teve interferência dela, mas, assim que saiu, o João apareceu pronto na porta, segurando as chaves do jipe para me levar embora. Andamos uns bons quilômetros em silêncio, até que ele abaixou o volume do rádio e comentou:

— Você não precisava sair correndo; nem se despediu da minha mãe.

— Ela vai entender, depois ligo explicando. Não podia mais ficar ali, é muito difícil para mim.

— Você diz isso por causa do Ben?

— Sim — sussurrei. Nem sei como ele conseguiu me ouvir.

— Agora que vocês não conseguem ficar um perto do outro, já que ele

me disse a mesma coisa horas atrás, será que eu tenho uma chance?

Eu não sabia que o Ben queria se afastar de mim o mais rápido possível, embora por motivos bem diferentes dos meus, é claro. Eu não podia ficar perto dele porque ainda estava apaixonada por ele, enquanto ele não queria me ver na sua frente de tanta raiva que sentia de mim. Virei-me para o lado enquanto uma lágrima escorria por meu rosto, pois não queria que o João visse o quanto aquelas palavras tinham-me magoado.

— Se eu não estou com você, não é por causa do Ben. Nunca foi assim mesmo antes de eu conhecer seu irmão, e espero que você entenda. Eu não escolhi me apaixonar pelo seu irmão e não por você, não é assim que funcionam as coisas, e você já deveria saber disso a essa altura do campeonato. Tenho um enorme carinho por você, e é tão grande que me deixa confusa às vezes, mas isso não é amor. Embora, se eu pudesse escolher por quem me apaixonar, você seria a minha primeira opção. Não quero mais sofrer, nem fazer você sofrer. Portanto, vamos encerrar esse assunto. Se quiser ser o meu primo querido, estarei aqui, se quiser ser meu amigo, também. Porém, mais do que isso, não posso e não tenho como te dar.

— Compreendo e, depois de tudo que vi nos últimos dias, acho que essa é a melhor opção para nós — concordou comigo mais fácil do que eu imaginava que seria. Talvez as circunstâncias tivessem colaborado para ele chegar a essa decisão.

Depois da nossa conversa, acabei dormindo o resto do caminho. Acordei quando paramos em frente à república em que eu morava, sendo cutucada pelo João, que não conseguia me acordar. Quando finalmente abri os olhos, despedimo-nos ali mesmo. Agradei ao João por tudo, dei um beijo no seu rosto e segui sozinha até o meu quarto. Era melhor assim, repeti enquanto andava devagar, eu amava aquela família, mas precisava me afastar dela por causa do Ben, senão sairia machucada e jamais conseguiria retomar

a minha vida.



O trabalho e a faculdade ocuparam todo o meu tempo e, quando percebi, meses tinham se passado e já estávamos começando as provas finais. Eu tinha uma peça de teatro muito importante para representar, por isso minha vida estava mais do que corrida. Durante todo esse tempo, falei poucas vezes com a Nanda, a Tia Rosa e o João, apenas o necessário para saber como eles estavam, e nunca perguntava pelo Ben; não era da minha conta saber sobre a vida dele.

Passei a sair nos finais de semana com a Stephanie e cheguei a ficar com alguns carinhos depois de beber mais do que devia, porém, nada sério, não passava de uns “amassos” inocentes. Sexo, nem pensar, eu sempre fora insegura, ainda mais depois de ser abandonada por dois logo depois de transar com ambos. Eu estava um pouco traumatizada. Sabia que era coisa da minha cabeça, mas, por enquanto, eu não faria nada a respeito.

Minha mãe entrou em contato comigo se dizendo arrependida e queria me oferecer dinheiro. Não aceitei o dinheiro, mas marcamos um encontro depois de tanto tempo sem nos vermos. Ela me contou a mesma história que

minha tia havia contado tempos atrás, e no final acabei perdendo-a. Não iria viver com meus pais novamente, mas não tinha nenhum rancor deles.

No final do ano, vieram as férias da faculdade e uma semana de descanso do restaurante. Fui acampar numa praia junto com a Stephanie e alguns amigos dela. Foi bem divertido, e até conheci um carinha legal no sarau que fizemos. O clima estava tão romântico e ele foi tão atencioso comigo que acabou rolando algo mais do que só “amassos”, e eu não me arrependi no dia seguinte. Só me despedi dele, e voltamos para casa. Nem o seu telefone eu peguei, e ele também não insistiu em pegar o meu, pois sabia que o que acontecera entre nós era algo só de uma noite. Ele soube respeitar isso, achei muito bacana da sua parte.

O próximo ano seria muito importante para mim, pois enfim eu estaria embarcando para Nova Iorque para minha bolsa de estudos depois de ter me inscrito novamente e ter conseguido uma nova chance. Um ano inteiro no New York Film Academic Arts. Saí do meu emprego, comuniquéi à faculdade que faria um ano em outra instituição e tranquei o curso, comprei as passagens e fui embora. Dessa vez seria tudo por minha conta, exceto os estudos. Estava me sentindo radiante.

Como descrever a experiência que tive em Nova Iorque? Eu já tinha visitado a cidade algumas vezes com os meus pais, mas fora como turista, e assim era bem diferente. Daquela vez eu tinha ido para viver na cidade e com um orçamento baixo. Morava no lugar mais acessível, comia nos restaurantes mais baratos e trabalhava de figurante o tempo todo. A cada oportunidade que eu tinha, lá estava eu.

Dividia um apartamento com outras três garotas e dormia no mesmo quarto que a Duygu, uma garota muito simpática da Turquia. Fazíamos tudo juntas. Ela era da minha altura, mas tinha os cabelos longos e loiros, além de uma pele perfeita. Parecia aquelas atrizes de Hollywood da década de 50. Eu,

pelo contrário, era a típica brasileira, cabelos mais longos por causa do trabalho de figurante na peça *Aladdin* na Broadway e um corpo que, mesmo não frequentando uma academia – porque não tinha tempo, nem dinheiro ainda – chamava atenção por onde passava.

Fiz amizade com as outras garotas também, a Jessica e a Amber, ambas americanas. Contudo, a minha preferida ainda era a Duygu. A companhia dela era indispensável na minha vida.

— O seu nome é bem diferente... Duygu... o que significa? — perguntei deitada na grama do Central Park num domingo à tarde.

— Emoção. O significado do meu nome é emoção em turco — respondeu mordiscando uma maçã.

— Lindo nome e significado — completei me sentando para observar melhor as árvores e plantas que começavam a florir, dando início à primavera.

— Vamos ao teatro hoje? — convidou ela empolgada. Tínhamos combinado assistir a todas as peças em cartaz na Broadway, e até então só assistíramos a três.

— O que você quer assistir?

— *Os Miseráveis*, já tenho até os ingressos.

— Perfeito, vamos para casa nos arrumar e depois ainda podemos passar na Times Square.

— Você nunca enjoa daquele lugar? — indagou segurando a bolsa no ombro.

— Não, eu amo as luzes, as pessoas, definitivamente é o meu lugar preferido.

Aquele foi um tempo feliz, quando me desliguei de todos os meus problemas e aproveitei cada dia como se fosse o último – muito, na verdade. Aprendi que não podemos voltar atrás no tempo perdido, por isso precisamos

viver bem o presente. Além disso, ficar por conta própria num país que não é o nosso é uma experiência e tanto.

Na metade do ano cheguei a pensar em não voltar mais para o Brasil, mas, conforme o tempo passava, eu fui sentindo cada vez mais saudade do meu país, da comida, da turma do teatro e, por incrível que pareça, da minha mãe.

No final do ano decidi que iria voltar para casa. Tinha ganhado um certificado muito importante para a minha carreira, uma experiência que levaria para a vida toda, mas o meu lugar não era ali, eu precisava voltar.

Quando cheguei ao aeroporto, minha mãe tinha ido me buscar, por isso larguei minhas malas e corri para abraçá-la. Conversamos muito no caminho. Ela disse que eu estava linda e me levou para um lugar diferente da república em que eu morava antes. Ela alugara para mim um apartamento ao lado da faculdade. Tentei negar, mas ela disse que eu não podia recusar a ajuda de uma mãe. Fiz um esforço enorme para entendê-la e aceitar que ela queria só me ajudar sem nenhuma cobrança por trás disso. Com o passar do tempo, eu iria descobrir a verdade, afinal, conhecendo minha mãe como eu conhecia, uma hora a verdade viria à tona.

Eu saíra dos Estados Unidos mais cedo do que precisava e ainda tinha um mês para as aulas começarem. Agora eu não tinha mais o trabalho no restaurante para ocupar o meu tempo e comecei a ficar entediada em casa. Saí algumas vezes com a Stephanie, que, por incrível que pareça, ainda era a minha amiga.

E foi voltando de um desses encontros que recebi um telefonema que me deixou muito preocupada. A Nanda me ligou dizendo que a minha Tia estava doente. Tentei não pensar no pior, mas, depois de tudo que aquela família já passara, era difícil. Deixei uma mensagem para a minha mãe, avisando que estava indo para Paraíso, coloquei algumas roupas na mala,

peguei a chave do meu carro, que ganhara de minha mãe assim que voltara de viagem, e segui para um lugar que não esperava visitar novamente depois de quase um ano e meio em que estivera lá.

Parecia que eu tinha saído no outro dia. A estrada era a mesma, e, conforme eu me aproximava da fazenda, velhos sentimentos voltavam com força total. Coisas que eu jurava ter esquecido estavam guardados em algum lugar, esperando para serem ressuscitadas. Se não fosse pela tia Rosa, eu jamais voltaria ali, era doloroso demais.

Quando finalmente cheguei, o lugar estava do mesmo jeito que eu havia deixado. Saí do carro e fiquei parada no terreno por um tempo, apenas observando a casa, o estábulo, o celeiro e outras construções. Podia ser o mesmo lugar, mas eu estava tão diferente que senti que pisava ali pela primeira vez.

Caminhei devagar até a varanda e fiquei ali, sentada naquele mesmo banco em que ficava junto com a Nanda admirando o pôr do sol. Fiquei ali sem saber se podia entrar, até que a minha prima apareceu.

— Que bom que você veio! Minha mãe ficará muito feliz em ver você aqui — disse me abraçando logo em seguida.

— O que a sua mãe tem? Você não disse nada pelo telefone, mas agora preciso saber — perguntei assim que terminamos o abraço.

— Minha mãe está com câncer de mama. Descobrimos numa consulta de rotina seis meses atrás, e desde então ela vem fazendo quimioterapia. Acabamos de voltar para casa do hospital, onde estava internada para retirar um dos seios. A cirurgia foi um sucesso. Ela está muito feliz, e eu resolvi fazer uma surpresa te convidando para vir aqui. Ela sempre fala de você com tanto carinho que acho que sua visita vai ajudar muito na recuperação dela.

— Os seus irmãos acham a mesma coisa? — indaguei interessada na sua resposta.

— Eles não têm que achar nada, eu estou cuidando dela e faço o que tiver ao meu alcance para fazê-la feliz. Além disso, o João está viajando, foi para um leilão de gado em Goiânia, enquanto o Ben é um zero à esquerda. Está aqui, porém, é como se não estivesse, não ajuda em nada e não tem o direito de opinar.

Ouvi-la dizer que o Ben estava em casa fez meu coração dar umas cambalhotas estranhas. Fazia muito tempo que eu não o via e, pensando bem, não deveria ver, porque eu estava indo muito bem sem pensar nele e no que poderia ter acontecido entre nós se ele não tivesse me traído.

Conforme entrava na casa, que estava exatamente como eu havia deixado, cada objeto, cada móvel no exato lugar de antes, balancei minha cabeça a fim de parar de pensar em Ben. Eu fora até ali para ver a minha tia, e era isso que eu precisava colocar na cabeça de uma vez por todas.

Quando entrei no seu quarto, pensei que iria encontrá-la frágil na cama, mas, para a minha alegria, ela estava sentada numa poltrona, segurando um livro, algum romance de época, pelo que pude constatar pela capa. Os cabelos estavam bem mais curtos que da última vez em que eu a vira, estava um pouco mais magra, mas não aparentava estar doente. Seu sorriso era o mesmo, e, quando ela me viu, aumentou ainda mais. Levantou o braço do lado não operado para um abraço.

— Que bom que resolveu me visitar, eu estava morrendo de saudades de você — comentou enquanto ainda estávamos num abraço gostoso, embora cuidadoso em razão da cirurgia, para matar a saudade que sentíamos uma da outra.

A Nanda saiu do quarto, deixando-nos sozinhas. Conversamos por horas. Contei como foi passar um ano fora do país, sobre os amigos que conquistara e como amadurecera tão rápido, depois falei sobre a minha mãe. Percebi que minha tia ainda ficava triste pelo desprezo da irmã, mas eu

garanti que isso em breve iria mudar, pois minha mãe estava mudando aos poucos. Ela iria acabar esquecendo aquela briga e voltar a falar com a irmã. Eu não falei aquilo apenas para confortá-la, realmente acreditava em minhas palavras.

Quando percebi que tia Rosa estava cansada, despedi-me dela e a deixei descansar um pouco. Fui até a cozinha procurar a Nanda. Contudo, ela tinha saído. Encontrei apenas a Marta, que me cumprimentou e disse que estava com saudades de mim. Retribuí o carinho e saí da casa, indo até o estábulo. Assim que entrei, a primeira coisa que vi foi o Trovão. Ele estava exatamente do mesmo jeito que eu o deixara havia tanto tempo e, por incrível que pareça, ele me reconheceu. O cavalo estava selado, por isso não pensei duas vezes antes de montar nele e partir em disparada para a cachoeira.

Chegamos tão rápido que pensei estar no lugar errado, mas, depois de ver a pedra em que me sentava para me secar muito tempo atrás, confirmei que estava no lugar certo. Amarrei o Trovão a uma árvore e fui até aquela água cristalina. Coloquei meus pés devagar nela, e a água gelada me arrepiou dos pés à cabeça. Entretanto, era uma sensação boa, por isso olhei para os lados e, quando não vi ninguém, fiquei nua e me joguei na água sem pensar duas vezes.

Estava tão gostoso que perdi a noção do tempo enquanto nadava sem me preocupar com nada, nem ninguém. Fiquei assim até ouvir uma voz que me deixou com calafrios, mesmo estando na água fria por um longo tempo. O meu corpo já tinha se acostumado com a água gelada, mas não com a voz dele.

— Está ficando tarde, você precisa sair da água — pediu o Ben se aproximando de mim.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei nervosa com a sua presença.

— Eu vim atrás do meu cavalo e encontrei você — respondeu abaixando-se na beira do lago.

— O cavalo está ali, pode levar se quiser.

— E você vai voltar como se eu levar o cavalo? — inquiriu se levantando e cruzando os braços para me intimidar, eu tinha certeza.

— Não interessa, eu já sou grandinha, posso me virar sozinha — desafiei-o.

— Mesmo assim eu vou esperar você terminar para irmos embora juntos.

— Eu não quero a sua companhia — resmunguei chateada.

— Não importa o que você diga, eu vou esperar.

— Você não entendeu que não quero a sua companhia? Além disso, estou nadando nua, se ainda não percebeu, minhas roupas estão atrás de você.

— Não precisa ter vergonha de mim, afinal, eu já vi você nua antes.

— Sim, mas isso não significa que precisa ver sempre que quiser. Eu só saio daqui se você se virar de costas — disse decidida.

— Eu não vou me virar, você não tem nada para esconder de mim — completou como se me ver nua não fosse tão importante para ele, mas agora eu fazia questão de mostrar que fazia diferença, sim. Eu havia mudado por dentro e por fora.

Desisti de tentar convencê-lo do contrário e fui saindo devagar da água. Conforme seguia em direção às minhas roupas, mais partes do meu corpo nu ficavam à mostra, e eu não escondi nada, fixei meus olhos em Ben e segui sem me desviar em nenhum momento.

Observei quando ele engoliu em seco ao me ver totalmente nua à sua frente. Além de ter ganhado um pouco mais de curvas, eu tinha uma pequena tatuagem de uma borboleta na nuca. Era pequena, mas eu tinha certeza de que ele a vira quando levantei meus cabelos para colocar o vestido curto. O

silêncio e o fato de estarmos sozinhos contribuíram muito para o desejo entre nós aumentar. Eu conseguia sentir no ar que ele me desejava, assim como eu a ele. Entretanto, era só uma atração, por isso fiz questão de ignorá-la, assim como ele.

Quando eu estava vestida, ele subiu no seu cavalo e me deu a mão para subir também. Pensei em recusar sua oferta e ir caminhando, mas desisti ao pensar no trajeto que teria que fazer sozinha. Sentei na frente dele e, enquanto seu braço ficava em volta do meu corpo para segurar as rédeas do cavalo, senti seu perfume, e todas as memórias daquela única noite que passáramos juntos voltaram imediatamente.

Assim que Trovão começou a andar, Ben colocou a cabeça apoiada no meu ombro e comunicou:

— Eu sei que você não dormiu com o meu irmão naquela noite.

— Como sabe disso?

— Ele me contou muito tempo depois, mas contou, é isso que importa.

— Que diferença isso faz agora? — questionei sem saber que aquela informação tinha sido tão importante para ele.

— Nenhuma, mas você precisa saber que eu não beijei a Angélica naquele dia no estábulo; ela me beijou.

— E você não teve alternativa a não ser beijar de volta? — inquiri sem acreditar em uma palavra do que ele dizia.

— Você pode não acreditar, mas estou falando a verdade. Eu não queria beijá-la, assim que percebi isso, tentei me afastar, mas você não percebeu nada disso.

— Eu não acredito em você — falei decidida; não iria cair naquela mentira.

— Mas precisa acreditar, todos em casa sabem que estou falando a verdade.

— Será mesmo? E por que você acabou se casando com ela se era apenas um beijo roubado?

— É uma longa história — explicou passando as mãos nos cabelos, talvez pensando se devia contar a verdade para mim.

— Temos um longo caminho até a fazenda, acho que você terá tempo — falei de modo irônico, sem olhar para ele. Continuei olhando para frente como se não fosse importante o que eu estava pedindo, mas por dentro eu estava ansiosa para saber a verdadeira razão do casamento tão repentino com a Angélica.

— É complicado.

— Pode ser, mas ainda assim eu quero saber a verdade. Você acha que eu não mereço?

— Claro que você merece. Porém, a história não é só minha para contar.

— É da Angélica também? — questionei receosa.

— Sim.

— Agora ela não está mais aqui, a verdade é só sua para contar para quem quiser.

— Pode ser... mas ainda não me sinto à vontade para contar isso a você. — Hesitou por um momento, até pensei que tinha desistido, mas logo depois começou a contar: — Depois que você foi embora, eu fiquei arrasado. Na minha cabeça você tinha me trocado pelo meu irmão. Fiquei cego de ciúmes e não consegui pensar em nada mais. Por isso não te liguei, nem pedi explicação, porque acreditava que você tinha um caso com o João todo o tempo em que ficou comigo.

— Isso é uma mentira, nunca saí com seu irmão, foram apenas alguns beijos, nada além disso! — exclamei revoltada.

— Eu sei, mas na época eu não sabia, e a Angélica aproveitou minha

revolta e, numa noite, enquanto eu estava muito bêbado para perceber a diferença, ficamos juntos, mas na minha cabeça era você. Lembro de ter chamado seu nome repetidas vezes enquanto estava com ela, mesmo assim ela não desistiu, e só percebi meu erro na manhã seguinte. Porém, era tarde demais, eu já tinha tirado a virgindade dela e, um mês depois, descobri que ela estava grávida. Não tive outra saída a não ser me casar com ela.

— É difícil de acreditar que essa seja a mesma Angélica que eu conhecia — disse sem entender como ela manipulara nós dois só para conseguir o que queria.

— Eu estava cego de raiva de você e do meu irmão, não conseguia enxergar nada além disso.

— Não ache que vou voltar correndo para os seus braços depois de ouvir essa história maluca.

— Eu não acho nada, já perdi a esperança de ficar com você faz tempo, só estou contando a verdade porque a Nanda e a minha mãe insistiram.

— Elas sabem que você está aqui comigo?

— Sim — respondeu enquanto eu descia do cavalo apressada, sem querer ouvir mais nada. Era muita informação de uma única vez, e pensar que a Nanda e a minha tia sabiam de tudo e com certeza me convidaram até ali só para isso me deixou ainda mais furiosa. Afinal, era com a minha vida que elas estavam brincando.



Dizer que fiquei surpresa com toda aquela história do Ben é pouco, eu fiquei chocada com a quantidade de equívocos que tinham acontecido entre nós. Aquilo podia ser mentira dele, claro que podia. Porém, muitas coisas faziam sentido, por isso o mais sensato seria acreditar que aqueles absurdos eram verdadeiros.

Depois de ouvir cada uma das explicações e apegar do cavalo, entrei apressada na casa. Não era maduro nem sensato da minha parte, mas eu corri mesmo e me escondi no quarto. Sabia que não podia me manter ali para sempre, mas os poucos minutos em que eu conseguisse ficar sozinha seriam suficientes para eu poder pensar um pouco sobre o que faria em seguida.

Na hora do jantar, resolvi sair do quarto. Caminhei devagar pelos corredores, temendo encontrar o Ben. Ao entrar na sala de jantar, encontrei a mesa posta, minha tia e a Nanda sentadas no mesmo lado, enquanto no outro não havia ninguém. Cumprimentei ambas e logo em seguida me sentei à mesa, na esperança de Ben ter evaporado.

— Onde você se meteu a tarde toda? — perguntou Nanda desconfiada.

— Eu fui à cachoeira e depois fiquei dormindo no meu quarto — expliquei olhando entre elas para tentar descobrir algo. Tinha certeza de que ambas estavam unidas contra mim.

— Você foi sozinha até a cachoeira? — questionou a Nanda revirando o risoto no prato, como se sua pergunta não fosse importante.

— Fui, mas quando estava voltando, o Ben apareceu, e voltamos juntos — respondi sem olhar para ela e comendo uma garfada bem cheia de risoto, impossibilitando que a conversa continuasse, pelo menos até eu mastigar e engolir minha comida.

— Vocês conversaram no caminho? — indagou parando de comer para esperar a minha resposta.

— Claro — respondi seca.

— Sobre o quê? — continuou o interrogatório. A essa altura ela já tinha abandonado completamente a comida, enquanto minha tia passava o garfo no prato, remexendo o alimento em busca de algo para falar.

— Pode parar de rodeios e dizer logo o que você quer saber? — inquiri desistindo de comer também.

— Eu quero saber... — ela hesitou por um momento, mas depois conseguiu terminar a pergunta: — Eu quero saber se vocês se acertaram.

— Ele me contou um monte de coisas, mas, para ser honesta, não acreditei em nenhuma delas.

— Mas precisa acreditar, é a verdade, e nós aqui podemos confirmar — insistiu preocupada em defender o irmão.

— Tem certeza de que toda aquela história sobre a Angélica é verdade? — repeti para ver se ela confirmava o que o irmão contara sobre a melhor amiga dela.

— Ela era minha melhor amiga, mas eu não sabia de nada, só descobri quando eles já estavam casados e eu não podia fazer mais nada para impedir,

além disso, tinha o bebê. Ficamos todos de mãos atadas.

— Não pensou em me contar quando eu te ligava triste? Sabia que eu sentia falta do seu irmão. No entanto, não disse uma única palavra para aliviar meu sofrimento. Agora, que eu estava bem e seguia com a minha vida, vocês resolvem aparecer e estragar tudo — disse nervosa, levantando-me da cadeira e olhando para elas.

— Não era a minha história para contar, eu te disse naquele dia na varanda — explicou também se levantando para me acompanhar na discussão.

— Agora não adianta mais, não vou voltar correndo atrás do seu irmão como um cachorrinho sem dono. Ele me traiu, não explicou nada e ainda achava que era culpa minha toda a situação. Agora é tarde demais, não sou a mesma Laís, tenho orgulho de quem me tornei, e essa nova mulher não quer ficar com seu irmão. Por favor, entenda isso de uma vez por todas.

— Nós entendemos, minha filha, e pedimos desculpas por tudo. Só queríamos que você soubesse a verdade, nada além disso. O que você vai fazer com ela só interessa a você — explicou minha tia entrando na conversa para acalmar nossos ânimos.

— Minha mãe tem razão, por isso peço desculpas pelo meu comentário anterior. Espero que você me perdoe — disse a Nanda mais calma.

Depois de elas perceberem que eu não queria falar sobre o Ben, consegui terminar o meu jantar. Para meu alívio, ele não apareceu. Estranhei essa atitude, afinal, todos sempre jantavam juntos, exceto em raras exceções, e essa parecia ser uma delas.

Logo que terminamos, levei toda a louça para a pia da cozinha enquanto a Nanda acompanhava tia Rosa até o quarto dela. Sem ter nada para fazer a não ser esperar, resolvi lavar a louça. Dessa vez não quebrei nada, afinal, algum tempo trabalhando num restaurante servira para alguma coisa.

— Você está fugindo de mim? — Ben perguntou baixinho no meu ouvido, aparecendo do nada atrás de mim.

— Quer me matar de susto!? — exclamei me virando para observá-lo.

— Eu não queria te assustar, me desculpe — pediu sem tirar os olhos de mim.

— Mas assustou. E agora, o que quer falar comigo? — questionei tentando afastá-lo de mim. Essa proximidade não estava dando certo.

— Nada, eu só queria te ver — respondeu chegando mais perto.

— Você pode me dar um pouco mais de espaço? — pedi afastando-o com as mãos.

— Se é isso que você deseja, eu posso sair — informou abrindo os braços para mostrar que estava se afastando.

— É exatamente isso que eu quero. Você não achou que depois de tudo que passei sozinha sem a sua ajuda eu correria para os seus braços agradecida, né? — inquiri colocando o dedo no peito dele.

— Você ainda não acredita em mim? — perguntou chateado.

— Não, ainda não consigo acreditar que tudo que me contou é verdade.

— O que eu preciso fazer para você acreditar em mim? Faço qualquer coisa! — implorou arrependido, só faltava se ajoelhar à minha frente pedindo perdão.

— Não é simples assim, já disse. Eu preciso de tempo, e você não está ajudando nada me pressionando dessa maneira.

— Pressão... Não estou fazendo pressão nenhuma, mas estou desesperado para comprovar que não te trai naquele dia no estábulo.

— Nisso eu acreditei, mas no resto é difícil. Muita história, hoje em dia ninguém consegue obrigar outra pessoa a se casar.

— Não fui obrigado, casei porque quis. A Angélica não me obrigou a nada, mas quando descobri sobre a gravidez, não iria deixar meu filho nascer

sem um pai. A partir daquele momento, ele era mais importante do que tudo na minha vida, até da minha felicidade.

— Sinto muito pela sua perda, mas isso só demonstra o quanto você estava mentindo, pois, apesar de tudo, se casou de livre e espontânea vontade. Eu não quero mais conversar com você, vamos encerrar por aqui. Entenda de uma vez por todas que não podemos ficar juntos.

— Você não sente mais nada por mim?

— Não, eu passei uma borracha em tudo e esqueci você completamente — menti na maior cara de pau, e, pelo seu olhar desanimado, ele acreditou em cada palavra que eu disse.

Pensei que ele iria tentar me convencer do contrário, mas não foi isso que fez. Virou as costas e foi caminhando devagar para fora da cozinha. No entanto, quando chegou à porta, parou por uns longos minutos até que se virou e caminhou na minha direção novamente. Quando estava na minha frente, colocou as mãos na minha cintura e me colocou sentada em cima da pia. Em seguida, desceu os lábios até o meu pescoço e depois à minha boca. Tentei me afastar com as mãos e não corresponder ao beijo. Todavia, era impossível. Sua língua estava na minha boca, e seu gosto acendeu lembranças havia muito tempo esquecidas.

Eu me rendi, embora sabendo que não deveria, pois meu coração já estava rendido mesmo contra a minha vontade. Por isso passei minhas mãos em volta do seu cabelo e o puxei com força para perto de mim.

Seu gosto era exatamente como eu me lembrava, talvez ainda melhor. Devia ser por isso que eu não conseguia resistir. Deixei que sua língua explorasse a minha boca como se fosse a primeira vez. Foi um beijo intenso e verdadeiro, que dizia tudo que tínhamos vontade de dizer, mas não tínhamos coragem.

No meu caso era um desabafo: por que ele não fora atrás de mim? Por

que não lutara para ficar comigo, se estava apaixonado também? Não consegui respostas para as minhas perguntas, mas, quando seus lábios deixaram os meus, ele encostou a testa na minha, e ficamos ofegantes por uns minutos, tentando controlar a atração que sentíamos.

— Você não deveria ter me beijado — quebrei o silêncio estranho que ficou depois.

— Eu tinha que tentar mostrar para você que estava errada. Não podemos ficar separados, não mais. Eu quero você e dessa vez vou lutar para provar isso — disse fazendo pequenas carícias no meu rosto.

Entretanto, eu não tinha tanta certeza quanto ele. Achava que tínhamos perdido a oportunidade de ficar juntos, agora não dava mais. Eu tinha muita mágoa e ressentimentos. Para ele podia ser fácil passar por cima de tudo isso, mas não para mim.

— Eu preciso ir para o meu quarto — reclamei empurrando-o e descendo da pia.

— Posso ir com você? — perguntou tentando segurar na minha cintura novamente.

— Não quero a sua companhia, eu preciso ficar sozinha.

— Você não vai me dar mais uma chance? — questionou mais uma vez, porém, pelo seu olhar, sabia que não seria fácil; a garota boba que ele conhecera não existia mais.

— Não, eu estou aqui por causa da sua mãe; assim que ela estiver melhor, vou embora. Desista desse joguinho de sedução, que a tonta aqui não vai cair dessa vez.

Eu não esperei para ver o que ele iria dizer, saí da cozinha o mais rápido que pude. Quando entrei no quarto, a primeira coisa que fiz foi trancar a porta atrás de mim por duas razões: a primeira era porque assim eu teria uma barreira que me impediria de correr para os braços dele; e a segunda era

para não o deixar chegar até mim novamente, pois, se isso acontecesse, eu não teria forças para mandá-lo embora.



Quando Ben deslizou as mãos pelas minhas pernas, tirando a minha calcinha, eu deixei, mesmo sabendo que não deveria deixar. Todavia, era bom demais para recusar aquele cheiro, aquele contato, sua língua molhada no meu pescoço. Eu só queria sentir, por isso fechei os olhos e entrei no clima enquanto ele descobria meu corpo com a língua.

Naquela altura eu nem me lembrava mais do meu nome, quanto mais de que estava brava com ele e não deveria ceder. Quando ele enfim chegou ao meu rosto, beijou a ponta do meu nariz, depois foi distribuindo beijos molhados até chegar à minha boca. Primeiro ele segurou meus lábios com os dentes e os mordeu devagar, no limite exato entre o prazer e a dor.

— Por favor, não pare, não pare agora! — implorei para ele continuar, mas um barulho estranho me fez abrir os olhos de repente e constatar que eu estava sozinha na cama. Fora tudo um sonho. Coloquei as mãos nos cabelos e os puxei, frustrada.

O que eu vou fazer agora? Se até sonhando com ele estou...

Era claro que tínhamos uma atração muito forte, e eu ainda estava

apaixonada por ele, mas estava muito magoada ainda para ceder e continuar de onde tínhamos parado.

Já que acordara antes mesmo de o relógio despertar, resolvi pular da cama mais cedo. Era bem provável que ninguém ainda estivesse acordado, mas não importava, pois era impossível voltar a dormir depois daquele sonho. Nem fechar os olhos eu conseguia mais sem pensar no Ben me beijando.

Caminhei devagar até a cozinha para não acordar mais ninguém, mas tive uma surpresa ao constatar que tinha outra pessoa além de mim ali. Era a Marta, mãe da Angélica, que estava na cozinha preparando um bolo de milho. Pelo cheiro que saía do forno, devia estar uma delícia.

— Bom dia, Marta — cumprimentei ainda com a voz grogue de sono.

— Bom dia, querida. Acordou cedo, nunca vi você acordada a essa hora — constatou surpresa, segurando um pano de prato.

— Caí da cama, tive alguns pesadelos e não consegui voltar a dormir — expliquei me sentando à mesa.

— Aceita uma xícara de café? — perguntou segurando uma xícara vazia.

— Claro que aceito — confirmei, e diante disso, ela colocou duas xícaras na mesa e as encheu com café quentinho. Descobriu uma rosca que estava em cima da mesa e me ofereceu um pedaço generoso.

Peguei a minha xícara de café e a rosca, depois sorri feliz. Nada como uma comida caseira para trazer alegria, embora momentânea, é claro. Contudo, era o que eu precisava no momento.

— Eu nunca tive a oportunidade de conversar sozinha com você e acho que não vou ter uma outra chance, por isso vou aproveitar essa oportunidade. Sabia do seu relacionamento com Ben antes mesmo de ele acontecer. Acompanhei cada olhar. Eu conheço esse menino desde criança e sabia que ele gostava de você, mas também sabia que minha filha era apaixonada por

ele. Muitas vezes tentei convencê-la de que ele não gostava dela da mesma forma, mas foi inútil. Infelizmente o que vou dizer agora é muito triste para uma mãe repetir em voz alta, mas é a verdade, e eu não posso esconder mais. Meu coração está apertado, mas preciso contar a verdade. Não sei se o Ben disse como eles acabaram casados, mas tudo foi uma armação da Angélica e...

— Ele já me contou isso — interrompi-a, desanimada.

— Minha filha era uma boa pessoa, por favor, não duvide disso, mas aquele amor que ela sentia pelo Ben a consumiu aos poucos até cometer a maior das loucuras. Ninguém além de mim sabe a verdade, e eu pretendia nunca abrir a boca, mas não posso fazer isso. Não quero levar esse segredo comigo. Talvez eles me mandem embora da fazenda por isso, ainda assim decidi contar para você primeiro. Depois pode fazer o que quiser com a verdade.

— Eu estou ficando assustada. Por favor, conte logo. O que aconteceu?
— questionei abandonando minha xícara de café pela metade.

— O filho que a Angélica estava esperando não era do Ben. Eles nunca dormiram juntos. Tudo não passou de uma armação da minha filha — contou de uma vez enquanto as lágrimas desciam pelo seu rosto sofrido.

— Não entendi. Por favor, explique melhor. Estou confusa aqui — pedi sem conseguir acreditar no que ela me contava.

— Naquela noite no estábulo, o Ben estava muito bêbado, por isso não percebeu que ele não tinha tirado a virgindade da minha filha. Segundo ela, ele só chamava o seu nome e dormiu antes de acontecer qualquer coisa.

— De quem era a criança?

— Não sei, ela nunca me contou, mas tenho certeza de que não era filho do Ben, eles nunca foram para a cama, nem antes do casamento, nem depois. Ele se casou com a minha filha por pena e por causa do bebê. Na

verdade, ele gostava dela como uma irmã, e a pobrezinha achou que era suficiente.

— Meu Deus, que história triste! Não sei o que dizer. Não conhecia bem a Angélica, mas tinha um carinho por ela no começo. Mas agora estou com raiva, pois ela bagunçou a minha vida, tirou meus sonhos, me deixou sem rumo. Perdi alguém que eu amava, sofri muito todo esse tempo, pensando que tinha sido enganada, quando na verdade ambos fomos enganados. Eu estava castigando o Ben sem saber que ele foi tão enganado quanto eu.

— Por isso decidi contar a verdade. Agora ela é sua, faça com ela o que quiser — explicou, deixando-me sozinha em seguida.

Se antes eu estava confusa e tinha muitas dúvidas, agora então, nada fazia mais sentido. Nem fome eu tinha mais. Precisava pensar no que faria com tudo que sabia agora. Deixei a casa, caminhando devagar sem rumo. Andei muito, mas sabia que estava perto da fazenda, pois eu podia enxergá-la ao longe.

Não parei, continuei seguindo até encontrar a cabana. Não era isso que eu estava procurando, mas sorri ao entrar no lugar que havia muito tempo tinha selado meu destino.

Ela estava do mesmo jeito que eu lembrava, a mesma colcha na cama, e nada além disso. Sentei-me na beirada, e a poeira levantou um pouco, mas não me importei. Parecia que o meu cheiro e o do Ben ainda estavam ali, impregnados no lugar – ou na minha memória, não sabia ao certo.

Fiquei ali até quase escurecer. Quando resolvi sair depois de decidir o que fazer, já estava quase anoitecendo, eu teria pouco tempo para retornar sem me perder. Andei mais rápido do que antes, em alguns momentos até corri, porque estava feliz. Sabia que era a decisão certa, por isso não me importei em correr e caminhar até Ben.

Quando cheguei bem próximo da casa, vi uma luz acesa na estrebaria. Não tive dúvidas, era ali que eu encontraria a minha felicidade. Entrei correndo procurando Ben em todos os lugares e fui encontrá-lo num canto só de calça jeans como sempre, segurando uma corda e com um chapéu preto na cabeça.

— Eu estava te procurando — falei parando na frente dele.

— Todos estávamos procurando você, só paramos quando a Marta disse que você queria ficar sozinha. Não entendi, mas parei de procurar — explicou sem tirar os olhos de mim. Eu devia estar um desastre, meu cabelo todo fora do lugar, meu vestido tomara que caia amassado e sujo de poeira, mesmo assim ele estava me olhando como se eu fosse a garota mais linda que ele já vira.

— Eu preciso te dizer uma coisa — informei sem tirar os olhos dele também.

— O que é? — perguntou largando a corda e se aproximando mais de mim até que ficamos tão próximos que eu podia sentir sua respiração.

— Eu... eu estou perdidamente apaixonada por você — confessei gaguejando, mas falei o que eu devia ter falado havia muito tempo. Talvez, se eu tivesse dito antes, nada daquilo teria acontecido e não estaríamos separados.

Ele ficou me olhando sem dizer nada, apenas observou meu rosto com atenção, depois colocou as mãos na minha cintura e me puxou para seu colo. Minhas pernas enlaçaram a sua cintura, e minha boca foi automaticamente para a sua. Foi perfeito, e nunca vou esquecer. Dizem que os beijos de reconciliação são os melhores. Acho que estão certos, nunca beijar foi tão bom. Nunca trouxe tantas borboletas à minha barriga. Eu parecia estar flutuando numa felicidade constante.

Sentir o seu corpo tão perto do meu e agora sem nenhum ressentimento

que me impedia de viver aquele amor era algo sublime. Aos poucos as roupas foram arremessadas longe. Um cobertor vermelho foi estendido em cima de um monte de feno. As carícias foram aumentando à medida em que o desejo por mais tomava conta de nós. Aos poucos o que era lento se tornou rápido, e meu coração acelerou, sabendo que eu estava perto. Poucas vezes me senti assim, tão entregue, tão rendida. Seu corpo completava o meu de tantas formas diferentes que poderíamos passar uma eternidade juntos, e mesmo assim eu nunca enjoaria. Essa era a minha certeza quando gritei seu nome no escuro do estábulo com os cavalos como testemunha.

— Eu não consigo acreditar que você está aqui nos meus braços novamente. Será que é um sonho? Se for, não me acorde nunca — Ben comentou mordendo meu pescoço mais uma vez.

— Nem me fale em sonho, tive um na noite passada que desencadeou tudo isso — revelei beijando-o mais uma vez.

— Que sonho era esse? Preciso agradecer, se foi por causa dele que você está aqui comigo.

— Em parte foi por causa dele, sim. Se não tivesse acordado mais cedo, não saberia o erro que estava cometendo, precisei de uma ajuda para abrir meus olhos. Mas agora, voltando ao sonho, estávamos fazendo exatamente isso que acabamos de fazer — contei envergonhada, mas eu já estava nua na frente dele, nada mais deveria me surpreender.

— Foi tão bom no sonho quanto foi na realidade? — perguntou colocando ambas as mãos no meu rosto.

— O sonho foi uma amostra; o que aconteceu aqui foi muito melhor, nem tenho palavras para expressar o quanto. Não sei o que acontece entre a gente, mas toda vez que ficamos juntos é mais do que prazer, mais do que sexo, é maior. Mas não sei o que é exatamente.

— É amor na expressão mais primitiva da palavra. O que acabamos de

fazer no chão do estábulo foi amor — explicou me beijando mais uma vez e me segurando com força nos seus braços.

— Deve ser isso mesmo. Eu não estou só apaixonada por você, eu te amo como nunca amei ninguém na vida.

— Eu também te amo. Corri desse sentimento por tanto tempo, pensei que amar outra pessoa além da minha família só serviria para me destruir, desviar meus objetivos. Por muito tempo acreditei que você fazia essa bagunça na minha vida de propósito. Depois que o meu pai morreu, fiquei tão vazio que jurei nunca mais amar ninguém além da minha família, assim seriam menos pessoas de que eu sentiria falta quando perdesse. Eu vivia sem me apegar a ninguém e tinha muito orgulho disso, era o peão que nunca foi domado por ninguém. As garotas nunca passavam mais do que uma noite comigo. Não que eu não quisesse, mas tinha medo de me apegar e sair machucado depois. Além disso, era fácil continuar assim, com tantas opções que eu tinha, cada dia numa cidade diferente, algumas tão longe de casa. Tudo estava tão bem e sob controle, até você aparecer do nada na minha frente, toda molhada do banho na cachoeira. Aquela visão estará para sempre comigo, porque foi naquele dia que eu soube que estava perdido.

— Se você gostava tanto de mim assim, por que me tratava tão mal? — perguntei batendo de leve no seu peito para dizer que fiquei chateada com sua atitude.

— Eu já te respondi isso. Eu não sabia como lidar com os sentimentos que você despertou em mim. Fiquei perdido, e minha arma foi ser rude com você. Foi o jeito que encontrei para afastá-la de mim e amenizar o que eu estava sentindo, manter meu foco no que eu achava que era importante, minha carreira.

— Ainda bem que resolvemos essa situação. Eu não aguentava mais ignorar o que sentia por você — revelei encostando minha cabeça ainda mais

no seu peito.

— Nem eu. A partir de agora, você vai ser tratada com muitos beijos, muitos mesmo. Vou começar agora e não pretendo parar até beijar cada pedacinho do seu corpo. Não quero desculpas, não quero imprevistos, nem nada para atrapalhar esse momento. Agora é a nossa vez de sermos felizes, e eu vou aproveitar cada segundo grudado nesse seu corpo maravilhoso que eu adoro beijar, sentir, tocar e fazer muitas outras coisas — falou sorrindo e beijando cada pedacinho do meu corpo como se tivéssemos a eternidade para nos amar.



Quando amanheceu, saímos juntos do estábulo, ainda pisando em nuvens macias de tão felizes que estávamos. Segurei sua mão com força, tentando segurar aquele momento para sempre. Demorei tanto tempo para sentir aquilo novamente que queria nunca mais ficar afastada de Ben, e segurar sua mão com força era minha maneira de dizer isso. Tínhamos que ficar juntos, era o nosso destino. Mesmo com tantos obstáculos para percorrer, permanecermos juntos era tudo o que importava. Era uma pena que só eu pensasse assim; logo na primeira dificuldade, tudo desmoronou novamente.

Entramos pela porta da cozinha. A alegria e a empolgação não me deixaram perceber que estavam todos reunidos e com cara de poucos amigos, inclusive o João, que desceu o olhar para nossas mãos entrelaçadas e fechou o rosto.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Ben alarmado.

— Você não contou para ele? — questionou minha tia olhando para mim.

— O que ela não contou, mãe? — ele me interrompeu quando eu começava a explicar por que não lhe tinha contado nada.

— Sobre a Angélica. Acabamos de saber a verdade — explicou a Nanda, entrando na conversa.

— Que verdade? — indagou confuso, olhando para mim, mas não tive tempo de dizer nada; o João foi mais rápido do que eu e bem mais letal. Seus olhos furiosos demonstravam que ele não gostara nem um pouco de nos ver juntos e que iria usar tudo que sabia para nos separar.

— A Angélica te enganou esse tempo todo. O filho que ela estava esperando não era seu, e vocês nunca ficaram juntos. Aquela noite em que você pensa ter tirado a virgindade dela nunca existiu, na verdade, você dormiu de tão bêbado e não fez nada. Além disso, todos já sabiam disso, menos você, é claro. Até a sua namoradinha sabia. Interessante ela não ter contado algo tão importante, não é mesmo? — ele fez esse comentário olhando para mim o tempo todo. Mesmo quando minhas lágrimas começaram a descer e o Ben soltou a minha mão, transtornado, João não aliviou nem um pouco.

— Você sabia disso?! — Ben gritou no meu ouvido.

— Não é o que você está pensando, faz pouco tempo que descobri... — Ele interrompeu minha explicação sem me dar nenhuma chance para contar a verdade:

— Responda a minha pergunta, você sabia disso?!

— Eu sabia — disse bem baixinho, mas isso bastou para que ele se afastasse de mim e caminhasse a passos largos para a varanda.

Tentei correr atrás dele; não podíamos terminar assim, tinha sido um mal-entendido mais uma vez. Era claro que eu contaria a verdade para ele, mas não tivera tempo. Tudo acontecera tão rápido que eu só queria curtir o momento ao seu lado, não pensara que tinha de ter pressa em contar sobre a

Angélica depois de tanto tempo. Achara que não tinha tanta importância, mas, para o meu azar, para Ben era muito importante, por isso se sentiu traído por mim. Como explicar aquilo? Como fazê-lo entender que eu não tivera culpa?

— Você precisa me ouvir — pedi segurando o seu braço e impedindo que ele saísse da varanda.

— Eu não quero ouvir suas mentiras. Nada do que disser agora vai me convencer do contrário. Tudo que passamos essa noite juntos foi uma mentira, você é apenas mais uma mulher que me enganou. Mas tenha certeza de que será a última. Deve ter rido pelas minhas costas, mas não vai acontecer novamente. Vocês podem ter me enganado, porém, não sou o idiota que pensaram. Eu vou embora, tenho uma competição dentro de dois dias, estou a poucas montarias de conquistar o segundo campeonato mundial. A minha carreira, sim, nunca me decepciona, está sempre ali e depende exclusivamente do meu esforço.

— Você não precisa desistir de nada para ficar comigo, pode ter as duas coisas. Por que não consegue entender isso? — questionei ainda o segurando.

— Porque você é uma mentirosa, me enganou esse tempo todo — disse com fúria no olhar. O Ben estava irreconhecível. Eu não sabia por que estava me culpando por tudo, quando na verdade a culpada daquela história toda era a Angélica. Talvez porque ela não estava mais ali, ele estava transferindo toda a culpa e raiva para mim.

— Pare de ser ignorante e reflita um pouco! Você não pode me culpar pela farsa da Angélica! — expliquei já nervosa também.

— Eu não estou te culpando pela farsa da Angélica! — respondeu sem olhar para mim.

— Então é pelo quê?! — rebati a pergunta no mesmo instante.

— Você não confiou em mim, sabia da verdade e não pensou em me

contar. Não diga que foi por falta de tempo, passamos a noite juntos, quanto tempo você precisava?

— Não sei, eu estava distraída e esqueci — falei dando de ombros.

— Você me enganou também, não com a mesma gravidade da Angélica, mas com certeza está doendo mais, porque eu confiava em você com a minha vida — disse tentando soltar o braço da minha mão.

— Eu não estava enganando você, só não disse o que sabia — tentei explicar mais uma vez sem sucesso. Não importava o que eu dizia, ele sempre me culpava, e com o passar do tempo, fiquei cansada de tudo aquilo. Eu estava sozinha tentando salvar aquela relação. Por isso acabei desistindo, soltei seu braço e pedi:

— Vai embora.

Ele nem olhou para trás para me ver sentada no chão, chorando mais uma vez pela nossa separação. A única diferença daquela vez era que doía muito mais. Acho que a sensação de ser traída é dolorosa, mas ser abandonada sem sequer receber um olhar para ele ver o que restara de mim doía duas vezes mais. Nem sabia se conseguiria me levantar e seguir adiante depois daquilo.

Fiquei ali sentada, sem saber o que fazer por alguns minutos, com meu coração partido pelo que pareceu uma hora. Chorei desesperada, sempre me perguntando por que eu sempre tocava a felicidade com as mãos, mas nunca conseguia segurá-la por muito tempo. A noite passada fora um sonho, e daquela vez eu tivera certeza de que iria durar mais tempo, talvez até para sempre. Eu tinha encontrado o amor da minha vida, sabia disso e não tinha nada que nos impedisse de ficar juntos. Entretanto, o destino é traiçoeiro e tratou de arrumar uma desculpa esfarrapada para nos separar novamente.

Sabia que tinha de me levantar do chão e partir sem olhar para trás e nunca mais voltar ali, mas meu coração tolo ainda tinha esperança de o Ben

vir correndo me pedir desculpas, dizer que não sabia o que estava dizendo e voltar para mim.

Porém, sem deixar a emoção nublar meus pensamentos, eu acabei entendendo que ele não iria voltar mais. Eu estava sozinha e daquela vez não tinha volta. Eu precisava acreditar nisso, mesmo que doesse muito; era necessário.

— Não se preocupe, ele vai voltar. Espere a poeira baixar, e ele vai entender que você não tem culpa de nada. Ele sempre foi assim, não consegue enxergar nada quando está nervoso — explicou a Nanda passando a mão nos meus cabelos e me ajudando a levantar do chão.

— Ele tem toda a razão em ficar bravo, mas não comigo, Nanda, eu não tive culpa de nada — comentei sentando-me em um dos bancos na varanda junto com ela.

— Eu sei disso, você sabe, mas o Ben é complicado demais. Sempre foi assim, uma bomba-relógio prestes a explodir — disse segurando as minhas mãos.

— O João não tinha o direito de contar tudo e ainda manipular a verdade para que o Ben ficasse com raiva de mim.

— Ele não deveria, mas fez e agora está ouvindo muitas reclamações da minha mãe por isso, mas não fique brava com ele. Meu irmão é apaixonado por você e não sabe como lidar com isso, e ver o Ben segurando sua mão nessa manhã foi o estopim.

— Eu entendo, mas nunca lhe dei esperanças de que podíamos ser algo mais além de amigos. Ele não deveria ter jogado essa bomba justo quando eu tinha me acertado com o Ben. Nós estávamos felizes, Nanda.

— Percebi como seus olhos brilhavam quando vocês apareceram juntos na cozinha. É uma pena que não tenha durado nem um dia — comentou com sinceridade.

— Como da outra vez... Estamos perdidamente apaixonados um pelo outro, porém, só ficamos duas vezes juntos durante esses três e meio desde que nos conhecemos. É pouco e sempre termina em desastre depois. Eu vou da extrema felicidade a uma grande tristeza em menos de 24 horas. Na primeira vez em que isso aconteceu, eu fiquei deprimida por um bom tempo antes de conseguir seguir em frente. Tenho medo de que aconteça de novo. É muito azar para uma pessoa só.

— Não diga isso, você está nervosa também. Vamos para o seu quarto. Amanhã será um novo dia e tudo vai se resolver.

— Eu temo que dessa vez seja para sempre. Você não ouviu o que ele me disse agora há pouco? Não tem mais volta. Seria ingenuidade minha se ficasse aqui esperando por isso.

— Você precisa tentar mais uma vez, por favor! Tenho certeza de que amanhã ele vai estar mais calmo e vocês poderão conversar melhor.

— Não quero conversar, eu quero fazer esta dor passar. Quem garante que, se nos acertarmos novamente amanhã, não vamos voltar a brigar no dia seguinte?

— Ninguém. Você sabe que não posso garantir isso, na verdade, ninguém pode. O amor é um jogo, e nunca sabemos quando vai acabar e se vamos sair inteiras depois dele.

— E se eu não quiser mais brincar? Já saí machucada muitas vezes para continuar insistindo.

— Não diga que vai desistir, vocês se amam e até um cego pode ver isso. Você precisa acreditar nesse amor e fazer o Ben voltar para você! — implorou apertando minhas mãos, mas não adiantava mais, minha decisão estava tomada: para o bem do meu coração, não ia voltar atrás. Era tarde demais para encontrar a felicidade nos braços do Ben; se isso realmente existia para mim, era bem longe dele, tinha certeza agora.

A Nanda tentou mais uma vez me persuadir, mas foi em vão. Entrei na casa secando as lágrimas cujo controle eu ainda não tinha e me despedi da minha tia, que estava visivelmente triste com a minha situação. Ela ainda tentou explicar alguma coisa, mas eu a interrompi e, para o meu alívio, ela atendeu meu pedido.

Passei pelo João sem dizer nem um adeus; no momento, ele não merecia uma palavra minha. Entrei no quarto, coloquei todas as minhas roupas na pequena mala que trouxera comigo e saí. Queria dizer que foi sem olhar para trás, mas estaria mentindo. Olhei muitas vezes para ver o que eu estava deixando ali, além do meu coração partido.

Fechei a porta do carro e ainda fiquei lá dentro, sem coragem de ligar a chave e partir. Precisava desses minutos sozinha para reunir a coragem de seguir adiante com a minha vida sem Ben. Respirei fundo, deixando as lágrimas caírem mais uma vez; dessa vez não fazia questão de escondê-las. Eu estava sozinha no carro e, se tivesse que chorar a viagem toda para ter coragem para partir, assim seria.

Contudo, não chorei o caminho todo; tive maus momentos, alguns tão fortes que pensei que não fosse resistir, mas, conforme deixava a estrada atrás de mim, o peso parecia diminuir, porém, nunca cessar, é claro. Meu peito era uma ferida aberta que demoraria muito para cicatrizar. Eu não me sentia boa o suficiente para ser amada e acreditava fielmente que nunca seria. Pode parecer que estou exagerando, mas, quando se perde alguém que se ama de verdade por causa de uma simples mentira, é assim mesmo. Não podemos chamar esse vazio de exagero, porque ele é palpável de tão grande. Se eu esticasse minhas mãos, era como se pudesse tocá-lo, jamais pararia de doer.



Quando finalmente pisei dentro de casa, já era noite. Meu apartamento estava como eu o havia deixado, tudo exatamente no mesmo lugar, exceto eu. Meu corpo era o mesmo, mas o resto estava passando por uma transformação, como se eu estivesse vivenciando um momento decisivo. A partir daquele dia eu não seria a mesma, sentia aquilo em cada partícula do meu ser.

Sentei-me no sofá. Sem coragem de guardar a mala, joguei-a num canto da sala e lá a deixei. Não olhei para o relógio, não contei o tempo, só fiquei lá sem saber ao certo qual seria o meu próximo passo. Talvez, se eu falasse com alguém, aquele vazio e a sensação de abandono diminuiriam, mas quem chamar numa hora dessas? A Stephanie nunca entenderia, eu achava que ela nunca se apaixonara por alguém, na certa ela diria para eu seguir a vida e procurar outro cara, naquele dia mesmo, se possível. Como fazer algo assim? É claro que eu sabia que não podia ficar ali, sozinha, para sempre. Todavia, meu coração não queria saber de superar, parecia que ele tinha vida própria e não me escutava, mesmo que eu estivesse gritando: “esqueça o Ben de uma

vez!”.

Apesar de eu não querer, tive de me levantar, entrei no meu quarto e, antes de desabar na cama, resolvi tomar um banho. Já era madrugada, e eu precisava dormir. Naquela altura o sono já era tão grande que meus olhos estavam quase se fechando sozinhos. Isso era um bom sinal, já que, enquanto eu estivesse dormindo, não pensaria em Ben.

O meu banho foi o mais rápido de que me recordava. Quando percebi, já estava deitada com os cabelos ainda molhados, usando uma das minhas camisetas de banda e uma calcinha cuja cor nem fazia ideia.

Apaguei e acordei horas depois ouvindo um barulho estridente e incessante. No começo era tão fraco e distante que eu nem conseguia distinguir o que era. Entretanto, conforme eu ia acordando, o barulho foi aumentando e, quando abri os olhos, espantada, percebi que era a minha campainha.

— Quem pode ser a essa hora? — resmunguei colocando o travesseiro na minha cabeça para diminuir o barulho e voltar a dormir. Estava tão bom!

Contudo, aquele barulho não parava, diria até que tinha aumentado. Como alguém podia tocar uma campainha tantas vezes assim? Deveria ser proibido acordar as pessoas quando elas estão dormindo tão sossegadas. Apesar do som insistente, eu não me levantei; em algum momento a pessoa iria se cansar e me deixar em paz. E foi isso que aconteceu, a zoadinha acabou de repente, e eu voltei a dormir.

Acordei algum tempo depois. Era quase meio-dia. Feliz e saltitante, eu não estava, mas confesso que me sentia bem melhor. Decidi que não ficaria trancada no apartamento esperando o Ben voltar para mim. Eu tinha que esquecê-lo e, já que não sabia como fazer isso, precisava de alguém que poderia me ajudar. A Stephanie foi a escolhida. Tomei outro banho mais demorado dessa vez, coloquei meu melhor vestido, os saltos mais altos que

eu tinha, peguei as chaves do carro e me preparei para sair.

No entanto, tive uma grande e inesperada surpresa ao sair do meu apartamento e encontrar o motivo do meu sofrimento sentado no corredor em frente à minha porta.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei colocando as mãos na cintura, indignada e sem acreditar que ele estava parado à minha frente naquele instante. Se eu não tivesse certeza de que já acordara, pensaria que estava sonhando.

— Esperando você — respondeu se levantando e dando um passo para mais perto de mim.

— Por que não tocou a campainha para me chamar? — questionei observando-o atentamente. Suas roupas estavam amassadas e ele estava com uma aparência cansada de quem esperara sentado naquele corredor por um longo tempo.

— Eu tentei, mas você não atendeu — explicou passando as mãos nos cabelos, um pouco envergonhado com a situação.

— Então era você! — exclamei baixinho apenas para que eu pudesse ouvir em voz alta o que a minha mente já sabia, mas ele escutou.

— Sim, era eu — completou meio sem jeito.

— Por que não foi embora? Procurou um hotel?

— Porque eu precisava falar com você e isso não podia esperar mais. Acho que esperamos muito.

— O que era tão importante que você não podia voltar para casa sem me dizer? — perguntei sem tirar meus olhos dele. Fosse o que fosse que ele tinha para me contar, teria que falar olhando nos meus olhos.

— Vou ter que dizer aqui, no corredor? — indagou um pouco nervoso.

— Eu estou de saída, então diga agora ou espere eu voltar — respondi tentando dar um passo para sair da frente dele, mas não consegui, pois,

quando fiz o movimento, Ben segurou no meu braço, impedindo-me de seguir adiante.

— Espere, se é assim que você quer, eu posso falar aqui — afirmou nervoso, segurando o meu outro braço e se aproximando mais.

— Fale logo, pois eu estou com pressa — declarei irritada com essa enrolação.

— Aonde você estava indo? — inquiriu interessado, observando-me atentamente pela primeira vez desde que eu saíra do meu apartamento.

— Não é da sua conta, acho que eu não devo nenhuma satisfação a você, nem a ninguém — respondi num tom de ironia, mas por dentro eu estava furiosa com o seu questionamento.

— Não deve mesmo, eu só fiz uma pergunta — resmungou sem tirar os olhos de mim.

— Foi para isso que você passou horas sentado no corredor em frente ao meu apartamento, para saber para onde eu estava indo?

— Sim, ou melhor, não só para isso, eu precisava falar com você.

— Mas está enrolando tanto que não deve ser nada importante e... — resmunguei tirando as mãos dele dos meus braços.

— Claro que é! — ele exclamou de repente, interrompendo-me antes de eu reclamar mais uma vez. — Eu vim aqui porque preciso te pedir desculpas. Eu estava furioso quando descobri a verdade sobre a Angélica, eu não esperava que ela me traísse daquela forma. Conversamos antes do casamento, eu falei para ela que estava casando só por causa da criança, não queria que meu filho fosse criado sem pai. Isso foi uma burrice, agora eu sei, mas fiz tudo isso de cabeça quente e tomei as piores decisões.

— Onde eu entro nessa história? — perguntei sem entender aonde ele queria chegar.

— Você é a razão para eu estar aqui. Foi por você que dirigi quase seis

horas sem parar a madrugada toda. Não podemos mais ficar separados. Eu não posso fingir que não sou louco por você. Quando saí ontem da fazenda, eu queria ficar sozinho, precisava pensar no rumo que minha vida estava seguindo.

— M-mas e... — gaguejei, sem saber ao certo o que dizer. — Você foi bem claro ao me dizer que me culpava por tudo.

— Eu estava nervoso e descontei na última pessoa em que deveria. Por favor, me perdoe.

— Você está me pedindo muito perdão ultimamente; espero que não vire um hábito.

— Quer dizer que me perdoa?! — indagou eufórico.

— Ainda não sei, estou pensando. — Era lógico que eu estava me fazendo de difícil. Por dentro meu coração mal cabia no peito de tanto que batia descompassado.

— O que eu preciso fazer para você voltar para mim? — questionou angustiado com a minha falta de resposta.

Era óbvio que eu queria me jogar nos braços dele e virar a página, esquecer as brigas, os desentendimentos, as mágoas e começar do zero. Entretanto, ainda estava muito chateada para passar uma borracha em cima de tudo e recomeçar. Por isso fiquei olhando para Ben sem saber se corria dele ou para ele. Em algum momento ele percebeu a minha indecisão e se aproveitou para chegar mais perto. Segurou na minha cintura e me puxou. Quando percebi o que ele fazia, já era tarde demais para parar, estávamos colados um ao outro, sem qualquer espaço entre nós.

Sentir seu cheiro me trouxe lembranças que eu jamais poderia esquecer. A primeira vez em que eu o vi, parado na cozinha da fazenda; o nosso primeiro beijo no banheiro do hotel; nossas noites no meu quarto na fazenda; nossa primeira noite de amor na cabana; e a última noite juntos no estábulo.

As memórias de tudo que passamos despertaram como uma avalanche, e era quase impossível resistir ao desejo de beijá-lo.

— Não adianta lutar contra isso, é pior. Você precisa deixar acontecer — Ben sussurrou no meu ouvido enquanto puxava meus cabelos e virava minha cabeça na sua direção.

Eu sabia que ele tinha razão, mas ainda não me sentia segura para me jogar nos seus braços.

— Estou aqui na sua frente de coração aberto; se você me aceitar, não quero mais esse vai e volta, você tem que me prometer que não vai fugir na primeira briga que tivermos — completou o Ben, fazendo desaparecer qualquer dúvida que eu ainda tinha.

— Eu prometo que não vou a lugar algum longe de você — respondi colocando as mãos no rosto dele e beijando sua bochecha, depois sua testa, seu nariz e por último seus lábios. Todavia, ele não deixou que nosso reencontro terminasse apenas com um simples selinho. Quando eu quis me afastar de sua boca, ele a encostou novamente na minha. O beijo começou lento, um saboreando os lábios do outro, mas depois se tornou urgente, e eu não sabia mais como ficar sem beijá-lo.

Antes mesmo que ele soltasse meus lábios, passei as mãos no seu cabelo, em seguida enrolei minhas pernas na sua cintura e aprofundei o beijo, antes tão inocente, mas que agora tinha ficado totalmente indecente. Se alguém nos pegasse assim, no corredor, ficaria constrangido, tamanha era a nossa empolgação.

— O que acha de conhecer a minha casa? — convidei ainda puxando o fôlego depois de quase ser devorada por ele.

— Eu adoraria — respondeu, levando-me enroscada na sua cintura para dentro do meu apartamento.

Nem esperamos chegar ao meu quarto, nossas roupas foram voando na

sala mesmo. A ansiedade e o desejo eram tão intensos que não podíamos esperar mais. Seu cheiro estava impregnado na minha pele, nossos corpos, colados, formando apenas um. Essa conexão que tínhamos era algo indescritível, só quem já teve algo parecido pode imaginar. Antes de aquilo acontecer comigo, eu sequer sabia que podia existir. Porém, existia, e eu estava completamente agradecida por isso. Cada momento ao lado de Ben era o melhor dos presentes, cada beijo trocado era meu paraíso. Fazer amor enquanto todos meus desejos eram ampliados daquela forma era descer numa montanha-russa com as mãos para cima e os olhos fechando, em puro êxtase.

— Se for sempre assim depois de uma briga, vou brigar com você todos os dias — murmurou o Ben enquanto eu me aconchegava com a cabeça no seu peito.

— Nem pense nisso! — ralhei com ele, batendo com força no seu peito. Ele reclamou, mas logo em seguida beijou a minha mão e disse:

— Eu estava brincando, não pretendo ficar um minuto mais separado de você.

— Acho bom mesmo, porque também não pretendo te largar tão cedo. Nunca tivemos tempo para ficarmos juntos como namorados, antes era escondido e, quando tivemos a oportunidade de começar um namoro de verdade, terminou.

— Você tem razão, mas dessa vez é diferente, eu posso garantir — comentou me beijando mais uma vez, e eu me entreguei ao beijo como se nunca o tivesse beijado antes, pois era sempre único, já que eu perdia a noção do tempo, não sabia onde terminava a minha boca e começava a dele. Nesse momento sublime de prazer, nossos corpos se entrelaçaram numa sincronia perfeita, sem faltar nenhuma peça.

— Não existe nada melhor do que sexo de reconciliação! — gritou empolgado.

— Claro que existe — respondi travessa.

— O quê? — perguntou curioso olhando para mim.

— Repetir, repetir até termos certeza de que estamos reconciliados de verdade — respondi sorrindo, minutos antes de ele devorar minha boca mais uma vez.



Abri meus olhos ainda sonolenta. O braço de Ben estava na minha cintura, e suas pernas, em cima das minhas. Se eu não estivesse tão feliz naquela posição poderia reclamar que teria câimbras pelo resto do dia. No entanto, depois da noite maravilhosa que tivéramos, não podia reclamar de absolutamente nada. Tudo estava perfeito e de volta aos eixos, inclusive meu coração, que já não batia descompassado. Tinha um ritmo próprio e estava em sintonia com o de Ben.

Fiquei olhando para aquele homem deitado na minha cama e sorri feliz mais uma vez.

— Você vai ficar me olhando sem fazer nada até quando? — perguntou ele abrindo os olhos e me assustando.

— Pensei que você estava dormindo.

— Eu estava, mas acordei quando você se mexeu pela primeira vez.

— E por que não abriu os olhos?

— Pensei que você iria se aproveitar de mim enquanto eu dormia — explicou me puxando para mais perto dele, como se fosse possível, já que

estávamos colados.

— Você não acha que já se aproveitou de mim o suficiente? — rebati arqueando as sobrancelhas.

— Eu nunca vou ter o suficiente de você — completou beijando o meu pescoço.

— Preciso de um banho antes de você me atacar novamente — protestei tentando me afastar dele.

— Quer companhia no banheiro? — perguntou com milícia.

— Não, já tomamos banho juntos na noite passada e fizemos tudo, menos tomar banho — declarei tirando os seus braços das minhas pernas e indo apressada até o banheiro.

Assim que entrei, tranquei a porta atrás de mim, para o caso de ele resolver me acompanhar novamente. Se aquilo acontecesse, adeus banho, e mais “amassos”, sussurros e gemidos no boxe do banheiro.

Fiquei quase meia hora no banheiro e, quando saí, estava revigorada e pronta para outra, mas o Ben não estava mais no quarto. Senti um aperto no coração sem a sua presença. Coloquei um short e a primeira blusinha que encontrei no guarda-roupa e saí.

Senti um cheiro gostoso vindo da cozinha e soube exatamente onde ele estava.

— Não sabia que você cozinhava — comentei me debruçando no balcão e observando o Ben sem camisa, com o botão do jeans aberto, fazendo ovos mexidos para o café da manhã.

— Você descobriu o meu segredo — respondeu sorrindo.

— Quer dizer que ninguém sabe que você cozinha?

— Com duas excelentes cozinheiras em casa, nunca tive oportunidade para cozinhar. Porém, quando estava competindo fora, acabei aprendendo uma coisa aqui e outra ali para não morrer de fome.

— Interessante — disse ficando atrás dele e o abraçando. — Será que você tem tanto talento na cozinha como tem em outras partes da casa?

— Isso você saberá só provando — explicou colocando uma colher cheia de ovos mexidos na minha boca. Assim que mastiguei a primeira vez, senti um sabor diferente. Não eram os simples ovos mexidos aos quais eu estava acostumada, tinham queijo, pedaços de presunto, cebolinha e um tempero diferente que ainda não conseguia identificar.

Quando estava pronto, sentei-me no colo dele à minha pequena mesa e devoramos tudo.

— Preciso te contar uma coisa — falou chamando a minha atenção enquanto eu comia.

— O quê? — perguntei preocupada abandonando o garfo no prato vazio.

— Eu preciso viajar hoje para Las Vegas e quero levar você comigo.

— Assim tão de repente? — questionei sem entender o porquê da viagem tão repentina.

— Vou disputar a final do campeonato mundial de rodeio e não vou sair daqui sem você.

— Se eu não for, você vai desistir de disputar a final que tanto quer?

— Sim — respondeu sem hesitar.

— Mas esse é o seu maior sonho, nenhum brasileiro chegou tão longe. Se ganhar o bicampeonato entrará para a história do esporte — tentei fazê-lo reconsiderar essa ideia maluca.

— Não é mais, você é o meu verdadeiro sonho. Ficar com você vale mais do que qualquer campeonato mundial.

— Você só pode estar brincando comigo...

— Não, eu estou falando a verdade.

Depois de ver seus olhos sinceros, não resisti, e nos beijamos ali

mesmo na cozinha. Após ouvir uma declaração daquelas, eu não pensei duas vezes ao embarcar com ele para Las Vegas. Porém, antes de ir, tive que ligar para a minha mãe, que não gostou muito da ideia. Durante todos aqueles meses nós tínhamos nos falado muito, e eu podia dizer que nossa relação estava melhorando a cada dia, mas, ainda assim, ela não estava feliz com o meu relacionamento com o Ben e fez questão de deixar isso bem claro durante a nossa conversa.

Eu sabia que éramos primos. Porém, não me importava com isso, embora as pessoas pudessem torcer o nariz para esse tipo de relacionamento. Nós nunca tivéramos essa convivência de primos, quando eu o conhecera, já me apaixonara por ele, e vice-versa, embora tenhamos lutado muito para admitir isso. Agora eu sabia que o amor que sentia por ele estava lá desde o começo, só esperando a melhor oportunidade para aparecer.

Despedi-me da minha mãe e do meu pai dizendo que eu iria cuidar da minha vida. Eu respeitava a opinião deles, mas era a minha felicidade que estava em jogo e iria vivê-la com quem eu amava de verdade.



Viajar com o Ben era tudo o que eu imaginava e mais um pouco. Nos divertimos muito nos cassinos e ficamos horas trancados no quarto do hotel fazendo amor e curtindo a companhia um do outro. Porém, quando as competições começaram, tivemos que nos desgrudar um pouco, e eu o deixei se concentrar nas montarias.

Na primeira noite eu estava uma pilha enquanto estava sentada na arquibancada esperando o locutor anunciar o nome dele. Foram os minutos

mais longos da minha vida até Ben aparecer no telão em pé em cima do brete. Quando eu o vi, meu coração acelerou e sorri ao perceber quanta sintonia nós tínhamos. Eu não poderia estar em outro lugar no momento a não ser ali.

Logo depois, ele montou num touro que pesava quase uma tonelada. Até fechei os olhos com medo do que poderia acontecer em seguida. O locutor anunciou o nome de Ben, ressaltou que era o último campeão mundial e estava ali para disputar o seu segundo título. Quando ele finalizou a apresentação, poucas pessoas aplaudiram, na verdade, a maioria chegou a vaiar.

O Ben já tinha me alertado quanto a isso, afinal, ele era brasileiro e estava disputando um título num país que não era o seu e sem qualquer torcida para apoiá-lo.

Tentei não ligar para os comentários maldosos, mas não consegui. Era quase impossível não ouvir aqueles insultos estúpidos e não responder à altura. Chequei a discutir com duas pessoas que insistiram em chamar o Ben de idiota e outras coisas que não consegui ouvir direito, mas, pela expressão nos rostos delas, eu tinha certeza de que não eram elogios.

No entanto, quando abriram o portão e o touro saiu rodopiando pela arena, fiquei com os olhos vidrados acompanhando cada segundo que se passava. Nunca pensei que oito segundos demorassem tanto tempo assim, enquanto o touro continuava pulando e girando sem parar. O Ben jogava seu corpo para o lado contrário a fim de manter o equilíbrio e não cair no chão antes de completar o tempo. Se ele não conseguisse se manter em cima do touro até os oito segundos acabarem, ficaria mais difícil ganhar o campeonato mundial. Essa última etapa tinha cinco montarias, e os peões queriam pontuar em todas.

Quando o alarme soou, respirei aliviada e esperei enquanto o Ben pulava de cima do touro e corria para se proteger atrás das grades de ferro

que circulavam a arena do espetáculo.

Ficamos ansiosos olhando para o telão para ver a sua nota, mas suspiramos decepcionados ao ouvir o locutor anunciar que a primeira montaria do Ben tinha sido anulada porque ele havia tocado no chifre do touro.

De longe eu observei a indignação dele. Sua primeira atitude foi arremessar o chapéu longe. Depois resolveu protestar com um dos juízes, mas pareceu não ter nenhum êxito. Logo depois saiu da arena injuriado, chutando as grades.

Ben voltou para o hotel arrasado, e eu não medi esforços para fazê-lo se sentir melhor.

— Não fique preocupado, ainda estamos na primeira noite — comentei tentando acalmá-lo.

— Você não entende. Se não consegui pontuar na primeira noite, terei obrigação de ir bem nas quatro montarias restantes. Se eu não conseguir, adeus campeonato mundial — explicou cabisbaixo.

— Não coloque pressão onde não existe, você é muito bom e vai arrasar nas próximas montarias — disse distribuindo beijos molhados no seu rosto.

Essa pequena demonstração de carinho foi suficiente para tirar o mau-humor que estava estampado em seu rosto. Quando eu percebi, já estava sentada no seu colo e nos beijávamos feito loucos.

Na segunda noite lá estava ele novamente, mais confiante do que nunca, depois que eu passara a noite toda tentando convencê-lo disso. Porém, naquela noite ele estava espetacular. Sua montaria foi perfeita, e os juízes não tiveram alternativa a não ser dar a nota mais alta da noite, 95 pontos. Ele e o touro estavam em sintonia perfeita, e mesmo depois da sua montaria, o locutor e as pessoas ainda comentavam como ele havia conquistado a torcida

adversária, os juízes e ainda tinha sido o melhor peão daquela noite.

Na terceira montaria não foi diferente, afinal, a cobrança tinha passado e ele estava se sentindo mais confiante, tão confiante que sua concentração era impenetrável. Por isso o deixaram por último, e ele ainda teve que montar no touro mais difícil da noite. No entanto, ele arrasou novamente, conseguindo 93 pontos.

No quarto dia de competição, o Ben estava empatado com um americano, portanto, a decisão do campeonato mundial daquele ano seria mais acirrada ainda. Todos apostavam no peão dos Estados Unidos, é claro. O americano montou primeiro. Eu juro que fiquei murmurando baixinho “cai, cai, cai”, até que minhas energias negativas foram ouvidas, e ele caiu antes dos oito segundos. Gritei, pulei e aplaudi sozinha na arquibancada. Pensei que os espectadores iriam brigar comigo, mas nem se importaram.

Quando o Ben entrou na arena, eu estava tensa e com receio, afinal, se ele caísse agora, o campeonato seria do outro peão, que, apesar de ter caído, ainda tinha mais pontos do que ele. Entretanto, para a minha felicidade, ele foi perfeito e alcançou a maior nota da noite, 96 pontos, e eu estava em êxtase com mais essa vitória.

A última noite foi finalizada com chave de ouro. Ben montou o touro mais difícil da temporada. Senti um calafrio pelo corpo ao ver a monstruosidade daquele animal. Contudo, para meu alívio, tudo correu bem, e, por montar um animal tão difícil, o Ben tirou a nota mais alta do dia mais uma vez. Ele fez 97 pontos e levou o título de Campeão Mundial de Rodeio para o Brasil.

Eu estava tão feliz e determinada que corri, driblei os seguranças e cheguei à arena para comemorar com ele enquanto milhares de papeizinhos eram jogados para cima e os fogos de artifício anunciavam que Las Vegas tinha o novo campeão mundial de rodeio.

Voltamos para o Brasil numa felicidade que era contagiante. Passamos a viagem toda grudados, sussurros nos ouvidos, beijos roubados a todo instante e a mão boba do Ben, que insistia em passear pelo meu corpo nos lugares mais inapropriados para um avião cheio de passageiros. Descemos no Aeroporto Internacional de Guarulhos parecendo que tínhamos voltado de uma lua de mel.



Alguns meses depois.

Fazia um tempo que eu não via o Ben depois que voltamos de Las Vegas. Ele ficou as minhas férias inteiras comigo, no meu apartamento, mas, quando começaram as minhas aulas e as suas competições para uma nova temporada de rodeios, tivemos que nos separar.

Assim nossos encontros ficaram cada vez mais esporádicos, porém, ainda tínhamos a mesma conexão de antes, talvez até maior, pois nos conhecíamos melhor agora, e essa cumplicidade tornava os poucos momentos que passávamos juntos muito especiais.

Nesse período tive várias conversas com a minha mãe. Finalmente tínhamos uma relação verdadeira de mãe e filha. Ela ainda não gostava do meu namoro com o Ben, mas me apoiava, porque eu estava feliz, coisa que jamais pensei que ela pudesse fazer um dia.

Quanto ao meu pai, ainda precisávamos trabalhar nossa relação. No entanto, depois que ele assistiu a uma de minhas peças, acabou aceitando que eu tinha talento e parou de implicar com o meu curso. Ele até me abraçou no

final da minha apresentação e sussurrou no meu ouvido:

— Você estava maravilhosa lá em cima, e eu estou orgulhoso de você.

Pisquei os olhos duas vezes para ter certeza de que não estava sonhando. Foi uma noite emocionante, todas as pessoas que eu amava estavam presentes. Era um musical, *Cantando na chuva*. O Ben e toda a sua família vieram me prestigiar e se sentaram lado a lado bem na frente do palco.

No final do espetáculo, troquei-me o mais rápido que consegui no camarim e, quando saí, o Ben estava segurando um buquê de rosas vermelhas, usando uma calça jeans apertada, uma camiseta xadrez e um chapéu preto. Aquela visão está gravada na minha memória como se fosse hoje. As outras atrizes que participaram comigo fazem questão de me lembrar todos os dias como foi espetacular ver aquele pedaço de mau caminho nos bastidores do teatro segurando um lindo buquê.

Entretanto, a cena mais emocionante da noite foi o reencontro da minha mãe com a tia Rosa. Eu e o Ben já estávamos tentando fazer esse encontro desde uns meses atrás, mas nunca conseguíamos convencer as duas, até aquela noite. Elas já tinham conversado por telefone, mas nunca mais tinham ficado frente a frente. Por isso esse encontro foi tão importante. Elas começaram timidamente, apenas apertaram as mãos, mas no fim a emoção falou mais alto e acabaram se abraçando e chorando emocionadas.

Depois desse encontro elas ainda não eram melhores amigas, mas também não se odiavam como antes, ou melhor, minha mãe não odiava a irmã, porque eu sempre tive a impressão de que tia Rosa sempre quis retomar o relacionamento com minha mãe.



Quase não consegui conter a felicidade ao parar meu carro em frente à porteira da fazenda Esperança. Tinha acabado de chegar para passar um final de semana com o Ben. Assim que coloquei a mão na trava da porteira para abri-la, encontrei um bilhete do meu namorado:

Estou morrendo de saudades de você

Assim que li o recado, dei um sorriso bobo, o mesmo que eu sempre mostrava quando estava perto dele. Apesar de todos os meses juntos, o nosso encanto permanecia o mesmo. Voltei para o carro e segui pela pequena estrada de terra rumo à casa da fazenda.

Porém, não tinha nem ganhado ritmo quando vi uma placa branca no meio do caminho. Tive que parar o carro e descer para tirá-la da frente. Contudo, tive uma surpresa ao constatar que era outro recado do Ben:

E contando as horas para te ver

Sorri ao imaginar o trabalho que ele tivera para deixar aquela placa no meio do caminho, mas confesso que adorei a iniciativa, que me pegou de surpresa, pois eu nunca imaginara um Ben tão romântico assim.

No entanto, não foram somente aqueles bilhetes; ele fez questão de deixar outros à beira do caminho em pontos estratégicos para que eu pudesse lê-los sem sair do carro:

Esperando ansiosamente para te segurar em meus braços

Nem tinha me recuperado depois de ler a última placa, quando apareceu a próxima:

E dizer o quanto te amo

E depois mais uma:

Você é a mulher perfeita para mim

E quando estacionei em frente à casa, encontrei a última:

Não desça do carro, continue dirigindo até o lugar onde passamos nossa primeira noite juntos

Depois de um convite como aquele, claro que eu não poderia recusar. Dei partida no carro e segui para a nossa cabana. Digo “nossa” porque, depois daquela primeira noite que passamos juntos, tiveram muitas outras. A cabana passou a ser nosso cantinho secreto, onde podíamos ficar juntinhos o tempo todo sem ter ninguém para nos distrair.

Fiquei feliz em saber que o Ben tinha preparado algo especial para nós. Depois de ele ter ficado todo aquele tempo competindo no Estados Unidos, eu só queria vê-lo e me acabar nos seus braços, nem pensara em fazer qualquer tipo de surpresa.

Quando cheguei à cabana, a porta estava aberta. Desci do carro o mais rápido que consegui devido à minha ansiedade e fiquei surpresa ao encontrar o seu interior todo enfeitado com vasos com diferentes flores coloridas. Apesar de ainda ser dia, as velas estavam acesas, dando um toque romântico

ao ambiente.

Assim que me viu, o Ben veio correndo na minha direção, ergueu-me, depois rodou comigo e, quando eu já estava tonta, beijou-me.

— Você está atrasada — resmungou soltando os meus lábios.

— Eu dirigi o mais rápido que consegui sem bater em alguém — expliquei fazendo beicinho.

— Sei disso, me desculpe, eu que estou muito ansioso. Parece uma eternidade que estou sozinho nessa cabana te esperando.

— Agora não precisa esperar mais — rebati beijando seus lábios mais uma vez.

— Não preciso e nem vou esperar nem mais um minuto sequer sem saborear esses seus lábios tão macios e suculentos — disse depositando mais um beijo em minha boca e me puxando para o seu colo. Entrelacei minhas pernas na sua cintura, e caminhamos juntos para a cama.

— Por que as velas e as flores? — perguntei observando mais uma vez que a pequena cabana estava toda decorada.

— Queria fazer um jantar romântico à luz de velas — explicou, jogando-me na cama.

— Mas ainda não está na hora do jantar — respondi surpresa.

— Ainda não, por isso eu te trouxe para a cama, podemos fazer outra coisa antes do jantar — comentou se deitando em cima de mim e beijando todo o meu pescoço.

— É impressão minha, ou você está tentando esconder alguma coisa de mim? — inquiri desconfiada.

— Eu não estou escondendo nada, só preparei um jantar romântico para a minha namorada. Tem alguma coisa de errado nisso? — questionou arqueando as sobrancelhas enquanto esperava a minha resposta.

— Não, claro que não, só estou encantada com os bilhetes no caminho

e agora isso. — Apontei para as flores e as velas que enfeitavam a cabana.

— Você gostou dos bilhetes? — indagou dando pequenas mordidas no meu ombro. Àquela altura, minha blusa já estava no chão.

— *Se* gostei? Eu amei! — respondi empolgada com os recadinhos carinhosos que recebera pelo caminho.

— Tive um trabalhão para fazer aquelas placas, mas, ao ver sua empolgação agora, percebi que valeu cada segundo gasto, já que eu não queria perder nem um minuto do nosso precioso tempo juntos. Se você entrasse na minha casa, minha mãe e a Nanda não te deixariam ficar sozinha comigo. Ainda tem o ciumento do meu irmão, que ainda não superou o fato de que você me escolheu em vez de a ele.

— Tenha paciência com o João; ele é um cara legal e, mais cedo ou mais tarde, vai encontrar alguém que goste dele e vai me esquecer de uma vez por todas.

— Acho melhor essa pessoa aparecer logo, pois eu não gosto nem um pouco de ver o meu irmão secando a minha namorada.

— Pare de ser tão ciumento e venha aqui me dar outro beijo — pedi, encerrando o assunto e tirando a camiseta que ele ainda usava.

Depois da minha iniciativa, nosso beijo se tornou mais intenso. Minhas mãos percorreram seu abdômen definido, enquanto ele explorava minha boca como se nunca tivesse me beijado antes.

As próximas peças a desaparecerem do meu campo de visão foram o meu short e a calça do Ben. Agora apenas um fino pedaço de seda o impedia de me fazer sua mais uma vez. As carícias não eram mais suficientes, os beijos tinham gosto de “quero mais”, e seu corpo quente colado ao meu me deixava toda arrepiada.

Não era fácil controlar minhas emoções quando estávamos juntos, porque a maioria das sensações eram ampliadas numa escala além do prazer.

Existia uma linha tênue e clara entre fazer sexo com um cara qualquer e fazer amor com o Ben. Eram verdadeiros opostos, e eu podia dizer que estava plenamente feliz e realizada.

Quando ele deslizou para dentro de mim, pensei que nem teria tempo para respirar, mas ele conhecia meu corpo melhor do que eu e soube esperar o momento certo para intensificar as investidas e me fazer atingir o ápice do prazer no momento exato em que ele também o alcançava.

Ainda ficamos abraçados matando a saudade um do outro. Eu sentia seu cheiro tão peculiar e único, que estava impregnado na minha pele também. Eu poderia ficar naquela posição a noite toda, mas minha barriga tinha outros planos e resolveu roncar e me deixar constrangida na frente do Ben.

— Parece que você está com fome — murmurou no meu ouvido enquanto ainda estávamos deitados e enroscados um no outro.

— Sim, mas não quero me levantar daqui, já que sempre me sinto tão bem depois de fazer amor com você.

— Podemos voltar para a cama depois de comer — sugeriu mexendo nos meus cabelos.

— O que você preparou para o jantar?

— Não posso mentir para você, eu tive uma ajuda para preparar essa lasanha; como sabia que era o seu prato preferido, tive que pedir reforço para a minha mãe.

— Se foi a sua mãe quem ajudou, deve estar perfeita — comentei me levantando da cama e vestindo a camiseta dele, que estava no chão.

Assim que me aproximei da pequena mesa de madeira, fiquei ainda mais surpresa. Estava tudo tão organizado e romântico, nossos pratos tinham uma flor em cima, da mesma espécie da do vaso que estava no centro da mesa. Para completar o cenário, ainda tinham velas perfumadas que estavam

acesas uma em cada canto da mesa.

O Ben se sentou de frente para mim, tirou a lasanha de um recipiente térmico e me ajudou a servi-la. Assim que dei a primeira mordida, suspirei; estava uma delícia, e o queijo ainda derretia na minha boca.

— Você tem certeza de que fez essa lasanha? — perguntei incrédula.

— Claro que fiz, minha mãe só me deu a receita e alguns palpites, o resto eu tive que me virar sozinho. Você gostou? — inquiriu parando de comer para me observar.

— Está divina, por isso tenho dificuldades em acreditar que você fez sozinho — respondi, bebendo um gole do meu vinho.

— Mas eu fiz, massa de lasanha, molho branco, uma camada de presunto e outra de queijo, depois mais molho à bolonhesa e mais massa de lasanha. O segredo é colocar bastante molho. Depois de 45 minutos no forno, ficou assim — explicou o Ben de forma tão natural que eu tive de acreditar que ele realmente preparara a refeição.

Durante o jantar, conversamos sobre vários assuntos. Enfim tínhamos descoberto nossas afinidades, e depois disso, a cada dia nossa conexão aumentava. Ele conhecia minha linguagem corporal como ninguém e sabia que cada vez que eu mordia o lábio era porque estava querendo me jogar nos seus braços e me perder nas sensações que aquela entrega total me proporcionava.

Assim que terminamos de comer, Ben se levantou, puxou minha cadeira para eu ficar de frente para ele e se ajoelhou à minha frente.

— Você sabe que sou louco por você, não é mesmo? — comentou segurando as minhas mãos.

— Sei — assenti balançando a cabeça para confirmar o que meus lábios tinham acabado de pronunciar.

— Sabe também que eu não aguento mais ficar aqui na fazenda, e você

em outra cidade. — Dessa vez eu nem consegui responder, só tive coragem para balançar a cabeça novamente. — Estou pensando nisso tem algum tempo e cheguei a uma solução para o nosso problema. Eu não vejo alternativa a não ser isso.

— O quê? — questionei sem saber aonde ele queria chegar com aquela conversa.

Entretanto, ele ficou me olhando em vez de responder a minha pergunta, levantou-se e beijou a minha boca. Foi um beijo tão carinhoso que eu derreti na mesma hora. Suas mãos acariciaram meus cabelos, e, quando ele terminou, colocou algo nas minhas mãos e declarou:

— Laís, eu estou perdidamente apaixonado, arreado e caidinho por você. Por isso não vou mais deixar você fugir de mim. Agora você vai ser sempre minha, e esse anel é o símbolo do meu amor por você. — Respirou fundo antes de fazer a pergunta que meu coração tanto queria ouvir: — Laís, você aceita se casar comigo?

Olhei para a pequena caixa nas minhas mãos, que tremiam sem parar, abri-a devagar e encontrei um lindo anel com uma pedra de diamante em forma de coração. Fiquei olhando para aquele anel por um tempo até ter certeza de que eu não estava sonhando. Assim que percebi que era real, que o Ben realmente estava me pedindo em casamento, sorri feliz. Nem me preocupei com o fato de eu ser muito nova para casar, nem onde moraríamos. Tudo isso ficou escondido em algum lugar enquanto ele deslizava o anel no meu dedo e eu gritava para quem quisesse ouvir:

— Sim, eu aceito! Claro que aceito! Eu te amo!

— Eu também te amo — ele respondeu se levantando para me beijar, depois me girou até ficarmos tontos e caímos juntos no chão, sorrindo e felizes – se dependesse do nosso amor – para todo o sempre.



O dia do casamento chegou.

Passei meses organizando tudo, sem contar que a maioria deles eu gastei tentando convencer a minha mãe de que eu queria um casamento simples e na fazenda. No começo ela sequer quis cogitar “minha ideia maluca”, pois sua única filha nunca se casaria sem todo o luxo e alvoroço que ela havia planejado desde que eu nascera.

Em algum momento ela percebeu que eu não ficaria feliz com um casamento luxuoso e acabou desistindo de me convencer do contrário. Assim ficou decidido que o casamento seria mesmo na fazenda. E sua primeira ação foi contratar uma equipe para fazer tendas do lado de fora e construir cenários ao ar livre para a realização da cerimônia.

Infelizmente eu tive de atrapalhar seus planos novamente, já que eu tinha o cenário ideal para o casamento. Seria num lugar especial para mim e Ben, o estábulo, pois fora lá que eu tivera surpresas boas e algumas nem tanto, mas nós adorávamos aquele lugar. Porém, quando eu disse para a minha mãe que iria me casar lá, ela quase teve um infarto. Teve que se

abandar, tomar um copo de água com açúcar, e mesmo assim, nada de a pressão dela voltar ao normal. Ela ficou histérica, gritando insultos que nem fiz questão de ouvir. Depois de toda essa bagunça, ficamos duas semanas sem nos falar por causa disso. Nesse meio tempo, pensei em desistir da ideia de me casar na estrebaria, mas logo pensei melhor e resolvi não ceder de jeito nenhum; era o meu casamento e seria como e onde eu queria.

Quando eu estava pensando no que fazer para organizar meu casamento sem a ajuda da minha mãe, ela apareceu no apartamento se mostrando arrependida e prometeu me ajudar com os preparativos sem se importar com o lugar onde ele seria realizado.

Durante um mês inteiro, uma equipe ficou na fazenda reformando o estábulo. Todos os animais foram transferidos para um lugar improvisado no outro lado da fazenda, enquanto os trabalhadores mexiam e remexiam para transformar um simples galpão cheio de baias em um lugar perfeito e apto para a realização de um casamento. Todas as baias foram retiradas, tudo foi pintado de vermelho e branco por dentro e por fora. Construíram um deque suspenso que serviria de cenário para a cerimônia, enquanto embaixo foi colocado um piso de madeira rústica para a festa de recepção dos convidados. Não cheguei a ver como ficou tudo antes da cerimônia, mas por fora estava lindo.

A festa seria para poucos convidados, por isso não precisaria de muito espaço, mas, pela energia que minha mãe estava gastando na reforma da estrebaria, parecia que ela receberia uma celebridade ali.

O próximo passo foi encontrar o vestido perfeito. Aproveitei que minha mãe estava ocupada com a festa e pedi a ajuda da Nanda. Marcamos provas em cinco lugares diferentes, mas no final não gostei de nenhum dos trajes. Alguns eram pomposos demais para um casamento na fazenda, outros não combinavam em nada com a minha personalidade.

Já estava ficando desesperada, quando a Nanda me deu a ideia de procurar uma costureira na cidade. A mulher fazia vestidos de noiva para as moças da região. Se minha mãe soubesse que eu estava indo a uma simples costureira, ficaria decepcionada comigo, por isso guardei esse segredo a sete chaves. Ela nem desconfiou quando eu disse que tinha mandado fazer meu vestido num ateliê de alta costura na capital. Mal sabia ela que a dona Luzia estava fazendo o vestido, e a cada prova eu ficava mais encantada com o trabalho dela. Meu vestido de noiva seria do jeito que eu imaginava e com a simplicidade que eu queria desde o início.

No dia do casamento, todos estavam uma pilha de nervos, inclusive eu. Fiquei o dia todo sem ver o Ben, passei a manhã no cabelereiro, e parte da tarde, na maquiadora. Depois, quando voltei para a fazenda, coloquei o vestido e me olhei no espelho, fiquei encantada com o que vi. Tinha ficado perfeito, todo branco com detalhes em renda na frente, cavado para deixar os ombros à mostra e com várias camadas de saias que caíam uma em cima da outra até o chão.

Minha mãe apareceu no quarto para me entregar meu buquê e ficou sorrindo feito uma boba.

— Você está linda, minha filha — comentou, dando-me um beijo na testa. Mal sabia ela que aquele vestido não tinha custado nem dois mil reais.

— Você parece uma princesa — completou a minha querida tia Rosa entrando no quarto logo atrás da minha mãe.

— Obrigada — respondi envergonhada.

— Não precisa me agradecer, é a pura verdade — acrescentou me dando um abraço carinhoso.

Minha tia estava totalmente curada do câncer. Nós tínhamos esperado sua última consulta para começar os preparativos para o casamento. E, quando o médico dissera com todas as letras que a doença havia

desaparecido, tivemos outro motivo para comemorar além do meu casamento.

Depois de observar atentamente minha demonstração de carinho com a minha tia, minha mãe me entregou um lindo buquê de flores e chamou meu pai, que aguardava no corredor. Quando ele me viu, abriu um sorriso satisfeito. Poucas vezes eu tinha visto o meu pai sorrir assim. Tivéramos altos e baixos na nossa relação, e eu achava que nunca seria a ideal, mas ele mudara bastante e estava tentando ser mais compreensível.

Segurei no braço dele, e seguimos até o estábulo. A porta estava fechada enquanto todos se arrumavam do lado de fora para entrar. A Stephanie e a Nanda seriam minhas damas de honra, por isso ambas estavam com vestidos nude longos e tomara que caia. A Nanda adorara o vestido, mas a Stephanie só faltara me matar por escolher aquela cor para ela usar.

O hino começou a tocar, e elas entraram na minha frente. Eu comecei a tremer de nervosismo; se não fosse pelo meu pai segurando meu braço, eu teria ficado parada no lugar feito uma estátua.

Caminhamos bem devagar pelo tapete vermelho enquanto músicos tocavam *Ave Maria* ao piano e ao violino. Quando levantei a cabeça, tive dificuldades para acreditar que estava no mesmo estábulo de antes. O lugar tinha se transformado num lindo salão de festas com todo o glamour do estilo country.

A cerimônia foi toda organizada no deque do estábulo, e um padre viera até a fazenda realizar a cerimônia. Eu não era muito religiosa, mas o Ben fazia questão de se casar na igreja – já que era viúvo – e no cartório.

Quando chegamos em frente ao altar, tudo estava tão lindo. As velas e as flores brancas davam um ar muito romântico para o ambiente. O Ben sorriu para o meu pai, agradecendo-lhe e depois deu um beijo carinhoso na minha testa, e caminhamos juntos. Ficamos parados em frente ao padre

enquanto ele abençoava a nossa união e pedia que fizéssemos nossos votos de compromisso um ao outro. O sacerdote nos fez repetir aquele famoso refrão, “na alegria, na saúde e na doença até que a morte nos separasse”. Depois deixou que fizéssemos nossos próprios votos. O Ben foi o primeiro a falar:

— Eu, Magno Bento Guimarães, prometo te amar e respeitar hoje um pouco mais do que ontem e amanhã ainda mais do que hoje e assim sucessivamente todos os dias da minha vida, porque você é a mulher que eu escolhi para permanecer comigo e viver esse amor que me fisgou de um jeito que seria impossível eu viver sem você ao meu lado. — Depois dos votos, ele colocou a aliança no meu dedo.

— Eu, Laís Ferreira Albuquerque, prometo cuidar do nosso amor a cada dia para que ele cresça e floresça num lugar cercado de felicidade, esperança e amor. Serei para sempre sua, assim como você será para sempre meu lugar seguro, onde eu vou me deitar todas as noites e adormecer feliz e realizada. — Assim que terminei, meus olhos estavam marejados, mas segurei firme as lágrimas, pois não precisava chorar enquanto colocava a aliança no dedo dele.

Depois dos nossos votos, o padre abençoou a nossa união e disse a todos os presentes:

— O que Deus uniu, o homem não separa. Você pode beijar a noiva.

O sacerdote nem tinha terminado de falar, e o Ben já estava com os lábios na minha boca, num beijo que deveria ser proibido em público, mas eu nem me importei com os assobios e os aplausos que recebemos; naquele momento só importava o Ben me segurando pela cintura enquanto demonstrava perante a todos os presentes o quanto éramos apaixonados.

Quando finalmente conseguimos nos afastar, ele segurou minha mão, e caminhamos para fora do estábulo enquanto os convidados jogavam pétalas de rosas de todas as cores em cima das nossas cabeças. Sorríamos felizes,

porque enfim estávamos juntos não importava quanto tempo durasse. Eu não sabia se seria para sempre, mas prometia viver todos os dias ao lado dele como se fosse o último, pois fora muito difícil chegar até ali. Sorri feliz da vida ao constatar isso. Segurei com força na mão do Ben, e caminhamos juntos para a festa e, mais tarde, para o começo de nossas vidas juntos.

Conto extra:

O amor corre certo por linhas tortas



Eu não deveria estar ali. Estava chateada e me sentindo deslocada naquele vestido de princesa. Parecia que eu tinha regredido muitos anos ao usar uma roupa como aquela. Sempre correria do estereótipo de “loira burra”, mas ali estava eu, caindo na armadilha novamente. Se não fosse pelo carinho imenso que eu tinha pela Laís, jamais colocaria aquele vestido frufu em público.

O casamento foi lindo, e Laís e seu marido estavam muitos felizes, por isso resolvi relevar o detalhe do vestido e agradecer a minha amiga pelo convite para ser sua dama de honra.

Encontrei a Laís já se despedindo dos convidados para seguir para sua lua de mel em Paris.

— Você está linda, aproveite a lua de mel e deixe esse peão sem fôlego — murmurei no seu ouvido enquanto trocávamos o segundo abraço da noite. Abracei o noivo também, porque eu não era de ferro e queria tirar uma casquinha daquele pedaço de mau caminho.

Eles nem anunciaram que estavam saindo de fininho da festa para uma

lua de mel adiantada. Certos estavam eles. Sem qualquer outra companhia e ainda usando aquele vestido nude tomara que caia, fui procurar outra bebida para amenizar minha solidão.

Sentei-me próximo ao bar e, enquanto bebia devagar minha taça de champanhe, trocava olhares com o barman gatinho. Fiquei quase uma hora naquele flerte inocente até que desisti do cara; provavelmente não iria rolar nada antes de ele acabar o turno. Estava cansada de ficar sozinha chupando o dedo enquanto os outros convidados encontravam alguém para passar a noite.

Resolvi passear pela festa à procura de um cara que ainda estivesse disponível, mas a minha situação continuava difícil, por isso saí do estábulo para respirar um pouco de ar puro. Na verdade, aquele ar era fresco demais para o meu gosto, tinha cheiro de mato, esterco de animais, não se ouvia barulho de carros, o que me incomodava um pouco. A vida no campo definitivamente não era para mim.

Desisti. Dei a volta no estábulo e encontrei um carinha sentado em um dos troncos de uma árvore, sozinho. Segurava uma garrafa de cerveja.

— Posso me sentar aqui com você? — perguntei me aproximando dele.

— Se quiser — respondeu dando de ombros sem nem olhar para mim. Tinha pouca luz no lugar, mas eu sabia perfeitamente quem ele era.

— Como você não se importa... vou me sentar.

Nunca ficara tão perto dele antes e, mesmo com a pouca iluminação, podia ver o quanto era bonito. Seus cabelos castanhos e macios pareciam implorar para serem tocados, seus ombros largos eram um convite explícito para eu descobrir os músculos perfeitos escondidos pelo terno preto.

Ele percebeu que eu o “secava” com o olhar, porque deu mais um gole na sua cerveja e se virou em minha direção. A intensidade daqueles olhos castanhos me fez ficar um pouco constrangida, pois era certo que ele me avaliava. No início seu olhar ficou fixo no meu rosto. Fiquei um pouco sem

jeito, não envergonhada, como aquelas mocinhas tolas, mas a intensidade com que ele me analisava era demais. Por isso pisquei os olhos duas vezes, tentando diminuir o impacto que ele causara. Em seguida ele percorreu todo o meu corpo com o mesmo olhar, o que me deixou quente nos lugares certos.

Aconteceu tão rápido e inesperado que dei um suspiro alto de surpresa. Se não fosse pela música alta, alguém próximo teria me escutado. Entretanto, estávamos sozinhos. Ele sabia disso quando segurou meu rosto e sugou minha boca com a sua.

Deixem-me explicar melhor, eu disse que ele sugou porque foi exatamente assim que aconteceu. Ele chupava e mordía minha boca numa ânsia e desejo que parecia querer me engolir. E foi tão bom que eu não era louca de protestar.

Antes mesmo de terminar o beijo, ele se levantou, puxando-me para a parede do estábulo, que se encontrava bem atrás de nós. Minhas pernas foram como imãs para a cintura dele, enlaçando-a, e suas mãos percorriam desenfreadas cada curva do meu corpo. Os botões do meu vestido foram abertos, e a parte de cima caiu na minha cintura.

— Sem sutiã... — sussurrou, sorrindo enquanto abocanhava um dos meus seios. Sua boca era tão quente e macia que eu quase gozei ali mesmo.

Contudo, o que estava por vir, foi ainda melhor. Eu sequer podia imaginar que sexo selvagem, no escuro, podia ser tão bom. Eu não era puritana, já fizera sexo sem compromisso várias vezes, mas nunca com aquela intensidade e desejo.

Seus dedos pareciam brasas na minha pele, de tão quentes, queimando com seu toque cada centímetro do meu corpo. Suas mãos grandes deslizaram pela minha calcinha, até que ele a puxou com tanta força que ela se rasgou e caiu ao chão, deixando-me à sua mercê.

Gritei de prazer sem me importar se tinha uma festa acontecendo atrás

de mim; naquele instante eu não dava a mínima para isso, tudo que queria era tê-lo em meu interior, aplacar aquele desejo que me queimava por dentro.

— O que você quer? — murmurou no meu ouvido.

— Você... — respondi gemendo, passando a língua nos meus lábios para diminuir a intensidade do meu desejo.

— Onde você me quer? — perguntou parando de me tocar e olhando para mim.

Pensei por um segundo se eu realmente deveria responder àquela sua provocação. No entanto, aquele era um caminho sem volta. De que outra forma eu diminuiria o desejo que me consumia? Por isso peguei sua mão e a levei pelo meu corpo até o lugar exato onde ele deveria estar.

Após isso ele colocou seus dedos na boca e os chupou, tudo isso sem tirar os olhos de mim.

— É isso que você quer? — questionou colocando os mesmos dedos na minha boca.

Com minha boca ocupada, restou-me balançar a cabeça, concordando. Ele abriu o zíper da calça e deslizou cada polegada de seu membro dentro de mim de uma única vez. Tive que morder seu ombro a fim de não gritar feito louca e atrair os convidados até nós, acabando assim com a melhor transa da minha vida. E detalhe, eu ainda nem tinha gozado.

Se eu estava vendo estrelas nas preliminares, imaginem quando finalmente transei. Tive que segurar dois orgasmos que vieram um seguido do outro para, no fim, explodir de prazer no exato momento em que ele também chegou ao ápice daquela loucura que fazíamos juntos escondidos nos fundos do estábulo. Pensei: *Preciso repetir isso mais vezes.*

Terminado o sexo, ele ainda ficou ali me segurando nos seus braços, caso contrário, eu estaria caída ao chão. Ele esperou até que minhas pernas bambas ficassem um pouco mais firmes. Assim que percebeu que eu podia

ficar em pé, beijou minha testa e saiu sem dizer nenhuma palavra.

Deslizei devagar pela parede e me sentei encolhida no canto com um sorriso de orelha a orelha, feliz da vida com aquela noite de sexo quente e sem compromisso.

Precisei de quase meia hora para me recompor e sair daquele local, embora ainda com as pernas fracas. Quando voltei para o estábulo, a festa continuava a todo vapor. Fui até o bar, pedi outra bebida, sentei-me a uma das mesas, conversei com outros convidados, dancei com uns caras até que bonitinhos. Porém, meus olhos procuravam uma pessoa. Mesmo eu sendo uma das últimas a abandonar a festa, não o vi depois daquele encontro.

Dormi de madrugada ainda, suspirando cada vez que pensava naquele encontro.

Acordei bem tarde no dia seguinte e aproveitei a carona da mãe da Laís para voltar para a minha casa e retomar a rotina. Provavelmente esqueceria aquele cara e nossa noite incrível dentro de alguns dias, mas ainda assim valera a pena.



Retomei a vida no outro dia como se nada tivesse acontecido. Se não fossem as marcas vermelhas no meu corpo, eu poderia jurar que fora um sonho bem quente. Sonho esse que teimava em vir a todo instante a minha mente.

O meu trabalho e a faculdade de engenharia ocupavam quase todo o meu tempo, por isso nem percebi quando se passou mais de um mês daquele encontro.

Fui a duas festas da faculdade nesse tempo e cheguei a beijar um carinha legal com piercing na língua. Quando eu o vi se aproximando de mim, fiquei toda animada. Esse era o tipo de cara que eu buscava em festas. Dessa vez não rolou nada mais do que alguns “amassos”. Ele bem que queria me arrastar para um quarto. No entanto, eu não estava a fim. Comecei a comparar o peão da fazenda com ele. Conclusão: tudo desandou, e eu tive que sair de fininho.

No segundo mês depois do casamento da Laís, enfim consegui conversar com a minha amiga por telefone. Ficamos horas jogando conversa

fora. Eu fiz questão de saber cada detalhe da sua lua de mel picante em Paris, e ela, apesar da timidez, contou-me alguns segredos das suas noites quentes com o peão.

Quando chegou a minha vez de contar as novidades, disfarcei, mudei de assunto e não revelei a noite alucinante que tivera com o João. Aquele seria meu segredo. Em hipótese alguma abriria a minha boca, e não era porque eu tinha vergonha do que fizera naquela noite. A verdade era outra. Ficar com o João fora apenas mais uma das minhas escapadas sem compromisso, porém, daquela vez eu não queria admitir para ninguém que eu havia gostado muito. Se eu contasse para a Laís, na certa ela iria querer mais detalhes e perceberia que eu ficara balançada com aquele encontro. Por isso o certo era fingir que nada acontecera, e ele devia ter feito o mesmo, passara uma borracha naquela noite.



Acordei com uma ressaca terrível, porque passei o domingo todo num churrasco com meus colegas de faculdade. Não achava que tinha bebido tanto. Porém, o meu estômago embrulhado logo de manhã demonstrava que eu exagerara, sim, mais uma vez. Fiquei a manhã toda no banheiro, vomitando. Minha sorte era que estava de folga do trabalho, pois o restaurante não abria nas segundas.

À tarde me sentia bem melhor e aproveitei para estudar para as provas que teria naquela semana.

No outro dia acordei mais cedo, antes mesmo de o relógio despertar, e novamente coloquei tudo que tinha no estômago para fora. Apesar da

indisposição, fui para o trabalho; não tinha alternativa, precisava daquele dinheiro para pagar minhas despesas, uma vez que meus pais não possuíam condições financeiras para me sustentar. Meu pai era funcionário público, e minha mãe aumentava a renda fazendo bolos e doces para vender. Eles moravam no interior e nunca visitaram outra cidade, eram pessoas simples. Porém, sempre me incentivaram a lutar pelos meus sonhos. Lembro-me de quando passei no vestibular numa universidade pública, como eles ficaram felizes com a minha conquista e ao mesmo tempo tristes, porque sabiam que seria muito difícil para mim trabalhar e estudar. No início ficaram apreensivos, mas depois do primeiro ano e com meu emprego garantido, respiraram aliviados, porque eu estava num bom caminho.

O dia passou, e eu continuava indisposta. Nunca tivera uma ressaca daquela, e eu já bebera bem mais em outras festas.

Passei a semana toda me arrastando, fui à faculdade obrigada dois dias por causa das provas. Trabalhei com grande esforço nos demais dias. Quando chegou o final de semana, enquanto todos saíam para se divertir, fiquei no quarto trancada, sem ânimo para nada. Minha colega de quarto percebeu que eu não estava bem, já que em todo o tempo em que morávamos juntas, eu nunca ficara um final de semana em casa.

Mais uma semana se passou, ou melhor, arrastou-se, e eu continuava me sentindo mal. Era quase impossível trabalhar no restaurante daquela forma, porque os cheiros fortes de determinadas comidas faziam meu estômago embrulhar de tal forma que, se eu não corresse, vomitaria no meio dos clientes. Percebendo a minha indisposição constante, o gerente me chamou num canto e disse:

— Você precisa procurar um médico, já faz quase duas semanas que corre para o banheiro a cada prato que serve. Assim não podemos continuar. Sei que é uma excelente funcionária, mas minha paciência está se esgotando.

— Tudo bem — respondi resignada. — Amanhã vou ao médico.

— Amanhã não, você vai agora! — foi curto e grosso.

Eu não tinha nenhuma opção a não ser atender ao seu pedido, ou melhor, sua ordem. Despedi-me dos outros funcionários e fui para o vestiário do restaurante. Troquei meu uniforme pela minha velha calça jeans rasgada, coloquei meus tênis pretos e minha camiseta cinza de que tanto gostava, pois comprara num brechó e ainda customizara para ficar do meu jeito, fazendo vários cortes na parte de trás e a deixando com uma aparência mais descolada.

Quando estava pronta, peguei minha bolsa comprada numa feira hippie e segui até o ponto de ônibus mais próximo. Fiquei quase meia hora esperando. Eu não tinha plano de saúde, portanto teria que ir a um hospital público ou ao hospital-escola. Fiquei com a segunda opção. E, como passava mal, consegui passar à frente das outras pessoas que ainda esperavam para ser atendidas.

A médica que me atendeu fez muitas perguntas e foi bem simpática, acho que tive sorte, já que não era comum encontrar médicos simpáticos num pronto-socorro lotado. No fim, ela pediu dois exames, um de sangue e outro de urina, e os resultados sairiam dentro de duas horas, por isso tive de esperar. Sentei-me na recepção e aguardei. Até que não demorou tudo isso, antes das duas horas previstas, a médica já me chamava de volta para a sua sala.

Assim que entrei, ela me aguardava com os resultados nas mãos.

— Os exames ficaram prontos, e minhas suspeitas se confirmaram — comentou sem tirar os olhos de mim. — Você está grávida.

Eu não conseguia acreditar no que ela dizia. Puxei a cadeira e me sentei para não cair.

— Você tem certeza, doutora? — questionei num fio de voz, ainda sem

aceitar o que ela acabara de me revelar.

— Tenho, sim, eu já suspeitava pelos seus sintomas, e os exames só serviram para comprovar.

— Você sabe de quantos meses eu estou? — perguntei insegura.

— Não tem como saber assim a quantidade de semanas de gestação, precisamos fazer uma ultrassonografia. Se quiser, podemos marcar para semana que vem.

— Não, não, eu vou esperar um pouco.

— Estou vendo que você está um pouco surpresa com a notícia. Talvez fosse melhor conversar com o pai da criança e depois você marca o ultrassom.

— O pai da criança... — repeti num reflexo, sem pensar direito no que dizia.

Eu precisaria conversar com o pai da criança. Minha mente ficou tentando lembrar a última vez em que eu tivera uma relação sexual e se usara camisinha. E o único momento que eu consegui lembrar foi aquela noite no casamento da Laís. Depois daquilo, eu não saíra com mais ninguém. Portanto, não tinha dúvidas de que o João era o pai da criança que eu gerava.

Saí do hospital segurando uma receita com vitaminas e um remédio para enjoo. Eu me encontrava perdida e, a cada passo que dava, ficava ainda mais confusa. Eu não poderia cuidar de uma criança no quarto minúsculo que dividia com minha colega, além disso, não tinha condições de pagar aluguel em outro lugar. Voltar para minha cidade estava fora de cogitação; nunca seria um peso para os meus pais, eles não mereciam mais essa preocupação.

Passei a semana seguinte tentando ignorar a minha gravidez não planejada. Em algumas horas pensei em procurar o João, mas logo desistia da ideia. Ele não iria acreditar que o filho que eu carregava no ventre era seu, pois nem nos conhecíamos direito, transáramos uma única vez e sem

qualquer compromisso. Eu não poderia aparecer na fazenda, jogar aquela bomba e esperar que ele e sua família me recebessem bem. Além disso, nem eu sabia o que fazer com aquela criança.

Eu não era uma pessoa má; enquanto morava com meus pais, sempre frequentava a igreja aos domingos. Sabia que o que se passava pela minha cabeça era pecado. Porém, no fim da semana, o aborto era a única solução que eu tinha em mente.

Nem precisei procurar muito, perguntei para uma amiga se ela conhecia uma clínica que fizesse esse tipo de serviço e no dia seguinte tinha um telefone em mãos. Liguei no mesmo dia, com medo de perder a coragem recém-adquirida e marquei o procedimento para a semana seguinte.

Passei o tempo todo apreensiva e contando nos dedos os dias até aquela tarde. Tirei uma folga do trabalho, coloquei todas as minhas economias na carteira, peguei o endereço da clínica e segui para o local. Meu nervosismo fazia minhas pernas ficarem bambas.

Na recepção da clínica, dei meu nome e em seguida fiquei esperando ser chamada. O lugar era bonito, quem o via não imaginava o que acontecia lá dentro. Observei duas garotas sentadas a minha frente, acompanhadas por mulheres mais velhas que pareciam ser suas mães ou parentes bem próximas.

Fiquei ali durante uma hora. Minhas mãos suavam, e eu não conseguia ficar em pé. Estava tão tensa e apreensiva que não tinha mais certeza de que fazia a coisa certa. Alguns minutos depois uma garota saiu do consultório chorando e sendo amparada por uma mulher.

Logo depois a enfermeira chamou:

— Stephanie Martins Lacerda.

Paralisei na cadeira. Não sabia o que fazer, nem para onde ir, mas ela insistiu e olhou para mim. Todos que estavam na recepção olharam em minha direção. Fiquei roxa de vergonha, parecia que todos sabiam o que eu fazia ali

e a pessoa ruim que eu havia me tornando quando tomara aquela decisão.

Somente quando ela me chamou pela terceira vez, eu consegui me levantar e segui-la até uma pequena sala no final do corredor.

— Troque sua roupa por esse jaleco. — Apontou para uma camisa verde pendurada num canto. — O banheiro fica ali no canto. Depois deite na maca e espere a doutora chegar.

Entreí no pequeno banheiro e tirei minhas roupas devagar. Conforme as peças iam caindo ao chão, lágrimas desciam pelo meu rosto. Eu não queria matar uma criança inocente, mas que alternativa tinha? Nunca conseguiria cuidar de um bebê sozinha. Mesmo se tivesse a ajuda do João, ainda assim ficaria muito difícil. Coloquei o jaleco, saí do banheiro e me deitei na maca.

Olhei para aquele teto branco. As luzes fortes ofuscavam meus olhos, e me distraí. Pensei na minha mãe, no quanto ela lutara para me criar e me dar uma boa educação. Certamente não fora fácil, e se eu perguntasse para ela se estava arrependida, com certeza diria que não.

E foi naquele instante, enquanto a médica entrava para fazer o procedimento, que eu desisti. Pedi desculpas, perdi todo o dinheiro que tinha pago, mas saí dali com a consciência tranquila.

Eu era louca.

Bebia demais.

Saía com caras cujos nomes nem me lembrava no outro dia.

Curtia a vida o máximo que podia.

Fizera uma tatuagem de borboleta nas costas assim que entrara na universidade.

Entretanto, uma coisa eu jamais poderia fazer, matar uma criança inocente.

Já na rua, mandei uma mensagem para a Laís, pedindo, ou melhor, implorando a sua ajuda. Alguns minutos depois ela estacionou o carro à

minha frente, e seguimos para um pequeno café ali perto.

Pedimos dois cappuccinos e nos sentamos numa mesa mais afastada, pois ela percebera que a situação era complicada assim que me vira entrar no carro com os olhos vermelhos.

— Sei que você está com problemas. Estou aqui para ajudar, portanto, fique à vontade, prometo não te julgar — disse preocupada, pois ela sabia que não devia ser uma coisa fácil para mim.

— Eu estou grávida e acabei de sair de uma clínica de aborto — informei sem rodeios, pois não tinha nem paciência, nem tempo para desperdiçar inventando desculpas.

— Sem dúvidas você me pegou de surpresa. Quer dizer que você estava grávida, mas acabou de tirar a criança?

— Não, eu não tive coragem — comentei envergonhada.

— Ainda bem! Não importa as dificuldades pelas quais você esteja passando, Stephanie, matar essa criança com certeza não é a solução — falou segurando as minhas mãos em cima da mesa.

— Eu sei disso agora, mas estava tão confusa que não sabia o que fazer, e essa pareceu a melhor saída. Porém, quando deitei naquela maca, não tive coragem e saí de lá correndo.

— Você fez a coisa certa, mas devia ter me chamado antes, eu poderia ter ajudado a colocar um pouco de juízo nessa sua cabeça.

— Eu pensei em te procurar, mas depois acabei desistindo.

— Não deveria ter desistido, sabe que pode contar comigo sempre. Além disso, o pai da criança precisa saber. Onde ele está?

— Eu não contei para ele — resmunguei apreensiva, pois as coisas acabavam de ficar um pouco mais complicadas.

— Você iria matar a criança sem contar nada para o pai?! — questionou furiosa comigo pela primeira vez.

— Sim... — respondi sem pensar nas consequências.

— Por que fez isso? Você não sabe quem é o pai?

— Claro que sei! — exclamei magoada.

— Desculpe, eu não quis ofender. Fiquei nervosa e falei sem pensar — pediu arrependida.

— Tudo bem, não precisa se justificar. Eu sei que não sou uma santa, mas sei de todos os caras com quem saí, pelo menos isso.

— E quem é?

Olhei para os lados, tentando ganhar tempo, pois não queria despejar mais uma bomba no colo da Laís. Ela estava ali tentando me ajudar, e eu não sabia se contava a verdade ou não.

— Vamos, não esconda mais nada de mim. Estou ficando impaciente, por isso diga logo quem é o pai desse bebê.

Tomei um longo gole do meu cappuccino, que àquela altura já estava esfriando, respirei fundo umas três vezes e revelei:

— O João.

— Que João?

— Seu cunhado.

A Laís olhou para mim ainda confusa, sem acreditar no que acabara de ouvir. Suspirou frustrada e perguntou:

— Vocês estão namorando?

— Não! Foi apenas uma vez — expliquei me lembrando daquela noite.

— No meu casamento?

— Sim — confirmei suas suspeitas. Depois contei como encontrei o João bebendo escondido atrás do estábulo, o beijo... Uma coisa levou à outra e, embora eu nunca tivesse saído com ninguém sem usar camisinha antes, acabara esquecendo totalmente naquela noite.

— Eu não estou aqui para te julgar. Nada disso, mas você precisa ser

mais cuidadosa, poderia ter pegado uma doença, isso é coisa séria, não podemos brincar. Agora que sei quem é o pai, não posso deixar que tire essa criança, pois esse bebê que ainda está na sua barriga já faz parte da família. Pelo que vejo, você não tem ninguém para ajudá-la, por isso vou assumir esse papel e não vou permitir que você volte para aquela clínica.

— Não pretendo voltar para lá, mas ainda não sei o que fazer com essa criança.

— A primeira coisa a fazer é contar para o João. Prepare suas coisas, que vamos passar o próximo final de semana na fazenda, e não aceito não como resposta, você entendeu?



No sábado de manhã, a Laís estava me esperando em frente ao meu prédio no horário combinado. Durante a semana tentara fazê-la desistir daquela ideia, mas não tivera êxito. A garota permanecia irredutível, por isso não tive alternativa a não ser seguir junto com ela até a fazenda.

Ainda não sabia se contaria sobre a gravidez para o João, isso ela não poderia me obrigar. Não me decidira sobre o que fazer em relação àquela criança, e até lá ninguém iria saber da minha gravidez, inclusive o João. Pouco antes de sairmos, eu fizera Laís prometer que não contaria nada para ninguém. Aquela era a minha vida, e eu precisava decidir quando e para quem contar.

Chegamos à fazenda algumas horas depois. Confesso que aquele lugar tranquilo não era o meu preferido no mundo. A falta de barulho e o canto dos pássaros me deixava inquieta. Assim que paramos em frente à casa, a Laís desceu do carro correndo e foi logo abraçar a sua tia, que a esperava na varanda. Sua prima apareceu logo depois, e as três se abraçaram felizes.

Abri o porta-malas do carro e peguei minha mochila, mas, quando ia

pegar a mala da Laís, alguém apareceu atrás de mim, impedindo-me.

— Pode deixar que eu levo — disse o João pegando a mala das minhas mãos.

— Já que você insiste... — comentei sem olhar para ele enquanto me afastava do carro para entrar na casa.

Assim que pisei na grande sala, a dona Rosa veio me cumprimentar. Ela foi tão gentil e carinhosa que me senti uma impostora por estar enganando aquela família. O que ela faria se soubesse que eu quase matara o seu neto?

Com a desculpa de estar cansada da viagem, consegui escapar da conversa na sala. A Nanda nos levou até os quartos. A Laís ficou na suíte que era do Ben, e eu, na de hóspedes, a mesma que ela ocupara quando viera morar na fazenda. Agora que eles eram casados, o antigo quarto dele fora reformado para acomodá-los. Mesmo com o Ben estando fora do Brasil nas competições de rodeio, a Laís fazia questão de visitar a família sempre que podia.

O quarto de hóspedes era lindo, bem-arrumado demais para o meu gosto, mas eu era visita e não tinha o direito de reclamar. Deitei-me naquela cama macia por horas, sem conseguir dormir, apesar de cansada e apreensiva, sabendo que o pai do meu bebê estava a alguns passos de distância.

Na manhã seguinte, acordei com fortes batidas à porta.

— Quem é? — perguntei me levantando devagar para abri-la.

— Sou eu — respondeu a Laís toda animada àquela hora da manhã. — Você não vai colocar uma roupa? — indagou depois de observar que eu estava apenas de calcinha e sutiã.

— Vou, mas não sabia que precisava acordar com as galinhas — resmunguei sonolenta, pois ainda nem tinha amanhecido e ela já queria que eu estivesse vestida e acordada.

Depois de muito argumentar, consegui fazer com que ela fosse à frente enquanto eu tomava um banho. Essa foi a desculpa que arrumei para dormir mais um pouco, e foi o que fiz, voltei para a cama e adormeci novamente. O colchão era tão bom e eu estava com tanto sono que ninguém poderia me acordar de novo.

Quando finalmente consegui abrir meus olhos, eram quase 10h da manhã. Tomei um banho demorado, coloquei uma saia preta com um cinto de metal, uma blusinha branca e coturnos pretos. Soltei meus cabelos loiros, que caíram em suaves ondas em minhas costas. Precisava cortá-los o mais rápido possível. Nunca gostara de cabelos compridos e me irritava quando ficavam abaixo dos ombros. Certa vez os tinha cortado tão curtos que pudera ficar dias sem precisar penteá-los, era só passar as mãos e pronto.

Assim que cheguei à cozinha, senti um cheiro tão bom que minha barriga roncou em expectativa.

— Até que enfim você acordou — disse uma senhora simpática tirando um bolo do forno.

— Bom dia, eu sou a Stephanie — respondi sem tirar os olhos do bolo.

— Eu sei quem você é, eu te vi no casamento da Laís — ela explicou simpática, mas eu fiquei apreensiva quando ela mencionou as palavras “casamento da Laís”.

— Mas eu não me lembro de você — rebati curiosa para saber onde ela me vira no casamento.

— Sou Marta, empregada da família e mãe da Angélica.

— Ah... — respondi lembrando toda a história sobre a Angélica.

Poderíamos ficar horas ali, conversando, mas em algum momento ela percebeu meus olhares para o bolo recém-saído do forno, e eu acabei ganhando um pedaço quentinho. Não foi apenas um pedaço, comi tantos que perdi a conta. Nunca tinha comido assim, mas aquele bolo de laranja com

calda estava maravilhoso, eu nunca tinha comido nada igual.

Assim, com a barriga cheia o suficiente, voltei para a suíte correndo e vomitei tudo no banheiro. Pensei: *Vai entender, para que comer se depois vou jogar tudo fora?*

Deitei-me novamente e iria voltar a dormir, se não fossem as batidas à porta.

— Será que posso dormir mais um pouco? — questionei irritada abrindo-a.

— Eu só vim ver como você estava — justificou o João parado à entrada do quarto.

No dia em que eu chegara, não tivera coragem de olhar bem para ele; na verdade, tinha corrido dele e nem parara para observá-lo melhor. Contudo, naquele instante, ali parado usando aquela calça jeans apertada e camisa xadrez, eu não tinha como negar, ele era ainda mais bonito do que eu lembrava. Seus cabelos castanhos estavam perfeitamente arrumados, tão arrumados que minhas mãos coçavam para despenteá-los. Seu rosto era quadrado e másculo, enquanto seus olhos também castanhos estavam me observando atentamente.

— Eu estou bem — respondi olhando para os seus lábios carnudos.

— A Laís e a Nanda foram à fazenda ao lado, portanto, se precisar de alguma coisa, pode me chamar — ofereceu simpático.

— Será que você pode me mostrar a cachoeira? — inquirei hesitante.

Eu tinha pouco tempo para conversar com ele, e aquele sumiço repentino da Laís era a oportunidade perfeita. Nós precisávamos ficar sozinhos num lugar onde ninguém poderia nos atrapalhar, e a cachoeira foi o único lugar que eu consegui lembrar.

— Claro — respondeu curioso, talvez se perguntando o que eu queria fazer na cachoeira com ele.

Eu não fazia ideia de que a tal cachoeira fosse tão longe, nem de que eu precisaria subir num cavalo para chegar até lá. Se soubesse disso, teria contado sobre a gravidez ali mesmo no quarto, sem rodeios e direta como sempre, mas eu quisera mudar e acabara me complicando.

Tive que montar num cavalo pela primeira vez na vida e ainda por cima com o João me segurando o tempo todo. Ele me segurou pela cintura para me acomodar na sela à sua frente e depois foi o caminho todo com o braço em volta do meu corpo e seu peito pressionando as minhas costas.

O resultado foi que, quando chegamos à cachoeira, meu corpo pegava fogo. Desci do cavalo mais que depressa para me livrar do contato do seu corpo quente com o meu. Depois fui tirando minhas botas, minha saia e a blusa que usava e caí na água. Assim que dei o primeiro mergulho, já me sentia melhor, pois a água fria fez um bem danado para o calor que subia pela minha pele.

O que eu não previa era que o João faria a mesma coisa. Quando olhei na sua direção, ele estava só de cueca, mostrando aquele abdômen perfeito, e entrava na água também.

— Achou que era só você que estava com calor?

— Não, o lago é bem grande e podemos dividi-lo.

— Mas não pretendo ficar tão longe de você assim — respondeu se aproximando mais de mim.

— Talvez eu devesse sair... — comentei indecisa.

— Você não vai a lugar nenhum! — ordenou colocando as mãos na minha cintura e me puxando para perto dele.

Eu sabia que não devia ceder tão fácil assim, afinal, eu não fora para lá para aquilo. Precisávamos conversar, e ceder ao desejo novamente apenas iria complicar as coisas. Porém, meu corpo pensava diferente de mim e, assim que colamos um no outro, meu pescoço caiu de lado, esperando seus lábios.

João imediatamente atendeu meu pedido silencioso para ser beijada. Sua língua deslizava no meu pescoço enquanto minhas pernas se entrelaçavam na sua cintura, simples assim, como se tivéssemos feito aquilo a nossa vida toda. Estávamos nos amando na cachoeira somente com o céu como testemunha.

— Eu não devia ter cedido, precisamos conversar — comentei com a cabeça encostada no seu ombro.

— Sei que precisamos conversar sobre aquela noite, mas não resisti quando te vi só de calcinha e sutiã a minha frente, imediatamente me lembrei da nossa noite juntos e não consegui me controlar.

— Mas devia, não podemos ser tão imprudentes assim.

— Por que está tão chateada, você não gostou? — perguntou preocupado, observando-me atentamente.

— Não é isso, eu gostei, na verdade, amei. Mas isso não interessa agora — tentei explicar, sem coragem de contar a verdadeira razão de eu ter vindo até a fazenda atrás dele.

— Se gostou, podemos repetir — falou animado.

— Não podemos, eu preciso te contar uma coisa antes.

— O que é tão importante assim?

Eu fiquei o observando por uns minutos, esperando ganhar coragem para contar a verdade. No entanto, quanto mais eu olhava para ele, menos coragem eu tinha.

— Nada, podemos conversar outra hora, talvez quando voltarmos para a fazenda.

— Tudo bem — concordou me beijando mais uma vez, um beijo carinhoso e intenso que eu nunca recebera de ninguém, além dele.

Voltamos para a fazenda abraçados no maior clima romântico. Ele me ajudou a descer do cavalo, e entramos juntos pela cozinha. Ainda não tinha

nenhum sinal de alguém na casa, por isso ele entrou comigo no meu quarto, e tomamos banho juntos.

Foi muito bom passar esse tempo juntos, assim eu pude conhecê-lo melhor e ficar mais confiante em contar sobre o bebê, pois sabia que ele não iria me tratar com quatro pedras nas mãos, porque não era esse tipo de cara.

Decidi contar para ele depois do jantar, afinal, o tempo passava, e no dia seguinte eu e a Laís teríamos que voltar para casa. Aquela seria a minha última chance.

Minha amiga prometeu me ajudar distraindo a dona Rosa e os outros. Assim que deixei meu prato na cozinha, caminhei devagar pela casa até a varanda, mas, quando cheguei perto o suficiente para ouvir vozes, parei e fiquei ouvindo o que diziam:

— Você está saindo com a amiga da Laís? — perguntou a Nanda para o João.

— Eu não sei ainda o que temos, ficamos algumas vezes, e eu gostei, é só isso.

— Você precisa esquecer a Laís, sabe que agora ela é proibida para você — pediu preocupada.

— Sei disso, mas meu coração não sabe, ela foi e sempre será o meu único amor.

— Pare de bobagens, o que você sente pela Laís não é amor, vocês nunca trocaram mais do que um beijo, por isso pare de ficar imaginando coisas e tente se acertar com a Stephanie. Ela parece ser uma boa garota.

— Ela é, sim, mas o que temos é apenas sexo e nunca vai passar disso — respondeu convicto.

Claro que eu sabia disso e até chegara a pensar a mesma coisa que ele, mas, depois que ficamos juntos pela segunda vez, eu soube que não era só sexo e até fiquei animada em contar a verdade. Porém, minhas esperanças

foram por água a baixo. Não tínhamos nenhum futuro juntos, éramos totalmente diferentes um do outro, e nunca iria dar certo mesmo. Somado a tudo isso, uma criança não planejada era o toque final para o fracasso total.

Voltei para o quarto sem dizer uma palavra. Sabia que a situação já não tinha mais volta.

No dia seguinte me despedi de todos e segui com a Laís para casa. Em momento algum o João me perguntou nada. Despedimo-nos, e a única coisa que ele disse foi:

— Sentirei saudades suas.

Não respondi nada, não queria alimentar uma coisa fadada ao fracasso. Entrei no carro e fui embora. No caminho a Laís teve que me perguntar:

— Por que não contou para ele?

— Eu não quero que ninguém saiba, eu não pretendo ficar com essa criança — respondi olhando pela janela.

— Não vou deixar você fazer um aborto — comentou decidida.

— E eu não vou fazer um, pretendo continuar a minha gravidez e depois dar o bebê para adoção, quando ele nascer.

— Você não pode fazer isso! — respondeu indignada.

— Eu posso e vou fazer; já tomei minha decisão, e nada vai me fazer mudar de ideia — informei num tom rude, encerrando a conversa. Afinal, era da minha vida que estávamos falando.



Voltei para a minha casa e tentei não pensar no João e nem no bebê que eu carregava na barriga. Conforme o tempo passava, tudo ficava cada vez mais difícil. A barriga já aparecia, e eu tive que começar o pré-natal. Adiei o máximo que consegui, mas quatro meses já era tempo demais sem ir ao médico.

Marquei uma consulta, expliquei a minha situação para a obstetra que me atendeu e contei que iria entregar a criança para adoção. Ainda bem que ela não me olhou chocada, como se eu fosse a pior pessoa na face da Terra. Conversamos muito sobre o que eu pretendia fazer até os nove meses e sobre como seria o parto. No final, despedi-me dela mais aliviada e com uma entrevista marcada com a assistente social do município. Assim poderia dar entrada no processo de entrega da criança à doação.

Com o processo mais ou menos encaminhado depois de três meses mais, passei a trabalhar um pouco menos devido ao cansaço que me abatia na maioria dos dias. Ignorei os inúmeros telefonemas da Laís, até que ela não conseguiu ficar no seu canto e foi me buscar na saída da faculdade.

— Se você acha que vou deixar você cometer esse erro, está muito enganada, mocinha — disse ela parada ao lado do seu carro em frente ao estacionamento.

— Minha decisão já está tomada, e não vou voltar atrás só porque você não entende a minha situação — informei nervosa, arrumando minha mochila nas costas.

— Podemos sair para conversar um pouco? — perguntou mais calma, tentando apaziguar os ânimos, que começaram exaltados.

— Sim, podemos, mas não pense que vou mudar de ideia depois de um café — deixei bem claro que, não importava o que acontecesse, o meu plano ainda seria o mesmo.

— Só vamos conversar — explicou entrando no carro enquanto eu dava a volta e entrava no lado do passageiro.

Seguimos para a mesma cafeteria do outro dia. O ambiente era legal e, nesse horário, quase hora do almoço, o lugar estava praticamente deserto, já que o movimento maior era de manhã e à tarde.

Laís pediu uma xícara de café, enquanto eu escolhi suco de laranja e um pedaço de bolo gelado. Isso com certeza estragaria o meu almoço e me deixaria com alguns quilos a mais. Porém, eu não me importei, fecharia minha boca e compensaria a extravagância em outro dia.

— Com quantos meses você está? — indagou a Laís observando a minha barriga.

— Sete — respondi, depois comi mais um pedaço de bolo.

— E você ainda não contou para o João? — questionou arqueando as sobrancelhas, inquieta.

— Não e nem pretendo — falei decidida.

— Eu não sei quando você vai entender que precisa contar para ele. Não é justo.

— Não vou ficar com essa criança, por isso ele nunca vai saber da existência dela.

— E se eu contar a verdade? — ela testou para saber qual seria minha reação.

— Falo que é mentira e que eu nem mesmo sei quem é o pai dessa criança, por isso mesmo eu estou dando para adoção.

— Você faria isso? — inquiriu incrédula.

— Faria, sim, basta você contar coisas que não deveria — rebati sem tirar os olhos dela.

— Não vou dizer nada, mas não consigo entender sua atitude — disse resignada, colocando a xícara vazia de volta no pires.

— Talvez, se você tivesse que trabalhar e terminar a faculdade ao mesmo tempo em que cria um bebê sem qualquer ajuda, pensaria diferente.

— Os seus pais já sabem da sua decisão? — perguntou curiosa.

— Não, e também não vou contar.

— Por que você está escondendo de todos?

— Eu quero privacidade para tomar minhas próprias decisões, o corpo é meu. Sou eu quem está carregando esse bebê e no momento não poderei ficar com ele, não tenho condições financeiras nem qualquer apoio para cuidar de uma criança. E não vou voltar para a minha cidade grávida, meus pais me receberiam em casa, porém, eu e essa criança seríamos uma despesa extra com que eles não têm obrigação de arcar.

— Eu entendo a sua preocupação, mas o João poderia ajudar.

— Talvez, mas teríamos um laço para sempre, e eu não quero isso. Foi uma noite apenas, não éramos namorados, não nos conhecíamos antes disso. Com a adoção, eu protejo a criança e dou um lar estável para ela.

— Entendo, mas ainda não concordo. Poderíamos ficar o dia inteiro aqui discutindo, que você não mudaria de ideia — concluiu desanimada.

— Com certeza! — afirmei convicta.

— Ainda temos dois meses, quem sabe o bebê mexendo na sua barriga não traga um pouco de juízo para essa sua cabeça dura? Você sabe o sexo do bebê?

— Não quis saber, mas a médica anotou na ficha de adoção — expliquei terminando de beber meu suco de laranja.

Depois dessa conversa, a Laís passou a me ligar duas vezes por semana, mas não tocou mais no assunto da adoção, o que deixou nossas conversas mais amenas, e eu até passei a gostar de falar com ela sempre que podia.

Àquela altura, minha barriga já estava enorme, e a criança se mexia inquieta sempre que podia. Passei a trabalhar no caixa, pois o gerente não queria uma mulher grávida andando pelo restaurante. Eu lhe agradei, pois assim podia trabalhar sentada, e na verdade quase não trabalhava, porque os próprios garçons muitas vezes cobravam dos clientes.

Mesmo trabalhando pouco, eu ficava tão cansada que não conseguia ir à faculdade todos os dias. Levava atestados, faltava por conta própria outras vezes. No semestre seguinte eu iria compensar, estudaria como uma louca para conseguir terminar meu curso com as boas notas que eu sempre tivera.

Numa manhã, acordei cedo para enfim assistir a uma aula importante na faculdade, mas tive uma grande surpresa. Antes de sair, escutei alguém bater à porta. Pensei que era a minha colega de quarto que havia esquecido a chave, por isso abri metade da porta, coloquei somente a cabeça para fora para brincar com ela, mas não deu certo, porque parado à porta não estava ela, e sim a última pessoa que eu esperaria aparecer na minha casa e naquela hora da manhã.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei para o João.

— Eu preciso falar com você — respondeu me encarando.

— O que exatamente você quer falar? — questionei preocupada com

essa visita inesperada.

— Será que eu posso entrar? — pediu tocando na porta para tentar abri-la.

— Não pode, eu estou de saída, atrasada para a faculdade — inventei uma desculpa para ver se ele desistia daquela conversa.

— Eu posso te levar à faculdade, e assim podemos conversar no caminho — sugeriu se encostando ao batente da porta para me observar melhor.

— Não, eu vou com a minha amiga, já combinei e não posso desistir agora e deixá-la ir sozinha.

— Tudo bem, podemos conversar depois. Eu passo aqui à noite.

— Estarei trabalhando.

— É impressão minha, ou você está fugindo de mim?

— Não estou fugindo de você, mas sou uma pessoa ocupada — tentei me justificar, mas a conversa já estava ficando difícil. Numa hora ele se cansaria daquilo e descobriria o que eu escondia atrás daquela porta.

— Vou esperar você voltar para casa, assim podemos conversar melhor, e não invente nenhuma desculpa, porque não vou desistir na próxima vez — comentou ainda do lado de fora.

— Tudo bem... — disse resignada, fechando a porta logo em seguida.

Eu estava numa grande enrascada, por isso troquei de roupa e decidi não ir à faculdade. Fiquei no meu quarto, trancada até a hora de ir ao trabalho. Fui todo o caminho olhando para os lados, com medo de que o João aparecesse do nada a minha frente. Trabalhei o tempo todo olhando para a porta, observando cada cliente que entrava no restaurante. No fim da noite, voltei para casa com o pescoço doendo.

Assim que cheguei, tomei um banho demorado, sentei-me em uma poltrona no meu quarto e ergui os pés, na tentativa de descansar um pouco,

até que fui surpreendida por fortes batidas à porta e imediatamente soube quem era.

— Você não vai desistir? — perguntei abrindo apenas uma fresta da porta.

— Não vou, e não adianta inventar uma desculpa, que eu não vou embora dessa vez — respondeu o João.

— Já que insiste tanto, eu vou deixar você entrar — afirmei abrindo mais a porta e o deixando passar por mim.

— Esse lugar é pequeno — constatou olhando meu minúsculo quarto.

— Você veio até aqui para falar do meu quarto? — indaguei ríspida.

— Não, só estou comentando e... — ele ia dizer mais alguma coisa, mas parou no exato momento em que viu o tamanho da minha barriga.

Eu estava usando apenas uma camiseta preta com a foto de alguma banda de rock, mas a protuberância no meu ventre era bem evidente.

— Você está grávida?! — inquiriu surpreso.

— É o que parece — respondi dando de ombros, tentando disfarçar o meu nervosismo.

— De quantos meses? — questionou logo em seguida, sem me deixar pensar no que eu poderia dizer.

— Oito meses — disse a verdade; àquela altura, não adiantava mais mentir para ele.

— Quem é o pai dessa criança?

— Podemos falar sobre isso outra hora? O que era mesmo que você veio fazer aqui? — tentei me desviar da pergunta, mas, pela cara que ele fazia, já sabia a resposta.

— É meu? — ele perguntou se aproximando de mim.

— Eu não quero falar sobre isso agora — informei sem tirar meus olhos dos dele.

— Quando você vai parar de fugir de mim e dizer a verdade? Esse bebê que você está esperando é meu?

— É! — respondi finalmente, mas me arrependi no mesmo instante, pois ele ficou furioso, colocou as mãos na cabeça e se encostou à parede, depois começou a socar a porta.

— Pare, você vai se machucar e ainda quebrar a minha porta! — exclamei tentando puxar o seu braço. Ele ainda tentou resistir, mas depois acabou saindo dali e se sentou no chão encostado na parede.

— Se eu não tivesse aparecido aqui, você não teria me contado sobre a gravidez? — indagou já sabendo da resposta, por isso eu apenas balancei a cabeça concordando. — Por quê?

— Eu não pretendo ficar com essa criança, vou dá-la para adoção.

— Você está louca?! Pretendia dar meu filho assim, como se fosse um cachorro abandonado, sem nem se preocupar em contar que estava esperando um filho meu?!

— É complicado, ficamos apenas uma vez, e eu não queria complicar mais as coisas.

— Não foi apenas uma vez — ele me corrigiu, na certa pensando que eu tinha ficado grávida quando voltara à fazenda.

— Quando ficamos juntos novamente, eu já estava grávida — expliquei envergonhada por enganá-lo daquela forma.

— Eu não acredito nisso! — ele exclamou desesperado, levantando-se do chão e andando de um lado para o outro. — Cada vez fica pior essa sua história!

Fiquei em pé, esperando ele se acalmar, mas não adiantava esperar mais, eu precisava dizer mais uma coisa.

— Ainda falta contar uma última coisa — falei fechando os olhos, sem coragem de encará-lo novamente.

— O quê? — questionou preocupado, parando de andar de um lado para o outro.

— Eu já assinei os papéis da adoção; assim que o bebê nascer, os pais adotivos na frente da fila de adoção irão levá-lo embora.

— Não vão mesmo! Somente se for por cima do meu cadáver!

— Você não pode fazer mais nada, eu já disse que a criança não tem pai e já desisti dela.

— Pense melhor, essa não é uma decisão que devemos tomar com pressa. Você vai comigo para a fazenda! Eu não posso ficar longe do meu trabalho tanto tempo e ainda preciso ficar de olho em você, pois não vou deixá-la dar meu filho.

— Eu não vou com você para a fazenda! — gritei indignada.

— Não fiz uma pergunta! Eu estou afirmando! Agora arrume logo suas coisas, que estamos partindo!

— Quem você pensa que é para mandar em mim desse jeito?!

— O pai da criança que está na sua barriga! Agora pare de reclamar e arrume suas coisas, caso contrário vou te levar com a roupa do corpo, ou melhor, com a falta dela — disse observando que eu usava apenas uma camiseta.

— Não vou arrumar nada, porque não vou a lugar algum com você! — disse decidida, colocando as mãos na cintura, enquanto o bebê dava cambalhotas na minha barriga, empolgado.

— É a sua última chance... — ele falou decidido, aproximando-se de mim novamente.

Maldita a hora em que eu fora desafiar aquele fazendeiro ignorante. Ele esperou impaciente alguns minutos enquanto trocávamos olhares para ver quem desistia primeiro. Como eu não saí do lugar, ele me pegou no colo e me levou arrastada até o seu jipe do lado de fora. Colocou-me sentada no banco

do passageiro e prendeu o cinto de segurança. Nem tive chance de escapar de tão rápido que ele me pegou, tão desprevenida que fiquei sem qualquer reação, a não ser dar pequenos socos no peito dele durante o trajeto até o veículo. Então ele acelerou o carro a toda velocidade.



Viajamos a noite toda. Não abri minha boca por todo o caminho. Não sabia o que ele pretendia fazer, mas eu não gostava nada daquilo. Sair de casa arrastada não fora nada legal.

Na metade do caminho, eu adormeci e, quando abri meus olhos, percebi que me encontrava deitada numa cama bem macia e com um cobertor muito aconchegante em cima de mim, bem como mais alguma coisa que eu não sabia identificar. Remexi-me e me sentei, mas fiquei imóvel, sem saber o que fazer quando enfim descobri o que estava em cima das minhas pernas. Era o João. Dormíramos juntos na cama dele, eu supus, já que nunca entrara naquele quarto antes.

Tentei me virar para sair da cama, mas ele me agarrou, impedindo-me.

— Onde você pensa que vai? — perguntou com a voz rouca no meu ouvido, deixando-me toda arrepiada.

— Vou voltar para a minha casa — respondi decidida, tirando o braço dele da minha cintura.

— Você não vai a lugar algum até eu resolver esses papéis da adoção.

Não vou correr o risco de perder meu filho. Se precisar, vou te amarrar na minha cama, e não duvide, você não sabe do que eu sou capaz.

Eu era muito teimosa, mas não burra e não queria ser amarrada na cama, por isso resolvi esperar um pouco na fazenda pelo menos por enquanto. Uma hora ele acabaria desistindo daquela ideia.

— Eu preciso ir ao banheiro — reclamei tentando me levantar novamente.

— Pode ir — disse me soltando.

Levantei-me devagar, puxei a camiseta, que eu ainda usava, e caminhei apressada até o banheiro. Assim que entrei, olhei-me no espelho e vi meu rosto inchado, meu cabelo todo desgrenhado. Entrei embaixo do chuveiro e deixei a água morna cair devagar. Fiquei ali por um bom tempo.

Já satisfeita, puxei uma toalha e me enrolei, saindo do banheiro logo em seguida. Porém, fiquei parada olhando para o João, que ainda estava deitado na cama.

— Você pretende me deixar aqui só de toalha por quanto tempo? — indaguei observando-o me “secar” com os olhos.

— Eu mandei fazer uma mala; você que não quis me ouvir — respondeu despreocupado, colocando um dos braços atrás da cabeça.

— Não posso ficar aqui assim! — reclamei mais uma vez. Ele tinha de desistir daquela ideia maluca!

— Eu gosto de te ver de toalha, mas se quiser, pode pegar alguma roupa minha — disse apontando para o seu guarda-roupa no canto do quarto.

— Suas roupas não devem servir em mim — resmunguei chateada.

— Se quiser, posso pedir algum vestido para a Nanda.

— Eu não uso vestidos, ainda mais um da sua irmã. Além disso, nada que ela use vai passar pela minha barriga imensa.

— É mesmo, eu tinha esquecido. Vamos fazer o seguinte, coloca uma

roupa minha, que depois podemos ir até a cidade comprar roupas novas para você.

— Não quero roupas novas, quero as minhas e a minha casa! — insisti chateada com ele.

Entretanto, não adiantou eu reclamar, pois ele fingiu que não era com ele que eu falava, simplesmente se levantou e seguiu para o banheiro.

Tive que ir ao seu guarda-roupa em busca de uma vestimenta que eu pudesse usar. Até que não precisei procurar muito, vesti uma de suas cuecas boxers e depois achei uma calça preta de moletom e uma camiseta branca. Ainda ficava um pouco grande no comprimento, mas na cintura tudo ficou perfeito.

Assim que terminei de me vestir, ele saiu do banheiro ainda com os cabelos molhados e a toalha enrolada na cintura. Tive que parar de olhar, senão ele perceberia que eu babava por seu corpo.

— Você está gostando do que vê? — questionou sorrindo e secando o cabelo com outra toalha.

— Não, já vi melhores — respondi tentando disfarçar.

— Não parecia, mas se você diz...

— É a mais pura verdade — completei sem olhar para ele.

Enquanto o bebê se revirava na minha barriga, coloquei minha mão em cima dela e fiquei esperando a agitação passar. Podia ser impressão minha, mas, desde que o João aparecera, a criança estava mais inquieta.

— O que foi? — ele inquireu preocupado.

— Nada, o bebê está mexendo muito na minha barriga — respondi me sentando na beira da cama.

— Eu posso sentir?

— Você quer? — questioneei insegura.

— Claro, eu adoraria sentir nosso filho pela primeira vez. — Ele foi tão

gentil que eu não podia negar um pedido daqueles, por isso balancei a cabeça concordando. Ele se ajoelhou na minha frente e colocou a mão na minha barriga.

— Oi, bebê! Tudo bem aí dentro? Aqui é o papai. Desculpe a demora, sei que estou atrasado, mas cheguei na sua vida para ficar e não pretendo ir embora tão cedo.

A cada palavra do João e deslizar das suas mãos pela minha barriga, eu percebia a sinceridade em suas palavras. Não pude segurar as lágrimas; talvez fossem os hormônios da gravidez, pois eu não era daquelas mulheres choronas. No entanto, naquele momento estava chorando tanto que começava a soluçar.

— Hein!? O que foi? Se eu disse algo de errado, desculpe. Por favor, não chore assim. Se quiser, posso te levar de volta para a sua casa, não vou te segurar aqui à força. Fiquei desesperado, não sabia o que fazer, não posso dar meu filho para adoção, jamais me perdoaria se isso acontecesse — explicou preocupado, tentando me fazer parar de chorar, mas aconteceu justamente o contrário, comecei a chorar ainda mais. — Você está sentindo alguma dor? — questionou apreensivo.

— Não, eu estou bem — consegui responder depois que as lágrimas diminuíram um pouco.

— O que aconteceu? Por que você está chorando tanto?

— Eu... não imaginava que você queria esse bebê, pensei que não iria acreditar em mim. Quando cheguei aqui na outra vez, minha intenção não era contar sobre a gravidez, mas depois que ficamos juntos, foi tão perfeito e mágico que resolvi contar toda a verdade. Entretanto, eu ouvi a sua conversa com a sua irmã, dizendo que nunca deixaria de amar a Laís, e acabei desistindo. Não queria que você ficasse comigo apenas pela criança, eu queria mais, eu queria você...

— Por que você acha que fui atrás de você? Eu não sabia da criança. Apenas descobri durante esses meses separados que eu estava errado quando disse aquelas palavras na varanda. Eu nunca amei a Laís de verdade, era apenas uma fixação em algo fora do meu alcance. Descobri isso quando conheci você. Na nossa primeira noite juntos, você tirou toda a mágoa que eu sentia com beijos, por isso corri assustado, sem acreditar se aquela noite foi real ou se eu a inventei para amenizar meu sofrimento. Mas, quando você apareceu novamente aqui, eu tive que ficar com você novamente e descobrir se era um sonho ou realidade.

— Você está falando sério? — perguntei sem acreditar no que ele me contava.

— Claro que estou. Nunca falei tão sério na minha vida. Eu fui atrás de você para pedir uma chance. Eu preciso de você.

— Eu também preciso de você, mas nunca senti nada parecido com isso antes e fiquei perdida.

— Estamos juntos nessa, e você pode contar comigo sempre — disse segurando meu rosto com ambas as mãos e depois me beijando tão carinhosamente que suspirei apaixonada.

— Agora sei disso. Me desculpe por fugir, fiquei confusa.

— Sei que você deve achar que é cedo demais para dizer isso, mas se eu não falar agora, vou explodir. Eu te amo.

— Não é cedo, João, porque eu também te amo.

Eu já sabia que era perdidamente apaixonada pelo João desde a primeira noite que passamos juntos. Fora amor à primeira vista, embora eu não quisera acreditar a princípio. Imaginava que éramos amantes de uma vida passada e estávamos destinados a nos encontrar nas nossas vidas futuras. Não conseguia achar outra explicação para aquele amor tão grande e profundo que nascera numa noite.

Fiquei o mês todo na fazenda, e foram os dias mais felizes da minha vida.

O ápice da nossa felicidade foi o nascimento da pequena Sophia. Nossa filha era linda e tinha os meus cabelos loiros e os olhos castanhos do João. Assim que a segurei no colo, soube que jamais poderia soltá-la novamente. Ainda bem que o João tinha conseguido anular os documentos da adoção.

A pequena Sophia foi a alegria e o xodó da família por um bom tempo.

Meus pais ficaram entusiasmados com a chegada da primeira netinha e em momento algum me criticaram. Passei sete meses na fazenda com o João e a nossa filha, mas depois tive que voltar para a faculdade, e alugamos um apartamento na cidade. Passei a morar sozinha com a minha filha enquanto o João trabalhava na fazenda. Sophia não gostava de ficar longe do pai, pois, ao contrário de mim, minha filha adorava a vida no campo, por isso algumas vezes eu tinha que deixá-la na fazenda.

O João insistia que devíamos nos casar, mas eu ainda estava adiando, e não era porque eu não queria. Eu amava aquele homem cada dia mais e estava só esperando a ocasião perfeita. Não queria planejar nada. Nossa vida era assim e funcionava muito bem daquele jeito, nunca planejávamos o futuro e sempre vivíamos o momento aproveitando o máximo, como se fosse o último.





Cleia Lira nasceu numa pequena cidade do interior de São Paulo chamada Arco-íris, porém, adotou Sumaré como sua cidade. Nela se casou e teve duas filhas. É professora e nas horas vagas lê. Na verdade, segundo seu marido, ela devora os livros. Esse é o seu vício, quando começa, não

consegue parar mais. E foi assim que se tornou escritora, leu tanto que, um dia, procurou uma história diferente para ler e, como não achou, resolveu escrever. Alguns meses depois surgiu seu primeiro livro, *Sob sua proteção*.



Sob Sua Proteção
DISPONÍVEL EM FORMATO FÍSICO

[COMPRA AQUI](#)

[Book trailer](#)

SINOPSE

A jovem Mila tinha um sonho: ser bailarina! Mas para uma moradora do Morro do Alemão isso era quase impossível. Porém no seu aniversário de 18 anos ela conseguiu o que parecia o presente perfeito, mas transformou-se no seu pior pesadelo. Sua vida que já não era fácil ficou insuportável e quando se vê perdida, o jovem investigador da polícia federal, Nick entra em ação para protegê-la e o que era apenas uma missão, tornou-se sua razão de viver e agora ele será capaz de dar sua vida por ela.



Apenas uma vez
DISPONÍVEL EM E-BOOK
[Amazon](#)

SINOPSE

Helena nunca cometeu um erro, nem se arriscou. Mas agora ela resolveu mudar e pelo menos uma vez, vai jogar tudo para o alto. Uma viagem de formatura que prometia ser épica. Ela o conheceu na sua última noite em Vegas. O que era apenas uma noite se transformou em algo mais e ela acordou casada. Porém, nem imaginava que por trás daqueles lindos olhos azuis, estava o vocalista da banda de Rock mais famosa da atualidade. Ela pensou que nunca mais iria vê-lo novamente, mas o destino fez questão de mostrar o quanto ela estava errada.



O despertar de um amor

DISPONÍVEL EM E-BOOK

[Amazon](#)

SINOPSE

O Despertar de um Amor, conta a história de uma jovem tão doce e delicada que se transformou numa guerreira no pior momento da sua vida. Existe um velho ditado popular que diz: “só sabemos a verdadeira força de uma pessoa, quando ela precisa enfrentar uma adversidade.” É exatamente nesse momento que vamos conhecer a Carol, estudante de Letras. Em 1971 ela encontrou seu primeiro amor, mas junto com ele vieram os conflitos, as lutas dos brasileiros, em especial as mulheres pela liberdade de expressão e o direito de ir e vir quando almejassem, durante a ditadura militar no Brasil. Esse conto é apenas um recorte desse momento tão importante da nossa história, mas sem dúvidas, vale a pena ler, suspirar, sorrir e chorar ao passar por cada página.



Despedaçados
DISPONÍVEL EM E-BOOK
[Amazon](#)

SINOPSE

Esse conto é a história de um recomeço, são duas pessoas fugindo dos seus problemas e daqueles que a machucaram para morar numa ilha, onde o vizinho mais próximo fica a milhas de distância. Como juntar os pedaços? Quando sua vida foi destruída não uma, mas duas vezes.

O que eles têm em comum, além de sofrer uma perda? O Farol da ilha onde moram, foi desativado há muito tempo e deixou de ser o porto seguro dos navios que se perdiam no mar, para ser o local onde duas pessoas machucadas se encontram para recomeçar.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Instagram | Wattpad | Site

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!